

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

**Vera Lucia Spacil Raddatz**

**RÁDIO DE FRONTEIRA: DA CULTURA LOCAL AO ESPAÇO GLOBAL**

**Tese de Doutorado**

**Porto Alegre, RS**

**2009**

**Vera Lucia Spacil Raddatz**

**RÁDIO DE FRONTEIRA: DA CULTURA LOCAL AO ESPAÇO GLOBAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

**Orientadora:** Profa. Dra. Karla Maria Müller

**Porto Alegre, RS**

**2009**

**Vera Lucia Spacil Raddatz**

**RÁDIO DE FRONTEIRA: DA CULTURA LOCAL AO ESPAÇO GLOBAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

Aprovada em 13 de março de 2009

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Eduardo Meditsch – UFSC

---

Profa. Dra. Maria Helena Martins – CELPCYRO

---

Profa. Dra. Doris Fagundes Hausszen – PUC-RS

---

Profa. Dra. Cassilda Golin Costa - UFRGS

---

Prof. Dr. Alex Primo (Suplente) – UFRGS

---

Profa. Dra. Karla Maria Müller (Orientadora) - UFRGS



ATA N° 01/2009

### DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

Aos treze dias do mês de março do ano de dois mil e nove, às treze horas, no sala de aula do PPGCOM, ocorreu em sessão pública a defesa da Tese de **VERA LUCIA SPACIL RADDATZ**, intitulada "*RÁDIO DE FRONTEIRA: da cultura local ao espaço global*", como um dos requisitos ao grau de Doutor em Comunicação e Informação. A sessão foi presidida pela orientadora, Profa. Dra. **Karla Maria Müller**. A Banca Examinadora foi integrada pelos professores Dr. **Eduardo Meditsch** (UFSC), Dra. **Dóris Fagundes Haussen** (PUCRS), Dra. **Maria Helena Martins** (CELP CYRO) e Dra. **Cassilda Golin Costa** (UFRGS). Após a argüição, os examinadores se reuniram para avaliar a Tese, considerando-a **APROVADA** com conceito final A, resultado dos conceitos atribuídos pelos examinadores, especificamente: Dr. Eduardo Meditsch (conceito A), Dra. Dóris Fagundes Haussen (conceito A), Dra. Maria Helena Martins (conceito A) e Dra. Cassilda Golin Costa (conceito A). A concessão do título de doutor só estará em plena validade após terem sido preenchidos todos os demais requisitos para a concessão do título, no prazo de noventa dias, conforme previsto no regimento do curso e na legislação superior pertinente e a homologação da presente tese pela Comissão de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às dezessete horas, sendo lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pela orientadora e pelos integrantes da Banca Examinadora.

  
Prof. Dra. Karla Maria Müller

  
Prof. Dr. Eduardo Meditsch

  
Prof. Dra. Dóris Fagundes Haussen

  
Prof. Dra. Maria Helena Martins

  
Prof. Dra. Cassilda Golin Costa

*A você, que como eu, acredita que enquanto  
houver vontade, coragem, dedicação e amor, restará  
esperança de realizar nossos sonhos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu esposo Gilberto, pela força e parceria nos 13 mil quilômetros de viagens pelas fronteiras do Sul e Centro-Oeste do país

As minhas filhas Adriele e Nadine, que souberam entender minhas ausências

Aos meus familiares, pelo apoio e atenção em todos os momentos

A minha Orientadora Profa. Dra. Karla Maria Müller, toda a minha admiração, pelo exemplo, pelas sábias palavras, pelo carinho de quem me guiou neste estudo com luz e sabedoria

Ao Prof. Dr. Valdir Morigi, pelas primeiras orientações e pelo estímulo em me fazer acreditar no meu sonho

Aos docentes da UFRGS, pelas lições e ensinamentos e aos membros da Banca: Cida Golin, Doris Fagundes Haussen, Eduardo Meditsch, Maria Helena Martins e Karla Maria Müller, pelas contribuições ao meu trabalho

À UNIJUI, pelas horas disponibilizadas e investimentos no meu Projeto

A todos os amigos que acompanharam a minha trajetória, especialmente:

- A Ângela Zamin e ao Reges Schwaab, pela troca de idéias, e pelo apoio em todos os momentos em que pedi socorro

- A Jaqueline Bilibio, Sueli Krein e Heloisa Andres pelo afeto e o ombro amigo nas horas de crise

- A Nilse Maldaner, Márcia Formentini e Melissa Gressler, colegas de trabalho na UNIJUÍ, pela amizade, troca de experiências e apoio ao longo do tempo

- A Tia Lúcia, que me deu teto e afeto em Porto Alegre

A Deus e às forças do além, que me permitiram chegar até aqui!

## **RESUMO**

As práticas socioculturais, entendidas como processos sociais, ao serem analisadas, muito nos dizem a respeito de um determinado grupo. Os espaços de fronteiras nacionais são ricos em elementos constitutivos de uma cultura local, construída e sustentada pelos sujeitos e reforçada pelas instituições inseridas neste meio. O rádio FM de fronteira está acompanhando o fluxo das transformações proporcionadas pelas novas tecnologias. Hoje somos cidadãos do mundo e já não temos uma identidade, mas identidades. Ao ingressar na *web*, o rádio não só ampliou sua audiência como reafirmou seu papel de difundir as representações das práticas culturais da região da fronteira no espaço virtual. O objetivo desta tese é analisar como as práticas socioculturais da região estão sendo representadas na programação de quatro emissoras: RCC FM Santana do Livramento-Rivera (Brasil-Uruguai), Rádio 96 FM, Uruguaiana-Libres (Brasil-Argentina), Amambay FM, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero (Brasil-Paraguai) e Transamérica Hits, Corumbá-Puerto Quijarro (Brasil-Bolívia).

### **Palavras-chave:**

Rádio; Fronteira; Práticas socioculturais; Web.



## **ABSTRACT**

The sociocultural practical, understood as social processes, when being analysed, much in say them regarding one definitive group. The spaces of national borders are rich in constituent elements of a culture local, constructed and supported for the citizens and strengthened for the inserted institutions in this way. The FM radio of border is following the flow of the proportionate transformations for the new technologies. Today we are citizens of the world and already we do not have an identity, but identities. When entering web, the radio not only extended its hearing as it reaffirmed its paper to spread out the practical representations of the cultural ones of the region of the border in the virtual space. The objective of this thesis is to analyse as the sociocultural practical of the border are represented in the programming of four broadcasting: RCC FM, Santana do Livramento-Rivera (Brazil-Uruguay), 96 FM Radio, Uruguaiana-Libres (Brazil-Argentina), Amambay FM, Ponta Porã-Peter Juan Caballero (Brazil-Paraguay) and Transamerica Hits, Corumba-Puerto Quijarro (Brazil-Bolivia).

### **Key words:**

Radio; Border; Sociocultural practical; Web

## **LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1	Estúdio da Rádio RCC FM – Santana do Livramento .....	108
FIGURA 2	Estúdio da Rádio 96 FM – Uruguaiana .....	123
FIGURA 3	Estúdio da Rádio Amambay – Pedro Juan Cabalero .....	137
FIGURA 4	Estúdio da Rádio Transamérica Hits – Corumbá .....	153

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Dados de identificação da Rádio RCC FM .....	108
QUADRO 2	Programação RCC FM – Santana do Livramento .....	110
QUADRO 3	Dados de identificação do Programa <u>Conversa de Fim de Tarde</u> – Rádio RCC FM .....	114
QUADRO 4	Dados de identificação da Rádio 96 FM .....	123
QUADRO 5	Programação 96 FM – Uruguaiana .....	126
QUADRO 6	Dados de identificação do Programa <u>A Voz do Pampa</u> – Rádio 96 FM	129
QUADRO 7	Dados de identificação da Amambay FM .....	136
QUADRO 8	Programação Amambay FM - Pedro Juan Caballero .....	139
QUADRO 9	Dados de identificação do Programa <u>Bom Dia</u> – Rádio Amambay FM	144
QUADRO 10	Dados de identificação da Transamérica Hits .....	152
QUADRO 11	Programação Transamérica Hits - Corumbá .....	154
QUADRO 12	Dados de identificação do Programa <u>Transnotícias</u> – Rádio Transamérica Hits .....	156

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>I - O RÁDIO E AS FRONTEIRAS .....</b>	<b>19</b>
<b>1. COMUNICAÇÃO E FRONTEIRA .....</b>	<b>19</b>
1.1. O espaço de fronteira .....	21
1.2 A comunicação radiofônica na fronteira.....	28
1.3 Fronteiras Sul e Centro-Oeste do Brasil .....	37
1.3.1 Fronteira Sul : Livramento-Rivera e Uruguaiana-Libres .....	38
1.3.2 Fronteira Centro-Oeste: Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro .....	43
<b>2. RELAÇÕES ENTRE CULTURA E IDENTIDADE .....</b>	<b>47</b>
2.1 As dimensões da cultura.....	50
2.2 Cultura e identidade fronteira .....	54
2.3 Práticas socioculturais e representações sociais.....	64
<b>3. COMUNICAÇÃO MEDIADA E RÁDIO DE FRONTEIRA.....</b>	<b>70</b>
3.1 Rádio: sentidos e percepções .....	73
3.2 O rádio e as representações da fronteira .....	77
3.3 O rádio na web: conexão glocal dos cidadãos do mundo .....	81
<b>II - O RÁDIO DE FRONTEIRA NA WEB .....</b>	<b>93</b>
<b>4. UM OLHAR SOBRE O FAZER RADIOFÔNICO.....</b>	<b>93</b>
4.1 A Hermenêutica da Profundidade na interpretação radiofônica .....	95
4.2 Proposta, critérios e categorias de análise.....	101
<b>5. A FRONTEIRA ESTÁ NO RÁDIO.....</b>	<b>107</b>
5.1 Fronteira Sul: Rádio RCC FM – Santana do Livramento-Rivera .....	108
5.1.1 Conversa de Fim de Tarde .....	115
5.2 Fronteira Sul : Rádio 96 FM - Uruguaiana-Libres.....	123
5.2.1 A Voz do Pampa.....	129
5.3 Fronteira Centro Oeste: Rádio Amambay FM – Pedro Juan Caballero-Ponta Porã .....	136
5.3.1 Bom Dia.....	145
5.4 Fronteira Centro-Oeste: Transamerica Hits – Corumbá-Puerto Quijarro .....	152
5.4.1 Transnotícias.....	157
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>169</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>181</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>186</b>

## INTRODUÇÃO

Este estudo vem ao encontro de contribuições recentes que pesquisadores latino-americanos têm dado aos estudos de comunicação e cultura, como é o caso de Jesús Martín-Barbero (2001, 2003) e Néstor García Canclini (2003, 2004, 2005). Teses de Doutorado (MÜLLER, 2003; OTA, 2006), também têm contemplado o estudo das fronteiras, bem como é visível o crescente interesse por essa temática em eventos da área de comunicação e afins, dos quais temos participado e apresentado trabalhos.

Os tempos históricos ajudam também a determinar as problemáticas que estudamos. A questão das fronteiras, tão em voga ultimamente na mídia pelas sucessivas situações que envolvem conflitos e relações em alguns lugares do mundo e a relevância que o tema ganhou até em consequência dessa exposição são elementos que contribuíram para suscitar a investigação científica em torno do assunto. As possibilidades de enfoque são amplas, abertas e recém exploradas, principalmente no campo das Ciências da Comunicação. As pesquisas que estão ocorrendo são mais de caráter sociológico e antropológico, com ênfase nas migrações, do que propriamente estudos de comunicação na mídia das áreas das fronteiras nacionais. Os trabalhos já realizados apontam para a potencialidade e riqueza do fenômeno e por isso, acreditamos que este estudo também possa somar-se como uma contribuição a esse contexto.

A nossa proposta é compreender como as práticas socioculturais estão representadas no rádio FM de fronteira na web. Sabemos que os meios de comunicação refletem nas suas formas de programação um emaranhado dessas práticas de várias maneiras. Tanto podem evidenciar os aspectos singulares de algumas, reforçar estereótipos relacionados a outras, como legitimá-las na sua plenitude, ressaltando aspectos que possam interessar às forças sociais e simbólicas a que dizem respeito. O rádio, entre esses meios, inclui-se nesta função e, por isso, analisamos em que medida isso acontece, de que modo isso se processa nas regiões

de fronteira, cujas práticas socioculturais são resultado de uma complexa relação de identidades.

Procuramos mostrar como a cultura e a identidade da região fronteira aparece nessa programação, podendo alimentar valores, atitudes, costumes, conceitos, ritos, manifestações artísticas, comportamentos próprios do lugar ou reproduzindo até que ponto as influências da comunicação globalizada, engajada a modelos verticalmente instalados. Se o rádio ultrapassa a linha geográfica demarcada como fronteira e ao mesmo tempo está disponível na World Wide Web, a rede de alcance mundial que liga documentos na internet para todo o mundo, cabe refletir também sobre que tipo de representações das práticas socioculturais ele está difundindo para o mundo.

As regiões de fronteiras nacionais podem ser caracterizadas como espaços de diversidade de relações sociais, econômicas, políticas e culturais, onde é possível ocorrer os mais variados fenômenos, observados constantemente como comportamentos representativos de um tempo histórico passado, mantido por algumas tradições como a língua, a história e os costumes. Nesses espaços, percebemos que convivem elementos do global e do local, com indicativos de aparecerem representados no veículo de comunicação sobre o qual debruçamos nosso estudo: o rádio FM de fronteira que está na web.

Esse canal é real, porque tem existência física própria, mas mostra a possibilidade de um espaço sem limites de interação, dentro de suas características como espaço virtual. Os sujeitos que se comunicam por meio desse espaço são sujeitos que não se restringem apenas a seu território. Eles ajudam a determinar a trajetória do tempo em que vivem pelo movimento que produzem na sociedade. Fazem uso do espaço para retirar dele o que precisam e em seguida migram para outro, voltando sempre que desejarem ou for necessário. Esses sujeitos podem se apropriar das idéias e opiniões geradas nesse espaço e fazerem uso dele para manifestar suas idéias e firmar suas convicções. São assíduos participantes que acabam trazendo contribuições a todos os que interagem ali. Mas também podem ser sujeitos que se transportam por lugares longínquos e inóspitos e esse novo lugar pode ser a porta para o mundo.

A noção de tempo nesse novo espaço é completamente diferente daquela transposta para o físico real, como nas regiões das fronteiras nacionais. As implicações disso também são diferentes. Enquanto na web todos podem ingressar sem prévia autorização e usufruir e participar de modo igual, no espaço dito real, físico da fronteira, as relações não se dão da mesma maneira. Isso requer envolvimento direto com a comunidade, participar do processo

de sociabilidade e dar sua parcela de contribuição como cidadão para o desenvolvimento daquela sociedade. De qualquer modo, é preciso cumprir determinadas regras sociais, aderir a algumas práticas até chegar a ser aceito por essa comunidade.

A noção de fronteira tem relação também com o espaço da web construído por sujeitos que se permitem interagir no mesmo território dentro de um tempo que não é medido pelas mesmas normas que o tempo comum. O que nos faz perguntar sobre a importância do tempo, de fato, são as relações que se estabelecem hoje na sociedade a partir disso. É preciso refletir sobre como repensar noções que estavam praticamente estabelecidas e definidas como a de fronteira, sem considerar os novos espaços que se anunciam a partir das relações e das práticas socioculturais que se processam nesse novo momento em que vivemos. Os sujeitos não precisam mais cruzar a fronteira física para estabelecer contato com o estrangeiro, se pensarmos no âmbito de nações.

Com a globalização e o fenômeno da desterritorialização (GARCÍA CANCLINI, 2003a) que permite ao cidadão um movimento mais amplo quanto aos aspectos da cultura e das relações econômicas na sociedade, as fronteiras que antes afastavam, separavam e dissipavam, embora não tenham desaparecido, convivem com a transnacionalização, invisível e concreta. Essa transnacionalização das fronteiras se dá principalmente pelo efeito da globalização e da regionalização, fruto da organização econômica, atrelada a acordos e poderes. A ideologia dominante é de um planeta globalizado, de igualdade de condições, embora este mesmo princípio produza a desigualdade. No lugar da homogeneização, parece vigorar uma manifestação natural que busca as raízes, as origens, o que acaba permitindo que haja múltiplas formas de se relacionar com a nossa identidade.

Convivem neste planeta cidadãos de todas as partes do mundo dentro de um universo que é o virtual e onde poderia haver a hegemonia de um ponto de vista ou de uma idéia. Só que neste ambiente, é justamente o inverso que se dá. Por ser um espaço público e de certa forma, sem controle de um poder determinado, todas as tribos e as diferenças podem se manifestar, desde que tenham acesso às ferramentas para tal. A fragmentação e a segmentação são características do mundo contemporâneo, permitidas pelas tecnologias e pelas consequências de comportamento e organicidade que essas mesmas tecnologias geram. As formas de relacionamento propiciadas pelos canais de comunicação da web produzem os movimentos dos sujeitos nessa esfera.

Avançando na discussão do conceito de limite geopolítico, chegamos a pensar a fronteira dentro de uma noção de lugar de integração, espaço de tensão, zona de impacto e

campo de vigília. Quando pensamos a região da fronteira hoje, não podemos nos desligar de questões como cultura, globalização e ideologia e, por isso, fica praticamente impossível não falar de poder, economia, política, meios de comunicação e práticas culturais e sociais. Nesse aspecto, o apoio das representações sociais torna-se útil para identificar no rádio de fronteira a questão da identidade cultural.

Observar esses fenômenos no rádio FM de fronteira que está na web representa um desafio, pois em termos desse segmento de rádio, a informação apareceu de modo mais forte nos últimos dez anos. Esse aspecto tem mudado o perfil do FM no país, principalmente em cidades pequenas em que o FM é o único canal disponível, e por isso, nesses lugares, o rádio passa a ter um papel diferenciado. Ele é muitas vezes o único veículo de comunicação daquela comunidade e precisa satisfazer os anseios que ela deposita nele, porque sabe a importância que os temas ganham quando ocupam espaço em qualquer tipo de mídia. Sabemos que explorar esta temática é mergulhar em um universo de identidades enraizadas no local, comprometidas com ele, mas fortemente definidas pelo espaço global, o que agrega noções complexas.

A grande questão que problematizamos nesse trabalho diz respeito a como essas práticas próprias da região fronteira estão aparecendo no rádio FM de fronteira que está na web, fazendo um recorte da programação desse meio. Procuramos situar a discussão no aspecto cultural e no tecnológico. Sempre que pensamos o rádio de fronteira, olhamos para um espaço físico limitado, ou seja, o lugar onde a rádio está instalada. A partir do momento em que inserimos o elemento tecnologia web, modificamos um estado dessa rádio, isto é, acrescentamos a ela outro elemento, que é estar ao mesmo tempo em duas esferas de recepção: pelo meio tradicional - canal de FM – e pelo meio virtual – via internet.

Isso muda a perspectiva de análise, pois saímos de um meio convencional, para procurar descobrir como o veículo rádio estaria evoluindo na sua forma de produção, transmissão e recepção das informações frente às novas possibilidades tecnológicas que o meio oferece. Além disso, mantemos como guia ou elemento preponderante a questão das práticas socioculturais presentes na cultura local.

A idéia de trabalhar com as práticas socioculturais está marcada basicamente por duas razões: a região da fronteira, que pode ser olhada como território de integração entre estrangeiros e brasileiros e pela própria mudança e evolução do conceito de identidade em decorrência das transformações por que passa a sociedade contemporânea. Encontrar na programação de uma rádio FM de fronteira que está na web os indícios de práticas



socioculturais que ajudam a definir uma identidade fronteiriça e analisar como isso é transmitido para o mundo inteiro via web é uma tarefa instigante. Procurar perceber ainda se essas práticas que são veiculadas pela programação da rádio vão ao encontro do que está se falando hoje sobre identidade, também é um elemento presente nessa análise.

Discutimos ainda o processo de veiculação das mensagens radiofônicas do FM de fronteira que está atingindo outro público – o da web – e como isto está sendo gestado nos ambientes das emissoras. Essa ampliação do suporte para a audiência pode representar ou não a modificação das técnicas e rotinas de produção em razão do canal de transmissão que têm nas mãos ou mesmo apontar para uma simples transferência da programação de FM para a web sem nenhum tipo de adequação. Na discussão dessa questão podemos chegar a ter uma idéia mais concreta de qual é a proposta de produção das emissoras FM de fronteira ao se posicionarem na web e se estão considerando as práticas socioculturais do contexto e como estão utilizando as reais oportunidades e possibilidades de transmissão que o meio oferece. Nessa perspectiva, os ouvintes podem ser observados a partir de uma dupla possibilidade, ou seja, ouvem o canal de FM, localizado dentro da área de alcance da antena e são também radio-internautas que acessam a emissora de um ponto qualquer do planeta. A preocupação das rádios em saber quem é essa nova audiência, é um dado importante para elas projetarem uma maior interação e assim conceber o seu novo lugar e espaço nessa relação de identidade com os ouvintes.

Para dar conta da discussão de toda essa problemática, dividimos o estudo em duas partes: O Rádio e as Fronteiras e O Rádio de Fronteira na Web. Na primeira, constituída de três capítulos, caracterizamos o objeto de estudo e as fronteiras (Capítulo 1), a partir de Garcia García Canclini, Sandra Pesavento e Boaventura Sousa Santos; refletimos sobre as questões de cultura, identidade e representações sociais (Capítulo 2), sustentados por Stuart Hall, Néstor Garcia Canclini, Massimo Canevacci e Moscovici; e apresentamos a visão do rádio hoje nas suas relações com as tecnologias e a comunicação (Capítulo 3), com o suporte de Bertolt Brecht, Doris Fagundes Haussen, Eduardo Meditsch, Pierre Levy, Wolf, Bourdieu e Traquina. Na segunda parte, nos dedicamos a olhar especificamente o fazer radiofônico, partindo dos pressupostos da Hermenêutica da Profundidade, proposta por John B. Thompson (Capítulo 4), para finalmente fazermos a análise da programação das rádios FM de fronteira que estão na web (Capítulo 5).

A partir dessa estruturação traçamos um perfil aproximado das emissoras de rádio de fronteira que estão na web e suas principais preocupações ao elaborar uma programação para

o ouvinte, procurando perceber em que medida as práticas socioculturais da fronteira estão representadas nessa programação, ajudando a definir o que é o rádio de fronteira, partindo do local para o espaço global. Queremos aprofundar discussões acerca da cultura e da identidade e refletir sobre as mudanças que estão ocorrendo no processo do fazer radiofônico, já que o rádio tem continuamente incorporado nas suas rotinas de produção adaptações decorrentes dos processos de evolução tecnológica.

Os profissionais e os ouvintes de rádio nos oferecem por meio do desenvolvimento do processo de produção, transmissão e recepção, um conjunto de elementos que sinalizam para as transformações que estão ocorrendo no fazer radiofônico e nas novas formas de interação, desenhando, portanto, uma configuração do rádio que temos hoje em regiões de fronteira, e toda a complexidade que envolve esse veículo no contexto em que se insere. Compreendendo melhor este veículo, esperamos entender melhor esse novo momento por que passa o rádio, vislumbrando a questão da comunicação, das tecnologias e das fronteiras.

## **I - O RÁDIO E AS FRONTEIRAS**

### **1. COMUNICAÇÃO E FRONTEIRA**

A questão das fronteiras geopolíticas e culturais está merecendo uma atenção considerável na sociedade contemporânea, principalmente por causa das migrações, das constantes tensões em áreas de conflito, como é o caso do Oriente Médio, e da relativa liberdade que os povos têm hoje de realizar trocas e assimilações da cultura do outro, face à mobilidade dos seres humanos e das tecnologias de informação. Haussen (2000, p.14), ao se referir às tendências das pesquisas em comunicação afirma que “a cultura deverá ser estudada em temas como das etnias, das identidades culturais e dos gêneros; das cidades e do meio-ambiente; do multiculturalismo na questão global, das fronteiras e das migrações”. Ela argumenta que a questão das fronteiras multiculturais estaria em destaque nas pesquisas porque os laços transnacionais nas instâncias decisórias de poder e de organização econômica, financeira e comunicacional têm se intensificado.

Uma sociedade, ao mesmo tempo globalizada e fragmentada, produz os mais diversos tipos de comportamentos, tanto na área econômica quanto sociocultural, aspectos estes que se apresentam emergentes em áreas de fronteiras geopolíticas. Tanto os países desenvolvidos quanto os subdesenvolvidos sempre observam suas fronteiras nacionais com critérios bem específicos, que visam evitar a imigração clandestina, o comércio ilegal de produtos manufaturados e o tráfico de armas e drogas. Estas zonas de fronteira são legalmente visadas pelos governos como territórios estratégicos de proteção e segurança nacional, com o fim primeiro do controle interno para a manutenção da paz, da estabilidade e da soberania.

Entretanto, além de transportarem essa carga semântica ao longo dos séculos, essas regiões não podem abster-se de conviver com uma série de práticas que estão no âmbito das fronteiras culturais e se desenvolvem espontaneamente, sem que haja necessidade de qualquer

tipo de fiscalização. Fora do âmbito econômico, o que antes já acontecia principalmente nesses territórios, hoje se manifesta livremente em qualquer região do mundo onde haja a possibilidade de integração por meio de uma tecnologia de comunicação e informação. Isso acaba tendo resultados expressivos no aspecto cultural, pois as manifestações daí advindas estão além dos limites da mídia tradicional. Com a internet, por exemplo, ampliou-se a conotação de um “mundo sem fronteiras”. Os próprios sujeitos contemporâneos dessas tecnologias respondem de modo imediato às ações por elas propostas, produzindo e reproduzindo informações e práticas socioculturais a uma velocidade espantosa.

O mais interessante nesse processo é o modo como ele ocorre. Impulsionado pelo movimento dos sujeitos, as ações vão se desenvolvendo naturalmente. É difícil enxergar com exatidão as conseqüências desse comportamento, mas é possível delinear um panorama sutil do que elas podem desencadear. Um mundo cada vez mais fragmentado e dinâmico, interconectado, mas também fortemente marcado pelas diferenças que se acentuam de lugar para lugar, dependendo da história de construção e adaptação das nações, suas riquezas, suas ideologias e capacidade de desenvolvimento sustentável.

Como em todos os lugares, também nos espaços das fronteiras nacionais os meios de comunicação exercem um papel preponderante na difusão das idéias e das informações, pois têm a função de articular as relações entre as instituições e a sociedade como um todo, gerando o debate e ações, contribuindo para o desenvolvimento. Apesar das novas tecnologias de comunicação e informação, principalmente a mídia tradicional, como a TV, o rádio e o jornal, ainda atuam com muita força, ocupando um lugar bem marcado dentro dessas comunidades, porque estabelece uma relação de aproximação com o local a partir das questões que interessam ou refletem essa realidade. O rádio, de modo especial, cumpre uma função relevante quanto ao seu aspecto de veículo local com características do global. Com todas as distâncias que percorre via antena ou via internet, o rádio é um canal entre os cidadãos ouvintes que podem estar no fundo de uma fazenda ou na área urbana, sujeitos diferentes, que denotam a diversidade relativa à sociedade moderna, que fragmenta também o universo da cultura e de suas práticas.

Nosso objeto de estudo é a comunicação de fronteira, a partir do veículo rádio. A escolha recaiu sobre rádios FM estabelecidas em regiões de fronteira que ocupam um lugar estratégico e uma posição importante quanto às fronteiras nacionais, sendo reconhecidas como pontos de conexão entre os países vizinhos no aspecto econômico, político e social.

Entre os critérios que norteiam essa escolha, elegemos as fronteiras históricas e conurbadas ou semi-conurbadas, pelo menos num dos dois pontos das regiões brasileiras selecionadas.

Selecionamos quatro emissoras na fronteira brasileira, o que resultou nos pontos seguintes: Uruguaiana-Paso de los Libres (Rio Grande do Sul-Argentina) e Santana do Livramento-Rivera (Rio Grande do Sul-Uruguai), na região Sul; Corumbá-Puerto Quijarro (Mato Grosso do Sul-Bolívia) e Ponta Porã-Pedro Juan Caballero (Mato Grosso do Sul-Paraguai), na Centro-Oeste. Ao centrar nosso estudo nestes espaços fronteiriços, esperamos poder compreender como se constituem essas fronteiras, quais são suas similaridades e diferenças, ao mesmo tempo em que se amplia o conhecimento sobre as fronteiras nacionais.

### **1.1. O espaço de fronteira**

A fronteira é espaço de integração de dois territórios num mesmo lugar. Segundo Müller (2003), o fenômeno fronteira influencia os fazeres e os dizeres do homem local, podendo ser verificado nas falas, nos textos, nas manifestações culturais, esportivas e políticas, entre outras. Desse ponto de vista, a mídia, por sua vez, passa a desempenhar um papel preponderante no sentido de reforçar, criar e definir esta fronteira dentro da vida das comunidades.

Esses lugares além de movimentar importantes somas de dinheiro em transações e negócios comerciais, representam um local politicamente importante na repercussão que se segue às decisões anteriormente tomadas, geralmente nas capitais. Basta pensar no Mercado Comum do Sul, Mercosul. Se qualquer atitude for determinada em Brasília, Buenos Aires, Montevideu, Assunção, La Paz ou Bogotá as reações, adversas ou não, acontecem imediatamente nas zonas de fronteira por causa do volume de negócios ali realizado e das transações internacionais de importação e exportação. Estas regiões funcionam como zonas de impacto e expressam imediatamente efeitos de sentido. Elas absorvem e afugentam tudo o que estiver relacionado às relações entre os países vizinhos.

O termo fronteira vem do latim, *fronteria* ou *frontaria*, a parte do território que fica *in fronte*, nas margens. Se pensarmos no mesmo vocábulo no idioma inglês recorreremos a dois sentidos: *frontier* e *border*, que dizem respeito, respectivamente, ao espaço territorial de nação e ao espaço internacional. De qualquer modo, ambos nos conduzem à idéia de dualidade que aí reside. Aliás, isso é uma constante, pois ao pensar em fronteira automaticamente nos vêm à

mente outros dualismos, como: local e regional, nacional e estrangeiro, identidade e diferença, o eu e o outro, espaço e tempo, físico e virtual.

Um primeiro olhar sobre a fronteira geopolítica permite ver a sua constituição de ordem puramente física: algum tipo de marco que constitui razão política de separação, um monumento, um obelisco, uma ponte, um rio, uma rua. O Brasil é formado por fronteiras conurbadas, ou seja, apenas uma rua divide um país do outro, como é o caso de Santana do Livramento-Rivera, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, ou fronteiras semi-conurbadas, separadas por um rio ou determinada distância física, como Uruguiana-Libres e Corumbá-Puerto Quijarro. Milhares de quilômetros de extensão compreendem limites com o Uruguai, a Argentina, Colômbia, Bolívia, Venezuela, Peru, Paraguai, Guiana, Suriname, Guiana Francesa. Três regiões brasileiras fazem limite com estes países: sul, centro-oeste e norte.

No país, a fronteira da região norte é a mais extensa de todas, compreendendo cinco de seus estados: Rondônia (Bolívia), Acre (Bolívia e Peru), Amazonas (Peru, Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname), Roraima (Venezuela e Guiana) e Amapá (Guiana Francesa). Somente o estado de Tocantins não se limita com outro país nesta região. Dos três estados que compõem a região centro-oeste, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul fazem fronteira com outros países, Bolívia e Paraguai, respectivamente, excetuando-se, portanto, Goiás e o Distrito Federal. Na região sul, o Rio Grande do Sul faz fronteira com a Argentina e o Uruguai; Santa Catarina limita-se apenas com a Argentina; e o Paraná, com a Argentina e o Paraguai. A região sul é a única em que todos os estados possuem limites de fronteira internacional. As duas regiões brasileiras que não fazem limite com outros países são a Nordeste, formada pelo maior número de estados brasileiros (nove), a terceira maior em extensão territorial<sup>1</sup> e a Sudeste, com quatro estados, a mais rica economicamente.

A região da fronteira historicamente é marcada como zona de conflito. Mas, como espaço polarizador, permite que coexistam diferenças e identidades, tornando possível também o surgimento de novas realidades socioculturais. Alejandro Grimson (2002, p.19) diz que “as zonas fronteiriças constituem a dimensão espacial onde os desafios e tensões entre a continuidade e o câmbio se estabelecem de modo mais agudo e ali o cotidiano é atravessado pelas relações com os países vizinhos”. Na fronteira, países distintos convivem quotidianamente envolvidos não só pelas questões econômicas e estratégicas que permeiam esses espaços, mas também porque são muito fortes as relações socioculturais que se

---

<sup>1</sup> A região nordeste tem 1.548.672 Km quadrados, perdendo apenas para a Região Norte (3.858.502) e a Região Centro-Oeste (1.602.133)

estabelecem nessa interação. Mas o fato de haver trocas e assimilações da cultura do outro não significa que ocorra a anulação ou perda da identidade de um ou de outro. Ao contrário, no caso de algumas fronteiras, como a que abrange a província de Misiones e o nordeste de Corrientes, na Argentina, o leste e o sul do Paraguai e o oeste dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, as alianças estabelecidas são muito evidentes. Elas permitiram protagonizar a realização de experiências socioculturais e econômicas que geraram, de fato, uma integração com mais de uma nação simultaneamente e que se estabelece por meio de uma rede de relações interpessoais, comerciais, familiares e oficiais.

Apesar da existência de linhas divisórias geográficas, a fronteira ultrapassa limites pela sua natureza. O nacional existe, porque está presente no geopolítico, no sentimento de nação, na língua, nos costumes e se defronta com elementos do outro nacional, com a cultura do outro, em que também aparecem os mesmos elementos. São as fronteiras culturais que, segundo Martins (2002, p. 238), com suas ambivalências e ambigüidades, similitudes e especificidades de ordem social, lingüística, existencial, enriquecem sobremodo a fronteira [...]”. É essa fusão, essa mescla que produz outros traços, comuns aos dois, deste e do outro lado da linha divisória. Para isso não há limites, embora haja diferenças. E a peculiaridade da região fronteira reside na capacidade de ao mesmo tempo reunir elementos comuns e que guardam sua diversidade. Portanto, a identidade da cultura fronteira passa pela diversidade, pela multiplicidade, pelas trocas culturais, que diferente de qualquer outra região onde possa também acontecer esse processo, na fronteira a relação de integração e troca se dá com a história, as vivências e os laços sociais compartilhados com a nação vizinha.

Há particularidades que afloram das/nas suas práticas culturais [...] Também ressaltam certos costumes, o falar, o trânsito entre o “lado de cá” e o de lá, a arquitetura e o cotidiano, as relações, as ocupações, o lazer, o comércio – todos permeados por um modo de ser “fronteiriço”, algo que foge a delimitações dos mapas e formulações teóricas (MARTINS, 2002, p.242 [grifo no original]).

As fronteiras culturais se relacionam a todos os aspectos da vida social e cultural, à literatura, à linguagem, às manifestações artísticas, aos costumes, ao fazer cotidiano e ao imaginário. As trocas que ocorrem nos espaços fronteira são alimentadas também por um toque emocional de aproximação real com a cultura do outro, desde os aspectos de sua formação histórica, o que vai desencadeando um processo além de identidade e complementaridade, de afetividade.

De acordo com Pesavento (2002, p.36) o conceito de fronteira não se restringe a questões que dizem respeito apenas a oposições ou analogias. Existem neste espaço tanto

princípios de reconhecimento quanto diferenças, produzindo um jogo permanente de interpenetração e conexões variadas. Ela acredita que é assim que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se os outros com relação a nós e vice-versa.

Compreender isso é vital para entender, por exemplo, porque as fronteiras nacionais são também espaços de tensão. O fato de diferentes povos conviverem e partilharem das mesmas preocupações e angústias os aproxima, mas o fato de situarem-se politicamente em territórios diferentes, pode também significar tensão e conflito. Boaventura de Sousa Santos (2001, p.151) afirma que “as culturas nacionais, enquanto substâncias, são uma criação do século XIX, são como vimos, o produto histórico de uma tensão entre universalismo e particularismo gerido pelo Estado.” As fronteiras nacionais funcionam como janelas, que tanto podem se abrir para receber e emitir influências de toda ordem, especialmente culturais, como também podem se fechar para impedir o contato com o meio externo. O Estado é uma instância de poder que controla de modo direto essas janelas e por isso tem um papel duplo que diferencia a cultura do território nacional frente aos outros territórios, mas também procura promover a homogeneidade cultural no interior do território nacional. Essa homogeneidade cultural, no caso do Brasil, praticamente não ocorre por causa da sua extensão territorial e da diversidade étnica de seus imigrantes.

A extensão territorial é marcada também pela geografia e pelo clima, o que produz comportamentos e gerenciamentos diferentes dos aspectos relacionados às formas de vida, que acabam se adaptando às situações cotidianas e próprias de cada lugar, numa espécie de regionalismo físico. Soma-se a isso o regionalismo cultural, produzido pelas influências históricas e pelo elemento humano que formam as raízes do lugar. Se movimentarmos esses aspectos para as regiões de fronteira, ainda precisamos acrescentar as influências recebidas do outro, ou seja, do país vizinho. Agora, se transferirmos tudo isso para um plano mais abrangente, ou seja, para o conjunto de fronteiras que o Brasil possui com outros povos, teremos uma idéia da proporção da heterogeneidade cultural a que se referia Boaventura Sousa Santos.

Na fronteira todos estes aspectos vão se internalizando e perpassam a história, atravessando o tempo e sedimentando identidades culturais que se manifestam de modo flexível, pois “são resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação” (SOUSA SANTOS, 2001, p. 135). É preciso considerar que nestas regiões convivem também



todas as influências da cultura globalizada e a idéia do transnacional. As fronteiras são, portanto, um espaço de complexidades.

Apesar de toda a diversidade apontada, acreditamos que as regiões fronteiriças apresentam uma cultura própria, ou seja, mostram traços que as identificam entre outras culturas, embora ali também estejam demarcadas nações distintas que têm culturas diferentes. Mas a reunião de tudo isso num mesmo lugar provoca o fenômeno da conjunção cultural, que denota uma série de práticas decorrentes dessa aproximação física entre duas nações. Ao mesmo tempo uma cultura está dentro de outra e se depara com a outra. São ligações entre representações que se constroem com o cotidiano e a convivência. E essa característica é notadamente própria desses lugares. A idéia de estar dentro de outra cultura relaciona-se à condição do espaço físico local – zona de fronteira, um raio de 150 km a partir do marco, segundo as leis brasileiras, e à situação de identificações que se estabelecem naquele âmbito pela força dessa contingência. Mas, a cultura também se depara com a outra, na medida em que reconhece e respeita as diferenças. Para Pesavento (2002, p.36):

Fronteiras culturais remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos comportamentos e idéias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para a forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento.

A região da fronteira ultrapassa naturalmente os limites para poder ser e se mostrar como um território de formas múltiplas, onde convivem diferentes significados. Mais aberta ao exterior do que outro lugar está também mais propensa à formulação híbrida de sua cultura, por causa do trânsito e do fluxo de pessoas e coisas. E esse hibridismo não quer dizer uma cultura nova, nascida da mistura de outras duas, mas as novas formas de apresentação das culturas próprias desse lugar que vão se apropriando uma da outra, vão se mostrando e se fundindo em alguns aspectos, quando é necessário acionar um ou outro elemento dessas identidades. O fronteiriço entende bem a dimensão desse conceito, quando se coloca numa ou noutra posição, dependendo do local ou da situação em que se encontra, ou seja, isto fica evidente para ele, quando ora é brasileiro, ora é fronteiriço ou *doble chapa*<sup>2</sup>. Se a fronteira é trânsito e passagem que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento do diferente ou do múltiplo, possibilitado pela situação do contato, da mistura, da troca, do hibridismo e até da mestiçagem cultural e étnica.

---

<sup>2</sup> *Doble chapa* é uma expressão que designa os cidadãos que residem numa das cidades fronteiriças, mas possuem dupla cidadania, inclusive podendo votar nos dois países e ter acesso aos direitos dos cidadãos comuns.

Esse diferente ou múltiplo pode ser o que a fronteira gera e cria para se autodefinir, mas inconsciente do significado disso. Ou seja, aquelas adaptações que os povos fronteiriços fazem em relação à língua, por exemplo, são fruto dessa criação. Não é um ato consciente de representação cultural, mas intencional no sentido de permitir a sociabilidade, a convivência e a comunicação entre culturas diferentes. Uma atitude prática, com o tempo, torna-se algo representativo dessas culturas, impulsionado pelo contato e a troca. E, na medida em que isso vai sendo vivido, é internalizado e assimilado pelas gerações tornando-se traço comum e próprio delas e incorporando-se às práticas socioculturais.

O mapa do Brasil mostra a imensidão de 8.511.965 quilômetros quadrados do seu território. Na América do Sul, o Brasil não se limita apenas com dois dos doze países: Chile e Equador. Esse número visível de fronteiras geopolíticas e a extensão total do país resultam em um fenômeno cultural interessante, que se reproduz numa das mais ricas diversidades culturais do mundo. A fronteira é como um caldeirão cultural<sup>3</sup>, onde fervem ingredientes principais de culturas diferentes, que vão resultar na massa constitutiva dessa diversidade que não se explica, portanto, apenas pelo tamanho do território, mas pela quantidade de outras culturas com as quais se relaciona, com as formas de ocupação desse espaço, com os movimentos de migração e a história de formação desses povos. As fronteiras nacionais são espaços de diversidade e identidades, onde as práticas socioculturais podem ser representativas da cultura fronteiriça e ao mesmo tempo representações das identidades que se formam naquela região. E nesse contexto a mídia é um dos elementos que irradia essas práticas porque elas se constroem no universo sócio-histórico.

No território das fronteiras nacionais, a mídia, principalmente eletrônica, age na perspectiva de uma política de comunicação sem fronteiras, porque o rádio e a televisão transmitidos por ondas não necessitam reconhecer as fronteiras geopolíticas no momento de sua transmissão. A programação é transmitida até onde houver alcance, independente de qualquer limite físico. As novas tecnologias e o processo de desterritorialização do mundo contemporâneo também contribuíram para que essa idéia da comunicação sem fronteiras alcance outro plano por meio da internet. O rádio, com a possibilidade das ondas curtas, fez com que muitas emissoras nacionais pudessem ser ouvidas em âmbito internacional e, desse ponto de vista, também poderia ser olhado como um veículo sem fronteiras fora dos territórios fronteiriços. Entretanto, com a web, essa idéia ganha outra proporção porque a programação

---

<sup>3</sup> Caldeirão cultural: expressão muito usada para caracterizar a mistura de hábitos e sotaques de todos os quadrantes do país. Neste texto é utilizada para definir o fenômeno de diversidade e heterogeneidade cultural que caracteriza o Brasil e as regiões de fronteira.

de uma emissora de rádio local, transposta para a internet, não tem limites e ainda oferece a possibilidade de interação em tempo real.

No território físico, a fronteira anuncia-se naturalmente como um lugar onde o nacional e o internacional, apesar de claramente distintos em decorrência de barreiras geográficas e políticas, se entrelaçam, porque as relações construídas no cotidiano são muito próximas e se interpenetram. No plano da web, as fronteiras nacionais desaparecem, dissipando-se no ar, gerando conhecimento e informações sobre si mesmas. Desse modo, as práticas socioculturais encontram um meio fértil para se difundirem, ultrapassando os limites territoriais. Assim, a noção de lugar e de espaço também se modifica porque compreende outra dimensão, além do plano físico, daquilo que não é visível, mas é concreto, e através do qual se pode trafegar.

A interconexão entre os sujeitos provocou uma mudança da relação espaço e tempo. Hoje, superar as distâncias é muito mais fácil num espaço de tempo menor. As distâncias foram amenizadas pelas novas tecnologias e as fronteiras, praticamente dissipadas. Podemos discuti-las agora dentro do âmbito das fronteiras culturais, onde se encontram elementos do simbólico e do imaginário. Pela sua nova forma, poderíamos dizer que as fronteiras culturais apresentam-se como uma linha imaginária e um espaço de convivência entre diferentes culturas, o limite entre o passado e o futuro de uma história que se constrói constantemente ao pulsar das novas tecnologias. As antigas fronteiras não desaparecem, continuam ali, demarcando limites territoriais, ocupados por cidadãos que não se restringem mais apenas a esses espaços. Eles vencem as distâncias perseguindo em menos tempo os seus desejos de ver e conhecer e vão reproduzindo marcas identitárias e práticas socioculturais que dizem respeito aos seus códigos de convivência.

Neste patamar situam-se os cidadãos deste tempo (CANEVACCI, 2007), os cidadãos do mundo, sujeitos que enfrentam a crise de uma identidade que era unitária e fixa por toda uma vida e passa a ser mais fluida e talvez mais livre. Esses sujeitos acionam suas identidades ao estarem interconectados com outros cidadãos do mundo. Eles não só trocam idéias e conhecimento, como criam laços, assimilam experiências e geram atitudes sem, contudo, perderem suas raízes originais. A própria idéia de raiz ligada à tradição, àquilo que se traz de berço, também foi evoluindo para um sentido que considera as influências fundamentais recebidas do contexto em que nos desenvolvemos, incluindo a família, a escola e a sociedade. E nesse aspecto, pelo menos uma ou outra forma de mídia esteve presente com algum tipo de representação.

A cultura é constitutiva das relações e a razão pela qual o sujeito se move e circula nos espaços geográficos e virtuais. Ele pode viver numa região de fronteira e ao mesmo tempo ser cidadão do mundo. Motivado pela facilidade de acesso a diferentes ambientes socioculturais, ele pode ampliar os seus contatos e difundir suas concepções na mesma medida em que vai alterando-as e contribuindo para alimentar esse processo.

As informações e a cultura estão presentes em todos os lugares e são sempre mediadas de alguma forma na sua expressão. Hoje, os meios e as tecnologias de comunicação e informação exercem um papel central no desenvolvimento da sociedade, considerando a natureza e o contexto em que as formas simbólicas são produzidas, transmitidas e recebidas por indivíduos que se situam em um mundo sócio-histórico. Na fronteira, o rádio, há bastante tempo, tem sido um dos meios essenciais para a difusão da cultura e da informação.

## **1.2 A comunicação radiofônica na fronteira**

Ao refletir sobre a cultura e os meios, pensamos nas audiências locais e na construção de identidades e como um rádio primeiramente local estaria contribuindo para a formação de identidades que não são mais exclusivamente locais? O local, a nosso modo de ver, não está mais preso aos territórios nacionais ou à geografia do lugar. O local está onde quer que haja modos de identificação entre os sujeitos cidadãos do mundo. Os homens em sociedade formam grupos de pertença, estabelecem vínculos e criam identificações, portanto, o homem se constrói a partir do conhecimento de seu entorno imediato, ao mesmo tempo material e social e encontra na representação do território a sua forma de organização e expressão. Esses vínculos sociais constituem um processo de construção de sentido, a partir da vida cotidiana, o que resulta na elaboração de representações comuns do mundo (BOURDIN, 2001, p.34-35).

A sociedade do final do século XX produziu dois fenômenos antagônicos na sociedade: a globalização (GARCÍA CANCLINI, 2003) e a localização (HALL, 1999; YÚDICE, 2004). Em princípio, o que está na esfera do local está no plano micro e tem relação com as representações sociais criadas dentro daquele espaço e com as instâncias de poder que ali se processam. O local tende a valorizar muito dos aspectos relacionados às tradições, aos costumes e às raízes, às relações de convivência e vizinhança e aos interesses cotidianos que pautam a vida social. Entretanto, sempre vai ser permeado por influências macro, ou seja, de âmbito global, que acabam interferindo na estrutura das comunidades. A comunicação via web ilustra bem essa questão. Por meio dela, o local estende-se como uma

teia, penetra em outras esferas e descobre outros sentidos. Apesar do antagonismo, na globalização, o mundo tem uma configuração local, porque (o local) pode se transportar para qualquer lugar.

Sem desconsiderar o processo histórico de evolução da sociedade, vai haver sempre uma convivência natural entre os novos sujeitos cidadãos do mundo e aqueles que jamais vão arredar o pé de sua terra natal, porque ali foram gerados, nasceram e se criaram e, tudo indica que deverão também ali procriar e gerar outros seres que pensam igualmente como eles. É um processo social que permite a convivência entre as desigualdades e as diferenças dentro de um mesmo espaço físico. É compreensível que num mesmo lugar vivam sujeitos completamente conectados às novas tecnologias e outros que jamais saíram das redondezas ou que talvez nunca manuseiem um computador.

A região da fronteira é um território que revela tipos característicos. Alguns peões que habitam fundos de fazenda na região da fronteira sul do Brasil ou na centro-oeste “tocam o gado” e voltam para casa no fim do dia, às vezes, sem ter sequer tomado conhecimento do que os jornais, a TV ou o rádio anunciaram. Muitas das informações a que tem acesso são mediadas nos locais de paragem e descanso na estrada e dizem respeito às ações cotidianas que precisam ser desenvolvidas. Cabe saber o preço da arroba do boi e a oscilação da moeda e os preços dos produtos, ou seja, tudo aquilo que embora seja definido por variáveis de caráter internacional, mas que pode de algum modo, incidir diretamente em sua rotina de vida. Entre todos os meios, para este perfil de receptor, o rádio de pilha, ainda por muito tempo, vai matar qualquer fome de informação, até porque pode transportá-lo por onde andar, alimentando as rodas de conversas e entretenendo-o com a música, sempre uma boa companheira para todos os momentos. Mas muitos desses peões hoje têm também acesso à internet, porque as fazendas informatizaram seus registros e instalaram antenas para acesso à internet por rádio em suas sedes. O mesmo peão que manuseia o gado também pode ter acesso à rede.

As fronteiras formam um espaço político-econômico e social importante, pois nelas circulam não apenas mercadorias, mas pessoas de diferentes culturas e nacionalidades, constituindo um sistema de trocas e negociação em fluxo contínuo, dentro de um contexto que vai da globalização à regionalização. Entendemos que os veículos de comunicação desses lugares são espaços fundamentais de difusão de informações, formação de opinião e discussão de temas pertinentes a esta realidade que se caracteriza por ser um espaço de dimensão ambígua, pois ali reside o local de caráter nacional e internacional e ao mesmo tempo, o local que se refere às coisas próprias do lugar. É uma forma diferenciada de conceber o local, e esta

diferença reside no caráter de afirmar isto ou aquilo, dependendo da identidade acionada naquele momento. Nesta ambigüidade alojam-se elementos da cultura própria do lugar e da cultura do outro, da consciência de nação e de território e principalmente dos valores e interesses que temos em relação à causa que estivermos defendendo naquele momento. Estão contempladas aí também todas as relações estabelecidas neste espaço de convivência binacional, sejam pacíficas ou conflituosas.

Pesquisar a comunicação radiofônica nos espaços de fronteira que têm entre outras, estas características, é penetrar num mundo em que a diversidade e a riqueza do rádio adquirem proporções bastante significativas, principalmente quanto ao universo cultural, econômico e político, pois a programação das emissoras está estreitamente ligada a esse contexto sócio-histórico em que o veículo está inserido.

Crescemos ouvindo as pessoas dizerem ao nosso lado que nada se dá por acaso, pois tudo tem uma razão de ser. A razão de ser do rádio, especialmente do rádio de fronteira, é o local onde ele é produzido. É das ações e das práticas socioculturais que dali provêm, que ele se alimenta quanto ao conteúdo, assim como a economia do lugar o sustenta quanto à forma. O movimento do câmbio interessa para o rádio de fronteira porque é uma pauta interessante para o público ouvinte, mas é também para os administradores das emissoras porque isso determina o movimento da economia das empresas que patrocinam a programação da rádio. Vender idéias torna-se possível e mais fácil quando o câmbio está favorável.

O rádio, apesar do acesso da população às tecnologias de informação e comunicação, ainda possui uma grande importância simbólica e comercial nas regiões de fronteira. Comunicadores chegam a dizer que têm uma arma na mão, porque além de veicular a informação são responsáveis também pela difusão da língua, dos costumes, da música e da cultura de toda uma região de abrangência. Em muitos casos, o rádio é o único meio de informação e entretenimento para algumas pessoas. E, curiosamente, isso até lhes basta.

Num primeiro momento, importante como canal de comunicação entre comunidades mais afastadas, oficializou-se como o veículo dos recados rápidos. Em muitas emissoras AM alguns horários destinados à prestação de serviços ainda são sagrados, porque os recados veiculados são a única forma de comunicação imediata entre as pessoas, dependendo das distâncias em que elas se encontram. Regiões como Uruguaiana e Santana do Livramento ainda mantêm esses horários de utilidade pública básica como horário pago.

Mesmo com a expansão da TV e da internet a maior parte das regiões fronteiriças costuma utilizar o rádio como principal veículo de comunicação, mas com um caráter bem local, de cumprir uma função de serviço para a comunidade. O rádio se insere de tal forma nesse contexto, que vai reproduzindo e difundindo pelas formas simbólicas as práticas socioculturais dessa sociedade. O sentido de comunidade aparece muito forte em regiões de fronteira, porque essas áreas são quase sempre muito distantes de grandes centros e desprovidas de uma série de recursos como saúde e educação. E até nesse âmbito as emissoras de rádio atuam como elementos articuladores de informações que ajudam a amenizar as situações difíceis que ocorrem, a partir da realização de campanhas e da atualização constante de dados que possam servir para a resolução de problemas. Por ser um veículo dinâmico, de custo relativamente barato em relação aos outros meios, como a TV e jornal, o rádio torna-se acessível a qualquer faixa econômica ou classe social. Mesmo os avisos pagos não são inacessíveis e sempre há possibilidade de negociação, pois são cobrados geralmente pelo número de palavras.

As pessoas ouvem rádio em casa, no trabalho e no carro. E a maior parte delas o faz porque quer ficar sabendo o que se passa no lugar onde mora e nas imediações. Nesta última década as emissoras de TV têm dado uma cobertura maior dos fatos locais e regionais por intermédio das sucursais estabelecidas em algumas cidades do interior, inclusive fronteiriças. Mas essa cobertura ainda é acanhada e limitada por fatores como custo e tempo. A mídia impressa também acompanha o cotidiano dos fronteiriços, mas é um veículo notadamente urbano, que chega a um número mínimo de pessoas, principalmente pelo acesso e pela falta de hábito de ler de uma boa parcela da população. E o rádio tem custo mínimo para o ouvinte. Basta ligar e acompanhar a programação. Esse é um dos fatores principais que ajuda a manter a audiência.

A questão da integração está presente nas regiões da fronteira como elemento inerente a este espaço e ao mesmo tempo solidifica as relações entre povos e nações. Desse ponto de vista, o rádio bem como outros meios de comunicação local, exerce também o papel de ser um dos principais catalisadores dessa integração. Além da tarefa de comunicar, consegue realmente ser facilitador desse processo porque não se limita apenas ao espaço físico. Ao contrário, penetra em diferentes setores sociais, respeitando diferenças e deixando registrada a sua mensagem. Esse caráter popular e essa facilidade de acesso inclusive ultrapassando barreiras geográficas e políticas é próprio do meio. Isso possibilita também que as diferenças sejam mais bem assimiladas.

Por meio do rádio, nas regiões de fronteira percebemos que as idéias se difundem por territórios distintos e se alojam junto à cultura e à realidade do outro, desencadeando um movimento quase imperceptível, ou seja, à medida que deixa visíveis as diferenças, aponta também as semelhanças e identifica as variáveis. Propicia a discussão de problemáticas que são comuns à região ou contribui para gerar novas articulações em torno de práticas socioculturais pertencentes a este contexto. Isso aponta para a possibilidade de que o rádio de fronteira seja um dos porta-vozes das comunidades em que está inserido, qualidade que o indica como cooperador na construção das identidades dos fronteiriços.

A mídia como um todo e, portanto, o rádio está aí incluído, funciona como um lugar onde os saberes e as práticas socioculturais são representados e recriados. O que nós criamos é um referencial, uma entidade à qual nos referimos, que é distinta de qualquer outra e corresponde a nossa representação dela. Essas representações são incorporadas aos espaços e aos contextos socioculturais, reproduzidas de forma independente de modo a criar outras e novas representações. E, em relação ao conjunto de práticas socioculturais veiculadas pelo rádio compõem um ciclo contínuo, que ao mesmo tempo em que se repete, renova-se pela própria capacidade de recriação (MOSCOVICI, 2003, p.90-95).

Esse ciclo é mutável e se altera conforme o tempo e as condições de experiência a ele relacionadas. É um fenômeno natural, mas flexível, um sistema, que se manifesta por meio de representações presentes também no discurso radiofônico. Se migrarmos essa idéia para o plano do rádio na web, podemos pensar que as representações criadas pelo rádio de fronteira não escapam a essa origem, ao contrário, estão fortemente arraigadas a ela. Mesmo dentro de uma idéia de mídia sem fronteira, essas representações, que geralmente são oriundas de elementos ligados a outras representações locais, circulam também em um ambiente mundial e desterritorializado. Desse ponto de vista, as práticas socioculturais, dependendo do espaço em que transitam, podem ser vistas, assimiladas e até apropriadas de diferentes formas. Por isso, essa nova forma de apresentação da fronteira tem uma relação umbilical com a questão da cultura. A linha imaginária e invisível concebe-se como um espaço de convivência entre culturas que às vezes nem imaginávamos existir. Não há limites para esse consumo e para essa apropriação, determinada pelo curso natural do que nos permite a tecnologia contemporânea.

E a propósito disso, vale refletir no que nos conduz o pensamento de Orozco Gomes (2006, p.83-84) quando afirma “que muitas mudanças que estamos presenciando [...] não se devem ao potencial tecnológico mais recente [...] mas sim, à extensa presença das mídias e



tecnologias nascidas na modernidade”. O que parece claro nesta concepção é que existe na sociedade contemporânea uma centralidade da mídia, assim como existe uma centralidade da cultura na sociedade. Portanto, cultura e mídia estão fortemente vinculadas pela sua natureza e função e correspondem a um movimento natural das relações e fluxos por que passa essa sociedade. Assim, o rádio como uma mídia local acompanha também as transformações tecnológicas, abrindo novas possibilidades quanto as suas funções, mas não deixa de cumprir suas principais atribuições de meio local.

Exercitando a liberdade de pensar a partir das observações feitas acerca das rádios de fronteira, pode-se escrever mais livre de amarras, deixando fluir um texto que revela nesta parte não só aspectos que primeiro eram impressões pessoais, para se tornar logo a seguir constatações científicas, reflexões, fruto das interlocuções com produtores, repórteres e locutores de rádio, baseando-se ainda na própria programação das emissoras.

Os veículos de comunicação são imprescindíveis na condução de um diálogo com a sociedade, pois representam hoje uma esfera pública importante, onde circulam as pautas mais emergentes. Falar dessa comunicação é referir-se a uma instância de poder, representada pela mídia. Ao debater essas temáticas ou ao deixar de fazê-lo, ela automaticamente direciona o curso e dá o tom da maior parte das discussões. Escolher um determinado ângulo para abordar um assunto, deixar de mencionar um ou outro aspecto da informação que poderia causar algum tipo de impacto ou decidir-se por revelar este aspecto não é apenas uma questão de edição, é também um procedimento que implica uma relação política de contexto onde influem o senso crítico, a ética, a ideologia e as relações de poder.

A principal consequência dessas discussões é a influência sob outras instâncias de decisão fora dos veículos de comunicação, principalmente nos campos da política e da economia. O que se observa nas emissoras de rádio estudadas é um notável zelo quanto aos assuntos que dizem respeito à própria fronteira, ou seja, os apresentadores de programas e repórteres selecionam com muito cuidado as informações e os comentários transmitidos, para que não venham ocasionar problemas, principalmente em relação ao país vizinho, pois se isso acontecer, o impacto é imediato na região, podendo se expandir para outras instâncias.

Deixar de dizer, dizer só uma parte e o modo de dizer são os três princípios básicos que um locutor deve conhecer para exercer a sua profissão. Isso não está escrito em nenhum manual como regra, não é ensinado por ninguém aos aspirantes ao ofício, mas resultado de uma prática que se estabelece dentro do contexto. Quando este locutor é de uma emissora de fronteira, os cuidados em relação ao exercício dessa prática devem ser redobrados, pois o

nível de repercussão quanto ao conteúdo das falas mexe com interesses que não dizem respeito apenas ao espaço local, mas a um âmbito que envolve nações e soberania. E tanto é real, que os próprios profissionais a admitem e a justificam dentro de uma política de boa vizinhança, ou seja, nenhum deles quer perder o emprego, ser perseguido ou causar um problema diplomático entre nações por causa de uma informação dada.

Desse ponto de vista, a operacionalidade da informação no rádio de fronteira estaria sendo determinada não pelo princípio da verdade acima de tudo, mas por outro procedimento, ou seja, aquele fruto de princípios que correspondem ao bem-estar, à paz e às boas relações entre países e que permitem manter a convivência serena entre os povos. Essa situação não significa que haja insegurança ou medo, mas um estado permanente de respeito, atenção e zelo da mídia de fronteira em relação aos temas que se referem à nação vizinha. Tal atitude não corresponde à manipulação da informação ou sua omissão, mas a um trato diferenciado das mensagens emitidas, o que se pode denominar aqui de estado de vigília, por duas razões. A primeira é esse cuidado constante que o radialista tem quando fala na rádio sobre questões que implicam principalmente os dois países e a outra é a preocupação constante em alimentar a programação com assuntos que interessem à faixa de fronteira. O radialista de fronteira precisa visualizar essa questão como importante para o exercício profissional e compreender logo que o seu senso profissional do fazer radiofônico passa por noções que radialistas de outros lugares não precisam ter em mente o tempo todo. O fator preponderante para esta consciência é o contexto, a região em que a rádio está inserida, porque ali pode sentir-se imediatamente o impacto e dar-se o embate corpo a corpo não só dos governos, mas também dos habitantes do lugar.

Outra prática comum é o fato de radialistas brasileiros cruzarem a linha de fronteira para fazer rádio do outro lado. Isso amplia ainda mais as noções antes referidas, pois além de conhecerem a realidade do país de origem precisam redobrar a vigilância radiofônica, pois estão trabalhando em uma emissora de outro país e, literalmente, ocupando o espaço de um profissional nativo, o que sempre gera controvérsias. Diz-se que esta seria uma atitude antiética, pois os brasileiros estariam invadindo o espaço profissional alheio. Brasileiros cruzam a fronteira para fazer rádio no Paraguai, na Argentina, na Bolívia e no Uruguai, mas o inverso não acontece porque a lei brasileira não permite. Pode-se dizer que embora se aponte esta atitude como inadequada, os radialistas brasileiros indicam motivos suficientes para justificar sua prática: há espaço para estes profissionais e carência nos países vizinhos e a lei permite. Embora as justificativas sejam aceitáveis e esses profissionais atuem com

tranqüilidade em rádios estrangeiras ou bi-nacionais, sendo até bem aceitos nas comunidades de fronteira, não estão imunes a comentários que mencionam o fato de estarem ocupando um lugar que, na realidade, não seria deles.

Nas sociedades de fronteira foram se criando mecanismos dentro de uma tradição do pensamento local que privilegia a percepção do coletivo, da troca e da cumplicidade nas relações de poder. Cabe aos meios de comunicação, por intermédio das falas de seus locutores, organizar os fluxos de seus discursos, pois daí também decorrem muitas das respostas, decisões e fazeres no sistema social. Assim, as emissoras de rádio de fronteira, ao mesmo tempo em que precisam gestar a comunicação que chega até elas, precisam reelaborar o seu fluxo interno, administrando as influências e as intervenções que isso possa significar no conjunto da sociedade. Portanto, as suas relações com o contexto e a velocidade com que este responde às formas de comunicação delas determinam o grau e as formas de sua operabilidade. Nesse desenvolvimento, constroem-se sentidos e limites que circulam diariamente dentro de uma dinâmica que envolve poder, política, economia e cultura.

O resultado pode traduzir-se no conjunto da sociedade fronteiriça, pois é visualizado nas instâncias de poder, que não está limitado a algo particular, mas a uma situação de troca que é a garantia de certa ordem vigente, de um conjunto de obrigações que imperam naquela sociedade e regulam o sistema social. Assim, o poder está ligado a um código próprio daquele lugar, e que corresponde a ações coerentes ao que rege este código, que, ratifica-se, não está impresso em nenhum lugar, pois se refere à conduta dos cidadãos, não a normas redigidas sob forma de uma lei. A contínua exposição a este tipo de poder, por mais estranho que possa parecer, pode criar formas de identidade nas experiências que são vivenciadas cotidianamente.

Em consequência dessa identidade, os cidadãos da fronteira reconhecem, facilmente pelos discursos e familiaridade com o código, as práticas comuns no ambiente e fazem uso delas, propiciando a interação e facilitando os relacionamentos, dentro de uma expectativa coerente com aquilo que conhecem e vivenciam. Do mesmo modo, as rádios reconhecem esse código, transitam por ele e o legitimam, bem como (legitimam) as instâncias de poder.

O poder do Estado, no sentido de defesa da soberania, foi exercido também em relação aos meios de comunicação. O rádio foi o primeiro veículo eletrônico instalado nessas regiões com o intuito de funcionar como barreira eletrônica<sup>4</sup> e proteção das fronteiras nacionais no

---

<sup>4</sup>Por essa razão, as emissoras de fronteira são muito antigas, como a Rádio Cultura de Foz do Iguaçu (1956), a Charrua, de Uruguaiana (1936), a Cultura de Santana do Livramento (1946), a Difusora de Corumbá (1936) entre outras.

que diz respeito às influências externas quanto à língua, à cultura e à informação. Ao longo do tempo “o aumento de potência das rádios e a liberação de diversos canais de televisão [...] ocuparam espaços reconhecidamente críticos e que estariam mais suscetíveis às influências estrangeiras, tornando-se [...] mais protegidos da dominação” (PEREIRA, 1995, p.42-43). Assim, o Estado permite o desenvolvimento econômico e, de certa forma, inibe conflitos, marcando também sua instância de poder. E o rádio ultrapassa os limites estabelecidos pela geografia, difundindo a sua programação por terras de duas ou mais nações, como é o caso de Uruguaiana-Libres, divisa com a Argentina, mas limitando-se também com o Uruguai mais ao sul.

Por ter um papel diferenciado, pois precisa dar conta da comunicação e dos anseios que comunidade deposita nele; por reconhecer a visibilidade que certos temas alcançam quando expostos na mídia, o rádio também pode ser uma instância de poder, diferente do Estado, mas não menos significativa, porque é articuladora de idéias e produtora de sentido.

Em alguns lugares o rádio funcionou por muito tempo como a única forma rápida de comunicação inclusive entre as comunidades. Era comum nas emissoras AM, e ainda hoje são reproduzidos, os avisos às pessoas residentes no interior, que continham as mais variadas mensagens, como participações de nascimento e falecimento, convites para festas, recados pessoais, avisos de compra e venda, hospitalização de parentes, agenda de encontros, confirmação de negócios, etc. Essa prática de ordem informativa transformou-se numa prática cultural que não apenas define um modo de vida como contém os indicativos de uma cultura local que continua em evidência mesmo em tempo de telefone celular e internet. As tecnologias não estão disponíveis para todos em todos os lugares, razão pela qual o rádio continua mantendo um papel importante nas relações culturais e sociais entre as comunidades.

À medida que vai se estudando a relação das rádios no contexto das fronteiras, torna-se mais claro o processo que mostra elementos que fortalecem a idéia de que a cultura de fronteira está presente no rádio dessas regiões. Há de se ressaltar que aquilo que se ouve no rádio não é simplesmente a mistura de culturas de duas nações que produziram outra cultura, mas a manifestação de identidades e de práticas socioculturais que vão se construindo e se alicerçando pela convivência de povos e comunidades distintas, que se aproximam pela força das necessidades econômicas, das necessidades sociais e da geografia da região.

A partir dessas considerações, situamos agora o rádio dentro de um contexto social e histórico específico para melhor compreender futuramente porque determinadas práticas

socioculturais se encontram presentes na programação das emissoras de rádio da fronteira estudadas.

### **1.3 Fronteiras Sul e Centro-Oeste do Brasil**

O Brasil apresenta uma longa faixa de fronteira nos estados do norte, centro-oeste e sul e no lado leste sua fronteira é um mar de águas: o Oceano Atlântico. Mas o que nos interessa pensar aqui são as fronteiras nacionais localizadas nas faixas de terra das duas regiões citadas.

Os livros, principalmente os de geografia e história, ensinam que a fronteira é o lugar de limite do espaço físico entre duas nações, demarcado geralmente a partir de acordos assinados depois de lutas e guerras muitas vezes sangrentas. Algumas das demarcações continuam a ser contestadas mesmo depois dos acordos oficiais terem sido assinados. A região é sempre um espaço de tensão porque ali subsiste a idéia da conquista ou da invasão do outro território. É, portanto marcada por conflitos de toda ordem, que vão desde a questão da imigração e das barreiras a produtos importados até o combate ao narcotráfico. É nas áreas de aduanas que são sentidos também os primeiros impactos nas crises políticas e econômicas e ainda o poder da soberania nacional e do protecionismo do território.

Algumas fronteiras brasileiras são alvos constantes de manifestações e protestos, como por exemplo, a fronteira do Brasil com a Argentina em Uruguaiana-Paso de los Libres (Fronteira Sul), a fronteira do Brasil com o Paraguai em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e a fronteira do Brasil com a Bolívia em Corumbá-Puerto Quijarro (Fronteira Centro-Oeste), entre outras que não são foco neste trabalho, como Foz do Iguçu-Ciudad del Este, na fronteira do Brasil com o Paraguai, no Sul. A divisa do Brasil com o Uruguai, fronteira seca entre Livramento-Rivera, no sul do Brasil, importante principalmente pelo comércio, é a mais calma de todas e reconhecida por isso como “fronteira da paz”.

Uruguaiana-Libres é local de grande fluxo de caminhões e o controle é rigoroso, principalmente para impedir o comércio ilegal de armas e o tráfico de drogas, o maior risco em qualquer fronteira. Por isso, intensificou-se o controle de trânsito a partir de 2006, principalmente no lado argentino para evitar o ingresso de brasileiros ilegais naquele país. É conhecido como o caminho do Mercosul, pois passam nesse corredor diariamente dezenas de caminhões com destino a outros países da América Latina, levando ou trazendo produtos de exportação.

Em fins de 2006, a CPI do Tráfico de Armas, em Brasília, apresentou resultados<sup>5</sup> que indicam as fronteiras brasileiras do sul, do centro oeste e do norte, como pontas do contrabando de armamento. A fronteira da Bolívia com o estado brasileiro de Mato Grosso do Sul é uma das mais importantes e também vigiadas, pois por ali passa o gasoduto que introduz o gás boliviano no Brasil e a soja, produto exportado para o Brasil por meio de terminais graneleiros situados em Puerto Quijarro e Puerto Suárez. Essa região também é de conflitos em decorrência da compra de terras bolivianas por brasileiros em áreas proibidas<sup>6</sup>.

Nesta parte do estudo apresentamos sinteticamente cada uma das fronteiras estudadas, procurando dar uma visão geral do contexto sócio-histórico onde se localiza nosso objeto de estudo, ou seja, o rádio de fronteira que está na web e as práticas socioculturais representadas na sua programação.

### **1.3.1 Fronteira Sul : Livramento-Rivera e Uruguaiana-Libres**

Santana do Livramento situa-se na região da Campanha, no Rio Grande do Sul, distante 495 quilômetros de Porto Alegre, a capital do Estado, e a 541 de Montevideú, capital do Uruguai, país com o qual faz divisa, através de Rivera. As duas cidades são separadas apenas pela Avenida João Pessoa e esta é conhecida como a “fronteira da paz” e por ser “*la mas hermana de todas las fronteras del mundo*” e “cidade símbolo da integração do Mercosul<sup>7</sup>”.

A fundação de Santana de Livramento ocorreu em 30 de julho de 1823, quando foi erguida a capela de mesmo nome. Tornou-se município em 1857, separando-se de Alegrete, a quem pertencia, mas a demarcação definitiva das terras só ocorreu em 1862, para que fossem estabelecidos os limites com o Uruguai. Os primeiros habitantes da região foram os índios charruas e minuanos e os jesuítas espanhóis, os primeiros europeus a morar na região, história não muito diferente de outras regiões próximas como as Missões. Os jesuítas foram os responsáveis por introduzir a religião na vida da população e a atividade com o gado, que

---

<sup>5</sup> Fonte: Jornal Zero Hora, Porto Alegre (3 de dezembro de 2006, p. 50-51)

<sup>6</sup> Em território boliviano é proibida a posse de terras por estrangeiros em uma faixa de 50 Km a partir da fronteira. A área comprada por brasileiros corresponde a 1,2 milhão de hectares na Bolívia, abrangendo reservas florestais e terras indígenas localizadas em Puerto Quijarro, Puerto Suárez e El Cármen, segundo reportagem publicada no Jornal Zero Hora, Porto Alegre (3 de dezembro de 2006, p. 50-51).

<sup>7</sup> Denominação do município segundo o site da Prefeitura Municipal. Disponível em: <http://www.santanadolivramento.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2007.

mais tarde se desenvolveu no território uruguaio. Depois, vieram os portugueses e italianos e no final de 1818 foram distribuídas as primeiras sesmarias para fins de pecuária.

O povo de Santana de Livramento distinguiu-se pelo espírito de luta, participando da Guerra Cisplatina, da Revolução Farroupilha e da Guerra do Paraguai, ocasião em que recebeu a visita do Imperador D. Pedro II. O município não aceitou muito bem a Proclamação da República e por isso, de 1891 a 1895 participou constantemente de movimentos revolucionários. Sua área territorial é de 7.001 quilômetros quadrados e vem se mantendo inalterada desde 1857.

Já Rivera, a sede de um dos 19 Departamentos do Uruguai, surgiu bem mais tarde, em 7 de maio de 1862, com o nome de Vila de Ceballos, a partir de dois agrupamentos de casas, uma estratégia do governo uruguaio para proteger a linha de fronteira, impedindo que os brasileiros avançassem no território vizinho. Um dos grupos foi posicionado em frente a Santana do Livramento, principal caminho dos tropeiros, e o outro se localizou no ponto de chegada dos viajantes, vindos de outros municípios gaúchos, como Alegrete e Uruguaiana e dos uruguaios, San Eugênio e Salto.

A cidade de Rivera só foi elevada à categoria de cidade em 20 de julho de 1867, quando nela residiam apenas 400 pessoas, sendo que hoje concentra 57% da população de todo o Departamento. O nome Rivera foi herdado como homenagem a um personagem histórico: José Fructuoso Rivera<sup>8</sup>, responsável pelas principais lutas pela independência do Uruguai. Em 22 de dezembro de 1936, Rivera foi proclamada cidade turística por uma lei nacional. Mas são os seus *free shop* os responsáveis pelo grande número de pessoas que visita a cidade diariamente, atraídas pelos importados, principalmente em períodos de desvalorização do dólar.

As atrações em Rivera estimulam também a atividade turística em Livramento, impulsionando o movimento dos hotéis e restaurantes, não mais apenas nos fins de semana, mas diariamente. Ambos os municípios fazem parte de uma fronteira, cuja economia está baseada na agropecuária, no comércio e no turismo. Indústrias do vinho, como a Almadén, a Santa Colina e a Cordilheira de Sant'Ana estão instaladas na região.

---

<sup>8</sup> José Fructuoso Rivera foi um militar e político uruguaio que destacou-se pelas lutas pela independência, sendo o primeiro presidente a República entre 1830 e 1834. Chefiou também a Revolução de Julho de 1836, retomando cargo de 1838 a 1843. Chefiou o partido liberal dos colorados e participou de diversas lutas políticas. Em 1853 tomou parte da rebelião que derrubou o governo Francisco Giro e integrou a junta governista.

A cidade-gêmea de Livramento pertence a um Departamento que se destaca pela produção de tabaco, vinho, soja e citros, e pelos rebanhos de gado bovino e ovino. O couro e a lã são famosos pela qualidade e estão entre os itens industrializados com selo uruguaio, mais procurados nas lojas de vestuário de Rivera. Mas ainda é a co-irmã brasileira que possui o maior rebanho de ovinos do país.

Enquanto Livramento se destaca turisticamente pelo Parque Ecológico do Ibirapuitã, Rivera conta com o Parque Municipal Gran Bretaña, declarado monumento histórico em 1981. Está localizado a sete quilômetros do centro numa área de 50 hectares. Mas são as praças públicas e parques de Livramento-Rivera, como a Praça Internacinal, que comumente são utilizados como espaços de convivência entre as duas cidades e palco de eventos sociais e culturais, o que assegura um intercâmbio direto entre os habitantes da fronteira e das suas práticas socioculturais.

Entre os eventos mais importantes e que normalmente integram as cidades-gêmeas destacam-se o Carnaval Internacional, que começa num país e termina em outro, o Festival Internacional de Pandorgas<sup>9</sup>, o desfile gaúcho de Vinte de Setembro, um dos maiores do estado do Rio Grande do Sul, a Festa do Cordeiro e do Vinho, acentuando a vocação econômica de produtos típicos da região, e a realização do Festival de Música Nativista Martín Fierro<sup>10</sup>. Outra forma de convivência social acontece na rua Sarandi em Rivera, onde há um grande número de restaurantes e bares. O hábito de comer a *parrillada*<sup>11</sup> já faz parte da cultura local e é uma marca da “fronteira da paz”.

Livramento-Rivera é uma fronteira tranquila, um conglomerado urbano importante, mas que guarda características de interior, fortemente arraigada àquilo que é tradicional. Como toda região de fronteira, o lugar aprendeu a encontrar soluções para as questões mais importantes, uma espécie de auto-suficiência que carrega consigo também a queixa ao abandono, mencionado por todos os que moram em regiões como essa.

---

<sup>9</sup> O Festival de Pandorgas é uma tradição a cada Sexta-Feira Santa, quando as pessoas costumam sair cedo de casa para empinar pandorgas (papagaios) nos cerros da região. Com um farnel na mão e a pandorga pendurada nas costas vão praticar o esporte longe dos fios de eletricidade. O costume é uma tradição espanhola da região de Valencia, trazida para a fronteira pelos espanhóis que chegaram ali pelo porto de Montevideu em algum momento do século passado.

<sup>10</sup> Martín Fierro é um poema argentino, de José Hernández, muito conhecido pela sua proposta de narrar o caráter independente e heróico do *gaucho* dos pampas. Apresenta a forma de falar dos *gauchos*, o que contribuiu para a sua popularidade.

<sup>11</sup> Parrillada é um prato típico do Uruguai e da Argentina, feito a partir das carnes menos nobre do boi, servidas sobre uma chapa à mesa.



Não muito distante de Livramento-Rivera, a 240 quilômetros, está outra fronteira brasileira: Uruguaiana-Libres, integração entre gaúchos-brasileiros e argentinos. Quem chega à Uruguaiana<sup>12</sup> das ruas largas e planas com intenso trânsito de bicicletas, logo percebe a presença de uma espécie de personagem marcante na história dessa fronteira: o rio Uruguai, que margeia a cidade.

A história de Uruguaiana começa por um antigo porto fluvial, aberto pelos missionários e jesuítas, chamado Sant'Ana Velha, em homenagem a padroeira da região. Esse era o único lugar do rio que dava passagem aos tropeiros, o que não demorou a se transformar num pequeno povoado, que foi extinto em 1840 por causa de uma enchente, o que obrigou os moradores do lugar a se estabelecerem num local mais alto, onde hoje está a cidade de Uruguaiana.

Na conquista dos limites do território brasileiro, Uruguaiana representou um ponto importante para as lutas, destacando-se como o local onde se deu o ápice da Guerra do Paraguai, conhecido como Rendição de Uruguaiana<sup>13</sup>. O episódio transcorreu em 18 de outubro de 1865 e teve a participação de D. Pedro II, do presidente da Argentina, Gal.Bartolomé Mitre e do governador provisório do Uruguai, Gal.Venâncio Flores.

Nos anos de 1840, na época da enchente, o Rio Grande do Sul estava em pleno episódio da Revolução Farroupilha e do outro lado do Rio Uruguai, na Argentina ouvia-se os ecos da luta pela independência de Corrientes. No ano de 1846, no dia 29 de maio, Domingos José de Almeida publicou um decreto elevando a localidade à categoria de Vila, chamada de Uruguay- Ana, data que hoje se comemora o aniversário do município.

Paso de los Libres, a cidade fronteira com Uruguaiana, está situada na Província de Corrientes, no extremo Oeste da Argentina, às margens do rio Uruguai. Sua data de fundação é 12 de setembro de 1843, articulada pelo General Joaquim Madariaga, quando o local era formado apenas por um conglomerado de casas, mas representava o único núcleo urbano na região argentina, e que tinha a função de fazer o controle das cargas exportadas e importadas do território brasileiro. O povoado era também o responsável pelo controle fluvial do rio Uruguai, hoje é um dos principais portões de entrada do Mercosul.

---

<sup>12</sup> Uruguaiana foi fundada em 29 de maio de 1846 por decreto de Domingos José de Almeida que elevou a localidade à categoria de Vila. É nesta data que se comemora o aniversário de Uruguaiana.

<sup>13</sup> Depois de terem ocupado Uruguaiana sem grande resistência em 5 de agosto, o general paraguaio Antônio Estigarribia e seu destacamento de 5.515 homens foram cercados pelos exércitos da Tríplice Aliança, constituídos de 12.393 brasileiros, 3733 argentinos, 1220 uruguaios. Intimidados à Rendição, os paraguaios capitularam, sem combater, às 15 horas daquele dia.

Paso de los Libres tem 45 mil habitantes e sobrevive basicamente do comércio, da produção de carne e derivados, e da agricultura, ramo em que se destaca pela cultura do arroz. O rebanho bovino é de qualidade, impulsionando os negócios do setor coureiro-calçadista. O arroz, a lã e o gado, também são os principais produtos de Uruguaiiana, que possui uma população de 127 mil habitantes, e destaca-se ainda por um forte comércio local, apesar do câmbio internacional atualmente estar favorável para as compras em Libres, Argentina.

A proximidade de Libres com Uruguaiiana aumenta a partir da construção da Ponte Internacional Agustín Pedro Justo-Getúlio Vargas<sup>14</sup>, inaugurada em 25 de maio de 1947, o que veio facilitar a circulação de pessoas e o comércio entre as duas cidades, e principalmente transformar esta fronteira num local importante para o acesso a outros países, como o Chile, com quem tanto a Argentina como o Brasil mantêm relações econômicas e culturais. Hoje, em ocasiões de movimento intenso como no final da tarde e próximo do meio-dia é comum registrar congestionamentos de caminhões em cima da ponte. Caminhão é o tipo de veículo que mais se encontra trafegando naquele local, pois o maior porto seco da América Latina está localizado na fronteira Uruguaiiana-Libres, onde se registra um grande volume de negócios de exportação e importação de cargas.

São centenas de caminhões que cruzam a fronteira dia e noite transportando parte do que se comercializa no Mercosul. A média diária no ano passado foi de 667 caminhões - que chegam a esperar de cinco a doze horas no local para seguir viagem pela Ruta 14 com destino aos demais países do Mercosul - o que totalizaria no ano 243 mil e 411 caminhões trafegando pela ponte. Há dez anos foi determinado pelo Mercado Comum do Sul a unificação das aduanas, com a intenção de desburocratizar e tornar mais ágil o trânsito das cargas e das pessoas. Só no ano de 2006 foi movimentado um total de seis milhões e meio de dólares nesta fronteira com as importações e exportações. Desde abril de 2007, quem pretende ingressar na Argentina precisa ter a Carta-Verde, um seguro<sup>15</sup> internacional para carros, motos e caminhonetes com placas estrangeiras, exigido inclusive dos proprietários de veículos residentes em Uruguaiiana e que costumam circular quase que diariamente por Paso de los Libres.

Culturalmente, a marca de Uruguaiiana é a Califórnia da Canção Nativa e o Carnaval. A Califórnia, produzida a partir dos valores e das origens da terra tornou-se o maior festival

---

<sup>14</sup> O nome faz uma homenagem aos ex-presidentes dos dois países que negociaram a sua construção, por muitos anos inviabilizada pelos governos, por causa da questão da segurança nacional e hegemonia do Brasil e da Argentina na América Latina.

<sup>15</sup> O documento tem um custo a partir de R\$ 45,00 mensais, considerada a data de dezembro de 2008.

de música nativista do Estado, e o Carnaval, que tem como referência a cultura nacional, é considerado um dos maiores carnavais de rua do Estado, reunindo as escolas de samba locais na Av. Presidente Vargas. Há cerca de cinco anos, ele tem sido realizado como evento fora de época, normalmente em março, ocasião em que se pode encontrar em Uruguaiana personalidades do carnaval carioca, contratadas para incrementar a apresentação das escolas de samba locais, que disputam acirradamente a pontuação pelo primeiro lugar. A cidade de Libres também realiza seu carnaval em outro período diferente da data em que é comemorado no Brasil, quase sempre na segunda semana de janeiro. Com estas escolhas, as cidades irmãs costumam integrar-se em festas como estas, e comemorar o carnaval duas vezes no mesmo ano.

Libres e Uruguaiana vivem a rotina da maioria das cidades de fronteira brasileiras, no que diz respeito ao intercâmbio diário de produtos e relações sociais e culturais. Quando o câmbio está favorável para uma, é a outra que migra em busca de facilidades e economia na hora da compra. E nesse ir e vir vão se estabelecendo identidades e aproximações da ordem, social-cultural. Hoje, a oscilação da moeda está favorável para as compras em Libres por brasileiros, principalmente uruguaianenses que aproveitam a baixa do dólar para adquirir produtos argentinos, desde alimentos como vinhos, doce de leite, alfajor, cerveja de litro, até gasolina e vestuário. Assim que o comércio fecha em Uruguaiana, uma boa parte da população dirige-se a Libres, onde por causa da sexta<sup>16</sup> as lojas ficam abertas até oito da noite. Depois das compras, os brasileiros lotam os restaurantes e bares para saborear a *parrillada* e massas correntinas ou divertir-se no cassino Rio Uruguay no centro da cidade.

### **1.3.2 Fronteira Centro-Oeste: Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro**

A formação dos municípios da fronteira de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e a Bolívia está ligada à exploração da erva-mate e o aproveitamento do porto fluvial do Rio Paraguai, principalmente Ponta Porã e Corumbá, que representam hoje fronteiras pólo importantes.

Ponta Porã situa-se a 328 quilômetros da capital de Mato Grosso do Sul e tem 67 mil habitantes. Está localizada entre as bacias dos rios Paraguai e Paraná e faz divisa com o

---

<sup>16</sup> Período de quatro horas de descanso após o almoço, quando todas as repartições públicas e comerciais permanecem fechadas, só reabrindo às 16 horas.

Paraguai, por Pedro Juan Caballero, a capital do Departamento de Amambay, distante 565 quilômetros da capital do país, Assunción. Não existem marcos ou aduanas para regular a circulação de pessoas ou produtos no local, fazendo com que a linha divisória de 13 quilômetros entre as duas cidades se torne imperceptível, facilitando as compras, o convívio diário, a aproximação lingüística e as trocas culturais. Entretanto, à noite, a Avenida Internacional que separa as cidades-gêmeas se transforma numa “terra de ninguém”, fica praticamente deserta e a mercê dos acontecimentos. Uma das preocupações das autoridades com o local é em relação à facilidade da violência, ao contrabando de carros e armas, tráfico de drogas e à marginalidade.

Assim que amanhece, a fronteira de Ponta Porã com Pedro Juan Caballero se enche de gente atrás dos importados. Um grande shopping popular – Shopping do Mercosul, semelhante a um camelódromo, formado por barracas que se confundem entre brasileiras e paraguaias, está localizado bem na divisa dos dois países, na área central da cidade. Muitos outros *free shops* fazem circular milhares de pessoas por dia nas ruas centrais de Pedro Juan Caballero, mas o maior deles está situado fora do centro, o famoso Shopping China, com uma área estimada em mil metros quadrados. Portanto, a sustentabilidade desta fronteira está ligada ao comércio e à agricultura.

A fronteira Ponta Porã-Pedro Juan Caballero guarda também muitas semelhanças com Santana do Livramento-Rivera. Não só porque em Ponta Porã residem muitos gaúchos que estão entre aqueles que se deslocaram para o Mato Grosso, principalmente na década de 70, em busca de riqueza por meio de exploração da terra. Lá as terras valiam menos em relação aos valores do Rio Grande do Sul, comprava-se o dobro pelo mesmo valor. A semelhança entre as duas fronteiras está na constituição física, no tamanho e na movimentação. Ponta Porã é hoje a quinta maior cidade do Mato Grosso do Sul, com 66 mil habitantes, e o município é o primeiro do Estado em produção de trigo e o terceiro de soja e algodão.

O local não oferece muitas atrações turísticas, mas os governos dos dois municípios têm se reunido ultimamente para pensar alternativas que possam aproveitar as potencialidades desta fronteira, além das compras. Pedro Juan Caballero é a capital do Departamento de Amambay e fica distante 565 quilômetros da capital, Assunção.

O município de Corumbá tem suas origens em 1778, no governo de Luiz Albuquerque de Mello, quando foi fundada a povoação de Albuquerque, atual cidade de Corumbá, hoje com 100 mil habitantes, localizada na planície pantaneira. Faz divisa com Puerto Quijarro, Bolívia e está 426 quilômetros distante da capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

As atribuições dadas ao termo corumbá na língua tupi-guarani falam de um lugar distante e esquecido e de banco de cascalho. A região é marcada pela etnia indígena, onde está concentrado um grande número de tribos com sua cultura particular. Isso também não é muito diferente no território ao lado, em quase toda a Bolívia. O município está localizado na área fisiográfica do Mato Grosso do Sul com muitas planícies alagáveis que formam a região do Pantanal, com elevações calcáreas de mármore e manganês, e pastagens. Está situado na área da Bacia sul do Rio Paraguai, na região centro-oeste do Brasil. Seus vizinhos mais próximos são, do lado brasileiro, o município de Ladário, e Puerto Quijarro, no lado boliviano.

Corumbá é a porta de entrada de turistas que se destinam à Bolívia, a oito quilômetros, por Puerto Quijarro, onde embarcam no famoso “Trem da Morte”, que vai para Santa Cruz de la Sierra, caminho de La Paz. Puerto Quijarro tem 15 mil habitantes que se confundem entre bolivianos e brasileiros. A cidade, como a Bolívia, é pobre e tem pouca infra-estrutura básica, inclusive com boa parte das ruas sem calçamento e esgoto a céu aberto. Mesmo com a Zona Franca de Puerto Aguirre, shopping de produtos importados que movimenta o comércio daquela fronteira e atrai turistas e visitantes que vão conhecer a região pantaneira, a cidade não dá conta da mão-de-obra ociosa, pois a zona franca limita-se à comercialização, sem nenhum tipo de produção industrial. Muitos bolivianos ingressaram no Brasil na expectativa de uma melhor qualidade de vida.

Uma das marcas de Corumbá é o rio Paraguai, cujo porto, na fundação da cidade emprestava suas margens para ancorar navios de todas as partes do mundo com destino a Assunção, Montevideu e Buenos Aires, marcando a cidade como um importante local de comércio internacional de produtos alimentícios e manufaturados. Era um centro distribuidor de produtos. A região histórica da cidade, hoje preservada, é uma demonstração da grandiosidade dos seus primórdios. Depois do ciclo de pólo distribuidor de produtos, fortaleceu-se economicamente pelo comércio de gado e instalação de fazendas<sup>17</sup> e extração mineral de minério de ferro e manganês, abrigando grandes mineradoras.

Hoje Corumbá é voltada para o turismo, sendo a pesca uma das principais atividades ligadas ao setor. Muitas empresas exploram o ramo com barcas, hotéis e fazendas. A construção do gasoduto, a usina termoelétrica e a ligação rodoviária com o restante do Brasil, depois da inauguração da ponte do rio Paraguai, aproximaram Corumbá de outras regiões. O

---

<sup>17</sup> Corumbá tem hoje o maior rebanho bovino do país.

pantanal abriu-se para o mundo, mas o homem pantaneiro – aquele que mora no campo – é o responsável pela preservação da cultura pantaneira.

Todos os aspectos da vida econômica e cultural estão ligados de alguma maneira ao pantanal e às águas, como os Jogos Internacionais de Aventura, a festa da padroeira da cidade de Corumbá, Nossa Senhora da Candelária, a Mostra Corumbá-Santuário Ecológico da Dança, Festival América do Sul, Festival Pantanal das Águas e o Carnaval de rua, o mais concorrido da região centro-oeste. Em Pedro Juan a devoção religiosa também é uma marca. A imagem da padroeira do Paraguai, Nossa Senhora de Caacupé, pode ser vista em toda parte. Destaca-se também na região, a produção do artesanato, principalmente a partir do barro e da madeira, cuja temática são os bichos e a natureza local, o que se transforma também numa alternativa econômica para muitas famílias.

A questão da integração das cidades fronteiriças se dá muito mais pelo esforço dos seus governantes e mobilização da comunidade do que por leis federais que poderiam facilitar os trâmites de algumas questões. Saúde, vigilância sanitária, segurança pública são os setores que mais necessitam de apoio e atitudes integradas que acabam ocorrendo por força da vontade das autoridades locais, e válidas, pelo acordo entre as cidades fronteiriças apenas para aquela fronteira.

Mais evidente são as trocas culturais que automaticamente ocorrem entre bolivianos e brasileiros, seja pelas manifestações artísticas e festivais – como o Festival América do Sul - que envolvem os habitantes das duas cidades, seja pela convivência diária que se estabelece no ir e vir de um local a outro.

Observamos que tanto na Fronteira Sul como na Centro-Oeste os problemas e os envolvimento são praticamente os mesmos numa relação de vizinhança, tanto tratando-se de uma fronteira seca, como Livramento-Rivera e Ponta Porã-Pedro Juan, quanto fronteiras semi-conurbadas como Uruguaiana-Libres e Corumbá-Quijarro. Mas apesar dos problemas que envolvem sempre situações de tensão, a questão da integração ainda é o elemento mais forte e norteador das relações de cultura e identidade que perpassam as fronteiras e que é construída no coletivo.

## 2. RELAÇÕES ENTRE CULTURA E IDENTIDADE

As noções de cultura e identidade se entrelaçam, estão ligadas intimamente por um referencial e uma série de práticas socioculturais presentes no contexto social e histórico. A construção da identidade se dá no tecido social, portanto dentro de uma cultura. Ao mesmo tempo essa identidade acompanha e evolui com o fluxo das sociedades e as mudanças que vão se processando.

Quando reconhecemos uma identidade, percebemos uma cultura e um conjunto de representações comuns a um determinado local, grupo ou território. A cultura pode aproximar os sujeitos e produzir identificações entre eles, mas também pode provocar afastamento. Mas, nenhuma cultura é traduzível em outra (GARCÍA CANCLINI, 2005), pois embora haja entrelaçamentos, trocas e identificações, cada cultura guarda no seu patrimônio aspectos que são próprios apenas dela, por causa de sua formação. Esta afirmação é muito significativa quando pensamos na relação entre comunicação e cultura de fronteira.

A questão da cultura e das fronteiras tem sido tema de discussão em vários fóruns, perpassando a sua relação com a comunicação. Acreditamos que a cultura está presente em todas as práticas sociais. Tem relação com o avanço das tecnologias e com o processo de significação. Conforme García Canclini (2004, p. 34) *“la cultura abarca el conjunto de procesos sociales de producción, circulación y consumo de la significación en la vida social”*. Está situada num contexto que compreende também as relações econômicas, políticas e sociais que vão se estendendo e se modificando historicamente. Essas relações foram se tornando cada vez mais complexas, desde a globalização, a idéia do livre comércio, a abertura das fronteiras na década de 80 e o advento da conexão com a web, a tal ponto que hoje é comum perguntar a que cultura pertencemos e qual é a cultura dos outros.

Quando pensamos em uma cultura nacional, vem logo à mente a idéia da cultura ligada à noção de território. Mas esta é uma visão bastante tradicional. Precisamos considerar

que a cultura se transforma, se relaciona e se interconecta com outras culturas, estabelecendo nexos de interculturalidade. As fronteiras se abrem para o mundo, e pela globalização há o predomínio do mercado sobre as outras interações entre sociedade e cultura, sendo que grande parte disso foi propiciado pelas tecnologias. Inclusive, a relação de interdependência é maior quanto maior é a evolução tecnológica.

A sociedade contemporânea, pelas suas características, permite a transnacionalização da cultura e não tem como conceber a relação entre as culturas sem mencionar os seus cruzamentos. As interações são intensas no cotidiano e, por isso, é preciso estar ciente de como se dá essa relação. Estudando o cultural, percebe-se que há uma infinidade de culturas, mas não é possível olhar apenas os fragmentos deste sistema-mundo, onde há relações de totalidade e concentração dos mercados.

De acordo com García Canclini (2004, p.23) “*no se impone, como se temía hace años, una única cultura homogénea. Los nuevos riesgos son la abundancia dispersa y la concentración asfixiante*”. As diferenças de gêneros continuam existindo não só pelas desigualdades. As desconexões estão relacionadas às desigualdades na educação e na economia. E as teorias comunicacionais pregam que tanto a conexão quando a desconexão com os outros contribuem para nos constituirmos como sujeitos individuais e também coletivos. Assim, a interculturalidade permite olhar de modo mais abrangente os processos em que se dão as diferenças, as desigualdades e a desconexão.

Diante disso nos perguntamos como conceber a identidade de uma cultura de fronteira. Sabemos que os sujeitos hoje são cidadãos do mundo e por isso é preciso pensar em identidades no plural. Aquelas que se formam dentro de um processo coletivo e que se manifestam por meio das práticas socioculturais e que se estabelecem por meio de uma relação de interculturalidade, geralmente mediadas por algum tipo de meio de comunicação ou tecnologia. A propósito, García Canclini (2004, p.49) ressalta: “*Así, la tensión entre lo propio y lo ajeno, no lo propio aislado, configura las escenas de identificación y actuación*”. Quando se fala em cultura não se deve reduzi-la à idéia de hegemonia e subordinação. Hoje, a cultura é resultado de grandes combinações que incluem as diferenças. O acesso é desigual e mostra outras diferenças.

Para compreender uma sociedade é preciso compreender também o imaginário e suas narrativas, os processos econômicos e sociais. E de acordo com a antropologia e a sociologia, os hábitos culturais se formam depois de muitos anos. Não são, portanto, estímulo-resposta,



pois quando um estímulo é recebido, passa a se relacionar com as redes de experiências próprias de cada um.

A lógica dos especialistas não é a mesma que aquilo que se narra ou se imagina na sociedade. Portanto, a indústria cultural não consegue dar conta das práticas sociais e de todas as relações que perpassam a interculturalidade. Fazendo referência a uma citação de García Canclini sobre a questão dos povos indígenas (2004, p.55), relacionamo-la com a questão da cultura dos povos fronteiriços:

*[...] la intensa y ya larga interacción entre pueblos indígenas y sociedades nacionales, entre culturas locales y globalizadas (incluidas las globalizaciones de las luchas indígenas) hace pensar que la interculturalidad también debe ser un núcleo de la comprensión de las prácticas y la elaboración de políticas.*

Nas últimas décadas novos processos geraram novas exigências. O desenvolvimento histórico e tecnológico propiciou a interculturalidade, processos migratórios contribuíram para sua afirmação e a ligação entre aqueles que migraram permitiu a interconexão. Isso compromete e mexe com as identidades. Queremos manter um lugar, ocupar um espaço. Podemos ser atores, gerenciar as culturas multiculturais. Por intermédio dos meios tende-se a criar parcelas significativas de ação. O mais importante é reconhecer que precisamos conviver com outros diferentes. Afirmar a diversidade cultural é dar aval para que cada país defenda e propague a sua cultura.

É difícil definir diversidade. Mas é necessário cotidianamente gerar intercâmbios à distância. Os direitos da diversidade se confrontam com interculturalidade. Antes de construir políticas precisamos saber refletir sobre o que está se passando na sociedade. E não há melhor defesa das culturas sociais do que o fortalecimento das culturas endógenas. A preocupação pelo que há de sobreviver em culturas próprias tem que se fortalecer pelas pesquisas e políticas culturais e formação de públicos, pela educação, pois não há outra forma mais eficaz de intervir do que pela família, pela escola e pelos meios de comunicação. Hoje, a debilidade da esfera pública é a explicação para o crescimento do domínio do mercado. García Canclini (2004, p. 79) afirma: “*En un mundo globalizado no somos solo diferentes ou solo desiguales o solo desconectados. Las tres modalidades de existencia son complementarias*”.

Entende-se assim, portanto, que a interação entre os elementos e direitos de toda ordem, seja econômica, política, social e cultural, é fator relevante nesse processo, a fim de promover uma sociedade em que há espaço para diferentes, desiguais e desconectados se complementarem por meio de trocas e intercâmbios, mas cada um consciente do seu

patrimônio intercultural. Assim começamos a entender como se caracteriza uma cultura de fronteira e para isso pensemos na amplitude da cultura a partir de suas dimensões.

## **2.1 As dimensões da cultura**

Buscar um entendimento para a questão da cultura é mergulhar num poço conceitual muito profundo, pois as mais diversas áreas do conhecimento já se debruçaram e se utilizaram dela para destacar as suas relações, especialmente as ciências sociais e humanas. Não podemos dizer que ela é tudo, mas se analisarmos o pensamento de Hall (1977) sobre o circuito da cultura, vamos perceber que a identidade, a representação, a regulação, o consumo e a produção da cultura estão intimamente relacionados, não havendo possibilidade de separar um desses elementos para, a partir disso, tentar construir um conceito do termo. A cultura perpassa a vida e funciona como uma mediação de todo o processo de evolução das sociedades e para compreendê-la, considerando todas as complexidades que isso significa, é preciso passar necessariamente por três dimensões: a do conhecimento de mundo, a das raízes históricas e sociais e a do desenvolvimento tecnológico das sociedades.

A dimensão do conhecimento de mundo refere-se a tudo aquilo que o indivíduo aprende e é capaz de ir transformando o seu modo de pensar e viver. O conhecimento de mundo não é adquirido num só lugar, mas resultado de um conjunto de situações vividas na escola, na igreja, na família e na sociedade, desde o momento de seu nascimento, podendo sofrer influência dos grupos de convivência social. Essa mesma convivência, proporcionada pelo contato com o outro, produz a experiência de vida. Trata-se de um conhecimento em constante mutação, individual, mas obtido a partir da exposição ao coletivo e que nunca pode ser olhado como pronto ou definido. É pela linguagem que esse conhecimento de mundo é transmitido e apreendido. É dele que advêm muitas das práticas socioculturais.

Todos os indivíduos, independente de idade, religião, classe social, origem étnica ou nacionalidade desenvolvem um conhecimento de mundo, que não pode ser medido ou submetido a uma análise metodológica cientificista de forma sistemática, pela natureza do universo que abrange. Podem ser enquadradas neste âmbito as receitas de cozinha, as relações estabelecidas entre as diversas áreas do conhecimento, o aprendizado pela leitura, e pelas artes, e o saber propriamente dito. Não fica de fora o aprender proveniente da utilização ou observação da natureza e da realidade.

Todos os elementos que compreendem o conhecimento do mundo contribuem para a prática e o exercício da cidadania e do ser social. Assim, o indivíduo pode se tornar mais ou menos participativo e atuante na esfera em que vive; pode construir interações e mediações com outros indivíduos e fazer as trocas ou as cópias necessárias para manter vivo o seu processo de mudança. As trocas se fazem quando as diferenças são reconhecidas como importantes para o processo de formação desse conhecimento; as cópias são inevitáveis pela força da observação e adaptação do ser humano às diferentes situações que aparecem ao longo da vida.

Dentro do processo de formação do conhecimento do mundo, a mídia exerce um papel significativo. Ela atua como criadora de representações e como reflexo das atitudes dos sujeitos, o que denominamos de energia simbólica. Atuando como reflexo, os indivíduos se enxergam na mídia porque ela reproduz simbolicamente e em certo grau os tipos humanos e sociais, seus valores e suas crenças. Essa energia simbólica alimenta os significados comuns que já existem na sociedade e cria novos sentidos e necessidades que vão se incorporando ao sujeito. Portanto, forma novas representações sobre aquilo que existe. Esse sujeito responde de forma diversificada a essa energia, porque ele carrega dentro de si a experiência de vida, que o torna único, embora guarde as influências do coletivo. É neste coletivo que reside a essência da energia simbólica, porque o coletivo representa o que é comum a uma grande maioria de sujeitos e também aquilo que é desigual e diferente, e é isso que faz com que determinados tipos sejam apresentados na mídia como referência.

E o conhecimento de mundo também passa por essa busca de auto-afirmação das identidades do sujeito em relação aos outros sujeitos. Portanto, os sujeitos se reconhecem na mídia. E os exemplos por ela elaborados podem ser tanto aplaudidos como rechaçados, justamente pela dimensão do conhecimento de mundo e também pela dimensão das raízes históricas e sociais deles. Eles só existem como forma cultural, quando se colocam diante de outra forma. É quando o eu se defronta com o outro que a identidade se constrói e se toma a consciência dessa cultura.

A dimensão das raízes históricas e sociais abriga todas as heranças dessa ordem relativas à família, ao país em que nascemos e aos grupos com os quais convivemos. Situa-se aqui a língua materna, o patrimônio histórico, os valores, a religião, as crenças, o folclore, o artesanato, a música, e as artes de modo geral. É tudo aquilo que, antropológicamente se diz, vai sendo transmitido de geração a geração. É óbvio que nada disso é estanque, mas mesmo ante as mudanças que vão se processando, a essência dessas manifestações permanece como

um legado, que precisa ser protegido, defendido e preservado como um traço das identidades de um determinado povo, grupo ou sociedade. Essa dimensão se alinha à “concepção descritiva” da cultura apontada por Thompson (2002, p.173): “a cultura de um grupo ou sociedade é o conjunto de crenças, costumes, idéias e valores, bem como os artefatos, objetos ou instrumentos materiais que são adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo ou sociedade.” É importante frisar que este conceito é apenas uma dimensão daquilo que entendemos por cultura.

Por meio das raízes históricas e sociais o homem conserva uma parte de suas identidades no mundo, mas também estabelece regras e normas para o funcionamento e o controle da sociedade, mantendo vivas muitas tradições seculares, como se fossem a pedra fundamental de toda uma história. Essa dimensão é aceita pela maioria dos sujeitos sociais como verdade histórica e exerce certa forma de poder e controle social, através de uma força simbólica, que não pode ser visualizada, mas se concretiza em muitas significações elaboradas na sociedade. Também aqui a linguagem atua como meio para a circulação do discurso e assimilação das idéias, lembrando que no enfoque de Hall (1997) o discurso é a própria construção da realidade e a linguagem constrói significados.

Os sujeitos reconhecem como parte de suas origens aqueles elementos que situamos dentro das raízes históricas e sociais. A escola e as instituições de modo geral são os responsáveis pela manutenção dessa dimensão da cultura. Estão incluídos aqui também todos os elementos que constituem expressões e manifestações próprias de determinados grupos ou regiões, como o artesanato e a música, por exemplo. Extraída das suas raízes e das suas origens, essa cultura vai se perpetuando, sendo transmitida às vezes de pai para filho, adaptando-se às mudanças sociais ou incorporando-se criativamente a elas pela força do *habitus*. Mesmo as idéias, por mais que permaneçam no tempo, rendem-se aos novos comportamentos. Aquilo que o homem faz ou produz vai desenhando a história de seu tempo e carregando as marcas e lutas de toda uma trajetória.

Compreender a cultura na sua dimensão das raízes históricas e sociais é penetrar também no contexto histórico e político, onde estão alojadas todas as formas de cultura. Nenhum movimento cultural se dá isoladamente ou no vazio. Fixa-se no seio da sociedade e segue seu curso impulsionado pela vontade e desejo de mudança dos seus sujeitos, inclusive do sujeito mídia. Este sim, outro componente muito importante na formação da cultura.

Nesse contexto, podemos pensar a idéia de fronteira como um lugar onde o eu e o outro, enquanto formas culturais, se interpenetram para construir um elemento de

identificação, pois nesse caminho ambos abrem espaço para a aproximação, deixando-se influenciar pela cultura do outro, quebrando barreiras para se tornarem disponíveis e refletir a respeito do outro. Isso não significa anular suas identidades ou a identidade nacional, mas buscar a síntese e enfatizar os laços comuns.

A região da fronteira é um espaço cercado de antagonismos e contrastes, o que, paradoxalmente, não impede a evidência de muitos traços dessas identidades, que se manifestam pela linguagem, pelo imaginário, memória, história e costumes. Estes traços delineiam-se dentro das duas primeiras dimensões da cultura tratadas por este texto e pela terceira – a do desenvolvimento tecnológico das sociedades - que queremos discutir agora.

Os meios técnicos podem armazenar informações ou conteúdo simbólico, e por isso são considerados como diferentes tipos de mecanismos de armazenamento de informação (THOMPSON, 2002). Esses mecanismos fazem parte da constituição do desenvolvimento tecnológico da sociedade que permitiu, ao longo do tempo, a produção, circulação e transmissão da informação e do conhecimento à humanidade. Situam-se aqui, tanto as inscrições em pedra, o papiro, a prensa de Gutemberg, bem como o telefone, o rádio, a televisão e a internet, os satélites, os cabos de fibra ótica. Cada um desses mecanismos exige um conhecimento técnico, um domínio para explorar as potencialidades dessa tecnologia. Ao mesmo tempo, é preciso decodificar as mensagens e o conteúdo simbólico que circulam através dela. Neste cenário renova-se a importância da cultura enquanto conhecimento de mundo e quanto às raízes históricas e sociais, pois os sujeitos utilizam-se de outras formas de conhecimento e cultura para formular o campo simbólico, além dos meios técnicos. “Estes conhecimentos e pressuposições dão forma às mensagens, à maneira como eles as entendem e relacionam com elas e as integram em suas vidas” (THOMPSON, 2002, p.29).

Dentro desta perspectiva, que considera o desenvolvimento tecnológico das sociedades, o sujeito cria, reproduz, recria o que já existe com uma visão de futuro. É nesta dimensão de cultura que reside o maior compromisso do ser cultural em disseminar todo o conjunto de coisas, idéias e razões que justificam a história da existência humana e da sobrevivência das sociedades. A partir daí, pela produção e uso de tecnologias, o homem toma uma atitude como ser cultural, com o poder de influir sobre os destinos da humanidade e do comportamento das sociedades. Essa dimensão de cultura faz pensar sobre o sentido do homem, daquilo que ele mesmo produz e os reflexos que isso representa na sua cultura local e sobre a forma que as tecnologias criadas pelo homem estão interferindo, influenciando ou transformando o modo de vida de uma cultura local ou de toda uma sociedade.

Consideradas essas três dimensões da cultura, acreditamos que não podemos concebê-las de modo isolado, muito menos analisar qualquer manifestação cultural sem enxergar o nexo que enlaça as características de cada uma das dimensões. A centralidade da cultura permeia a vida das sociedades e constitui todos os aspectos da vida social também dos povos que vivem na fronteira. Estes, vão construindo suas identidades multifacetadas, a partir de suas vivências, experiências comuns do seu conhecimento de mundo e da interação com os meios. Apesar das inovações, não perdem de vista as suas origens e a sua história, ou seja, as raízes históricas e sociais. Mas não basta conhecer e preservar as raízes; é necessário difundir as idéias, trocá-las, criar e renovar o mundo ao redor. Assim, o desenvolvimento tecnológico contribui para que a cultura dessas e de outras regiões seja conhecida. O fazer ajuda a transformar e a repensar sobre o que já existe.

As comunidades de fronteira buscam-se na mídia e nela encontram-se representadas, ao mesmo tempo em que visualizam naquilo que ouvem, lêem ou vêem os traços que as identificam ou aproximam. São os sujeitos colocados diante de outros sujeitos, constantemente reconstruindo sua identidade, consideradas todas as dimensões que a cultura abarca, pois a identidade já não mais se estabelece da mesma maneira que no princípio da formação destas sociedades especificamente, mas guarda muitos aspectos importantes para compreender sua configuração atual.

## **2.2 Cultura e identidade fronteira**

A colonização dos territórios latino-americanos pela Espanha e Portugal no século XV e XVI deixou uma herança muito forte da Espanha de caráter colonial e católica. O termo América Latina só foi utilizado no século XIX por um assessor de Napoleão III e o conceito carregava parte desta história, ao mesmo tempo em que apontava para a diferença da outra América. Era preciso então distinguir a América Latina, situá-la no mundo e fazê-la reconhecida. Procurou-se um elemento de identidade, uma unidade que se revelou pelos países de línguas latinas. As nações da região precisavam encontrar suas raízes culturais e essa identidade própria, dentro de um conjunto de fatores diversificados composto então pela língua, pela história e formação étnica. Apesar dessas aproximações não foi possível precisar a identidade latino-americana, justamente porque os países em si apresentam muitas diferenças lingüísticas, étnicas e culturais.

De um lado, as tribos indígenas aborígenes, e de outro, os povos brancos colonizadores e imigrantes que misturados ajudaram a construir essas nações. Não dá para dizer que a cultura indígena é mais forte ou menos importante nesses países ou ainda afirmar que essa identidade baseada nesses dois elementos seria uma ilusão. A discussão certamente é mais complexa e passa por um conjunto de fatores alimentados diariamente pela experiência e pelo conhecimento humano. Nesse caso se está procurando uma identidade para as nações latino-americanas, construída a partir de um conjunto de atributos e qualidades comuns que encontram significado nas práticas socioculturais e precisa encontrar um sentido no coletivo e reforçar o sentimento de pertença àquele grupo.

Mesmo depois das nações latino-americanas conquistarem a sua independência e formarem seu próprio bloco, considerando-se latino-americanas pelas suas raízes e formação, não é possível afirmar que essa identidade coletiva existe ou foi traçada, porque muitos dos elementos do transnacional também acabaram por ajudar a constituir as identidades nacionais. “Repensar o que seria latino-americano hoje é, portanto, interpretar a persistência e as mudanças de uma história conjunta em permanente negação” (GARCÍA CANCLINI, 2008a, p.12). O autor reforça ainda a idéia de que para isso é preciso também encarar as tendências centrífugas que exaltam mais a competição do que a reciprocidade. E a própria interrogação vai mudando enquanto as respostas a ela vão se construindo.

Isso mostra o quanto esse processo é complexo, demonstrando fragilidade, pois os conceitos são porosos e se destroem com facilidade e porque envolve uma série de relações que não podem ser explicadas apenas por esse contexto de rápidas mudanças. Além disso, respeita as vozes históricas e as novas vozes que aparecem nesse âmbito em que as relações se estabelecem intercambiadas pelos cidadãos do mundo e pelas trocas culturais. Hoje vivemos num universo de migrações maciças e comunidades transnacionais e para entender um país é preciso compreender não apenas o seu território, mas o que está em volta ou fora dele. As culturas argentina, brasileira, paraguaia, uruguaia, boliviana ou qualquer outra não estão, portanto contidas em seus países, assim como a América Latina não está inteiramente no território que leva esse nome (GARCÍA CANCLINI, 2008a).

A idéia do nacional tem suas origens na Europa da Idade Média, quando o poder aglomerava etnias e com o passar dos séculos foi organizando-as e administrando-as sob o comando de leis comuns e assim desenvolvendo o estado nação. Na América Latina a emancipação das nações só se deu no século XIX e no mundo todo se estendeu essa idéia generalizada após a Segunda Guerra Mundial, na tentativa de abolir o colonialismo. No

nacional há um sentimento de apego à nação, mas o mundo moderno é de desapego, o que acaba caracterizando certa ambivalência no aspecto do nacional. Ao mesmo tempo em que as identidades são líquidas (BAUMAN, 2005) e a globalização permite a homogeneidade, a idéia do nacional aparece não como um contra-senso, mas como um contraponto, porque ela remete às raízes. Portanto, a identidade contemporânea vive o paradoxo de alimentar-se de aspectos das suas origens representadas pelo sentimento do nacional e também deixar-se impregnar pelas experiências, conceitos e conteúdos resultantes das trocas culturais, o que permite criar novas formas de identidade.

Vivemos as influências do mundo da pós-modernidade e fala-se que os sujeitos amargam a crise da identidade (HALL, 1999; HARVEY, 2006; CANEVACCI, 2001), cujo principal teor está na essência das velhas identidades que definiam o sujeito como unitário e a identidade como fixa e territorializada. Nesse aspecto, entra novamente em questão aquele paradoxo a que já se fez referência. Se os cidadãos do mundo por meio de diferentes e modernos modos de interação estão descobrindo novas formas de identidade, justamente por não estarem presos à idéia de território - afinal, o território pós-moderno é o mundo – cabe refletir sobre como conceber esse dualismo.

As mediações e os processos de transnacionalização contribuíram para a produção de comportamentos sociais e formas de interação e automaticamente obrigaram os cidadãos a olharem para si mesmos a partir do outro e reconhecer as nações de modo diferenciado, não as considerando o ponto mais importante das diferenças ou das similaridades. Do século XIX para o século XXI o modo de olhar para si mesmo e para os outros configura grandes mudanças não apenas em termos conceituais da identidade, mas também no viés de enxergar o coletivo e a identidade nacional. Se por um lado, os modelos da sociedade complexa apontam para um cidadão cada vez mais individualizado no modo de adquirir conhecimento e informação e também transmiti-los, por outro, mostra um comportamento coletivo de troca cultural, em ambientes colaborativos.

Se antes a identidade era linear e plana, hoje é ainda mais imprecisa, pois se constrói por um conjunto de identificações que não se limitam apenas ao campo do nacional, determinado por elementos como língua e nação. A identidade é fluida (BAUMAN, 2005) e está enraizada na cultura como fixa (HALL, 2003) revelando um sujeito fragmentado tal qual a sociedade globalizada onde está inserido.

Nesse contexto as redes sociais são fortalecidas e as comunidades transnacionais não se limitam mais apenas ao mundo físico, mas se projetam facilmente no virtual e de forma



muito mais rápida, propiciando o desenvolvimento de campos socioculturais, onde circulam novos referenciais, o que obriga os indivíduos a fazer diversos reposicionamentos quanto a questões como valores, conceitos, preconceitos, cultura e identidade. Sair fora do ambiente significa ajustar-se a outra situação, adaptar-se aos seus traços, extraindo e devolvendo a ela elementos que possam servir como troca simbólica de cultura, o que culminará em novas formas de identidade e práticas sociais, que automaticamente vão requerer novas relações. Assim, os indivíduos aprendem a conviver com a alteridade e a reconhecer as realidades sociais e culturais diferentes das suas, incidindo diretamente no conceito e no exercício da cidadania.

Para entender a sociedade e o sentido de cultura é preciso compreender o conjunto das práticas individuais e coletivas que formam a estrutura social, incluindo noções como identidade e práticas socioculturais. Desse modo é possível vislumbrar os movimentos sociais, a mobilidade do coletivo, as sociabilidades engendradas nesta estrutura e as representações que dela podem advir.

A cultura aponta para a interação cotidiana organizada por regras que se formulam dentro da própria estrutura social, mas são limitadas e definidas a partir do grupo de convivência e das forças simbólicas ali existentes. Conforme Stavenhagen (2003, p. 44-45), “o cultural tem, além de outros muitos atributos, a virtude de constituir um ponto de referência de significados e práticas compartilhadas que normatizam as relações interpessoais e os comportamentos coletivos”.

Hoje todas as culturas são de fronteira porque vivemos um momento em que o território-nação perdeu sua importância para agregar os cidadãos do mundo. Vivemos o processo da desterritorialização, em que somos cidadãos plenamente conectados pelas experiências que trocamos, pela possibilidade e facilidade que temos de migrar para outros países e de estabelecer relações cada vez mais estreitas com outras culturas por meio de tecnologias que aproximam povos de diferentes nações e, conseqüentemente, diferentes sujeitos. Neste contexto, não há como ficar imune às influências que recebemos, aos conhecimentos que agregamos e às experiências e trocas que experimentamos. Assim, aquilo que considerávamos nossa identidade nacional vai se desconstruindo e reformulando-se para gerar novas formas de identidade pessoal, de acordo com as situações em que nos encontramos.

Portanto, modifica-se também nossa posição de sujeitos. “Essa desconstrução acaba com as pretensões de sujeitos individuais, de falar e atuar a partir de uma ilha, como um eu

soberano” (GARCÍA CANCLINI, 2004, p. 153). Como cidadãos, passamos a ver-nos dentro de um processo coletivo que permite pensar que não temos uma identidade, mas sim identidades fortalecidas por novas marcas e registros, as quais vão constituindo um verdadeiro mosaico no conjunto das nossas relações com o meio e com os outros. E o contexto é por isso muito importante, pois é o elemento responsável por acionar essas identidades num dado momento. Não só absorvemos elementos do contexto, como contribuímos para o processo de transformação das práticas socioculturais nele inseridas. A cultura faz o elo e a mediação entre os sujeitos, hoje múltiplos na sua concepção de identidade, assimilando e reformulando suas práticas por meio das interações que estabelecem nos contextos em que se inserem, seja no plano virtual ou no plano físico. Nossas identidades são formadas, portanto, dentro da cultura.

Uma das discussões contemporâneas debruça-se sobre os novos sujeitos que a cultura de troca e colaboração produz. Se pensarmos nas crianças e nos jovens, não temos como deixar de percebê-los como parte integrante dela. Comportam-se como diplomatas de um universo de negociação constante, principalmente no plano virtual. Mas não só eles são produtos desta nova cultura. Também os adultos se inserem nela como consequência de um desenvolvimento histórico e social que revela marcas e comportamentos e não pode ser freado. E essas mesmas marcas passam a ser deslocadas para todos os tipos de relações. Como se percebem integrantes de um processo sócio-histórico em que os cidadãos cada vez mais têm liberdade de ser, fazer e se movimentar, começam a construir novos parâmetros quanto ao uso e adaptabilidade dos produtos simbólicos. Assim, os meios de comunicação, principais agentes de produção simbólica, começam a ser absorvidos de forma diferente por esses sujeitos, que convivem com outros sujeitos que ainda não estão impregnados pelos valores desta nova cultura.

Neste aspecto, é importante ressaltar que a sociedade se caracteriza por dualismos e por contrastes, fortes indícios de que há diversidade e pluralidade não só no modo de ser da cultura, mas também de viver a cultura. Essa forma de apresentação da cultura aponta para a concepção de que ela não é dada, mas está em constante construção. É como uma infinita colcha de retalhos, cujas partes são fragmentos significativos das origens, das vivências e experiências de quem a produz. Quando um desses fragmentos é destacado, entram em ação todos os elementos constitutivos da cultura e das identidades dos sujeitos que os acionam. E nesse processo, os meios de comunicação e as tecnologias têm funcionado como mediadores e principais responsáveis por difundir conteúdos, valores e práticas socioculturais.

O que vai se processando na sociedade é resultado do movimento do tempo, da história e dos homens e aspectos como marcas do local e do regional são normalmente exaltadas pelas práticas socioculturais ali existentes. É de fato o local a grande marca reveladora das culturas, o que as distingue, diferenciam e identificam. Nenhuma cultura ultrapassaria o limite do tempo se não fosse o local. Assim como os sujeitos vão assimilando as transformações que ocorrem no mundo a sua volta, vão também adaptando o novo a sua cultura local e modificando suas práticas naturalmente, sendo o fator tempo um dos elementos condicionadores das mudanças culturais.

Então, quando se fala hoje nos sujeitos dessa nova cultura contemporânea, não se pode ignorar a importância de todos esses aspectos para a sua constituição. É preciso frisar que as culturas não são estáticas, mas dinâmicas como quem as produz. O que está ocorrendo agora, é que o ritmo de transformação se dá de modo mais acelerado, em decorrência principalmente dos meios tecnológicos disponíveis. Isso faz com que o que antes não era visível, ganhe relevância de um momento para outro.

A globalização está inserida neste novo modo de conceber e articular o mundo. Ela não é a única razão de algumas culturas, como as latino-americanas, por exemplo, estarem acessíveis em qualquer lugar do mundo por meio dos mesmos veículos que outras culturas como a norte-americana ou a oriental. Hoje conhecemos muito mais sobre outras culturas principalmente por causa das tecnologias de informação e comunicação, mas também por meio dos campos de forças a elas relacionadas. E quanto a isso, não esperemos um retrocesso. Ao contrário, será acentuado pela ação de sujeitos que produzem e ativam as transformações histórico-sociais. Pierre Bourdieu (1996b, p.63), quando se refere à análise das obras culturais, afirma que “o motor de mudança nas obras culturais, na língua, na arte, na literatura, na ciência etc., reside nas lutas cujo lugar é os campos de produção correspondentes.” Isso implica certamente em tomadas de posição e escolhas que podem contribuir para as mudanças e as transformações sociais e culturais, ou dependendo da posição que esses sujeitos ocupam na estrutura do campo, isto é, na distribuição do capital simbólico.

Conceber a cultura hoje, portanto, é ser capaz de percebê-la dentro do contexto de um campo de forças e como constitutiva de uma sociedade, dos sujeitos e de suas práticas que a produzem independente do território em que vivem. Os meios de comunicação são canais de expressão e difusão dessa cultura, portanto, também um lugar onde se processa a distribuição do capital simbólico gerado dentro e fora desse campo.

A questão da identidade foi amplamente discutida, desde a sua concepção mais

humanista, caracterizada pela idéia da homogeneidade e da fixidez, passando por uma visão mais construcionista em que a identidade se constrói por meio da interação social, mas que ainda considera a importância da unidade e da estabilidade. De qualquer modo, hoje precisamos pensar a identidade dentro de um processo em constante mutação e fragmentação como é o mundo contemporâneo, cujos princípios se desenham a partir da década de 70 em que a sociedade começa a caminhar em direção a profundas transformações sociais.

Pelo fato de não se constituírem de modo rígido e imutável e por serem “resultados transitórios e fugazes de processos de identificação”, as identidades são sempre “identificações em curso” (SOUSA SANTOS, 2001, p. 135). Nossas identidades são formadas culturalmente. “São as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver” (HALL, 1997, p.26). Por um lado, a idéia de identidade esteve por muito tempo, de um ponto de vista, atrelada à noção de território nação, incluindo atributos culturais como a língua e a cidadania nacional. De outro lado, a identidade era visualizada no plano do indivíduo, suas experiências de vida, seus significados, laços familiares e afetivos, traços da personalidade. A razão da identidade situava-se no indivíduo que tinha ligações no território do qual ele fazia parte. A identidade de cada um era única, desprovida de qualquer ambigüidade. Mesmo assim, supunha-se ser construída no coletivo e fazer parte de um processo.

A construção da identidade se dá na sociedade e está ligada à estrutura social, mas principalmente à cultura e faz parte de tudo que tem significado para o coletivo. No mundo contemporâneo há uma tendência muito grande à fragmentação, o que cria dificuldade para se pensar que existe apenas uma forma de apresentação da identidade. Como já foi dito, estamos vivendo um processo em que já não se pode mais pensar apenas em identidade, mas sim em identidades. Tanto a ação instituída como a institucional são importantes para criar e manter idéias, projetos e suas representações e “a comunicação emerge como espaço-chave na construção-reconstrução dessas identidades” (VASSALO LOPES, 2005, p.221).

O sujeito está centrado no deslocamento e na fluidez e as características dos novos movimentos sociais permitem que se pense numa sociedade multicultural, em que convivem sujeitos abertos, cada vez com menos barreiras à distinção étnica, que se permitem e se aceitam diferentes porque sua identidade é construída também na alteridade, dentro de um processo identitário em que ocorrem as identificações.

Por isso se fala em identidades no plural, o que marca um novo relacionamento com culturas distintas. Isso não quer dizer que desapareceram as repressões a determinados

grupos ou etnias. De modo geral, o mundo globalizado redefiniu também as identidades nacionais, antes presas à idéia de estado-nação. Hoje, a desterritorialização dos sujeitos tem contribuído para repensar a centralidade das identidades nacionais. Sujeitos desterritorializados, isto é, que não se prendem mais ao seu território-nação, buscam identificações fora dele e as encontram, mas não significa que eles deixam de ter identidade própria, pois essa identidade está em constante transição, em mutação, porque as distâncias e as facilidades da sociedade contemporânea permitem trocas simbólicas mais velozes.

Entra em configuração nesse contexto aquilo que Canevacci (2005) chama de poliidentidade, ou seja, por pertencermos a diversos grupos sociais de contato e convivência, com traços culturais pluriidentitários, acionamos nosso caráter multicultural. Desse ponto de vista, os sujeitos contemporâneos têm sua identidade sociocultural ligada à pluralidade de contatos estabelecidos no cotidiano de relações.

A identidade, ligada de modo estreito à cultura, também se constitui na sociedade. Portanto, os sujeitos são formados aí, culturalmente. A partir da globalização e desterritorialização desses sujeitos, e conseqüentemente das identidades nacionais, desenvolveu-se um movimento paralelo: a reterritorialização. Muitos apontavam que a globalização tornaria a cultura mais uniforme e homogênea. Ao contrário, as diferenças foram acentuadas e a reterritorialização contemporânea fez com que cidades e regiões promovessem a reafirmação de suas raízes de modo bem marcado. Isso tem funcionado como um contraponto à globalização cultural e mostrado que os sujeitos não abandonam suas origens culturais, mas tem flexibilidade para interagir de modo ativo com outras culturas, o que não elimina os conflitos entre as forças homogeneizadoras e a defesa da diversidade.

Hoje, portanto, é quase impossível pensar numa identidade única, mas sim em identidades de caráter diversificado e múltiplo, justamente pelo grande número de elementos que as constituem. Assim como a música, a língua também é fator importante para a identidade dos povos, isso se pensarmos numa dimensão de espaço-território.

Essas formas de identidade podem ser entendidas como representações que nos constituem como sujeitos e nos posicionam na realidade, dentro de uma visão de identidade e cultura como construção social, apoiados na idéia da centralidade da cultura, isto é, do papel constitutivo da cultura em todos os aspectos da vida social, como propõe Hall (1997, p.26): “nossas identidades são, em resumo formadas culturalmente. [...] devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas”. Este autor percebe a centralidade da cultura como a articulação dos valores culturais,

econômicos e sociais. Pela noção da centralidade da cultura começamos a pensar como certos fenômenos podem ser reconhecidos dentro de uma mesma situação. Rompemos a idéia de causa e efeito, refletindo na questão de como, aparentemente, fenômenos isolados têm conexão. Talvez aí resida o ponto-chave da centralidade da cultura, noção que se aplica também às relações existentes no cotidiano dos cidadãos fronteiriços e que aparece na comunicação midiática de fronteira, por meio dos programas de rádio e televisão, páginas de jornal e *sites* da internet.

Quando pensamos em cultura pensamos também em identidade. Não mais “a identidade fixa, compacta, unitária que você tem até o final da vida” (CANEVACCI, 2007). Essa fluidez permite que o indivíduo, antes preso a uma identidade ligada principalmente a um espaço territorial não seja reconhecido apenas pelo seu eu ou por apenas um eu. Para o autor<sup>18</sup>, o plural de “eu” é *eus* e não “nós”. Isso significa que a identidade é também plural, líquida e enterra a idéia de um sujeito uno, cujas características estariam presas a apenas um jeito de ele ser ou ser visto. Este novo sujeito é decorrência de uma sociedade que vive as transformações da metrópole comunicacional e da cultura digital, mas que está profundamente ligado à subjetividade.

Os sujeitos contemporâneos não podem mais ser identificados apenas por uma identidade específica, pois eles vão assumindo identidades e incorporando elementos destas nos espaços diferenciados que vão ocupando e se relacionando. Esse sujeito precisa executar não mais uma só tarefa, mas dar conta de um espaço de relações que agora faz parte de uma esfera global. Ele não se relaciona apenas com outros indivíduos, mas com outros sujeitos pertencentes a diversas culturas. Por isso os sujeitos não fazem parte somente de uma coletividade, mas de uma conectividade. São, portanto, sujeitos conectivos em vez de coletivos. De acordo com Stavenhagen (2003, p.49) “o conceito que por ora parece impor-se é o de interculturalidade, ou seja, as novas relações interculturais que se estabelecem no contexto da globalização. Não só é preciso saber conviver com a alteridade. Também é preciso interagir com ela”.

A visão de uma cultura homogênea, de única identidade distintiva e coerente é hoje rechaçada: “Essa visão singular e unificada [...] é pouco capaz de captar situações de interculturalidade.” Os sujeitos conectivos participam interativamente por meio de redes de uma complexa teia de relações. “Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é

---

<sup>18</sup> Entrevista pessoal concedida em maio de 2007, durante o Intercom Sul em Passo Fundo/RS.

poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas” (GARCÍA CANCLINI, 2005, p.131).

A sociedade contemporânea é descentralizada e fragmentada e, nesta justaposição, aparece bem demarcada a mistura do global e do local – a glocalização. De acordo com Canevacci (2001, p. 19) “uma cultura glocal: esta é, ao mesmo tempo, global e local; participa, simultânea e conflitadamente, das ampliações globalizantes e das restrições localizadoras.” Mesmo nesta fragmentação podemos perceber que há idéia da articulação. Até a família moderna sofreu mudanças com os impactos da glocalização. Somos cidadãos do mundo e não mais simplesmente cidadãos. A cidadania é planetária, porque está ligada a outros cidadãos do mundo por meio de redes de interconexão.

A identidade, com suas raízes, diz respeito às mutações, aos itinerários dos corpos e dos sujeitos. Ela se constrói no coletivo-conectivo. Cada sujeito tem uma história e uma cultura que traz consigo e a carrega para onde vai, proporciona trocas e interação daquilo que sabe com aquilo que vai aprender. Portanto, ele contribui com novas formas para este lugar por meio de sua experiência que contém elementos de sua bagagem cultural e o que vai incorporar a partir de agora. Esse sujeito passa a estabelecer com os outros relações de cultura, comunicação e consumo. E assim vai tanto criando novos códigos, como interpretando o processo de comunicação contínua e permanente nesse contexto.

É preciso considerar que cada universal é parcial; cada singular é plural e cada pureza é híbrida. Não há absolutamente tudo em algo e algo nunca será tudo. É preciso perceber as diferenças e a diversidade e compreender que o princípio das coisas pode estar sempre se refazendo ou se descobrindo. O pleno e o completo podem ser pura utopia e a mais convincente das teorias não é capaz de se revestir com o tempo ou vestir um tempo determinado.

Aquilo que gira na sociedade faz parte de uma cultura contemporânea alinhada aos novos parâmetros de desenvolvimento cultural do mundo. Não existe uma regra maior para reger esse universo, mas uma porção de elementos constitutivos da nova ordem glocalizante. A comunicação, ao mesmo tempo em que opera por mecanismos cada vez mais digitais, propicia a ligação e a aproximação entre culturas muitas vezes opostas nas suas concepções, mas que mantêm suas particularidades.

O grande conflito desta era parece ser como entender simultaneamente os códigos representativos das manifestações culturais e dos objetos que correspondem a modelos

convencionais e aos novos signos de identidade. Nesse contexto, estão presentes elementos de identidade locais e regionais e ao mesmo tempo elementos de identificação com a cultura global. Hoje, somos sujeitos conectivos, capazes de criar e desvendar os códigos de seu tempo, através das práticas socioculturais cotidianas e das relações que se estabelecem em sociedade e que estão sendo representadas na mídia. Cabe refletir agora, mais especificamente sobre essas práticas e suas representações sociais.

### **2.3 Práticas socioculturais e representações sociais**

Os comportamentos sociais, as manifestações artísticas, as relações com o meio-ambiente e social, as formas de lazer e diversão, as temáticas que colocamos como prioridade em nossas discussões, os hábitos e tradições que trazemos do passado e as novas maneiras de viver e fazer o presente constituem um conjunto de situações que aqui traduzimos como práticas socioculturais e que são representadas pela mídia. Como o rádio está fazendo esta representação na região da fronteira por meio das emissoras locais que estão na *web*, nos interessa para observar espaços importantes e diferenciados por onde circulam elementos que podem ajudar a pensar esse novo horizonte que se vislumbra na sociedade contemporânea e que envolve a questão cultural.

A língua, considerada um dos patrimônios culturais de um povo e referência de identidade nacional, na região de fronteira, reveste-se de outras características, pois os idiomas se misturam, expressões novas e híbridas despontam para serem empregadas muitas vezes somente naquele contexto. Falantes de línguas diferentes compreendem o idioma do outro. E, geralmente não o falam, retiram dele palavras e expressões, adaptam-nas para a sua língua e o seu cotidiano e fazem fluir a comunicação diária, construindo identificações. E isso se repete dos dois lados da fronteira, produzindo trocas, vendas, negociações, amizades e até casamentos. O estrangeiro da fronteira geopolítica não é o cidadão do outro país que mora naquela faixa vizinha de 150 km. O estrangeiro pode ser aquele que vem de longe, às vezes de dentro de seu próprio país, mas não domina os códigos de comunicação que ali são corriqueiros.

Para exemplificarmos o modo como a questão da língua aparece como elemento da identidade entre os povos fronteiriços, pensemos, por exemplo, no universo de emissoras de rádio brasileiras e argentinas. Embora os locutores falem idiomas diferentes, existem situações na apresentação de programas que as línguas se mesclam, e misturam-se vocábulos



dos dois idiomas, sem nenhum prejuízo para a comunicação local. Ao contrário, isso demonstra que aquilo que poderia servir como uma distinção, uma marca da identidade de cada um, já não é mais uno, é divisível, transforma-se pela interação e pelo contato. As marcas lingüísticas de espaços territoriais limítrofes são marcas de identidades fronteiriças que se conectam para formar novas formas de identidade.

Em emissoras de rádio da fronteira essas práticas ganham visibilidade todos os dias, pois é muito comum ouvir locutores usando expressões do país vizinho misturadas às de sua língua materna. Existe uma aceitação natural em relação a isso, resultado até dessa convivência, e não um cerceamento ou protecionismo lingüístico. Afinal, é preciso comunicar-se, entender um ao outro e esse processo provoca quebras e rupturas, mas também faz nascer outros elementos dentro das culturas, que são sinais de uma adaptação ao meio e à cultura do outro. Podemos dizer que é nessa mescla e diversidade que se mostram as marcas das identidades de fronteira.

As práticas socioculturais estabelecidas na fronteira têm uma relação direta com a comunicação; a comunicação constitutiva da cultura a que se refere Martín-Barbero (2003, p.68), ressaltando que “[...] as culturas vivem enquanto se comunicam umas com as outras e esse comunicar-se comporta um denso e arriscado intercâmbio de símbolos e sentidos.” Não podemos pensar as práticas socioculturais sem considerar que reconhecemos nossas identidades quando as confrontamos com as identidades do outro, e quando percebemos e respeitamos nossas diferenças, pois a cultura não é algo isolado, é construção permanente a partir daquilo que apreendemos do meio e das relações que estabelecemos com os outros em sociedade.

Essas relações formam um grande sistema que incluem percepções, incorporadas ao conjunto das práticas que vão se estabelecendo à medida que vamos vivendo. Aquilo que aprendemos com as experiências cotidianas, os comportamentos e o conhecimento adquirido no decorrer da vida forma o *habitus*, que nos permite um movimento dentro do mundo social em que nos relacionamos, propagamos nossas idéias e produzimos cultura: “O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens e de práticas” (BOURDIEU, 1996, p. 22).

Portanto, as práticas socioculturais estão relacionadas ao *habitus*, entendido como princípios geradores de práticas distintas e distintivas que se definem no corpo da sociedade e constituem-se diferenças simbólicas, aqui para nós, traduzidas para o cotidiano como

manifestações diferenciadas da cultura. Uma obra de arte, um produto cultural ou midiático reflete não só uma faceta dessas práticas como um universo social com todas as tensões peculiares aos campos e às forças que nele habitam. Assim, um programa radiofônico, por exemplo, carrega em seu conteúdo, em sua linguagem, uma parte do *habitus* desencadeador de práticas socioculturais dentro de um complexo esquema de formas simbólicas.

A cultura é um espaço importante que pode reproduzir e legitimar as estruturas de dominação, como formas simbólicas capazes de contribuir para que os sujeitos compreendam melhor a realidade e o mundo objetivo. As práticas socioculturais estão intimamente ligadas à sociedade porque nela acontecem e ali se expressam, formam um acervo, guardado na memória das populações e executados no cotidiano das sociedades. Elas são um conjunto de saberes, de regras estabelecidas na convivência diária e circulam na esfera social. Algumas práticas identificam este ou aquele grupo social ou instituições porque são próprias deles ou neles geradas por determinados mecanismos de produção. Mas elas são móveis, mutáveis, vão se difundindo e se transformando no tecido social de acordo com os paradigmas de uma época ou pelas forças do campo social.

Existem neste campo de intersecção muitos agentes impulsionadores dessas práticas e relações objetivas e subjetivas que regem anonimamente a condução do processo. Poderíamos dizer que a questão situa-se mais no subjetivo do que objetivo, porque não há um só fator determinante da natureza ou da duração das práticas na sociedade. É sim um conjunto estrutural e dinâmico, guiado por fatores sociais, políticos, econômicos e culturais capazes de expressar uma dimensão diferenciada das experiências humanas. Mas, a questão central das práticas socioculturais é a sua relação com a vida cotidiana e isto é fundamental para compreender a cultura de uma sociedade e os traços que ela apresenta como comuns na sua forma de organização e de expressão.

Nas formas de apresentação, podemos considerar essas práticas tanto relacionadas ao plano intelectual, estético e artístico como aos seus aspectos utilitários e comportamentais. Sendo assim, podemos falar em práticas relacionadas às mais diversas formas de difusão da arte, como a música e a literatura, e também à gastronomia, à linguagem, às crenças, às histórias de vida, às experiências e aos fazeres que compõem a vida cotidiana. Até mesmo os costumes e os hábitos da população cabem dentro dessas práticas e se materializam de uma forma ou de outra.

Ao observar a sociedade podemos olhá-la pelo viés das representações. Tudo depende de um lugar, de onde está esse conhecimento, de onde vem, que saberes carrega e as relações

que estabelece com o mundo que o cerca. O conteúdo do processo representacional está ligado a um tipo de conhecimento e só a relação intersubjetiva entre os sujeitos proporciona a compreensão das representações. Esse processo implica a existência e a relação entre um sujeito, um objeto e outros sujeitos. Se quisermos entender como isso funciona é preciso entender as relações entre esses elementos. Segundo Habermas (1989), o processo de representação passa por uma ação comunicativa que prevê um sujeito, um objeto, um contexto e um tempo histórico. Considerando esse contexto, os saberes e os conhecimentos não têm propriedade individual, mas social, e as representações funcionam como processos, através dos quais o conhecimento é produzido e transformado.

As representações sociais nasceram da idéia original das representações coletivas de Durkheim – para quem a vida é feita de representações sociais – e ganharam forma definida em Moscovici (2003). Para ele, as questões sociais relacionam-se diretamente à difusão das mensagens pelos veículos de comunicação, ligadas a um contingente de elementos que se processam no cotidiano por meio de teorias, ideologias, experiências e vivências.

As representações não devem ser olhadas como um conceito, mas como um fenômeno, e do ponto de vista de Moscovici (2003, p.46), “[...] devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”. As representações são consideradas como meios de re-criar a realidade, produtos de uma história que se constrói no cotidiano, por meio das relações estabelecidas, das mediações, das idéias e imagens que vão se processando. Trata-se de algo refeito, re-construído e não de algo recém-criado, pois a única realidade disponível é a que foi estruturada pelas gerações passadas.

Essas representações são reproduzidas por nós no mundo exterior e por isso “[...] aquilo que nós criamos, na verdade, é um referencial, uma entidade à qual nós nos referimos, que é distinta de qualquer outra e corresponde a nossa representação dela” (MOSCOVICI, 2003, p.90). Por outro lado, pode-se, partindo desse ponto de vista, chegar ao ponto de dizer que tudo é representação. O senso comum e a ciência produzem representações sociais e de certa forma, a ciência hoje trabalha justamente dentro de uma perspectiva de universo consensual, embora o senso comum também produza representações. As formas como elas são elaboradas ou recriadas pelos meios de comunicação é o que nos interessa de fato.

Os meios de comunicação se apropriam das representações do senso comum e as reelaboram de tal forma que na maior parte das vezes elas se transformam em universo consensual. “Sendo a observação reveladora da existência de um tipo de fenômeno conhecido como representação, com características específicas que o distinguem de outros fenômenos

naturais, é inútil comportar-se como se o fenômeno não existisse” (MOSCOVICI, 2003, p.93).

Enquanto se expressam, as pessoas criam representações, que podem sobreviver, algumas, por algum tempo, e outras se institucionalizar, pois a sociedade precisa de elementos reguladores, precisa de relações relativamente duráveis que dão aos sujeitos status e poder e fornecem para o conjunto social as categorias do pensar e códigos de conduta, os elementos que chamamos de reguladores da ordem e do bem-estar social. Afinal, se não houver algum grau de controle social, não sobrevive a estrutura social. E boa parte desse controle se estabelece pelo campo de forças ali existentes.

Se considerarmos nosso objeto de estudo, ou seja, as emissoras de rádio FM de fronteira que estão na web, elas não escapam a esse processo. Embora façam parte de um universo sem fronteiras como a internet, por serem emissoras locais no canal de FM, estão sempre relacionadas a uma ideologia e a alguma instância de poder, ligada a outras, marcadas pelas relações que a emissora estabelece no contexto em que está inserida, ou seja, relações de ordem política e, principalmente, econômicas. Só depois destas relações é que o ouvinte aparece com algum tipo de influência exercida pelas formas de participação que a emissora lhe concede. Mesmo esta participação se dá de modo vertical, pois é definida pela emissora e propiciada pela tecnologia. Portanto, o poder do ouvinte em relação à emissora ainda está relacionado ao grau de interação que lhe é concedido por ela.

Entretanto, por lhe permitir algum tipo de participação e liberdade de expressão, esse ouvinte cria uma determinada representação da emissora que ouve e isso define audiência e determina o grau de identificação entre ambos. É interessante observar que essas representações circulam num determinado universo de afinidade e produzem uma espécie de círculo invisível onde se dão todas as relações que funciona mais ou menos do seguinte modo: o ouvinte sintoniza determinada emissora porque a programação lhe interessa, porque a música é de seu gosto, porque as informações atendem aos seus interesses e principalmente porque ele pode participar da programação, nem que seja para pedir aquela música que gosta ou ouvir seu nome sendo anunciando pelo locutor. Automaticamente, ele cria um vínculo com a rádio e uma representação dela, produzida pela própria dinâmica da emissora. Quase sempre a representação que o ouvinte tem da rádio é a mesma que a rádio imagina que o ouvinte tenha dela, porque quando isso não acontece, o ouvinte migra para outra frequência.

As emissoras também criam representações acerca de quem é o seu público e formatam a programação tendo ele em vista. A escolha das pautas, a programação musical, o

estilo de comunicar são representações de um universo que está sendo recriado para atingir a um determinado público, tendo sempre como pano de fundo um contexto sociocultural, político e econômico. As representações são as formatações daquilo que a emissora acredita ser importante para a audiência. Mas no momento de assimilação de tudo o que vai para o ar, ela não o faz de modo uniforme. É aí que reside a especificidade das representações sociais. Cada ouvinte cria a sua própria em cima de fatos e imagens sonoras, dependendo de sua experiência pessoal. Do mesmo modo que a emissora extrai do mundo exterior as representações e as recria, também os ouvintes estão continuamente extraíndo do senso comum e dos meios a que têm acesso, como o rádio, por exemplo, outras representações. Como se pode notar, esse é um processo muito complexo e que não se dá de uma forma exata, pois está sempre se transformando continuamente.

Embora as pesquisas de audiência em rádio sejam raras, elas são fontes muito importantes para compreender qual é de fato a representação que o ouvinte tem da emissora. As pesquisas são amostras significativas e por isso devem ser consideradas. Mas um *feedback* valioso é o comportamento que o ouvinte tem em relação à emissora quando participa de sua programação. A tecnologia web permitiu uma interação muito maior entre público e emissora e de modo imediato os produtores têm um retorno sobre aquilo que está indo ao ar. Não que antes da internet essa interação não acontecesse, pois o telefone e as cartas eram rotina, mas hoje esse fluxo se dá com muito mais velocidade, refletindo instantaneamente no fazer radiofônico.

Falávamos antes em instâncias de poder e influência na programação e, por essa ótica, percebemos que o poder do ouvinte ampliou-se pela rapidez com que ocorre essa participação. As representações que ele tem da emissora e as dela em relação a ele cruzam-se de forma considerável porque as práticas associadas a este comportamento aparecem como conteúdo simbólico dentro da programação.

Levando em consideração todas as discussões feitas até aqui em relação à cultura, à identidade e às fronteiras, aprofundamos nossas reflexões neste espaço acerca da comunicação e do rádio de fronteira, o foco principal do nosso estudo.

### **3. COMUNICAÇÃO MEDIADA E RÁDIO DE FRONTEIRA**

A comunicação mediada é hoje o elemento articulador de idéias, pensamentos, povos, nações e culturas. Por meio de uma conexão, em poucos instantes, é possível não só estabelecer relações pessoais e interpessoais, discutir um fato que vira notícia internacional quase concomitante ao minuto em que ele acontece, mas também fazer negócios de qualquer porte, realizar transações comerciais e trocar conhecimento. O global acaba se inserindo no local e vice-versa, pois os usuários desse sistema são movidos por uma dinâmica em que prevalece a mobilidade e o intercâmbio.

Estes elementos são revelados naturalmente e não como uma regra ou norma estabelecida pelo sistema. A mobilidade é reconhecida pela rapidez com que mensagens são trocadas, pela facilidade de acesso a elas em qualquer lugar do mundo, pois em curto espaço de tempo, milhares de cidadãos podem ter acesso à mesma mensagem. Entretanto, isto não se dá apenas na abrangência de um sinal de antena, tem uma proporção muito maior, pois seu âmbito de movimentação é a rede mundial de computadores. Trata-se de um sistema que favorece a comunicação horizontal, em que a massa é agora um conjunto fragmentado de pessoas que se agrupam conforme opiniões, desejos e interesses, independente do lugar do mundo em que vivem, moram ou trabalham.

Deste ponto de vista, não podemos mais dizer que a sociedade (WOLF,1999) ou os meios de comunicação são simplesmente de massa, pois a idéia não subsiste aos diversos modelos que a sociedade contemporânea mostra. São justamente na fragmentação e na heterogeneidade que os elementos constituintes da sociedade se mostram usuários de uma comunicação de duas mãos-de-direção (ORTRIWANO, 1998). Por esta visão, a audiência não assume apenas o papel de receptor das mensagens dos meios de comunicação como tem a possibilidade ou o poder de também ser emissor. Isto vai ao encontro das teorias do rádio de Brecht, que quando se referia ao rádio, antecipava a visão de uma comunicação mais

participativa e democrática, em que o receptor pode opinar, criar, difundir suas idéias e discuti-las, por meio do veículo, transformando-as em pauta. Assim, o rádio não seria um mero distribuidor de informação, mas, de fato, um meio de comunicação (MEDITSCH, 2001).

Esta forma mais horizontal não privilegia grupos de poder nem admite olhar os meios como detentores de uma grande capacidade de manipulação como acreditam os adeptos da teoria hipodérmica. Há ainda muito por conquistar e aprender em relação a essa prática; há sinais a serem respeitados como em toda forma de organização, pois antes de tudo, os meios funcionam como um sistema. À medida que os receptores são mais participativos e ativos, passam também a ser co-gestores do processo de comunicação. Eles começam a compreender como funciona a engrenagem e passam a incidir diretamente sobre ela. Acreditamos que a idéia de uma comunicação horizontal deve ser movida a partir de um valor não pessoal, mas coletivo, ou seja, não deve beneficiar apenas um ou outro usuário, mas um conjunto destes. Assim, ela se torna benéfica para todos, atingindo o mérito da cidadania planetária (GADOTTI, 2000) que diminui as diferenças e as desigualdades sociais e amplia possibilidade da integração entre as culturas. Isto, na verdade, se constitui um ideal, uma utopia, pela qual não podemos deixar de lutar ou perseguir, porque representa a preservação de um ideal de justiça, igualdade e democracia. Enfim, a transformação da sociedade para melhor.

Os meios trabalham com a informação e no que diz respeito ao jornalismo, acreditamos que nele se pode perceber a vida em todas as suas dimensões, impregnado de todos os aspectos da vida social, basta olhar os jornais diários divididos em editorias de economia, educação, saúde, cultura. Os jornais cobrem o planeta dividindo o mundo em local, regional, nacional e internacional. “Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*” (TRAQUINA, 2005, p.19). É um conjunto de histórias, histórias de vida, histórias das estrelas, de triunfo e de tragédia. Desse ponto de vista, as notícias são construídas como narrativas. E no caso do rádio, costumamos dizer que ele é um contador de histórias. O narrador busca em suas vivências e experiências cotidianas os subsídios para contar a história que vai ser ouvida.

Toda produção envolve algum critério de seleção e escolha, e estes critérios são, preferencialmente, de ordem técnica. Mas não podemos ser ingênuos e pensar que não há nenhum tipo de interferência ideológica ou subjetiva nesse momento de criação, pois ele envolve o elemento humano e entre a informação e seu produtor, pressupõe existir a linguagem, que é, pois a possibilidade da subjetividade, visto que ela contém sempre as

formas lingüísticas apropriadas à sua expressão, e o discurso provoca a emergência da subjetividade (BENVENISTE, 1996, p.260). Ao fazer uso da linguagem o radialista, por exemplo, faz uso não só das técnicas para elaboração do texto, mas deixa também falar o sujeito que articula suas idéias a partir de um conjunto de elementos que fazem parte do seu código de existência.

Pensar no fazer radiofônico pressupõe pensar nas formas de produção, transmissão e recepção dos conteúdos produzidos. Até se pode considerar cada uma das fases em separado, sabendo, entretanto, que elas constituem um processo. Desde muito tempo o exercício da comunicação está cercado de uma idéia de que os profissionais representam o quarto poder e aquilo que é veiculado pela mídia sempre tem um grande impacto na sociedade. É inegável que há algum tipo de influência sobre a sociedade, mas é certo também que os receptores não absorvem integralmente como verdade absoluta os conteúdos da mídia e reconhecem que quando a notícia ou mensagem é fabricada há mediações (MARTÍN-BARBERO, 2001) que interferem nesse processo.

Bourdieu (1997, p.19), quando trata da questão do jornalismo, por exemplo, usa a denominação *óculos* para afirmar que os jornalistas integram “estruturas invisíveis que organizam a percepção e determinam o que vemos e o que não vemos.” Desse modo, os jornalistas vêem algumas coisas e não vêem outras por meio de lentes especiais que os fazem ver determinadas coisas também de modo especial. O autor também se refere à idéia de campo jornalístico definido como um espaço social que tem estrutura e atua como um campo de forças dentro de outro campo de força.

Ele vê dentro desse campo a figura de profissionais especializados que têm acesso ao conjunto das informações, e têm a capacidade, pela sua especialização, de definir o que é importante os outros saberem, o que de fato se constitui como informação e o modo de transformar aquilo que sabem em informação. Isso é próprio da profissão que, assim como outras, produz uma ideologia profissional, uma representação mais ou menos idealista e mítica de si mesma. É o chamado profissionalismo da profissão que, de certa forma, encontrar diferenças e semelhanças no modo de conduzir o fazer jornalístico.

Há muita diversidade de conceitos em torno do que é notícia (WOLF, 1999; ALSINA, 1996; RODRIGUES, 1999), o que neste estudo não é nossa preocupação central, pois trabalhamos com as práticas socioculturais na programação das rádios de fronteira, a partir das falas dos locutores, das mensagens e conteúdos veiculados, sem foco no radiojornalismo,



embora ele não passe também despercebido no conjunto da nossa análise, porque está presente em alguns programas que observamos.

Se considerarmos, por exemplo, a produção da informação numa emissora de rádio de fronteira, notamos que o processo pode variar de acordo com cada rádio, mas não está distante das concepções do jornalismo, sendo que o interesse do público ouvinte é o principal critério a ser observado por quem produz a informação. Para chegar à análise da programação e de suas rotinas de produção, transmissão e recepção, é necessário conhecermos o rádio em toda a sua amplitude.

### **3.1 Rádio: sentidos e percepções**

“O papel do rádio precisa ser analisado sob o ponto de vista do contexto da época em que está inserido” (HAUSSEN, 2004, p.52). No Brasil, o rádio teve seu auge na sociedade dos anos 40, quando o país vivia um processo de grande transformação, tornando-se de fato urbanizado e industrializado. Hoje, extrapola muito mais os seus limites, seguindo uma tendência impulsionada pelas mudanças da época. O país como um todo está impregnado de um comportamento emergente que conduz à abertura de mercados e fronteiras, mas também procura demarcar seu espaço e suas convicções no cenário político e econômico. Ao mesmo tempo em que quer a parceria, deseja a autonomia e a auto-suficiência em algum tipo de tecnologia ou produto, para ter poder de negociação.

A identidade do rádio na era eletrônica não se localiza mais na forma como é difundido, mas na especificidade de seu discurso sonoro, invisível, enunciado por diversos meios em tempo real (MEDITSCH, 1997). Se o rádio hoje ultrapassa fronteiras territoriais, além das ondas curtas, é porque o desenvolvimento tecnológico lhe permitiu e as concepções acerca do seu formato, seus propósitos e conceitos também foram se adequando ao contexto e às idéias. Por consequência, vemos proliferar o número de emissoras em todo o país com os mais diversos propósitos e características. No papel de donos de emissoras, temos desde empresários, líderes comunitários a políticos e religiosos. Haussen (2004, p.60) lembra que “nesses oitenta anos, o rádio sempre esteve presente em todas as manifestações da vida do País”. Acompanhou causas políticas e sociais, anunciou o início e o fim da Guerra, posses, renúncias e suicídios de presidentes, cobriu eleições e eventos, e traçou um panorama dos principais acontecimentos nacionais e internacionais. O rádio ganhou várias vozes e foi definindo novas funções conforme os contornos da sociedade.

Atualmente, além de ser um veículo de comunicação é uma empresa para os mais variados fins. Transmitir informação, música e entretenimento, evangelizar, veicular conteúdos de facções políticas, atender a interesses pessoais de seus proprietários, vender produtos, educar, promover formas de interação com os ouvintes, estimular a cidadania, enfim um leque de funções que extrapola os princípios da tradição radiofônica e dá uma idéia exata de sua reformulação.

Mas, no fundo, o rádio está construído sobre uma base muito profunda, encravada no terreno da sociedade, e que o manterá firme ainda por muito tempo: é o seu compromisso com o local e o cotidiano, a sua proximidade com o ouvinte e a capacidade de dialogar com ele. O rádio não existe sem o ouvinte. Se no jornalismo impresso dizem que o repórter é a alma da redação, a alma do rádio é o locutor na sua relação com o ouvinte. Mas nada disso se concretiza se o local não for acionado. Só que hoje, o local no rádio tem uma dimensão glocal, propiciado pelas novas tecnologias. Haussen (2004, p.61) afirma que “o novo panorama desenhado pelas possibilidades tecnológicas, como a internet, deve alterar a ecologia dos meios de comunicação, o que não significa o fim do rádio atual”. Também Meditsch (2001, p. 41), referindo-se às novas tecnologias, afirma que “para as próximas décadas [...] não são esperados grandes abalos na relação atualmente existente entre o rádio e seu público, ou pelo menos nada que se compare ao impacto causado com a chegada da televisão”.

Mesmo com a convergência dos meios e da internet, o rádio continua evidenciando suas principais qualidades como meio de comunicação, difusão e expressão e como tal, segundo Balsebre (2005, p.327) “tem duas metas importantes: a reconstituição e recriação do mundo real e a criação de um mundo imaginário e fantástico, produtor de sonhos para espectadores, perfeitamente despertos”. A linguagem do rádio não é apenas verbal, mas um conjunto de signos que têm expressão. Para que uma mensagem tenha eficácia no seu processo de recepção é necessário que haja equilíbrio entre informação estética e semântica, pois ambas representam, de forma abrangente e completa, a produção de significado e sua interpretação. Assim, quando estes elementos entram em cena, os sentidos do ouvinte são aguçados pelo rádio. Conforme Hays (2005, p. 349), “o rádio deve alimentar sua vocação de constituir-se em um meio de caráter multisensorial”.

A linguagem do rádio ultrapassa os limites do real porque recria a realidade para poder representá-la com mais veracidade: “A fala do locutor ao microfone é percebida pelo ouvinte como real e presente e proporciona uma relação de empatia e identificação” (BALSEBRE,

2005, p. 331). Essa identificação é fruto da familiaridade com o código e a associação de idéias produzidas pelos ouvintes. Mesmo que a linguagem no rádio seja uma representação da realidade, ela produz no ouvinte a sensação de estar vivendo aquilo que está ouvindo, como uma intensa e emocionante viagem que conduz ao real: Nesta direção de pensamento Ricardo Haye (2005, p. 353) completa: “O som radiofônico oferece a iconicidade acústica do mundo, desperta a evocação e leva ao reconhecimento da realidade” (HAYE, 2005, p.253).

O rádio utilizado nas campanhas políticas e ideológicas por Hitler, na Alemanha; Vargas, no Brasil; Mussolini, na Itália e Roosevelt, nos Estados Unidos, são alguns dos exemplos já nas primeiras décadas do século 20, de como a mídia pode ser utilizada para influenciar a sociedade. Aí reside uma idéia muito forte em relação ao papel dos meios de comunicação junto ao público. Considerando que há a possibilidade de exercer algum tipo de poder, não significa dizer que necessariamente há manipulação. Com as tecnologias da informação mais desenvolvidas, o público tem ao seu dispor um universo infinito de informações que pode buscar e trocar, interferindo nelas, transformando-as, adaptando-as a sua realidade. E o caráter dessas informações está ligado a dois elementos muito importantes: a liberdade de escolha e a capacidade de difusão das mensagens em tempo real.

Pela língua, que não se constitui apenas de um sistema de signos que serve à comunicação, o rádio produz efeitos de sentido. O tom de voz, o ritmo, as pausas, as entonações, a naturalidade da comunicação são os elementos determinantes na criação desses efeitos. O rádio-ouvinte que ouve seu nome no outro lado do aparelho, supondo que milhares de pessoas podem estar na audiência ao mesmo tempo, sente-se valorizado, importante e querido, desde que o tema em torno de seu nome seja algo agradável. Brecht (2007) afirma que o rádio seria o mais admirável se deixasse de apenas emitir, mas também receber. Assim, o ouvinte não apenas escutaria, mas falaria; não ficaria isolado, mas presente numa relação. A missão do rádio é possibilitar o intercâmbio, não importa o seu formato, se AM, FM ou na web.

O rádio FM, por exemplo, a partir da década de 70, reproduziu um modelo de programação centrado na música-ambiente ou vitrolão. Logo depois adotou uma postura diferenciada definindo-se pelo estilo jovem, segmentando-se e conquistando esse público que finalmente vê no veículo um espaço para si como ouvinte e também como consumidor. As emissoras, para se remodelarem, fizeram investimentos em programação e ao mesmo tempo desenvolvem uma linguagem própria para o estilo FM, que instituiu também o modelo econômico em que o locutor é comunicador e operador de som ao mesmo tempo.

Hoje, as emissoras FM transmitem com qualidade e fidelidade não mais apenas música e informações curtas, mas todo o tipo de programa. Enquanto no princípio a marca do rádio FM era essencialmente a música, hoje dependendo do lugar onde está instalada, faz uma programação que vai do jornalismo à transmissão do futebol, além da música. Diríamos que, em muitos municípios que não contam com uma emissora AM, ela assume tal função, sendo geralmente uma emissora popular para agradar a gostos variados.

Nos anos 80 houve um verdadeiro “boom” do rádio FM no país, foi o período em que aconteceram mais concessões, contemplando cidades que antes não contavam com nenhuma emissora de rádio. Atualmente, essas emissoras buscam um público diferenciado e segmentado. Algumas delas chegaram a se especializar em jornalismo 24 horas. A maioria permanece ininterruptamente no ar, amparada pela tecnologia que substitui em boa parte da noite ou da madrugada a presença de um locutor. A programação, neste caso, é gerada por softwares que inclusive acionam a hora e a temperatura, além do conteúdo previamente programado.

Em muitas cidades, onde o dono da emissora AM também tem um canal de FM, está ocorrendo transmissão simultânea da programação, principalmente quando se trata de notícia e futebol, cujo conteúdo tem origem em emissoras de rede. A propósito, o início das emissoras em rede nacional se deu em 1989 com a implantação do Sistema Bandsat AM, possível por meio de um sistema de transmissão via satélite, em estéreo e com alta qualidade, da Empresa Brasileira de Telecomunicações, Embratel.

Quem observa há algum tempo as emissoras de rádio tem percebido que elas se aproximam no modo como formatam suas programações, ou seja, ambas estão segmentando-se mais em função do fluxo natural do mercado e do público que acaba impondo demandas. Portanto, as indicações são para não mais dividir rádios em AM e FM basicamente, mas em emissoras de caráter regional, estadual, nacional e local.

Segundo dados da Agência Nacional de Telecomunicações, Anatel, de agosto de 2007, o quadro de emissoras FM no Brasil constitui-se de 1455 licenciadas e 1206 aguardando licenciamento. Dentro da categoria FM enquadram-se as RadCom – de Radiodifusão Comunitária. O número de RadCom licenciadas chega a 2.466 contra 398 esperando licenciamento. O segmento das comunitárias desenvolve-se bastante em cidades do interior que ainda não contam com nenhuma emissora de rádio e também em centros urbanos de médio e grande porte, dando conta da informação voltada para bairros e pequenas comunidades.

O rádio em cidades do interior se aproxima da realidade do rádio em regiões de fronteira, justamente pelo aspecto do trabalho específico com a notícia local, tendo o papel de articular ações nessa realidade.

### **3.2 O rádio e as representações da fronteira**

Encontrar a representação das práticas socioculturais e das identidades fronteiriças no rádio é um exercício de observação que envolve vários elementos dentro do processo. Não podemos pensar que o meio reproduz apenas aquilo que a globalização automaticamente vai instituindo como cultura. O rádio ainda é um veículo de comunicação que centra sua pauta mais no local do que em outras esferas, tem seu próprio ritmo e define-se muito pela documentação do que está mais próximo de si, constituindo cotidianamente uma memória coletiva do espaço de fronteira. Vai registrando na sua programação os problemas, as preocupações, os eventos, a política e as histórias daquele lugar que o circunda. Entretanto, desde a incorporação e a adaptação às novas tecnologias ele está transformando-se de veículo local para glocal.

O rádio cria representações da fronteira, primeiro a partir dos próprios elementos que ela lhe fornece. Mas, não é surdo. Ele ouve também aquilo que está nas redes de comunicação e amplia a dimensão dos fatos locais. Assim, dá uma dimensão glocal (TRIVINHO, 2001) aos acontecimentos. Não há como negar que todas as inovações como o satélite, o celular e a internet, permitiram o avanço do rádio como veículo. Dentro de suas características e potencialidades, procurou adaptar-se às transformações. Muito do desenvolvimento das técnicas de produção só foi possível graças à incorporação desses novos elementos. Isso influenciou no modo de fazer rádio, mas não modificou o uso da matéria-prima básica: os fatos de interesse local.

As representações do cotidiano aparecem no rádio por força das práticas socioculturais e dos elementos que constituem o contexto sócio-histórico em que está inserido, sem ficar imune às influências também externas. Compreender isso dentro do formato radiofônico, isto é, dentro de uma representação dessa diversidade num só lugar é tarefa complexa. Daí por que o rádio de fronteira, embora se preocupe com as temáticas do cotidiano e do local, não consegue ignorar ou separar as diferentes manifestações culturais que são próprias daquela região e também de outros lugares. É na convivência natural de dois universos culturais que reside um dos aspectos das identidades fronteiriças, ou seja, a aceitação do outro, do estranho,

como algo que integra a sua própria cultura. Assim, aquilo que é próprio do lugar se enraíza de modo definitivo em determinada cultura e passa a ser uma marca dela. Os ouvintes, os habitantes do lugar e a rádio funcionam como matrizes do conteúdo simbólico dessas identidades, são os elementos que fazem essa cultura circular, desenvolver-se e difundir-se.

O rádio em regiões fronteiriças é um elemento ativo desse processo porque cria, por meio de suas pautas, suas músicas e programas, as representações mais diversas desse universo. A instantaneidade do rádio, a portabilidade, o acesso fácil para todas as camadas sociais, que podem participar da programação não só como receptores, mas como emissores, assegura ao veículo um papel dinamizador na construção das identidades de fronteira. O público se ouve no rádio ou está representado pela voz dos locutores ou dos entrevistados; também escuta as músicas de que gosta ou pode escolhê-las; boa parte das notícias e reportagens que acompanha são temas do seu cotidiano, do mundo em que habita e das coisas que lhe interessam. Portanto, a comunidade fronteiriça encontra no rádio local elementos suficientes para identificar-se com ele.

Ao conversarmos com produtores e apresentadores de programas de rádios de fronteira percebemos que não há uma preocupação intencional com a questão fronteiriça e o objetivo principal das emissoras não é exclusivamente proporcionar uma comunicação voltada para a fronteira. Porém, sem admitirem esta intenção, está explícita no conjunto de pautas dos programas a prática jornalística que reflete o cotidiano e a realidade da fronteira. As sessões de recados enviados pela rádio para a região, tanto em território brasileiro como estrangeiro, os pedidos musicais, a reportagem diária sobre a cotação da moeda, o plantão policial, as notícias sobre política e economia referentes ao país vizinho são indicativos de que há uma gama de temas de interesse comum entre os povos da fronteira.

As comunidades de fronteira não querem ser reconhecidas como “marginais”, que habitam áreas de defesa nacional, locais de tensão ou redutos de tráfico de drogas, armas ou contrabando. As fronteiras são mais do que isso e quem vive nelas menciona sempre a importância do caráter da integração, justificado por meio de práticas quotidianas que ensinaram que a harmonia entre os povos, o intercâmbio e as trocas, de fato encorajam a população a superar os principais problemas de sua realidade.

Dessa forma, a mídia de fronteira atua como elemento de integração de diferentes culturas, pois abre espaços, tanto nas páginas dos jornais, quanto nos noticiários de TV e rádio, para questões que dizem respeito ao cotidiano dessas comunidades, guardadas as devidas proporções do que é realmente de interesse local e compreende o interesse fronteiriço.

Por isso se pode notar na mídia de fronteira, em sua maioria, espaço para pautas como aduana, política, câmbio, polícia, música, eventos e esportes, cujos assuntos dizem respeito justamente à problemática das populações de fronteira.

Ao colocar em pauta assuntos que refletem questões das populações de fronteira o rádio, de forma articulada, propicia e estimula a discussão de temas comuns a populações unidas por muitas afinidades, interesses e circunstâncias que requerem atitudes comuns. O rádio funciona, então, como um dos porta-vozes dos interesses dessas sociedades e fator potencial para a construção das identidades desses povos. Pode ser olhado como um dos elementos organizadores do coletivo, porque através dele são visualizadas as similaridades e as diferenças desses grupos. Os sujeitos se ouvem no rádio, ao mesmo tempo em que ouvem os demais. Embora o fronteiriço pareça não ter noção, isso permite o desenvolvimento de uma visão crítica em relação a si mesmo e aos outros.

A idéia de que o rádio é companheiro e amigo não tem pátria. Como viajantes, os ouvintes migram de emissora e de país. Na fronteira isso é ainda mais comum, pela variedade do produto que se oferece e também pela curiosidade normal que as pessoas sentem em relação a uma rádio estrangeira. E a música representa a forma mais simples e natural de sustentar essa relação espontânea, traz as marcas de identidades que aproximam os povos. E por serem tão próximos, países fronteiriços como Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai, não só se aproximam como se identificam pelas raízes culturais: a música, a dança, a língua. As diferenças que existem se dissipam pelas semelhanças.

O rádio de fronteira funciona como a representação concreta das relações que se estabelecem na sociedade, a partir dos interesses e desejos desta, decorrentes das crises, conflitos e necessidades que se criam no dia-a-dia de vizinhança. O rádio de fronteira é a antena capaz de captar esses fluidos e energias que estão no ar e transformá-los não apenas em notícia, mas em voz.

O caráter popular do rádio ganha outra dimensão no rádio de fronteira, pois o local e o popular se mesclam num espectro cuja identidade se sustenta pelo suceder de uma série de situações quotidianas que são comuns a duas nações diferentes sociopoliticamente. A realidade da fronteira é única, ao mesmo tempo em que o rádio precisa dar conta dos fatos dentro de um contexto de nação, precisa se desdobrar dentro de sua natural dinamicidade para ser eficiente enquanto meio que reconhece o seu alcance dentro de um espaço físico que não diz respeito apenas ao seu país. Nesse aspecto, o rádio de fronteira trabalha sob outra ótica, aquela que concebe o fazer rádio como um exercício de reconhecimento das identidades

culturais e sociais que permeiam a realidade de países separados por uma faixa geográfica, mas tão próximos pela rotina e experiências de sua população.

Apesar das diferenças culturais e linguísticas, que na região de fronteira tendem a ser amenizadas pela convivência e relações humanas, o rádio local reproduz possibilidades de vida, quase como uma resposta às angústias existenciais ou sociais. Através da música, da língua e da informação, produz cultura ou propicia alternativas para sua manifestação; é co-partícipe de uma instituição dinâmica que ao veicular fatos, transmite idéias e ideais de um todo diversificado. Pela comunicação, a realidade se fragmenta com a possibilidade sempre viva de transformação e nascimento do novo.

O rádio de fronteira incorpora os elementos fundamentais da vida quotidiana, como as relações sociais, os fatos do dia, a música que identifica pessoas, aproxima os povos e diminui as distâncias geograficamente mensuráveis. Essas relações encontram nele um espaço público para a sedimentação e se ampliam ainda mais, porque não estão apenas restritas ao plano pessoal. Ao mesmo tempo em que supõe e propicia a ligação entre os ouvintes de nações vizinhas, o rádio se apropria das mensagens para também fortalecer sua função de meio de comunicação num espaço de domínio público. Ao transmitir um recado de um ouvinte brasileiro para um paraguaio, por exemplo, pelo modo como o comunicador emite a mensagem, o rádio cria um vínculo com o outro espaço e com quem nele está inserido.

Assim como mudam os conceitos e as concepções das coisas, a cultura enquanto elemento vivo tem novas nuances porque não é estática, está sempre em movimento, resultado de quem a produz. Por isso, nesse contexto, o rádio pode interagir como mediador da construção de identidades da fronteira, considerando as particularidades e as similaridades que ali existem. Ao ir além do seu território e por ter a força que normalmente tem um veículo eletrônico, por meio do discurso de seus locutores, apresentadores e programadores, vai expressando idéias, contrapondo paradigmas, assimilando outros e produzindo efeitos de sentido. Não é que só na fronteira ele possa fazer isso, mas em regiões como essa, o coletivo não diz respeito a apenas um povo ou uma nação, mas ao conjunto de forças simbólicas que ali atuam e à sociedade multicultural que se apresenta de modo muito singular. Assim, interage com a fronteira e também pode interagir com o mundo, a partir das tecnologias, e por isso, consegue refletir seus comportamentos e articular relações e práticas socioculturais. O rádio é, portanto, pela sua programação, o articulador de múltiplas identidades culturais e pode estimular a discussão sobre a realidade, o questionamento a respeito das relações



existentes entre os territórios fronteiriços para a redescoberta acerca dos valores dessas sociedades e de como elas se integram e interagem.

Por meio da programação e dos sujeitos que a dinamizam produz representações dessa mesma sociedade em que está inserido, reproduzindo os seus falares, suas músicas, seu jeito de viver e suas preocupações de ordem econômica, política e social. O rádio de fronteira revela e cria, além de representações, identidades. É um olhar sobre a atmosfera fronteiriça, que acompanha seu cotidiano e, portanto, a trajetória de sua gente, que nele encontra afinidade e significações para aquilo que vem construindo. O rádio de fronteira estabelece com ela uma relação também de identidade, porque se manifesta por ela e através dela. E nesse exercício parece estar criando também consciência de seu papel junto à sociedade a que pertence, pois tem propiciado espaço para que as diversas representações sociais ali se encontrem, ganhem voz e se expressem, em toda a complexidade

Do estilo convencional de fazer rádio para o rádio na web, espera-se que ocorram adequações e mudanças no processo de rotina de produção e veiculação das mensagens, pois as novas tecnologias apontam para outras possibilidades e mostram os novos caminhos que o veículo pode assumir na sociedade contemporânea, sem necessariamente se desprender de suas características básicas. Pensemos agora esse novo caráter do rádio numa sociedade em que os sujeitos também assimilam outras formas de viver, frente às transformações e ao contexto.

### **3.3 O rádio na web: conexão glocal dos cidadãos do mundo**

Quando nos referimos ao rádio na web, estamos falando de um rádio do tempo presente, que está plenamente adaptado às novas tecnologias, habitando também o espaço virtual, o ciberespaço, que permite ao mesmo tempo a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto (LEVY, 2000). E é dentro desta perspectiva que nos remetemos a uma idéia de maior possibilidade de interação entre quem faz rádio e os ouvintes.

O rádio na web não pode ser olhado da mesma maneira que o rádio da década de 20 quando surgiu como o primeiro veículo eletrônico do país; nem da década de 40, quando viveu os seus anos áureos. Nem mesmo a sua decadência na década de 60 o fez esmorecer. Encontrou alternativas, temperou a notícia e voltou a despertar interesse por excelência tecnológica na reprodução em Frequência Modulada nos anos 80, quando a música ocupou predominantemente o dial.

As características de veículo mais “popular”, rádio “companheiro”, e “meio que chega a todos os lugares”, aquele “que transmite as informações em tempo real” são expressões que ganharam força na literatura específica da área, mas que precisam ser repensadas porque não são mais suficientes diante do momento que o rádio vive hoje. Ele pode ter todas essas características, mas foi acrescentando outras que podem ser concomitantes a estas e também contrastantes ou contraditórias. Por exemplo, a idéia do rádio que está em todos os lugares pode ou não caracterizar uma emissora de rádio na web. Primeiro, porque a web ainda não está disponível em todos os lugares do país. E nas regiões da fronteira-norte, como em Roraima, por exemplo, não há centros urbanos num raio de 100 a 200 km da fronteira. Segundo, o rádio na web tem condições de chegar a muitos outros lugares do planeta que o rádio no formato tradicional não tem. Na *web* uma emissora pode ser ouvida em qualquer lugar do mundo, basta estar disponível.

Embora apresente limites tecnológicos, a comunicação do rádio via *web* é ilimitada. Sua identidade é multicultural e intercultural, pois além de se processar por meio de uma rede, contribui para a ampliação da questão cultural, saindo de um campo de domínio que é mais regional para integrar-se ao espaço da globalização, para então tornar-se um fenômeno glocal. Conforme García Canclini (2003, p.50-51) “[...] a multiculturalidade é também uma maneira de integrar-se à globalização. Somos produtores e consumidores multiculturais da globalização” e o rádio na *web*, mesmo que não tenha a intenção primeira de participar da acumulação multicultural do capital, acaba ocupando nichos do gênero no mercado mundial.

O que diz respeito à web tem relação com um espaço relativamente novo: o ciberespaço, o espaço criado virtualmente. Concreto, porque tem um endereço, mas abstrato na sua forma invisível e irrepresentável; é de uma natureza fabricada artificialmente, mas propicia relações naturais de comunicação; tem sua própria linguagem e segue uma lógica que não pode ser avaliada pelos moldes comuns do que seria lógico.

A dinâmica da *web* é de domínio público e um novo espaço público que pode ser utilizado por qualquer cidadão, desde que esteja próximo dela e aprenda a manuseá-la. A partir deste momento, ele passa a transitar dentro dos códigos que o identificam como cidadão do mundo. Ouvindo rádio pela web, transita com flexibilidade por outras culturas, exercita as trocas culturais e a construção de identidades. O múltiplo indica muitos. Indica diversidade,

pluralidade. É para este cidadão que a rádio na web também fala,<sup>19</sup> ou seja, para um cidadão que é capaz de ler e assimilar diferentes códigos, compreendê-los em toda a sua dimensão, sem necessariamente perder suas convicções ou raízes. Ele consegue distinguir as diferenças e conviver com elas, mesmo sem aceitá-las, respeitando-as dentro do princípio da alteridade.

Porém, o sujeito contemporâneo que frequenta o espaço público da *web* pode esconder-se, esquivar-se, criar identidades não verdadeiras e utilizar este espaço de forma mal intencionada. Pode ser silencioso e estar no ciberespaço sem manter relação direta com outros sujeitos, pode conhecer suas histórias, escrever sobre coisas, fatos e pessoas, ser conhecido, tornar-se celebridade sem dirigir a palavra a ninguém especificamente. Pode continuar anônimo, aparentemente sem identidade, mas só pelo fato de habitar esse espaço estará estabelecendo de uma ou outra forma relação com outras culturas. O espaço da *web* permite a interculturalidade quando o sujeito está aberto para descobrir as potencialidades deste espaço, quando interage com os outros.

Conforme Levy (2000, p.202) “[...] o poder e a identidade de um grupo dependem mais da qualidade e da intensidade de sua conexão consigo mesmo do que da sua resistência em comunicar-se com o seu meio”. E o poder do ciberespaço é um poder diferente do poder hierárquico, burocrático ou territorial, nascido da capacidade de aprender e de trabalhar de maneira cooperativa. O autor refere-se ao espaço prático como mais importante do que um espaço físico e geográfico objetivo e imutável no que diz respeito à compreensão dos fenômenos culturais e sociais. A noção de espaço prático no mundo contemporâneo compreende a relação que se cria do espaço a partir da noção de tempo. Significa estabelecer uma relação com o passado dele e com as mutações históricas e tecnológicas decorrentes. Pelo espaço prático, a distância entre Uruguaiana/RS (fronteira sul) e Corumbá (fronteira centro-oeste) não é mais a mesma que no início do século XX. O desenvolvimento das comunicações permitiu que as distâncias diminuíssem e assim o espaço prático é um e o físico geográfico outro.

Se, por um lado, essas distâncias diminuíram, por outro, aumentaram as “proximidades cognitivas e afetivas”, conforme expressão de Levy (2000, p.201), entre as nações, os povos e as culturas. E o ciberespaço é um local privilegiado para essas

---

<sup>19</sup> O multívíduo circula não só no espaço físico, mas também no virtual. Portanto, fala para ele a rádio que está na web e a rádio tradicional, dependendo das identificações que estabelecer ou da identidade que acionar em outro momento.

interconexões. Cabe refletir sobre a forma como nos posicionamos em relação a este espaço: se passivos, interativos, emancipadores ou dependentes.

Sempre haverá exclusão no ciberespaço, bem como há em outros também, mas isso não deve servir de empecilho para impedir o desenvolvimento do mesmo. É um processo que não tem volta. O hiperdocumento planetário ou hipertexto aproxima as inteligências de todos os tipos. Podem conviver e manifestar-se no mesmo espaço, tanto o estudante como o cientista, o filósofo e o poeta. Todos podem ouvir e se fazer ouvir. Sem a mediação tradicional, ajudam a construir o discurso diferentes seres e expressões, até mesmo aqueles que no sistema das mídias convencionais (rádio, TV, jornal, revista) normalmente não teriam oportunidade de fazê-lo. Assim, no ciberespaço as inteligências são associadas, aquilo que sabemos e disponibilizamos soma-se a outros saberes e ajuda a tecer o hipertexto.

O ciberespaço dá lugar também para as mídias tradicionais, mas a partir do momento em que entram nele, não são mais as mesmas. Rádio, TV, jornal ou revista recebem novo revestimento e tessitura, e alcançam outra forma: aquela que privilegia a comunicação todos para todos e prevê interação. Interessa aqui pensar em como o rádio se comporta na web, por exemplo, e ampliar o raciocínio que vínhamos fazendo anteriormente.

A rádio pode existir apenas na web: web rádio, *net* rádio ou rádio virtual. A rádio pode coexistir no espaço geográfico territorial e virtual: rádio *on line*. A rádio pode manter apenas uma página, um site de divulgação e nele incluir áudios de sua programação e fotos: rádio *off line* (TRIGO-DE-SOUZA, 2004, p.2). A rádio pode coabitar esses dois espaços, ter uma página e ainda ter imagem, isto é, aquilo que está acontecendo no estúdio está sendo transmitido por imagem através de um determinado endereço eletrônico de modo concomitante: rádio com imagem. A rádio na internet pode ser privada e independente, criada por um grupo de pessoas ou somente por uma pessoa. Pode ser ainda apenas um canal de áudio, utilizada por portais na rede que possibilitam o acesso a vários canais de música com estilos diferentes, porém, quase sempre sem apresentação de vinhetas e demais fatores que caracterizam esteticamente uma programação de rádio (BUFARAH JUNIOR, 2003, p.2).

A rádio na web não exige concessão para funcionar. Os direitos de divulgar música, informação ou até mesmo imagem são de todos. Nesse contexto, os saberes e as informações circulam de modo livre e dinâmico e têm o mesmo caráter, pois a veracidade dos fatos está sempre em jogo. Em princípio, qualquer notícia pode ser verdadeira ou falsa. Os usuários deste espaço, por meio de suas interconexões, é que vão determinar o peso e fazer essa crítica. A propósito, a maior crítica em relação ao ciberespaço é quanto à autenticidade das

informações, mesmo nas matérias assinadas. Entretanto, se olharmos a mídia tradicional, também corremos o risco de tomar como verdadeiro algo que é apenas a “verdade oficial”, produto de um monopólio. O olhar crítico sobre a informação que consumimos é necessário em qualquer espaço midiático, seja físico ou virtual.

O território do hiperdocumento planetário é infinito e está sempre em expansão. O número de rádios no espectro é finito, mas na *web*, não. Não há nenhum tipo de controle nas rádios que estão na internet, a não ser aquele fruto da interação emissor-receptor. A linguagem desse rádio mistura a do veículo tradicional com a do espaço virtual, pois mantém parte dos signos presentes do primeiro e adiciona outros próprios do ciberespaço, como a possibilidade de armazenamento e memória, interação por *chats* de discussão, pesquisa e opinião por meio de votação eletrônica, depoimentos no *site*, comentários, e uma relação de tempo de escuta diferente, pois você tanto pode estar ouvindo a programação naquele momento, quanto pode esquecer tudo isso e procurar nos arquivos algo que já foi ao ar, mas pode ser ouvido em qualquer tempo. Obviamente isso representa alguns riscos para quem é pesquisador desse material, pois há limites de capacidade de armazenamento porque a memória também ocupa um espaço físico dentro do virtual para ser preservada. Portanto, o programa que estava armazenado ontem pode não estar mais disponível hoje, se você não tiver o bom senso de guardá-lo antes em outro lugar mais seguro para dispor sempre que quiser. Mas esta é apenas uma barreira de ordem tecnológica.

Outro aspecto importante que merece ser destacado é que o rádio na *web* pode ser representado por um conjunto organizado de emissoras que estão disponíveis para acesso em um site especializado. Mas também pode permanecer quase anônima, se não se render à lógica do suporte, ou seja, se a rádio existe e não difundir isso para a rede dificilmente ela será acessada. No ciberespaço, você precisa comunicar que está ali para poder se interrelacionar e fazer funcionar a grande teia que sustenta o virtual: a conexão pela interconexão. Algumas emissoras só existem na *web* e, portanto, sua lógica de relacionamento parte justamente desse espaço, embora elas possam fazer uso também da mídia tradicional para revelar sua existência. Algumas emissoras são descobertas por acaso ou são procuradas pelo gênero musical. Outras emissoras são anunciadas via sites especializados e ficam conhecidas em razão disso.

O ouvinte só vai se aproximar de um endereço de rádio na *web* se tiver algum tipo de interesse por aquele espaço ou se for levado até ele de alguma forma. É muito comum pessoas que gostam de ouvir rádio buscarem na rede os sites que hospedam emissoras como o Tudo

Rádio<sup>20</sup> ou Rádios *Online*<sup>21</sup>. Pela lógica destes sites, o ouvinte internauta seleciona os *links* daquelas emissoras que mais lhe agradam, seguindo indicações como país, estado, tipo de música ou simplesmente são as mais ouvidas, segundo a relação que aparece na página. Mas podem ser levados a sintonizar determinadas emissoras porque elas, por estratégia de divulgação, associam-se a outros sites de entretenimento, principalmente de jogos e filmes. A partir das conversas que tivemos com os profissionais de rádio, podemos dizer que as emissoras acreditam que os internautas que acessam esses sites podem se tornar ouvintes em potencial de uma ou outra rádio a eles associada. É uma maneira estratégica delas se tornarem conhecidas e aproximarem-se desses possíveis ouvintes.

Como a questão do território geográfico não existe para as emissoras que estão somente na *web*, elas poderão até ter mais autonomia para ousar e transcender àquilo que normalmente se chamaria de raízes culturais. O que constitui sua programação não são coisas híbridas decorrentes daquilo que circula no espaço virtual, mas os reflexos das proximidades cognitivas e afetivas que se estabelecem entre os ouvintes internautas e os produtores culturais da emissora que está na *web*. Acreditamos que quanto maior for essa troca e proximidade, mais definido será o conteúdo da programação dessas emissoras, que certamente vão refletir as vivências, experiências, gostos, desejos e interesses de seus usuários, os sujeitos contemporâneos.

Pelas primeiras observações feitas acerca das emissoras que estão na *web* constatamos que elas podem representar práticas socioculturais de um determinado grupo de pessoas, de uma região particular, ou serem, portanto, de tal maneira abertas, que assimilam tendências as mais diversas. Mas como o ciberespaço não tem forma, dificilmente poderemos representar a totalidade da sociedade que ele abarca por meio de uma rádio na *web*, por exemplo. A amplitude e a multiplicidade desse espaço total não há como representar, mas se pode, todavia, procurar em cada emissora *on line* um recorte, ou seja, uma representação de determinadas práticas socioculturais.

Impossível pensar qualquer produção cultural sem o envolvimento de sujeitos. Eles carregam consigo a sua bagagem e estabelecem em todas as relações e atitudes comportamentos que revelam o conteúdo dessa bagagem, as suas histórias de vida, experiências e vivências, com todo o conhecimento acumulado. Ao mesmo tempo, eles traduzem, por meio de suas expressões, aquilo que conseguiram apreender do contexto

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://www.tudoradio.com>. Acesso em: 18 jan. 2007.

<sup>21</sup> Disponível em: <http://www.radiosonline.com>. Acesso em: 18 jan. 2007.

geográfico em que estão inseridos. Mas quando interagem no e para o espaço virtual, entra em cena mais um contexto, com sua lógica e linguagem própria. Assim, penetram em outra cultura e extraem dela novos elementos, assimilam outros conhecimentos, relacionam-se com diferentes espaços e cidadãos, descobrem coisas e interesses novos. Portanto, incluem no seu processo de desenvolvimento outros requisitos que não faziam parte de sua bagagem. E esse processo é contínuo e dinâmico. Não cessa nunca, a não ser que eles se isolem. Portanto, desse ponto de vista, um produtor cultural de rádio web não poderia criar uma programação para a emissora sem considerar todo esse processo.

Os produtores culturais, como os radialistas, trabalham com idéias. Sabemos que uma idéia nova vai suplantando idéias anteriores, aprimorando conceitos, despertando para outras realidades e contribuindo para a filtragem daquilo que vai predominar no conteúdo do discurso. A renovação desse conteúdo é constante, à medida que a seleção e a navegação vão acontecendo no mundo virtual e as outras experiências se desenrolando onde estamos com os pés no chão. Não dá para chamar este último lugar de mundo real, pois o virtual não lhe serve como oposição e ambos são mundos reais de concepções diferenciadas. Segundo Lemos (2000, p. 229) “virtual vem do latim *virtualis*, de *virtus*, definindo-se como força ou potência. [...] O virtual não se opõe ao real, mas ao atual, onde a virtualidade e a atualidade são dois modos de ser diferentes.”

O rádio na web permite que se ampliem as possibilidades de renovação do veículo, criando roupagens novas para formatos tradicionais. A tendência é que esses formatos se tornem resultado de uma mistura heterogênea de fazeres radiofônicos, ou seja, as produções dos programas têm nas mãos diversos recursos tecnológicos que gerariam uma reapropriação daquilo que já existe de concreto, mas plenamente reformulado, de modo a contemplar as expectativas dos ouvintes, aproveitando tudo aquilo que a tecnologia permite. Isso implica dizer que os profissionais do rádio na *web* estão atentos ao novo momento pelo qual o veículo está passando e sabem que a inquietude diante da mudança é a atitude que se esperaria para não cair na estagnação.

Os produtores de rádio na web parecem ter a consciência clara de que é necessário incluir nesses formatos um elemento fundamental para o ouvinte contemporâneo, ou seja, o próprio ouvinte. A relação emissor-receptor nesse contexto é muito mais estreita, direta e participativa porque ele dá sinal de sua presença físico-virtual a qualquer momento, independente da distância que se encontra do emissor. E a sensação que os produtores e locutores têm é de que esse ouvinte está junto deles, participando e quando não influenciando

o rumo da comunicação. Ele dá sinais de que está ligado na emissão, pois o *feedback* imediato significa uma certa forma de controle sobre aquilo que está sendo emitido, principalmente se isso lhe diz respeito de alguma maneira ou lhe interessa.

Esta é uma das razões que faz os produtores e locutores também estenderem a sua rede de comunicação e informação. “As redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou talvez, imaginá-lo. Outras formas de ser sociedade e de fazer política emergem das “mobilizações-relâmpago” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p.54). Como a circulação de informações e dados na rede é um universo infinito, os produtos simbólicos que circulam por ela estão acessíveis a qualquer cidadão, independente da nacionalidade. O mundo das informações passa a ser traduzido de uma forma instantânea e veloz numa quantidade inimaginável. As informações e conhecimentos que podem ser obtidos na rede, apesar de terem uma origem, podem ser considerados desterritorializados. Toda vez que fazemos uso ou penetramos nesse universo, praticamente lhe damos vida e nos tornamos parte dele.

Não podemos ignorar que a relação entre emissor e receptor é também uma relação de simulação do que acontece em torno deles, ou seja, emissor e receptor são provocados e estimulados pelo mesmo objeto e pela mesma realidade multidimensional que engloba esferas que vão do terreno da economia e da política à arte e à cultura. O contexto em que estão ambos – emissores e receptores do rádio na web - é um contexto não apenas global, mas glocal e considera o momento histórico-social presente.

Uma das razões mais importantes para o fenômeno glocal se firmar no contexto ciberespacial é o espírito intelectual da época, tanto no que diz respeito à economia quanto à política ou à cultura, que se expressa por meio de um acoplamento do homem à máquina “[...] processado no lugar de acesso como ambiência representativa do contexto local e umbilicalmente vinculado aos conteúdos da rede como dimensão representativa do universo global” (TRIVINHO, 2001, p.68).

O processo do fazer radiofônico pela web traduz exatamente a idéia do emissor em sintonia física com a máquina em um determinado local e do receptor na mesma situação em outro lugar próximo ou distante dele. Ambos estão vivendo uma situação que só se torna possível por meio da máquina. Do ponto de vista individual, tanto emissor como receptor estão na ambiência de um contexto local, que tem referências ao mundo de cada um. Mas é justamente essa possibilidade de ligação homem-máquina, simbólico e imaginário, que num



outro plano produz uma relação virtual e concreta dentro da rede, com representações de um universo glocal a que ambos estão submetidos.

Pense por exemplo num programa de rádio sendo transmitido simultaneamente via rede e pelo canal normal de FM. Os ouvintes dessa emissora, que está no ar em dois suportes diferentes de modo concomitante, são receptores que podem ser diferenciados. Enquanto o ouvinte web está na rede ouvindo a rádio, pode acessar livremente outras informações e dados além daqueles disponibilizados pela emissora, permanecendo junto à máquina; e aquele ouvinte que está sintonizando a emissora pelo canal local de FM pode estar de modo paralelo realizando outra atividade, mas sem a conexão com outro elemento eletrônico, a não ser o aparelho receptor.

Pensemos então nas afinidades e semelhanças entre eles. Ambos podem gostar do tipo de informação e música geradas pela emissora. Ambos podem ter algum tipo de ligação afetiva com o lugar onde a emissora está instalada ou mesmo com os locutores. São as duas possibilidades que primeiro apontaríamos pela sua obviedade. Mas voltemos às diferenças. Qual seria a mais importante? Pelas nossas observações, acreditamos que é o modo de interação com a emissora de rádio. Enquanto o ouvinte do canal local pegaria o telefone (custo) para ligar e emitir a sua opinião, desvencilhando-se daquilo que estava fazendo para simplesmente ligar para a rádio, o ouvinte web já estaria incorporando a sua forma de participação ao que ele de fato está fazendo, ou seja, comunicando-se pela rede, trocando informações e interagindo com quem ele está conectado. Enquanto o ouvinte de FM do canal local<sup>22</sup> dependeria de esperar o locutor fazer um intervalo e atender aos telefonemas segundo a ordem de chamada, o ouvinte web poderia interagir com o locutor enquanto ele estivesse no ar, falando ao microfone e ao mesmo tempo, lendo o que ele está escrevendo no Windows Network Messenger-MSN – o principal canal de conversação entre os radialistas e público ouvinte web. Isto é, na internet, a dimensão do tempo real se dá relativamente ao tempo que o locutor consegue captar a mensagem e elaborá-la instantaneamente. Chegamos então a outra questão muito importante no que diz respeito à relação de espaço e tempo.

O glocal compreende uma reprogramação desses elementos. Leva a uma reescrita do espaço por duas vias: o espaço imediato de vivência concreta, o espaço material de relações do local e o espaço de socioespacialização da tela, onde se constroem as vivências de caráter

---

<sup>22</sup> Este ouvinte do canal local pode imediatamente se transformar num ouvinte da mesma emissora na web, para ter mais facilidade de interação. Esta parece ser a tendência para quem deseja de fato interagir, desde que esteja próximo a uma máquina ligada à rede. Não queremos aqui fazer a apologia da internet como solução para tudo, apenas apontar um comportamento que tende a se multiplicar.

mediático-espectrais. O glocal também mexe com a noção de tempo que está ligado ao tempo real instrumental, representado pelo relógio e o calendário e pelo tempo de representação teórico-analítica (passado, presente e futuro). A partir dos meios eletrônicos instaurou-se o tempo real, produzido tecnicamente, e que simula o tempo ordinário da vida cotidiana, mas é controlado pelo fluxo da tecnologia da instantaneidade.

A sociedade hoje caminha para uma reprogramação quase dialógica de comunicação e cultura, ou seja, o predomínio do tempo real sobre outras dimensões de tempo propõe uma reordenação das estruturas. As energias sociais, políticas e culturais se enquadram de tal forma na cena dos *mass media*, ganhando no imaginário social uma proporção muito grande. Isso significa que as estruturas anteriormente constituídas passam a não ter a mesma intervenção social de antes, frente às estruturas infoeletrônicas do espaço virtual. Sob outro registro, isso quer dizer que uma imagem na internet hoje pode representar em tempo real uma intervenção de caráter social muito mais rapidamente que de outro modo.

Se situarmos esse aspecto especificamente no âmbito do rádio na web, a dimensão que qualquer tipo de emissão não se dá apenas no lugar ou no plano material, mas se difunde em tempo real ao plano do não-lugar e do imaterial. Exemplificando, não vai ser apenas na comunidade de Santana do Livramento-Rivera que a mensagem vai ser repercutida, mas em todo o espaço virtual em que estiver ocorrendo um acoplamento homem-máquina, cujo endereço acessado corresponder ao da emissora na rede que reproduziu aquela determinada mensagem. A intervenção social nas estruturas convencionais e nas estruturas infoeletrônicas será imediata, bem como inevitável o que isto pode gerar. A velocidade luz com que isso se dá é que torna o tempo de *feedback* e o espaço atingido imensuráveis. O glocal aqui se concretiza como uma atitude que mescla fluxos de informação, espaço e tempo. Fluxos por onde circula a cultura mediática e os produtos simbólicos dela decorrentes. Pouca coisa escapa à circulação nesse fluxo.

O glocal é a fonte da cultura produzida neste momento histórico-social. Há, na verdade, quase uma necessidade de os produtores verem suas criações circulando nesse meio. Já não basta modos de circulação massiva, como a mídia convencional – rádio, televisão, jornal e revista – pois o âmbito da esfera infoeletrônica permite justamente a veiculação dentro de um espaço glocal, uma solução tecnológica que liga de modo íntimo o espaço local e o universo global. E essa solução tecnológica não é destituída de poder, ao contrário, é uma forma de poder. O glocal reproduz continuamente e recontextualiza essa instância e ao mesmo

tempo constitui-se a fonte de toda a cultura e coloca-se como informação e imagem e assim torna-se a mensagem, independentemente dos fluxos que o perpassam.

Ao pensar em todo esse processo, automaticamente chegamos a outro enraizamento que esse fluxo proporciona, ou seja, às relações de poder que isso implica. Pierre Levy (2000, 203) salienta que “[...] a interconexão dos computadores mede com muita precisão um potencial de inteligência coletiva de alta densidade em tempo real”. Esse mesmo tempo real de que falávamos antes, conseqüência do fenômeno glocal e que produz relações, fluxos de perguntas e respostas, guarda e transmite conhecimento. Qualquer máquina que estiver realizando uma conexão em tempo real é um instrumento de troca, de produção e de estocagem de informações. Ao canalizar e entrelaçar múltiplos fluxos torna-se um centro virtual, instrumento de poder. Portanto, este poder advém muito mais da tecnologia do que da ideologia que essa tecnologia subentende. Um poder diferente do ditatorial, que considera apenas a vontade de um soberano e ignora qualquer possibilidade de manifestação, o que inevitavelmente conduziria à manipulação.

Acreditamos que o poder do ciberespaço cada vez mais será um poder relacionado com o grau de confiança e de reconhecimento recíprocos reinantes num contexto social. Entretanto, isto não anula possibilidades de exclusão ou algum tipo de manifestação de cunho todo-poderoso. Se observarmos, por exemplo, a parte de estruturação física das redes, produção de dispositivos e suportes, perceberemos que há o poder instituído pela concentração do capital. Embora haja esse tipo de poder, o âmbito da difusão da informação e da comunicação é muito mais importante, porque esse fluxo da forma como acontece pode ser um vetor de discussão e reflexão sobre a questão anterior. Do modo como opera a rede, essa forma de contradição é permitida. A rede funciona como uma espécie de *ombudsman*<sup>23</sup> de si mesma. Assim, o ciberespaço “[...] permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto [...]”. Esse contexto comum, em vez de vir de um centro emissor Todo Poderoso, emerge da interação entre os participantes (LEVY, 2000, p 207).

O princípio que parece mais claro em uma emissora na web é que ela está sempre em construção<sup>24</sup>, mas em tempo real, ou seja, a programação vai fluindo conforme acontece o fluxo de interação com o ouvinte. E o mais importante: esse ouvinte não é um ouvinte

---

<sup>23</sup> *Ombudsman* é um profissional contratado por um órgão, instituição ou empresa que tem a função de receber críticas, sugestões, reclamações e deve agir em defesa imparcial da comunidade.

<sup>24</sup> As emissoras que não estão na web também estão sempre em construção, pois o rádio é um meio vivo que se constrói pela dinamicidade, pela atualidade e rapidez da informação.

qualquer. Pretende ir além de apenas se ouvir no rádio. Ele é um ouvinte pronto a intervir no conteúdo e participar da programação de onde quer que ele esteja. Pelo que podemos perceber das nossas observações, esse ouvinte se liga em uma rádio que está na web principalmente pela programação e por laços afetivos, entretanto, o que o torna diferenciado em relação ao ouvinte que não está *on line* é a forma de interação, considerando o tempo e o espaço em que estiver.

E um fenômeno muito interessante acontece nesse contexto. À medida que ouve a emissora que gosta<sup>25</sup>, na língua do seu país de origem, ou a emissora de sua cidade natal em outro continente e interage com essa programação, poderá contribuir com elementos próprios da cultura na qual está inserido, fazer trocas, ajudando a construir o grande texto, o imensurável hipertexto, conectado a uma página plural que pode abrigar múltiplas vozes. É um espaço voltado não para um indivíduo, mas para todo o mundo, todas as culturas e todas as singularidades. Assim, essa página vai crescendo e se alimentando de acordo com o processo de leitura e de redação que acontece em massa, de modo simultâneo e paralelo. É da contribuição de muitos sujeitos que vai se construindo também, na rede, uma visão mais ampla da identidade.

Feitas as reflexões de caráter mais teórico, que dão sustentação a esse estudo e que nos fizeram pensar sobre questões complexas que estão sendo discutidas cotidianamente e que nos ajudaram a enriquecer nossos fundamentos, consideramos importante apresentar agora a base metodológica – Hermenêutica da Profundidade- que nos guiou na análise da programação de quatro emissoras FM de fronteira que estão na web.

---

<sup>25</sup> Sabe-se de paulistas que moram na China e ouvem a Rádio Guaíba de Porto Alegre, por exemplo, assim como podem ouvir as de São Paulo e outras rádios do mundo. Não podemos afirmar, portanto, que é o somente o fato de estar longe da terra natal que faz um ouvinte conectar-se a uma emissora na web determinada. Como esta não é uma pesquisa de recepção, mas considera o processo de recepção, entender as razões de os ouvintes fazerem suas escolhas é significativo.

## **II - O RÁDIO DE FRONTEIRA NA WEB**

### **4. UM OLHAR SOBRE O FAZER RADIOFÔNICO**

Todos os modos de fazer requerem alguma metodologia para que ultrapassem o processo que começa na criação da idéia e termina na conclusão de uma tarefa ou na confecção de um produto. No decorrer da existência, desde as suas origens, verifica-se que a humanidade sempre agiu de acordo com um determinado modo de realizar as coisas, seguindo normas não necessariamente estáticas de produção, mas que no seu conjunto formam um método.

Esta maneira organizada de produção, seja ela material ou intelectual, ajuda-nos a sermos capazes de seguir passo a passo um processo, executando cada uma das partes de modo planejado, a fim de que os nossos objetivos sejam realizados e o resultado positivo. Normalmente, o uso de uma metodologia propicia o acompanhamento e avaliação do que está sendo feito, de modo a corrigir possíveis imperfeições ou mesmo prevenir erros. Mas, ela precisa ser aberta ou flexível o suficiente para permitir certa liberdade de escolha ou adaptações à situação vivida, caso contrário, os resultados podem não corresponder à realidade do campo estudado ou mesmo não permitir a experiência da criatividade.

No que diz respeito ao trabalho científico, é preciso apostar naquela que mais se aproxima do campo do objeto de estudo e que privilegie a ação e interpretação dos dados pelo pesquisador, de modo que contribua para tornar a pesquisa mais interessante do que ela se propõe e principalmente oferecer os requisitos para a descoberta dos elementos-chave de todo o processo de trabalho. Quem pesquisa não pode ser refém do método, mas deve usá-lo em todas as situações necessárias para encontrar respostas às perguntas e dúvidas que

aparecerem, criando situações para caminhar mais seguro, mensurando corretamente o tempo e o espaço.

O objeto de estudo desta tese é o rádio de fronteira na web, no que diz respeito às representações das práticas socioculturais na programação de emissoras que estão disponíveis ao mesmo tempo no canal local e na internet. Portanto, trabalhamos com o rádio nas dimensões física e virtual. Fisicamente, o espaço de ação deste veículo está ligado às fronteiras geopolíticas nacionais. Isto significa que, para que seja estudada, a emissora precisa estar situada dentro de uma região de limite do Brasil com os países fronteiriços nas regiões Sul e Centro Oeste do país. Observamos emissoras de rádio em espaços importantes nesse contexto econômica e politicamente, caracterizando também um fluxo permanente de pessoas e suas conseqüentes trocas e práticas socioculturais. E assim selecionamos Uruguaiana-Libres e Livramento-Rivera na região Sul, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro na região Centro-Oeste.

Na sua dimensão virtual, um elemento importante para determinar as rádios a serem estudadas é que elas estejam disponíveis em um canal FM e também na web. Trabalhar com emissoras localizadas na região da fronteira tem como principal objetivo contribuir para os estudos de rádio que focalizam a Frequência Modulada, procurando compreender melhor esse meio cujo perfil tem oscilado bastante desde o seu surgimento na década de 80. Buscar emissoras FM que também estão na internet, significa dar a esta pesquisa um direcionamento ao conjunto de trabalhos que estão analisando o rádio dentro do processo de desenvolvimento do veículo frente às novas tecnologias, já que tudo isso é muito recente e os primeiros trabalhos nesta área ainda são incipientes. O interesse é acompanhar também como o rádio vem se integrando ou adaptando à web, a tecnologia que está revolucionando o modo de fazer comunicação. Incorporar a questão da internet ao rádio FM de fronteira é trabalhar com especificidades que podem revelar facetas do veículo e servir como comparativo para outros estudos do meio em relação à cultura, à identidade e às tecnologias de comunicação e informação.

A questão da convergência das mídias e da web precisa ser pensada como um ação contemporânea que envolve todos os meios de comunicação, que já se inseriram na rede de alguma maneira, seja como fonte de busca, relacionamento ou ampliação da própria forma de comunicar, como é o caso de boa parte de emissoras FM, que optaram em estar na internet antes mesmo das AM. Verificamos nos contatos realizados, que parece haver ainda certa resistência, principalmente dos proprietários ou diretores dessas emissoras em disponibilizá-

las na web. Em toda a fronteira que percorremos para o nosso estudo, encontramos apenas duas em Amplitude Modulada cujo som pode ser ouvido na internet: a General Madariaga, de Paso de los Libres, e a Rádio São Miguel, de Uruguaiana, ambas na fronteira do Brasil com a Argentina. Em espaços fronteiriços constituídas por cidades de menor porte, que existem praticamente para manter o controle aduaneiro, nem mesmo existem rádios.

Para um profissional de comunicação atuar com mais consciência em relação ao seu objeto de estudo precisa saber interpretá-lo e usar instrumentos com os quais possa agir com mais firmeza, confiança e ética. O grande desafio neste trabalho foi definir-se por um suporte metodológico que oferecesse os mecanismos para analisar as práticas socioculturais presentes no rádio FM de fronteira que também está na web, dando conta desses espaços multiculturais com todas as suas singularidades e diversidades. Optamos pela Hermenêutica de Profundidade, de John B. Thompson, porque é uma proposta aberta, que permite a análise das formas simbólicas a partir do estudo de sua constituição significativa e da sua contextualização social. Portanto, o objeto de estudo é observado a partir de seu contexto histórico-social, o que enriquece e torna mais complexa a análise.

#### **4.1 A Hermenêutica da Profundidade na interpretação radiofônica**

A escolha pela metodologia da Hermenêutica da Profundidade (HP) explica-se pela capacidade que ela possui de abrigar vários métodos para interpretar a cultura, a ideologia e a comunicação de massa, como a análise do discurso, a entrevista, a observação participante ou algum outro tipo de pesquisa etnográfica, para reconstruirmos a maneira como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas nos vários contextos da vida social. Thompson (1995, p.356) costuma observar que a HP “apresenta um referencial dentro do qual esses métodos de análise podem ser sistematicamente inter-relacionados, suas potencialidades podem ser consideradas e seus limites definidos”. Por isso justifica-se nesta pesquisa a utilização da análise de conteúdo combinada com a observação *in loco* e as entrevistas semi-estruturadas e abertas.

Acreditamos que, pela natureza do conteúdo do rádio, pela vulnerabilidade da linguagem oral e, principalmente, pela grande carga de subjetividade que há no conteúdo de qualquer texto oral, é muito difícil estabelecer apenas um método que dê conta plenamente da análise e interpretação deste tipo de objeto. O que fazemos aqui é combinar instrumentos de análise, apoiados na abertura que a HP propõe, para melhor entender o conteúdo dos

programas radiofônicos, pois partimos do pressuposto de que não há nenhuma fórmula pronta capaz de abstrair toda a relatividade e a subjetividade do rádio. E se fosse diferente, ele não teria a amplitude e a riqueza que tem.

Toda forma simbólica, mesmo sendo estruturada internamente de várias maneiras, está inserida em um contexto histórico-social, é dotada de significado e, portanto, é possível ser interpretada. Thompson (1995, p.357) coloca que essas formas simbólicas “são ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas”. Assim, a programação das emissoras com as quais trabalhamos pode ser compreendida como um território pré-interpretado. Desse modo, não podemos desconsiderar o fato de que a mídia, no caso o rádio, não vive distanciada do mundo sócio-histórico, que está sempre em processo de construção e não é apenas um campo-objeto que está ali para ser observado, mas também um campo-sujeito.

Entendemos que o que é elaborado, tem sempre a presença de sujeitos e automaticamente eles constroem representações, procurando compreender não só a si mesmos, mas aos outros, interpretando um conjunto de ações, falas e acontecimentos que se dão a sua volta. Esses sujeitos funcionam também como analistas sociais porque eles examinam e analisam o seu campo-objeto. Não ignoram nesse trânsito a sua condição de sujeitos históricos que participam da história e não apenas a contemplam. Os sujeitos do campo-sujeito-objeto reforçam a idéia de que a experiência humana é sempre histórica, pois é assimilada numa relação de passado e presente. Assim, tudo aquilo que se apresenta como novo está ligado às tradições históricas e sociais. Portanto, as representações que os sujeitos constroem sobre a sociedade em que vivem podem ser o novo construído a partir daquilo que já existe.

Pensemos no nosso objeto de estudo partindo desse ponto de vista. O produtor de um programa de rádio, por exemplo, ao fazer a pauta, desenvolver seu texto oral, discutir uma temática, escolher uma música, o faz como um campo-sujeito-objeto. Isso acontece também com o ouvinte quando escuta o programa, o que completa um ciclo que garante a reprodução, de alguma forma, das experiências histórico-sociais desses sujeitos, o que resulta em novas experiências, reformulação de algumas e repetição de outras. Nada é exclusivamente novo, porque somos adeptos da idéia que exclui qualquer purismo, principalmente quando se pensa o mundo sócio-histórico não apenas como objeto-campo, mas como objeto-sujeito.

Como os sujeitos que fazem e os que ouvem rádio de fronteira estão inseridos num contexto sócio-histórico é muito importante para esta análise firmar-se num dos aspectos



principais que é o ponto de partida da Hermenêutica da Profundidade: a interpretação da região da fronteira, à luz da hermenêutica da vida cotidiana. Esse entendimento do cotidiano é denominado por Thompson de interpretação da doxa, ou seja, uma espécie de tradução das opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social. Mas ao analisar determinado objeto não podemos nos restringir à interpretação da doxa. É necessário considerar que as formas simbólicas são estruturadas e inseridas no contexto a que nos referíamos antes. Daí por que devemos seguir as três fases dentro do enfoque da HP, ou seja, análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação-reinterpretação, escolhendo adequadamente os instrumentos de análise para melhor compreender o objeto e em que consiste cada uma das fases.

O objetivo da primeira fase da HP, ou seja, da análise sócio-histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas. Dentro desta fase devemos considerar quatro elementos básicos para realizar a análise: as situações espaço-temporais, os campos de interação, as instituições sociais e a estrutura social.

As situações espaço-temporais ajudam a compreender as condições de espaço e tempo onde são produzidas e recebidas pelas pessoas as formas simbólicas que estão sempre situadas dentro de um campo de interação, ou seja, “um campo como um espaço de posições e um conjunto de trajetórias, que conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas das oportunidades acessíveis a elas” (THOMPSON, 2002, p. 366). As atividades comuns da vida cotidiana reproduzem por meio de conhecimento prático e aplicam um conjunto de normas que se traduzem em ações práticas. Já as instituições sociais têm a função de dar uma forma particular aos campos de interação. O autor destaca que ao analisar as instituições sociais reconstruímos os conjuntos de regras, recursos e relações que as constituem e traçamos o seu desenvolvimento através do tempo, à medida que examinamos as práticas e atitudes das pessoas que agem a seu favor e dentro delas. Já quando ele analisa o nível da estrutura social procura identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação.

Além desses níveis, a discussão da análise das formas simbólicas envolve ainda outro componente que permite que os sujeitos realizem as trocas e a difusão dessas formas. É preciso, portanto, que elas sejam produzidas, transmitidas e recebidas, e isso requer meios técnicos de construção, transmissão e recepção de mensagens. O meio técnico é definido como um substrato material em que, e através do qual, circulam as formas simbólicas, mas mais importante do que isso é o modo como são recebidas as mensagens pelos ouvintes e que

hoje fica visível no acompanhamento *in loco* da programação da emissora pelas formas de participação e interação que ele vai estabelecendo com ela diariamente.

Por meio dos modos de recepção podemos perceber como o sentido das formas simbólicas que são mediadas pela mídia passa a ser assimilado pelas pessoas que cotidianamente vão recebendo essas mensagens e, certamente, incorporando muitas delas em suas vidas. Thompson (1995, p.37) afirma que “não podemos tomar essas práticas e processos como supostos; não podemos pressupor que uma mensagem construída de determinada maneira será entendida do mesmo modo por todos os receptores em todos os contextos”. Não podemos mais acreditar que os receptores são passivos e nem cair na falácia do internalismo, que pressupõe que apenas a estrutura e o conteúdo das mensagens garantem o que vamos apreender delas, pois as formas simbólicas não são mero resultado de ações, mas construções simbólicas complexas que apresentam uma estrutura articulada, e por isso elas têm também algo mais a ser interpretado e a dizer sobre as coisas. Thompson acredita que a recepção é um processo contínuo de interpretação e incorporação.

Toda forma simbólica reporta sempre a uma relação com a ideologia. Para Thompson (1995, p.379) “interpretar a ideologia é explicitar a conexão entre o sentido mobilizado pelas formas simbólicas e as relações de dominação que este sentido ajuda a estabelecer e sustentar”. Nesse processo que envolve produção e recepção das mensagens, ao mesmo tempo em que os produtores esperam um retorno, um *feedback* dos receptores em relação àquilo que está sendo transmitido, estes desejam que as mensagens correspondam aos interesses ou necessidades deles. É um processo complicado porque há o que podemos entender como uma ruptura estruturada do processo, porque quando não acontece esse retorno, o produtor precisa dar conta do fluxo de comunicação e fazer as mensagens circularem.

Na análise formal ou discursiva podemos empregar métodos como: análise semiótica, análise de conversação, análise sintática, análise da estrutura narrativa e análise argumentativa. Frisamos que “por mais rigorosos e sistemáticos que os métodos da análise formal ou discursiva possam ser, eles não podem abolir uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está sendo representado ou do que é dito” (THOMPSON, 2002, p. 375). Nesta instância também é importante considerar o que os receptores representam como sujeitos ativos do processo, capazes de inferir não só sentido, mas também conseqüências para a sua vida cotidiana, por meio das representações que constroem a partir dessa interação dentro de um contexto histórico-social.

Na terceira fase da HP, que corresponde a de interpretação/reinterpretação, podemos fazer uso dos métodos da análise formal ou discursiva e da análise sócio-histórica, pois é o momento de construir a re-interpretação, interpretação a partir das duas fases anteriores, considerando as instâncias de produção, transmissão e recepção das mensagens. Mas a interpretação implica um movimento novo de pensamento, ela procede por síntese, por construção criativa de possíveis significados. O processo de interpretação vai além de uma simples análise, pois transcende a contextualização das formas simbólicas, tratadas como produtos socialmente situados, e o fechamento das formas simbólicas tratadas como construções que apresentam uma estrutura articulada.

O caráter transcendente da interpretação é reconhecer que as formas simbólicas não só representam algo, como dizem alguma coisa sobre algo. E além de ser um processo de interpretação, essa fase é também de reinterpretação, pois assim estamos reinterpreutando um campo pré-interpretado; estamos projetando um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico. Esse processo de reinterpretação leva de qualquer maneira a uma interpretação da doxa, ou seja, da vida cotidiana, o que é até normal e aceitável quando se utiliza uma reinterpretação mais profunda, considerando todos os aspectos do enfoque da HP.

Para além destas fases, a HP também abre a possibilidade de analisar o objeto do ponto de vista da ideologia, ou seja, fazendo a interpretação da ideologia, o que produz como efeito uma análise de dimensão muito crítica. Este tipo de interpretação se apóia sobre cada uma das fases do enfoque da HP e é uma análise das formas simbólicas que procura mostrar como o sentido mobilizado por elas serve para alimentar a posse e o exercício do poder.

Thompson explicita sobre o enfoque tríplice de análise da comunicação de massa, propiciado pela Hermenêutica de Profundidade, que se caracteriza por três aspectos fundamentais para a análise: produção, construção da mensagem, transmissão das formas simbólicas e a recepção ou apropriação das mensagens dos meios. Os vários aspectos se relacionam mutuamente e subentendem o uso de canais difusores, construções simbólicas complexas e pessoas inseridas em um contexto social e histórico. Este, não corresponde ao local em que são produzidas as mensagens, ou seja, um ouvinte de rádio, por exemplo, não está presente no local de produção das mensagens e, desse ponto de vista, segundo a HP, haveria uma ruptura entre o espaço da produção e o da recepção das formas simbólicas.

Podemos advertir que hoje, essa ruptura está se quebrando no momento em que o sujeito ouvinte tem a interação com o produtor de um programa por meio de uma tecnologia

de informação como a internet que permite uma conversa *on line* em tempo real ao mesmo tempo em que o locutor está realizando o seu programa. Acontece aqui uma mediação mais imediata que transporta virtualmente o sujeito-ouvinte para o local de produção, contribuindo para o processo de construção da mensagem e, portanto, produzindo também uma diferença na hora da recepção. Ou seja, o ouvinte vai saber se a forma que ele interagiu com o locutor provocou algum tipo de reação no produtor de modo que isso pudesse ter refletido na produção da mensagem. Aqui fica claro como o receptor não pode mais ser olhado como um sujeito passivo, embora ele ainda não possa se sentir como Brecht queria que os ouvintes se sentissem, ou seja, participantes ativos do processo de fabricação das mensagens radiofônicas. Os ouvintes podem fazer uso como quiserem dos conteúdos das matérias simbólicas que lhe são oferecidas veiculadas pelas rádios. Como indivíduos, “eles os podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores” (THOMPSON, 2002, p.42).

Combinando os três enfoques da HP é possível fazer a interpretação da apropriação cotidiana dos produtos da comunicação de massa, questão em que não vamos nos deter, mas que não podemos deixar de considerar a importância tendo em vista que as emissoras envolvem os processos não só de produção e transmissão, mas também de recepção. E no contexto observado, os receptores ocupam um lugar muito importante, pelas relações de interação e participação que existem entre eles e as rádios que ouvem. Inclusive há um retorno notável dos ouvintes em relação às emissoras, pelo que pudemos observar, no que diz respeito a esse aspecto. Thompson (2002, p. 42) salienta que “a recepção deveria ser vista como uma atividade: não como algo passivo, mas o tipo de prática pelas quais os indivíduos percebem e trabalham o material simbólico que recebem”. O estudo da recepção e apropriação das mensagens precisa ser levado em consideração porque reflete não apenas as condições sócio-históricas em que as mensagens são recebidas pelos ouvintes, no caso do rádio, mas também as maneiras como essas pessoas entendem as mensagens e vão incorporando-as em suas vidas.

A Hermenêutica de Profundidade centra-se, portanto, na interpretação. E segundo Thompson (1995, p. 411), “dar uma interpretação [...] é fazer uma afirmação que é arriscada e aberta à discussão”, mas se for correta, pode ser provada sem imposição. É o seu princípio de não-imposição. Se nossas interpretações são justificáveis, então elas o são não somente para nós como analistas, mas também para os sujeitos que produzem e recebem as formas simbólicas que são o objeto de interpretação, quando se exercita o princípio da auto-reflexão.

O autor considera que a reflexão crítica sobre as relações de poder e dominação devem ser governadas pelo que podemos chamar de princípio de não-exclusão. Assim, todas as pessoas envolvidas nas instâncias da vida quotidiana mereceriam ser ouvidas no processo de decisão.

Este estudo, que reflete sobre as práticas socioculturais da fronteira presentes na programação das emissoras da região, acessíveis também pela internet, encontra na aplicação da HP um suporte metodológico capaz de dar conta de um conjunto de aspectos que, na essência, estão relacionados à interpretação da doxa e ao contexto sócio-histórico em que se situa o objeto de estudo e onde são produzidas, transmitidas e recebidas as mensagens ou formas simbólicas. O que fizemos aqui, por uma série de limitações e escolhas, foi analisar o processo que envolve a comunicação e a programação das rádios, mas enfatiza a interpretação do produto. Como metodologia, a HP nos ajuda a sustentar uma interpretação plausível e justificada sobre o objeto de estudo, sem querer impor uma verdade inquestionável, procurando fazer uma interpretação crítica que possa servir a novas interpretações para sujeitos que estão relacionados a ela.

#### **4.2 Proposta, critérios e categorias de análise**

Analisar as representações das práticas socioculturais no rádio de fronteira não parece ser uma tarefa das mais fáceis. Requer clareza principalmente quanto à visão de cultura, identidade e representação, entre outros aspectos até aqui já discutidos, respeitando os limites que este estudo impõe.

Este trabalho utiliza como suporte metodológico a Hermenêutica de Profundidade, empregando os métodos observacional, analítico e comparativo de emissoras situadas na fronteira de estados brasileiros com outros países nas regiões sul e centro-oeste, visando à análise teórico-prática de sua programação, a fim de verificar como estão nela representadas as práticas socioculturais da região, desenhando, portanto, uma idéia de fronteira a partir de dois grandes eixos ou categorias: fronteira como **lugar de integração** e como **espaço de tensão**.

Essas categorias foram criadas a partir das observações feitas nos locais onde estão situadas as rádios pesquisadas. Consideramos fundamental essas visitas programadas às regiões de fronteira para poder conhecer melhor não só o objeto de estudo, mas o contexto sócio-histórico. Observamos que a questão da integração entre os países vizinhos é o elemento que se anuncia como o mais evidente, pelas questões lingüísticas, sociais e culturais,

e também pelos aspectos econômicos e políticos. Mas além do **lugar de integração**, aparece outro elemento muito forte e, de certa forma ligado ao anterior: **o espaço de tensão**, decorrente de uma série de circunstâncias e situações que ajudam inclusive a movimentar o aspecto da integração, como os eventos, a oscilação da moeda, as operações tartaruga nas aduanas, que atrasa os serviços e representa milhões de perdas diariamente, a fiscalização e combate ao narcotráfico e ao crime organizado. Também por consequência disso, a fronteira é uma zona de impacto, onde os cidadãos sentem primeiro os efeitos de qualquer ação que possa acontecer tanto nessas regiões quanto no interior do país nas instâncias de decisão e poder. Esses aspectos apareceram ainda nas falas dos locutores e até mesmo nas entrelinhas das entrevistas realizadas.

Guiados por esta concepção, procuramos verificar na prática radiofônica esses elementos já que, segundo o nosso entendimento, o rádio cria representações das vivências e do cotidiano dos lugares em que se situa e, portanto, a programação reproduz de alguma maneira essa idéia de fronteira como **lugar de integração e espaço de tensão**. A fala dos produtores de programas, as participações dos ouvintes, as entrevistas realizadas com diretores e locutores contribuíram para a formatação dessas categorias de análise. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de caráter qualitativo que vai considerar os enfoques da HP, a partir da interpretação da doxa, nas suas três fases: análise sócio-histórica, análise formal ou discursiva e interpretação/reinterpretação.

Não nos preocupamos em realizar apenas um relato descritivo daquilo que se observou no campo de estudo, mas em relacionar este relato ao que se concebe teoricamente acerca da cultura e da identidade de fronteira e às representações que o rádio faz destas naquele espaço. Interessa aqui olhar o rádio de fronteira por meio de um conjunto de técnicas investigativas abertas, que possam dar conta de um universo, de certa forma, subjetivo, pela complexidade das relações que existem nele. Para poder compreender melhor o próprio universo pesquisado, a metodologia de trabalho compreende ações bem específicas em cada uma das fases.

Na análise sócio-histórica é realizada uma pesquisa bibliográfica e na internet para traçar um primeiro perfil dos territórios de fronteira selecionados, procurando entender sua história, seu desenvolvimento e sua cultura. Essas questões são observadas quando ocorre a visita de observação *in loco* dos pontos de fronteira e emissoras que constituem o *corpus* da pesquisa. Nesse momento também são realizadas as entrevistas, um método para coleta de informações que consideramos muito importante em qualquer fase do estudo, pela facilidade

na obtenção de dados, no esclarecimento de dúvidas, aprofundamento e exploração de uma temática: “O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos” (DUARTE, 2005, p.63). Optamos por realizar entrevistas em profundidade semi-abertas, pois é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do sujeito, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. E também porque é, segundo Duarte (2005, p.66), “um modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse da pesquisa”.

A principal característica desse tipo de entrevista é a flexibilidade, pois trabalha de forma conjugada com questões não estruturadas e um roteiro com questões básicas que podem ser ampliadas segundo a necessidade. Por serem perguntas abertas, as respostas também são abertas, permitindo explorar ao máximo o conteúdo de cada resposta dada, formulando, a partir delas, outras perguntas até voltar ao roteiro-guia. Essa profundidade propicia um material rico para análise, pois trabalha de modo específico com a subjetividade, por isso exige-se adequada formulação dos procedimentos metodológicos e confiança nos resultados obtidos, relacionada à capacidade que o instrumento escolhido tem de fornecer o esperado pelo pesquisador, a partir de seus objetivos.

As entrevistas foram realizadas com os produtores, locutores e apresentadores de programas radiofônicos das emissoras estudadas, a fim de que eles expusessem sobre suas práticas de trabalho e opinassem sobre a questão do rádio, principalmente em relação ao de fronteira e também à web. A idéia foi construir, pela entrevista, um diálogo, uma conversa para ampliar a questão central, pensar sobre ela criticamente e ao mesmo tempo conhecer o universo em que transitam os ouvintes e também obter informações relativas às representações que eles têm das emissoras, sobre os canais de participação interativa que as rádios mantêm com eles e como isso se manifesta dentro da rotina de programação.

No enfoque da Hermenêutica da Profundidade, quando fazemos a análise formal ou discursiva é o momento de operacionalizar a observação da programação das emissoras estudadas, o que, neste caso, foi feito de duas maneiras: observação das emissoras ao vivo e escuta pela internet. Foi analisada a grade de programação de cada emissora selecionada, as entrevistas realizadas e o conteúdo de um programa selecionado em cada rádio, no período de uma semana, em dias aleatórios, de segunda a sábado. No programa são observadas as principais variáveis em relação às práticas socioculturais que aparecem nessa programação.

Chegamos agora à aplicação do método da análise de conteúdo, de caráter qualitativo, que se apresenta como fundamental para atingir o que nos propomos com esta pesquisa.

Fonseca Júnior (2005, p. 286) afirma que “a análise de conteúdo ocupa-se basicamente com a análise das mensagens”, e entre as três características mais importantes da análise de conteúdo que o autor apresenta destaca-se “a orientação fundamentalmente empírica, exploratória, vinculada a fenômenos reais e de finalidade preditiva”. Ele cita também as três fases cronológicas de organização da análise do conteúdo: pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados obtidos e interpretação, e ressalta que ela pode empregar uma série de técnicas diferentes, à escolha do pesquisador, para que possa chegar aos resultados esperados, como por exemplo: análise categorial, análise de avaliação análise de enunciação, análise da expressão, análise estrutural, análise do discurso. A análise da enunciação aplica-se muito bem aos programas radiofônicos, pois “considera a produção da palavra como um processo. O discurso não é um produto acabado, mas um momento num processo de elaboração” (FONSECA JUNIOR, 2005, p.302). Combinar essa técnica com a análise categorial, neste trabalho ajudou a desmembrar o texto em unidades temáticas, ou seja, a questão de como a fronteira está representada na programação do rádio por meio das práticas socioculturais da região.

Entre as categorias e os critérios para análise procuramos determinar algumas variáveis que se situam no nível do texto oral e da cultura local, e que se aproximam de algum modo à essência da temática estudada, a fim de que possamos reunir alguns elementos substanciais que nos dêem subsídios para uma maior maturidade na etapa posterior de interpretação e reinterpretação. Fazem parte dessas categorias: temática abordada, pauta específica, abordagem da pauta, linguagem do locutor/apresentador, uso de expressões locais e regionais, seleção musical, fontes de informação, formato do programa e técnicas radiofônicas utilizadas, relação/interação com o ouvinte.

Embora não se caracterize como um estudo de recepção que focalizaria aqui o ouvinte receptor, não podemos deixar de testemunhar em nossa pesquisa, até porque a HP tem abertura para isso e analisa o processo, de que o ouvinte é um elemento muito importante na geração da produção radiofônica que vai ao ar. No decorrer do estudo percebemos que muitas de suas manifestações podem ser verificadas no material que vai ao ar, justificando o que se falava antes do papel de uma recepção ativa no processo de comunicação.

Chegamos então à última fase da análise, ou seja, à interpretação e reinterpretação. Partindo da análise de conteúdo do programa e baseado nas concepções teóricas, acredita-se



ser possível estabelecer relações suficientes para interpretar as informações obtidas, processo este em que, inevitavelmente, vão se criando algumas representações sobre o tema pesquisado. Este procedimento, que envolve análise de conteúdo da linguagem oral, é bastante subjetivo, especialmente porque trabalhamos temáticas, idéias e concepções acerca de um objeto que chegam ao pesquisador por meio da linguagem radiofônica.

A linguagem do rádio constitui-se de elementos igualmente subjetivos como a tonalidade, o ritmo e a intensidade da voz, os efeitos sonoros, a música, e até o silêncio. Este conjunto de elementos influenciam significativamente nas representações que o ouvinte constrói sobre as coisas, a partir daquilo que ouve. Como se trata de uma pesquisa científica procuramos tornar o mais objetiva possível qualquer forma de subjetividade em relação a este conteúdo, olhando de modo claro e aberto todas as possibilidades de interpretação que o conteúdo oferece.

No processo de interpretação/reinterpretação é quando se dá o aprofundamento de todos os aspectos apontados até aqui, principalmente nas duas fases anteriores e onde vamos analisar o material coletado, sistematizar as informações, refletir sobre as análises feitas e comparar as partes para poder fornecer uma interpretação do todo que seja plausível e justificável. É nesse momento que buscamos estabelecer as relações possíveis entre todos os aspectos avaliados, à luz da teoria e da metodologia escolhida. É a parte mais densa porque exige que mergulhemos profundamente nas análises feitas e sejamos capazes de extrair delas uma interpretação crítica que possa mostrar como as formas simbólicas criam representações e conceitos, constroem significados nas relações e contextos sociais específicos, dentro dos quais elas são tanto produzidas como recebidas. Enquanto a fase anterior é de elaboração de idéias, a fase de interpretação caracteriza-se pela elaboração de resultados e formulação de conceitos. Interpretar é criar representações a partir das análises feitas, é produzir um referencial e dar novos significados a um campo já pré-interpretado.

Em síntese, esta pesquisa realizou-se a partir de:

- Aprofundamento das concepções teóricas, por meio de pesquisa bibliográfica.
- Levantamento na internet das rádios de fronteira que estão na web, nos pontos delimitados nesta pesquisa, do Brasil com outros países nas regiões sul e centro-oeste.
- Definição do número de rádios pesquisadas e a sua localização dentro de cada região, concebida como local de importância pelo fluxo de negócios e pessoas que por ali transitam.

- Contato com as emissoras e exposição da proposta.
- Visitação e observação *in loco* das fronteiras pesquisadas e um reconhecimento do objeto de estudo por meio de entrevistas, observação das rotinas de trabalho e acompanhamento dos programas analisados.<sup>26</sup>
- Registro e gravação pela internet do programa escolhido em dias aleatórios no período de uma semana, de segunda a sexta
- Análise desse material quanto às representações das práticas socioculturais da região da fronteira, a partir do conteúdo do programa.
- Análise e cruzamento das informações obtidas pelas entrevistas e pela escuta da programação.
- Comparação e análise das informações obtidas nas diferentes rádios e espaços e sistematização dessas informações.

De posse dos principais elementos norteadores da pesquisa nos encaminhamos agora para a análise da programação das emissoras nos quatro pontos de fronteira selecionados. Além de reconhecer cada uma delas nos seus aspectos históricos e sociais, vamos penetrar agora na sua maior riqueza: a programação, que se constitui o foco da análise propriamente dita.

---

<sup>26</sup> As visitas às fronteiras ocorreram em datas e períodos escolhidos pela pesquisadora segundo a viabilidade da viagem para as mesmas. Esclarecemos que isso não comprometeu nem os fins nem os resultados porque as visitas serviram para coleta de material, observação do objeto em seu contexto sócio-histórico e entrevistas. A escuta e a gravação dos programas foram realizadas durante o ano de 2008, pela internet, depois de efetivadas as visitas a todas as fronteiras selecionadas para a pesquisa nas regiões sul e centro-oeste.

## 5. A FRONTEIRA ESTÁ NO RÁDIO

As rádios de fronteira estudadas caracterizam-se por serem canais de FM, com sintonia local, e também disponíveis na web. São relativamente jovens, e entraram no ar a partir da década de 80, como boa parte das emissoras FM no país. Suas programações estão voltadas essencialmente para a música, com alguns espaços para a informação local e as demais notas e informações diversificadas diluídas no conjunto da programação.

Elas estão situadas em quatro pontos de fronteira das regiões Sul e Centro-Oeste do Brasil, e selecionadas segundo critérios já descritos. Traçamos agora o perfil delas, contextualizando-as no tempo e no espaço histórico, acrescentando informações sobre a sua programação, tendo em vista, na seqüência sua análise a partir dos programas estudados.

Depois de termos percorrido 13 mil quilômetros de carro, somadas todas as viagens, para conhecer os lugares e o contexto em que estão instaladas as rádios, entramos agora dentro da parte mais importante delas, ou seja, em seus programas, onde de fato se pode enxergar a forma de sua atuação e o seu relacionamento com este espaço de trocas, e intervenções.

A proposta aqui é realizar a análise dos dados obtidos a partir das entrevistas, das observações feitas durante as visitas e acompanhamento dos programas, tanto *in loco*, quanto das edições gravadas posteriormente. Nos períodos em que as emissoras foram visitadas procuramos observar muito mais o desenvolvimento das atividades dos locutores, a sua rotina de trabalho em tarefas de produção e transmissão e as possibilidades de contato e interação estabelecidas com os ouvintes durante a apresentação do programa. Esse contato direto com o fazer radiofônico em cada emissora forneceram elementos importantes para a análise, pois permitiu observar a programação por dentro e por fora, compreendendo o contexto, as condições e a estrutura em que ela é veiculada. São elementos que estão além da linguagem verbal, que é o peso maior numa análise onde apenas se escutaria a rádio via internet.

Entendemos que essas visitas programadas às emissoras foram essenciais para compreender o contexto sócio-histórico.

Nosso foco nesta análise são as práticas socioculturais no rádio de fronteira que está na web, tendo sempre em vista a interpretação do fenômeno fronteira, à luz dos pressupostos da Hermenêutica da Profundidade, que nos permite a re-interpretação da programação, considerando a comunicação como um processo de produção, transmissão e recepção. Procuramos enxergar aqui todas as representações que as emissoras estudadas nos permitem ver acerca dessas práticas socioculturais, que indicam o cotidiano da região, as preocupações das comunidades da fronteira, os falares e os fazeres dos homens do lugar. Centramos, por razões apresentadas no item 5, nossa análise no conteúdo de um programa em cada emissora, observando todo o processo de comunicação radiofônica, com os indicativos de que a fronteira possa ser olhada a partir do que se diz e faz no rádio como **lugar de integração e espaço de tensão**.

### 5.1 Fronteira Sul: Rádio RCC FM – Santana do Livramento-Rivera

**QUADRO 1:** Dados de identificação da Rádio RCC FM

<b>Razão Social</b>	Rádio Comunitária Santana do Livramento
<b>Ano de Fundação</b>	1983
<b>Localização</b>	Santana do Livramento-RS, Brasil, fronteira com Rivera, Uruguai
<b>Frequência</b>	95.3
<b>Potência</b>	1 kw
<b>Site</b>	<a href="http://www.rccfm.com.br">http://www.rccfm.com.br</a>

**Fonte:** Elaboração própria



**FIGURA 1:** Estúdio RCC FM - Santana do Livramento  
**Foto:** Vera Lucia Spacil Raddatz

A RCC FM de Santana do Livramento iniciou as suas atividades em 15 de novembro de 1983, por iniciativa da sua direção sob a responsabilidade de Roberto Ross Netto, um sócio de Pelotas chamado Laurent e mais um do Rio de Janeiro, Henrique Carrato.

A nova emissora da fronteira sul distinguia-se por uma programação de linha completamente jovem, no segmento pop rock, promovendo freqüentemente festas e badalações e obtendo um bom nível de audiência. Várias pessoas sucederam-se na gerência e direção, cuja matriz localizava-se em Pelotas. No final de 1989, a empresa cindiu-se e transformou as suas duas filiais, a de Livramento e Rio Grande, em empresas separadas.

Em 1990, a RCC de Livramento foi vendida, sendo adquirida por um grupo de pessoas da cidade liderado pelo Sr. Adão Camargo de Macedo, já falecido, e Edy Ilha Vaz. Nesse período a rádio evoluiu bastante. Por algum tempo a gerência foi exercida por Valdir Penedo, até 1996, e logo atingiu seu domínio de audiência nos anos de 1997 em diante, já dirigida por Ruben Moacir F. Nogueira, época em que a RCC foi informatizada. Alterou completamente a sua programação e destacou-se promovendo atividades como gincanas, competições e eventos ao vivo em bares, praças etc. A rádio saía dos estúdios e ia até onde estava o ouvinte, com atividades que envolviam o público e a comunidade como um todo.

Isto foi até março de 2000, quando foi vendida para Edison Sanfelice e Edison Roberto Sanfelice. Passou por algumas mudanças de linha e posicionamento, alternando um pouco entre a rádio jovem de antes e a madura que desejava ser, sem, contudo, encontrar a sua linha efetiva.

Finalmente em outubro de 2004, foi novamente vendida, mudando a sua linha, programas e propósitos, bem como sede e estúdio, enfim passando por uma completa reformulação na programação e nos objetivos, para chegar à RCC de hoje que se intitula “RCC Light” e faz parte do Grupo “A Platéia”, que mantém também um jornal diário com essa denominação.

Para chegar à proposta atual, a RCC observou as mudanças de comportamento que estavam ocorrendo no contexto onde a rádio estava inserida. De acordo com o produtor e apresentador Danúbio Barcelos<sup>27</sup>, há oito anos trabalhando na rádio: “com o aparecimento de outras emissoras e os problemas econômicos da cidade, foi ficando difícil. A população jovem foi se dispersando, indo para outras cidades e a gente chegou à conclusão de que a nossa

---

<sup>27</sup> Entrevista pessoal concedida por Danúbio Barcelos em outubro de 2006, por ocasião da primeira visita – a de reconhecimento - da RCC FM, em Santana do Livramento.

programação estava desgastada” (2006). Essa foi a razão principal para repensar a programação e tomar a iniciativa juntamente com a direção, o que acabou dando certo.

A emissora caracteriza-se por ser uma rádio voltada para a comunidade e a informação, na medida das mais modernas rádios FM. Sua proposta é fazer uma programação *light*, tanto que é assim que se autodenomina. Entretanto, não deixa de lado outros setores da atividade comunitária, como política e esporte. O principal propósito da equipe é realizar um rádio de qualidade para todo público com uma postura firme em relação aos problemas e ao dia-a-dia da comunidade.

Ao entrar na web, a RCC deu um grande passo até pela própria qualidade em termos de serviços prestados e implementação da proposta. O locutor Danúbio Barcelos acredita que a web é um serviço a mais que a emissora coloca à disposição dos ouvintes e isso soma na programação. Hoje a rádio é ouvida na web com qualidade de CD, devido a um programa de automação que foi elaborado dentro dos estúdios da RCC. Além disso, a web também proporcionou uma interação maior com os santanenses que estão fora de Santana do Livramento, pois em seus contatos eles costumam salientar a qualidade de som da rádio como se fosse local. Todos os e-mails são registrados em um link só para esta finalidade, onde os ouvintes podem colocar a sua opinião, inclusive dando notas de 1 a 10 à programação da rádio.

Sua atuação na fronteira é delimitada pela antena de alta capacidade recentemente instalada, que atinge um alcance regional, num raio que ultrapassa os 250 Km. Por ser uma rádio voltada para temas de interesse da comunidade tem uma excelente aceitação tanto em Livramento, quanto em Rivera.

**QUADRO 2:** Programação RCC FM - Santana do Livramento

Programa	Dias	Horário	Observação
Brasil na Madrugada	Seg./Sex.	00h às 05h	RCC/Rede Gaúcha Sat
Campo & Lavoura	Seg./Sex.	05h às 06h	RCC/Rede Gaúcha Sat
O melhor da Música Gaúcha	Seg./Sex.	06h às 07h50	RCC
Correspondente Ipiranga	Seg./Sex.	07h50 às 08h 12h50 às 13h 20h às 20h	RCC/Rede Gaúcha Sat:
Jornal Da Manhã	Seg./Sex.	08h15 às 09h	Apresentação: Danúbio Barcellos e Henrique Bachio
Manhã Light	Seg./Sex.	09h às 12h	Apresentação: Danúbio Barcellos

**QUADRO 2:** Programação RCC FM - Santana do Livramento*continuação*

Programa	Dias	Horário	Observação
Canal Livre	Seg./Sex.	12h às 12h50	Apresentação: Fernando Moura
Sala de Redação	Seg./Sex.	13h às 14h	RCC/Rede Gaúcha Sat:
Tarde Light	Seg./Sex.	14h às 18h	Apresentação: Gustavo Bitencourt
Conversa de Fim de Tarde	Seg./Sex.	18h às 19h30	Apresentação: Fernando Moura
Os Repórteres	Seg./Sex.	20h10 às 21h10	RCC
Jornada Esportiva	-	-	RCC/Rede Gaúcha Sat
Falando Em Saúde	Sábado	08h10 às 09h10	RCC
Especial Grandes Nomes	Sábado	12h às 13h	Apresentação: Danúbio Barcellos
RCC Fim De Semana	Sábado	13h	
Panorama Agropecuário	Domingo	07h às 10h	Apresentação: Henrique Bachio
Bem Brasil	Domingo	10h às 13h	
Reprise Especial Grandes Nomes	Domingo	13h às 14h	

**Fonte:** Elaboração própria a partir de informações disponíveis em <http://www.rccfm.com.br>

A RCC FM mantém uma programação variada e com estilo. “A única emissora que tem um perfil completamente diferenciado é a RCC” (BARCELOS, 2006), referindo-se ao conjunto de emissoras de Livramento e Rivera. Ele explica que hoje a programação é voltada para o público adulto, muito jornalismo, músicas suaves. As próprias vinhetas da emissora falam dessa qualidade, como por exemplo: “RCC, qualidade e informação na medida certa”.

No conjunto da programação há quatro programas dedicados ao jornalismo: O Jornal da Manhã, das 8h às 9h; o Canal Livre, do meio-dia às 13h, o Conversa de Fim de Tarde<sup>28</sup>, das 18 às 19h30 podendo se estender às vezes até às 20h, e Os Repórteres, das 20h15min às 21h15min., um programa criado recentemente, no Mem de julho que ainda não aparece no quadro de programação disponível no site. O restante do tempo de programação desta emissora que fica 24 horas no ar é musical, agora operando em alguns horários em Rede

<sup>28</sup> Os programas cujos nomes aparecem sublinhados neste texto, referem-se àqueles que são analisados em seu conteúdo quanto aos objetivos deste estudo.

Gaúcha Sat, enfocando o futebol nos fins de semana e os horários de notícias da hora cheia e Sala de Redação, depois de uma hora da tarde.

A emissora, de todas as estudadas neste trabalho é a mais bem equipada tecnologicamente, a que tem uma equipe de maior flexibilidade por sua sede ser junto do Jornal “A Platéia” e obter em alguns programas a colaboração da equipe e dessa estrutura jornalística.

Muitos investimentos em infra-estrutura e tecnologia foram feitos nos últimos tempos tendo como objetivo a qualidade do sinal e da comunicação. Inclusive há um controle bem expressivo da direção no que diz respeito a estes aspectos. O ponto – que permite que o diretor ou a produção do programa mantenha contato direto com o locutor que está no ar, podendo influir no rumo de uma entrevista, por exemplo, é usado diariamente na RCC. O uso deste dispositivo técnico permite ao diretor dizer ao locutor de estúdio, quando considerar necessário, o que ele deve perguntar ao entrevistado, lembrá-lo de algo, corrigir informações, parar de falar em determinado assunto ou até mesmo encerrar uma entrevista. É uma forma vertical de conduzir os processos de comunicação e demonstra a autonomia relativa dos produtores dos programas jornalísticos, em que o ponto é acionado, podendo representar um apoio positivo ou às vezes inibir a liberdade de expressão.

O aspecto tecnológico e a formatação de uma programação que agrade à audiência, mas também seja economicamente sustentável está dentro dos princípios de administração da emissora. Além de poder ser ouvida normalmente na frequência 95.3, a RCC está disponível na internet e agora no *I Phone*. Ela é a primeira emissora do sul do Brasil, antes mesmo da Rádio Gaúcha, da qual é afiliada, a integrar o sistema de rádio pelo *I Phone*, o telefone de terceira geração, que tem funcionado como um importante mecanismo de marketing e divulgação da emissora, ampliando a possibilidade de os ouvintes terem acesso a ela por meio de outro suporte e com muito mais mobilidade. E isso teve reflexos imediatos na audiência, pois durante uma transmissão esportiva via satélite pela Rádio Gaúcha, um ouvinte, acompanhando o jogo do Grêmio nos Estados Unidos teria ouvido a transmissão via *I Phone* pela RCC.

Daqui a dois anos, quando provavelmente o *I Phone* vai tornar-se mais popular, se poderá compreender melhor o que essa tecnologia significa em relação à audiência do rádio. Este celular hoje é o que mais vende no mundo e tem agradado pela sua interface amigável, embora não seja o mais poderoso em recursos. Baseado na necessidade de acompanhar a rádio por todos os lugares, mesmo fora do acesso a um computador, o diretor da RCC, Kamal



Badra, aliou as necessidades do diretor e do usuário e criou as condições para que a emissora estivesse disponível no *I Phone*. Inclusive, o diretor dispõe junto a essa tecnologia um software desenvolvido especialmente para a RCC que dá a ele a possibilidade, por meio de um simples toque no visor, de ter acesso ao computador da emissora, podendo controlar totalmente o seu conteúdo de qualquer lugar onde estiver com acesso à internet, alterando ou acrescentando o que desejar à programação. Pode-se dizer sim que a direção da emissora “tem o seu controle na palma da mão”.

Investimentos em estúdio e equipamento de ponta são visíveis. Em um ano (de julho de 2007 a julho de 2008) a RCC ampliou significativamente a sua estrutura. Hoje ela conta com uma mesa de estúdio nova e atualizada com os melhores recursos técnicos, uma preocupação da direção muito elogiada pelos funcionários, que mudou a imagem da rádio nos últimos três anos e obrigou a concorrência<sup>29</sup> a se especializar. Outro recurso utilizado pela RCC é o RDS, um sistema em caracteres que transmite as informações para os aparelhos de rádio receptores que têm esse mecanismo, principalmente os rádios de automóveis. Assim, o ouvinte obtém mensagens no visor do rádio, como nomes de música que estão tocando, hora, temperatura, informações sobre os anunciantes, etc. A rádio também foi pioneira na implantação e ativação de um software – o *Sisdera Streaming* - que coloca o som da rádio na internet com qualidade de CD.

O estúdio novo da RCC tem tecnologia de ponta e todas as condições de interagir com o público. Nesse estúdio está instalada uma grande tela de cristal líquido de 32 polegadas em que os locutores podem acompanhar a gravação de censura para a Anatel e dois tipos de transmissão da RCC - o *Sisdera Streaming*, transmitindo com qualidade de CD e acesso aos gráficos, e o *streaming* que vai para o *I Phone*, observando também os gráficos de áudio. Além disso, são mais seis *laptops* ligados à internet, disponíveis no estúdio, um para cada microfone.

O avanço tecnológico da RCC influencia até certo ponto na audiência, mas o ouvinte é de fato o que mais interessa, pois o rádio, em síntese, se faz de forma simples e objetiva. A tecnologia é importante, porque dá acesso à notícia instantaneamente, e isso facilita porque um mesmo profissional durante o horário de trabalho, mesmo fazendo locução, dá conta de captar várias informações e produzir quadros e programetes, buscando e trocando material pela internet e pelo telefone de dentro do próprio estúdio. A notícia que chega à RCC, com

---

<sup>29</sup> Livramento possui quatro emissoras FM, duas AM e uma rádio comunitária e, do outro lado, em Rivera também há muitas emissoras, no total, entre as duas cidades, calcula-se dezoito emissoras.

exceção da local, é a mesma disponível para grandes redes em todo o país. Questionado quanto à diferença que isto faz para o profissional, Danúbio Barcelos<sup>30</sup>, apresentador do Jornal da Manhã e do RCC Light, diz que é importante, mas ele continua achando que o rádio se faz também com simplicidade, e que o papel do comunicador é ainda fundamental. Ele precisa ter carisma e identidade para com o ouvinte e a tecnologia viria na seqüência, completando a plenitude da emissora. Assim é possível hoje ficar com os ouvintes mais fiéis o tempo todo no MSN, meio interativo em que eles criticam, elogiam, sugerem, pedem música, comentam fatos, enviam notícias. O MSN é um mecanismo mais importante que o telefone na interação com o ouvinte na RCC. Enquanto os profissionais trabalham, mantêm contato com o seu público e trocam idéias, fazendo-o participar ativamente do processo.

De modo geral, as principais práticas e vivências da vida da fronteira podem ser vislumbradas no conjunto da programação da RCC, mas cabe deter-se em um programa especificamente para poder perceber com mais propriedade os aspectos que foram ressaltados. O programa é o Conversa de Fim de Tarde, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 18 às 19h30min, ancorado por Fernando Moura.

**QUADRO 3:** Dados de identificação do Programa Conversa de Fim de Tarde – Rádio RCC FM

<b>PROGRAMA</b>	CONVERSA DE FIM DE TARDE
<b>RÁDIO</b>	RCC FM 95.3
<b>LOCAL</b>	Santana do Livramento – Rio Grande do Sul - Brasil
<b>FRONTEIRA</b>	Brasil - Uruguai (Livramento-Rivera)
<b>APRESENTADOR</b>	Fernando Moura
<b>VEÍCULAÇÃO</b>	Segunda a sexta-feira
<b>FOCO</b>	Informação local e global
<b>HORÁRIO</b>	Das 18h às 19h30
<b>PERÍODO ANALISADO</b>	De 07 a 14 de agosto de 2008
<b>DIAS DA SEMANA</b>	Cinco dias úteis: 07, quinta - 08, sexta - 11, segunda – 12, terça - 13, quarta
<b>TOTAL DE HORAS DE AUDIÇÃO</b>	7 horas e 30 minutos
<b>SITE</b>	<a href="http://www.rccfm.com.br">http://www.rccfm.com.br</a>

**Fonte:** Elaboração própria

<sup>30</sup> Entrevista pessoal concedida por Danúbio Barcelos em julho de 2008

### 5.1.1 Conversa de Fim de Tarde

Imagine uma sala de visitas com todos os acentos ocupados, em média cinco ou seis. Ali se juntam os donos da casa e mais convidados que vão chegando e saindo durante um tempo aproximado de uma hora e meia. Fora isso, ainda tem os amigos espalhados por todos os lugares que resolvem conversar com os donos da casa pelo MSN ou ainda bater um papinho com quem está na área de apoio pelo telefone e que vai retransmitir as informações a quem estiver na sala e ouvindo. Assim é o programa Conversa de Fim de Tarde. Nesta sala não se aborda apenas um assunto e as pessoas falam, às vezes, ao mesmo tempo, empolgadas com o rumo da conversa, ansiosas por colocarem e defenderem suas idéias. Não é uma disputa de pontos de vista, mas todos sempre revelam opiniões formadas a respeito das coisas e muitas vezes divergentes, o que faz com que quem está de fora, comece também a formar sua opinião a partir das discussões.

A idéia de Fernando Moura, o âncora, e sua equipe, era fazer um programa que fugisse totalmente da entrevista padrão – começo, meio e fim. É óbvio que às vezes, dependendo do convidado, é preciso aproveitar a ocasião e entrevistá-lo, pois a oportunidade pode ser única e o formato do programa oferece abertura para isso. A idéia básica não é a informação, mas a interpretação dos fatos, as opiniões que se tem a respeito deles, os comentários e até as especulações.

O programa, considerado a “prata da casa”, tem como formato básico a mesa redonda e foi criado pela necessidade da rádio ter um espaço para falar sobre Santana do Livramento. Pelo menos, esta é a intenção principal do que nasceu para falar principalmente das coisas do lugar e dos assuntos gerais do Brasil e do mundo que de alguma forma repercutem na comunidade, ou porque interessam a ela, ou porque isso está sendo discutido na grande mídia e acaba sendo abordado de alguma maneira. Durante os cinco dias úteis em que o programa foi estudado, verificamos muito mais discussões a respeito de futebol e Olimpíadas e outras informações mais gerais do que propriamente sobre a cidade.

No Conversa de Fim de Tarde o apresentador Fernando Moura explora uma gama variada de assuntos e abre espaço para receber visitas de pessoas que estão eventualmente na cidade e se integram às temáticas do dia. “Nós precisávamos ter um programa com os olhos, os ouvidos e as vozes de Santana do Livramento conosco”, acentua Fernando Moura.<sup>31</sup> A proposta do programa é “tentar fazer da bancada da RCC um sofá da sua casa, uma mesa de

---

<sup>31</sup> Entrevista pessoal concedida por Fernando Moura em julho de 2007 e julho de 2008, por ocasião das visitas de observação realizadas aos estúdios da RCC em Santana do Livramento.

bar, uma Conversa de Fim de Tarde. A gente pega assuntos polêmicos importantes do país, mas o pensamento é nosso”. Esta afirmação pôde ser verificada durante o estudo feito. O programa não se pretende informativo, ele parte do princípio de que os ouvintes conhecem aquele assunto e sabem sobre o que está sendo discutido ali. E não tem uma ordem nessa conversa. Está se falando de algo e daqui a pouco se passa a falar de outra coisa e depois se volta ao primeiro ponto e assim sucessivamente. Mas existe um mínimo de produção anterior e preparação de quem vai para o programa no sentido de saber quais são os principais temas que estarão em voga naquele final de tarde. Previamente, como prega o bom manual do jornalismo, os participantes preparam-se para discutir o que será colocado em pauta. Ler sobre o assunto, buscar dados na internet, recorrer a uma matéria do jornal, trocar figurinhas com os colegas em outros momentos, são medidas adotadas por eles. O programa é enriquecido diariamente pela colaboração de profissionais da redação do Jornal A Platéia, que trazem muitas das pautas locais para a discussão.

Nota-se ainda, na RCC, que existe um ciclo de sintonia entre os programas da casa. Muitos fatos que estão no Jornal da Manhã, às oito horas, vêm à tona novamente em outros programas mais tarde, como no Canal Livre, Conversa de Fim de Tarde e à noite em Os Repórteres, mas cada um obedecendo ao seu formato. O de caráter mais jornalístico é Os Repórteres feito por dois profissionais de A Platéia – Jorge Flores e Cleiser Maciel - que estreou no dia 14 de julho de 2008 e revela uma boa audiência já nos primeiros meses, a qual pode ser acompanhada no gráfico da RCC. Eles abrem o programa com manchetes, colhem as sonoras e as entrevistas durante o dia, à noite atualizam o ouvinte, repercutem o que foi mais importante e antecipam a notícia que estará nas páginas do Jornal no dia seguinte. Em Os Repórteres há espaços e quadros fixos como enquetes e opiniões colhidas na rua. O público tem respondido bem a esta proposta e um dos elementos que contribuiu para isso foi o fato de o cidadão ter voz no programa, porque ele é o agente da notícia, por meio das sonoras e entrevistas. O quadro “A voz do cidadão”, que traz a opinião da comunidade sobre um tema debatido naquele dia na cidade ou na mídia é o que mais tem feito sucesso.

Cleiser Maciel e Jorge Flores também se revezam na colaboração do Conversa de Fim de Tarde. Henrique Bacchio, da Redação do Jornal A Platéia e um dos apresentadores do programa radiofônico Jornal da Manhã, é um dos fixos junto ao âncora Fernando Moura, bem como Duda Pinto que também escreve em A Platéia. Clarice Acauan é a única voz feminina da RCC, economista e pecuarista, não é profissional de rádio, apenas colabora com o programa. Na retaguarda, cuidando da mesa de som, telefone e internet, tem Gustavo

Bitencourt, apresentador do musical da tarde na emissora e que entra no programa sempre que for solicitado, trazendo as informações sobre o tempo, colhidas na Estação Meteorológica de Rivera e em outras especializadas como Somar, de São Paulo, e Climatempo.

O Conversa de Fim de Tarde completou dois anos em agosto de 2008, mas já atingiu uma audiência estável. O *feedback* se dá de várias maneiras: pelo telefone, pelo MSN, no gráfico da grande tela no estúdio e nos contatos feitos no dia-a-dia com a comunidade, que comenta fatos que foram veiculados, faz sugestões e aponta detalhes que somente quem acompanha o programa seria capaz de mencionar. Há retorno também de muitos *double chapa*, uruguaios que moram em Livramento ou brasileiros que moram em Rivera e que têm dupla nacionalidade. Eles costumam participar preferencialmente se o assunto é a cidade e a fronteira.

O apresentador do Conversa de Fim de Tarde tem 44 anos de profissão e acredita que o rádio, embora hoje esteja globalizado, tenha adotado programação em rede, e esteja disponível na internet, não pode por isso e de modo algum, perder a sua identidade local. É por causa desta identidade que os ouvintes, mesmo na Escócia, Suíça, Estados Unidos e Austrália, bem como em cidades de diversas regiões do Brasil que ouvem o programa pela web, ouvem a RCC. A proximidade que a rádio proporciona ao ouvinte que está distante da sua terra natal é muito grande. Essa vivência que alimenta talvez uma saudade de um lugar distante, mas que tem muito significado para as pessoas, o rádio com a tecnologia atual pode continuar tornando mais próxima da realidade, mantendo viva a identidade com o local. Da mesma forma, um rádio que tem parte de sua programação transmitida diretamente de um canal via satélite de uma emissora mãe não pode deixar de reservar os horários mais importantes do dia para a programação local. Os ouvintes precisam se identificar com as vozes que fazem aquele rádio, com as coisas que são ditas, com os lugares mencionados. Eles necessitam ouvir o nome de uma rua, o pedido musical de um amigo, o prefixo do telefone de um anunciante e o anúncio da temperatura que normalmente sentem na pele. Esse rádio é de identidade local porque o ouvinte se ouve nele, mesmo quando não participa com sua própria voz da programação. Esse rádio não pode morrer e provavelmente nunca morrerá, porque a sua linguagem não está escrita em nenhum lugar, mas é reproduzida pelos timbres, pelas vozes e sensações, muitas delas criadas pela imaginação do ouvinte, a partir das histórias que ele conhece ou das vivências que já teve. Só assim se sente parte desse rádio.

A vinheta do programa anuncia logo depois do bloco das 18 horas a sua proposta:

Ouvidos, olhos e vozes de Santana do Livramento. A RCC 95.3 convida a participar da repercussão dos assuntos que fazem o dia-a-dia de nossa cidade, país e este mundo de Deus. Quando o sol está indo embora, Fernando Moura junto aos seus convidados especiais estão chegando com você para uma Conversa de Fim de Tarde. (SONORA 01 - RCC – 12/08/08)<sup>32</sup>

É assim que o programa inicia todos os dias e em seguida entra Fernando Moura apresentando seus convidados. Antes de colocar os primeiros assuntos na mesa, ele chama seu colega Gustavo para indicar a situação e a previsão do tempo. O âncora também costuma nos primeiros momentos, ler as notas de interesse da comunidade que chegam à emissora, como convites para festas, encontros e reuniões.

Durante os dias analisados boa parte das temáticas discutidas voltava-se sempre a um aspecto central dentro do contexto de uma fronteira internacional, que é a questão da segurança em Livramento e a discussão inclusive de crimes ali ocorridos com riqueza de detalhes, presença de promotor e advogados, recuperação de histórico do caso e assim por diante. A segurança nas escolas também tomou bastante tempo de um dos programas e o repórter que acompanhou o caso descreveu o que viu, referindo-se a dois adolescentes na rua discutindo. Mas deste assunto eles evoluíam rapidamente para outro, sempre estabelecendo uma relação com o contexto histórico e social:

Só que um deles, o que estava parado em pé, veio em direção à escola depois da discussão e aí ele guardou uma faca na cintura [...] e ele entrou armado para dentro da escola. (SONORA 2 - RCC – 07/08/08)

Será que finalmente a ficção não está se aproximando da realidade? A televisão não banaliza o crime? (SONORA 3 - RCC- 07/08/08)

E por ser uma conversa livre, o assunto “passeava” de Livramento ao Rio de Janeiro, discutia a questão das leis e da atuação da polícia, chegando ao papel deste tipo de abordagem na novela das 21 horas da Rede Globo, e o papel da TV na formação das crianças e dos jovens e do gosto do público. Aqui não é o rádio enxergando apenas a **fronteira como um espaço de tensão**, mas estendendo a idéia para um âmbito mais global, porque o problema não é característico apenas dessas regiões. A preocupação com a segurança é uma questão nacional. Porém, a diferença é que na fronteira alguns traços desse problema ganham outras nuances por causa da facilidade do tráfico e da fuga para o outro país e pelos cuidados que as próprias autoridades policiais precisam ter em relação às leis do outro país, que mexem com a fronteira dentro de uma idéia de **lugar de integração, espaço de tensão**, considerando que a região é também uma zona de impacto, o que leva a comunidade, as autoridades e até os locutores a

<sup>32</sup> As sonoras dos quatro programas analisados estão reunidas no CD que está no ANEXO 1 (pg. 187).

manterem-se sempre em vigília, conforme demonstra a passagem<sup>33</sup> do Conversa de Fim de Tarde transcrita parcialmente abaixo:

- E os ônibus aí que o pessoal se irritou a semana passada, que a polícia uruguaia estava direcionando os ônibus? Teve alguma alteração?
- Teve né. A partir de agora é cada um na sua.
- Não, não. Não houve nada, só que é ilegal, é ilegal. É como tu colocar a BM para patrulhar o Atílio Paiva (estádio uruguaio)
- É excesso de zelo, uma preocupação muito grande que a coisa funcionasse [...]
- Não foi porque tem problemas no Brasil. Foi aquela coisa de trabalhar em conjunto, os caras passaram, erraram...
- Ah, como é que vou invadir o teu país, assim, achando que tá tudo bem...
- E a integração fica aonde nesse papo?
- Ah, então eu vou invadir o teu país e achar que tá tudo certo? [...]
- Uma coisa que é exemplo pro mundo todo quando acontece um sinistro [...] os bombeiros de Rivera vêm em Livramento, os daqui vão lá [...] essa integração é uma coisa maravilhosa. Eu sou a favor...
- Vocês acham que essa integração é maravilhosa? Agora, quando o cara vem roubar aqui e foge pra lá, o cara não pode entregar o camarada na linha ali, oh. Toma! [...] Cadê a integração nessa hora? (SONORA 4 - RCC – 08/08/08)

A polícia uruguaia, atuando fardada além da linha de fronteira, gerou uma enorme repercussão em Livramento-Rivera e ocupou um tempo aproximado de 20 minutos no Conversa de Fim de Tarde do dia 08/08/08. Nota-se que a idéia de **fronteira como espaço de tensão** foi muito mais forte do que a de **lugar de integração**, embora uma deixe rastro da outra, como se estivessem embutidas. Para quem normalmente se intitula a “fronteira da paz” não é possível desconsiderar ações que podem ser olhadas como importantes para manter a integração. O rádio funciona aqui como um campo de vigília e observador das ocorrências no espaço também de tensão, porque os fatos são de natureza internacional e a polícia nesta região tem um papel muito importante e de visibilidade. Então, qualquer ação demandada de uma ou outra polícia – uruguaia ou brasileira – tem sempre conseqüências imediatas.

---

<sup>33</sup> Todas as transcrições das sonoras dos programas são reproduzidas com fidelidade neste estudo, respeitando as expressões originais dos emissores. Por ser o rádio um veículo que privilegia a oralidade, consideramos importante manter as falas originais, sem correções aos prováveis “prá”, “tá” ou outros.

O rádio, situado nesse contexto, atuou pelo Conversa de Fim de Tarde como debatedor das questões que fazem parte do universo da fronteira, ao encaminhar o debate sob pontos de vista divergentes em relação à integração, deixa claro que o terreno é delicado, pois aquela imagem que de fato se prega sobre a fronteira de integração, talvez seja muito tênue em relação à realidade, o que o próprio programa aponta pela palavra do promotor que participava do debate naquele dia:

Primeiramente temos que ver o que é legal e o que é ilegal. Nós moramos num país que tem sua soberania e embora uma fronteira bem aberta aqui, quase que excepcional no mundo inteiro, com essa integração que temos e que deveria ser maior do que é. [...] Eu acho que ela é muito tímida [...] Teria que ter mais integração no combate de situações que são extremas para ambos os países, como por exemplo, o abigeato. (SONORA 5 - RCC – 08/08/08)

A questão da **fronteira como lugar de integração** está também muito relacionada à segurança e à economia. O abigeato, citado pelo convidado, é uma grande preocupação da região porque é facilitado pelas grandes distâncias entre uma habitação e outra na área rural e a falta de controle das autoridades em função também dessa distância e da falta de pessoal. O Conversa de Fim de Tarde colocou na mesa que a resolução do problema passa pelo crivo da legislação, ou seja, pela convergência das leis dos dois países, pois isso afeta a ambos:

[...] a outra comunidade, no caso o Uruguai, vive com uma dependência grande da pecuária... nosso estado e nosso município, especialmente. Quando tem possibilidade de gado ser furtado, abatido, e essa carne é transmitida em condições precárias aos lares gaúchos, aqui da fronteira, isso é um problema que afeta a ambos. E principalmente o descrédito perante o mercado exterior no combate à doença, entre elas, a aftosa. (SONORA 6 - RCC – 08/08/08)

A aftosa é o grande monstro que parece estar sempre rondando a região, porque basta um indício de sua presença para que toda a fronteira e o resto do país entrem em estado de alerta. Estabelecer um controle absoluto em relação a este aspecto é compromisso de todos: produtores, abatedouros, autoridades sanitárias e governo, pois o volume de negócios que o rebanho bovino representa para as exportações é muito alto. Neste ponto a fronteira se mantém em vigília constante.

A economia da região é próspera e forte e isso volta e meia é salientado pelo rádio por meio de entrevistas ou falas de convidados. No Conversa de Fim de Tarde do dia 15 de agosto um dos assuntos mais discutidos foi a vitivinicultura na metade sul. Livramento teve suas ruas banhadas com vinhos finos da melhor qualidade em protesto à carga tributária de 53% imposta pelo governo ao produto brasileiro.



Santana do Livramento é um município na metade sul que mais tem cultivos de uvas e parreirais e já tem um vinificação expressiva, tem as suas marcas [...] Já estamos com dois mil hectares [...] Isso significa próximo a dois mil empregos só na cadeia da uva e do vinho. [...] Mas só que nós estamos concorrendo, porque de 10 garrafas consumidas de vinhos finos[...] 80% é importada neste momento. [...] Não há condições de concorrer com essa carga tributária. (SONORA 7- RCC – 15/08/08)

A defesa dessa cadeia de vitivinicultura e fruticultura acontece dentro de um cenário novo em que se enquadram inclusive projetos que criam incentivos para a faixa de fronteira, visando à isenção do imposto total para os investimentos na região, criando uma descentralização da lei. Está sendo indicado que aconteça um zoneamento econômico ecológico, ou seja, um estudo da vocação da região e das cadeias prioritárias.

No momento em que o rádio abre espaço – e um tempo considerável dentro do programa – para discutir estas questões, está funcionando também como articulador de temáticas que envolvem a vida na fronteira. Ele é assim elemento integrador das temáticas que interessam à fronteira, estimulando concepções e discussões que possam contribuir para o desenvolvimento local, mesmo que nestas discussões esteja visível o descompasso que existe na economia do lugar, no que diz respeito ao setor de que o programa foi assunto: a produção e comercialização de vinhos, cujo principal concorrente está no outro lado da fronteira, o Uruguai, que pela atual política cambial oferece produtos de alta qualidade a preços mais acessíveis que os produzidos no Brasil. Neste âmbito, os aspectos econômicos são absolutos e nenhum tipo de integração poderia modificar o estado das coisas.

Em Rivera encontra-se a Estação Meteorológica que diariamente fornece os dados sobre o tempo para a rádio RCC. Várias vezes os locutores consultam a base de dados bastante desenvolvida para a região. Não é apenas no Conversa de Fim de Tarde que o serviço é acessado, mas em toda a programação da RCC. Também podem ser encontradas na programação outras informações fornecidas diretamente da cidade co-irmã, como a cotação da moeda no dia. Isso tem muita importância para a integração entre as cidades por causa do comércio local.

Pelos exemplos citados no Conversa de Fim de Tarde podemos perceber a essência da programação da RCC, que vai se revelando a cada programa. Toda a linguagem é própria deste contexto e se observarmos o número de moedas informado durante uma informação de cotação do dia, por exemplo, (euro, dólar, real, peso argentino, peso uruguaio) temos uma idéia mais exata de como a comunidade lida com isso diariamente e como se estabelece automaticamente o fator integração. Acompanhando o programa em outros momentos se

pode perceber que esta é uma informação muito importante para os ouvintes, pois boa parte deles se pauta pela variação cambial para estabelecer diariamente seus negócios.

Outro aspecto em relação a essa divulgação na RCC é a língua. Ouvimos tanto o idioma quanto o espanhol, mas dependendo de quem fala. Não é hábito de a emissora misturar idiomas em seus programas, fugindo totalmente ao estilo “portunhol” assumido por outras de fronteira. Entretanto, no Conversa de Fim de Tarde, como em toda a RCC quando um convidado fala espanhol ele mantém o seu idioma nativo durante a entrevista, pois tanto comunicadores quanto o público que vive na região e tem contato todos os dias com o outro idioma, não tem nenhuma dificuldade em assimilar o conteúdo da entrevista. É normal inclusive o locutor manter a língua portuguesa nas perguntas ou considerações e o convidado falar o castelhano ou espanhol nas suas colocações. A língua espanhola aparece também na RCC durante o decorrer da programação em muitos comerciais e jingles gravados de empresas uruguaias, inclusive, às vezes, alternando-se na veiculação.

Esta sintonia com os fatos locais permeia todo o programa Conversa de Fim de Tarde muito influenciado nesse sentido pelo que está posto nas páginas do Jornal “A Platéia”, que funciona no mesmo andar do prédio onde está a rádio. O fato de o jornal ser diário e manter uma equipe bem estruturada, sendo que muitos integrantes dela, também atuam na rádio é um fator determinante para esse caráter que tem a notícia local. O jornal inclusive mantém uma página em espanhol, voltada para a vizinha cidade de Rivera. Tudo o que está nas páginas de A Platéia, é sempre comentado no programa apresentado por Fernando Moura, seja pela fala de um dos repórteres ou do âncora, seja lendo o texto conforme publicado, seja em manchetes, ou ainda transformando o conteúdo em pauta para entrevista ou debate de estúdio. Impossível deixar de notar que os veículos se complementam e cumprem função como mídia de intervenção social na fronteira.

O Conversa de Fim de Tarde da RCC nos ajuda a vencer o desafio de tentar dizer o que é uma rádio de fronteira. O programa, seguindo a linha geral da emissora, foge totalmente a qualquer modelo estabelecido de uma rádio FM, predominantemente musical. Ele é informação, debate, palanque radiofônico, em sintonia com a rádio: moderna, atuante e dinâmica, fortemente apegada ao local – que é a fronteira - mas aberta e conectada com o mundo.

## 5.2 Fronteira Sul : Rádio 96 FM - Uruguaiana-Libres

**QUADRO 4:** Dados de identificação da Rádio 96 FM

<b>Razão Social</b>	Rádio Pampeana Ltda
<b>Ano de Fundação</b>	1978
<b>Localização</b>	Uruguaiana-RS, Brasil, fronteira com <i>Paso de los Libres</i> , Argentina
<b>Frequência</b>	96.5
<b>Potência</b>	5 Kw
<b>Site</b>	<a href="http://www.radio96fm.com">http://www.radio96fm.com</a>

**Fonte:** Elaboração própria



**FIGURA 2:** Estúdio da Rádio 96 FM - Uruguaiana  
**Foto:** Vera Lucia Spacil Raddatz

A história da 96 FM está diretamente relacionada, desde o início, às ações de seu diretor-proprietário, Paulo Santana<sup>34</sup>, que já atuou também como locutor-apresentador. Hoje sua voz é ouvida na emissora por meio de inserções publicitárias e institucionais.

O primeiro passo para a criação da 96 FM foi dado no final dos anos 70, mais precisamente no dia 2 de maio de 1978, por um grupo de quatro pessoas ligado ao seu principal mentor, Paulo Santana. Depois de duas horas de conversa, Paulo estava autorizado a prospectar equipamentos, formas jurídicas e técnicas para provocar a abertura de um edital para uma rádio FM em Uruguaiana: “Até então, nesta região aqui, a mais próxima era Santa Maria. Não tínhamos nada” (SANTANA, 2007). Mas entre o processo de criação da idéia e a

<sup>34</sup> Entrevista pessoal concedida durante visita à emissora, de 9 a 13 de julho de 2007.

concessão da rádio, passaram alguns anos, pois as decisões envolviam instâncias influências, cujas decisões também tinham caráter político.

A Rádio<sup>35</sup> passou a funcionar a partir de 26 de maio de 1981. Foi ao ar em caráter experimental no dia 2 de maio e em 26 de maio, às 16 horas e 20 minutos o governador Amaral de Sousa, do Rio Grande do Sul, o governador Bornhausen, de Santa Catarina, o governador Nei Braga, do Paraná e alguns ministros do Governo Figueiredo<sup>36</sup> e todos os prefeitos da Associação dos Municípios da Fronteira Oeste - AMFRO - compareceram ao ato inaugural da emissora.

Com o nome fantasia de Rádio Pampeana FM, a emissora permaneceu por seis anos, mas com extrema dificuldade para fixar essa denominação fora dos limites da região, pois as pessoas que residiam, principalmente, fora do Rio Grande do Sul não tinham a compreensão do significado do termo “pampeana”.

Logo veio o advento das redes. A primeira rede de rádio do Brasil foi a Rede Bandeirantes e pelo fato de o diretor já ter contato com integrantes da mesma, a Pampeana foi convidada a integrar a rede de rádio brasileira, mesmo sendo naquela época rádio AM. A atitude se concretizou imediatamente porque se acreditava que, por meio de uma cabeça de rede em São Paulo, a emissora local poderia conseguir o grande anunciante nacional. “Nós estávamos restritos aos anunciantes locais e a rede funcionou nesse aspecto comercial parcialmente, insatisfatória até, eu diria” (SANTANA, 2007). Porém, a experiência serviu para a Pampeana como um grande intercâmbio, uma troca, um aprendizado e uma orientação na formatação de programação, principalmente pelo contato e convívio com os profissionais que trabalhavam em São Paulo.

Logo depois, a rádio migrou para a Band FM por algum tempo, mas devido ao fato de a programação entrar em desequilíbrio total com a realidade de Uruguaiana não foi possível continuar. Conforme Santana (2007) “começaram a tocar um segmento de música que não dizia respeito a nossa região e não estava tendo boa aceitação. Saímos e ficamos um tempo local como Pampeana”.

---

<sup>35</sup> A razão social da rádio é a mesma até hoje: Rádio Pampeana Ltda. Mas na época o nome fantasia escolhido foi Pampeana FM, uma sugestão do poeta Colmar Duarte, idealizador da Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana. Pampeana quer dizer “filha do pampa”.

<sup>36</sup> Na data de inauguração da rádio o então Presidente da República, General Figueiredo estava em Uruguaiana para um encontro com o presidente da Argentina da época e acompanhou o Governador Amaral de Sousa aos atos de inauguração da rádio, levando consigo as demais autoridades.

Entretanto, em seguida veio a necessidade da Pampeana voltar a uma rede, em função de que facilitava o desenvolvimento da programação, custos operacionais. Com a rede é muito mais prático para quem administra, em relação a uma emissora local. “Pesquisamos todo o mercado e optamos pela rede Transamérica, sem dúvida a maior e melhor rede de rádios do Brasil, rede competente, inclusive, foi ação nossa a franquia da rádio lá de Santo Ângelo” (SANTANA, 2007)

Mas o casamento com a Transamérica só durou um período de três anos. A Pampeana sentiu-se obrigada a sair da Transamérica e optar pela Atlântida, em função da criação da Rede Atlântida e da inevitável presença forte dela em Uruguaiana. Mas esta parceria não prosperou muito tempo também e aí veio novamente a necessidade de voltar a ser local por vários aspectos, mas a razão principal é a relação direta que uma rádio desse gênero tem com a cidade. A rádio em rede acabou ocasionando um distanciamento do mercado local, o que provocou o retorno às origens. Na virada de 2001, a emissora volta a buscar uma identidade, que também não cabe mais no nome Pampeana. É preciso um nome fácil de dizer e memorizar. E o desejo é criar uma nova imagem, uma nova emissora. Optam, então, pelo nome que indica a frequência: 96 FM. Optam por 96 FM, para fixar a frequência da 96,9.

A 96 FM definiu sua proposta em torno de ações de defesa do meio ambiente e isso está claro no slogan da rádio: “No ar pela terra”. Esta é a frase de assinatura e a partir dela são criadas ações dentro da programação, conforme as ações ambientais da comunidade. A emissora dá cobertura a eventos na comunidade, como festivais de música, Carnaval, shows, e festas, e na programação procura sempre inserir chamadas para a preservação do meio ambiente, com a intenção de educar o ouvinte para esse fim.

Quanto ao fato de disponibilizar a rádio na web, a iniciativa apresentou-se como uma necessidade natural, há três anos e meio<sup>37</sup>. Hoje muitos uruguaianenses estão fora da cidade e muitos dos que foram morar em Uruguaiana e criaram laços, também já estão em outras regiões do estado e do país. Considerando esses aspectos, a internet acabou aproximando os que mantêm de alguma forma relações com a cidade e com sua gente. De acordo com Santana (2007), “o fato de irmos pra internet foi com o propósito de encurtar distâncias [...] e a gente não quer ser um campeão de acesso por pessoas que não têm muita relação com a cidade. A gente quer estender mais esta relação com a cidade”.

---

<sup>37</sup> Os padrinhos do site são a banda Nenhum de Nós, pois coincidentemente com o lançamento da página na internet, a rádio estava promovendo um show com a banda em Uruguaiana. Tudo está registrado no álbum de fotos da emissora.

No que diz respeito à formatação da programação da 96 FM foi realizada uma pesquisa para detectar o que o público de Uruguaiiana queria ouvir no rádio em horários diferenciados. A emissora montou a sua grade destacando uma rádio nativista e com um volume informativo para o agronegócio de manhã cedo, uma rádio mais dirigida ao público feminino de manhã, e no conjunto toda uma programação mais adulta contemporânea até 14 horas. A partir das 14 horas a programação é mais jovem até 19 horas, quando a emissora eliminou o horário da Voz do Brasil, por intermédio de um processo na Justiça<sup>38</sup>. O principal argumento utilizado pela 96 FM foi a questão da invasão cultural e evasão econômica. Na ocasião, foi gravada a programação das rádios argentinas no horário das 19 horas, demonstrando que o formato dos programas argentinos era dirigido ao público brasileiro, inclusive com o forte apoio comercial que obtinham com isso. Santana (2007) afirmou que ouviu um comentário em uma das audiências no Tribunal em Porto Alegre, de um juiz<sup>39</sup> com o seguinte teor: “Veja como as coisas são. A Voz do Brasil nasceu há 70 anos para integrar o Brasil, para fortalecer o Brasil. No caso da fronteira do Brasil, ela presta um desserviço, ela enfraquece”.

**QUADRO 5:** Programação 96 FM - Uruguaiiana

Programa	Dias	Horário	Observação
Clube Do Pijama	Segunda	00h às 05h	Automatizado
Alvorada Pampeana	Segunda	05h às 08h	Apresentação: Antonio Carlos
Almanaque	Segunda	08h às 12h	Apresentação: Fabio e Adriele
Porão 96	Segunda	12h às 14h	Apresentação: França
Zona França	Segunda	14h às 16h	Apresentação: França
Radar	Segunda	16h às 19h	Apresentação: Robson
A Voz Do Pampa	Segunda	19h às 21h30	Apresentação: Jaime Ribeiro
Vale Tudo	Segunda	21h30 à 00h	Apresentação: M.Nunes
Songs By Night	Ter./Sex.	00h às 02h	Apresentação: Mauro Vitolo
Clube Do Pijama	Ter./Sex.	02h às 04h	Automatizado
Voz Do Brasil	Ter./Sex.	04h às 05h	Automatizado
Alvorada Pampeana	Ter./Sex.	05h às 08h	Apresentação: Antonio Carlos

<sup>38</sup> A emissora preparou-se juridicamente e investiu na liberação do horário da Voz do Brasil, tornando-se a primeira do interior do Rio Grande do Sul a conseguir na justiça o direito de transmitir a Voz do Brasil nas vinte e quatro horas seguintes. Até então, isso já faz cinco anos, só tinham essa autorização o Grupo Bandeirantes de Porto Alegre, as duas emissoras FM deles, que às 11 da noite cortavam a programação para transmitir a Voz do Brasil.

<sup>39</sup> O nome do juiz não foi mencionado.

**QUADRO 5:** Programação 96 FM – Uruguaiana*continuação*

<b>Programa</b>	<b>Dias</b>	<b>Horário</b>	<b>Observação</b>
Almanaque	Ter./Sex.	08h às 12h	Apresentação: Fabio e Adriele
Porão 96	Ter./Sex.	12h às 14h	Apresentação: França
Zona França	Ter./Sex.	14h às 16h	Apresentação: França
Radar	Ter./Sex.	16h às 19h	Apresentação: Robson
A Voz Do Pampa	Ter./Sex.	19h às 21h30	Apresentação: Jaime Ribeiro
Vale Tudo	Ter./Sex.	21h30 à 00h	Apresentação: M.Nunes
<b>Sábado</b>			
Songs By Night	Sábado	00h às 02h	Apresentação: Mauro Vitolo
Clube Do Pijama	Sábado	02h às 04h	Automatizado
Voz Do Brasil	Sábado	04h às 05h	Automatizado
Alvorada Pampeana	Sábado	05h às 08h	Apresentação: Antonio Carlos
Almanaque	Sábado	08h às 12h	Apresentação: Fabio e Adriele
MPB	Sábado	12h às 14h	Apresentação: Miriam Sampaio
Zona França	Sábado	14h às 16h	Apresentação: França
Radar	Sábado	16h às 19h	Apresentação: Robson
Programação Normal	Sábado	19h às 21h	Automatizado
Vale Tudo	Sábado	21h às 00h	Apresentação: M.Nunes
<b>Domingo</b>			
Back Flash	Domingo	00h à 01h	Apresentação: Alex Hunt
TOP 40	Domingo	01h às 03h30	Automatizado
Clube Do Pijama	Domingo	03h30 às 06h30	Automatizado
Encontro Com Os Serranos	Domingo	06h30 às 08h	Apresentação: Edson Dutra
Café Da Manhã Com O Rei	Domingo	08h às 09h	Apresentação: Paulo Santana
Som Do Sul	Domingo	09h às 13h	Apresentação: Jaime Ribeiro
Super Domingo 96	Domingo	13h à 00h	Apresentação: França

**Fonte:** Elaboração própria a partir de informações disponíveis em <http://www.radio96fm.com>

No horário das 19 horas às 21h30min, a 96 FM optou por valorizar a cultura local e as raízes, e criou um programa nativista, com respeito às coisas do Rio Grande do Sul, sem tendência ao gauchismo. Segundo consta, A Voz do Pampa, pelo número de participações de ouvintes, pelas cotas de patrocínio todas vendidas e a fila de anunciantes na lista de espera, este é um dos programas - ou o programa - de maior audiência da rádio, no horário mais forte da televisão.

A atuação da rádio na fronteira tem relação com a questão do fortalecimento da identidade da rádio, uma preocupação constante da equipe. Transmitindo a programação do modo que está sendo elaborada, pensam estar fazendo o que os ouvintes querem e esperam da rádio. Acreditam que a rádio tem uma aceitação, um respeito e uma identidade muito forte com o ouvinte: “A gente passou então a cobrir grandes eventos, e voltou a transmitir uma Califórnia da Canção [...] se envolveu fortemente na Semana Farroupilha, que é uma febre local” (SANTANA, 2007). O diretor acredita, entretanto, que essa é uma caminhada, uma rota em movimento constante e infindável em que a rádio vai percorrer permanentemente.

A Rádio 96 FM de Uruguaiana foi a escolhida para fazer parte deste estudo numa fronteira reconhecidamente distinta no Rio Grande do Sul. Uruguaiana é uma cidade-pólo na fronteira sul, caracterizada basicamente pela cultura sul riograndense. A terra da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul é um apelo forte e constante de valorização às tradições gaúchas. É fácil encontrar pelas ruas de Uruguaiana homens de bombachas largas, botas de couro e cintos com fivela de prata e ouro. Vêm principalmente das estâncias e fazendas localizadas na região para movimentar o comércio e a vida urbana. No inverno de vento frio e minuíano os palas e ponchos cobrem o corpo. Muitas casas que vendem produtos típicos para o gaúcho são comuns na cidade.

A área territorial de Uruguaiana é muito grande e algumas localidades ficam distantes cerca de 70 ou 80 quilômetros da sede do município. Tudo é longe. Longe para ir e voltar. Um dia a cavalo, dois três dias a pé nos tempos de outrora. Hoje, o conforto e a tecnologia já chegaram ao campo. As antigas cartas ou as mensagens pelo rádio amador nas fazendas ainda existem, mas a internet por rádio também é uma realidade, o que veio modificar as relações daqueles que moram no campo e podem ter acesso a essa tecnologia. Isso também se reflete nas formas de comunicação das emissoras de rádio, como a 96 FM, que hoje obtém um *feedback* imediato de ouvintes do campo e da cidade. É muito comum ouvir na rádio a fala do locutor mandando um abraço para este ou aquele que mora na fazenda tal e atender a sua indicação ou mensagem que chegou via MSN ou correio eletrônico.

Na fronteira do Brasil com a Argentina, em Uruguaiana-Libres, na Rádio 96 FM, que mantém uma programação basicamente musical e com informações de variedades a maior parte do tempo, pudemos observar que as inserções do programa *Drops* atualizam as notícias locais e voltadas para a região, durante todo o dia. Já *A Voz do Pampa*, programa diário, ecoa a cada final de tarde como um canto de alegria em todos os recantos da cidade e do interior. Consideramos ser este o programa mais representativo das temáticas de fronteira



na emissora uruguaianaense, o que nos propicia uma aproximação maior com as práticas socioculturais que ocorrem nessa região. A partir da análise do conteúdo deste programa podemos compreender melhor o conjunto da programação da rádio.

**QUADRO 6:** Dados de identificação do Programa A Voz do Pampa – Rádio 96 FM

<b>PROGRAMA</b>	A VOZ DO PAMPA
<b>RÁDIO</b>	96 FM
<b>LOCAL</b>	Uruguaiana – Rio Grande do Sul
<b>FRONTEIRA</b>	Brasil - Argentina (Uruguaiana-Libres)
<b>APRESENTADOR</b>	Jaime Ribeiro
<b>VEÍCULAÇÃO</b>	De segunda a sexta
<b>FOCO</b>	Música e informação nativista
<b>HORÁRIO</b>	Das 19h às 21h30
<b>PERÍODO ANALISADO</b>	De 04 a 08 de agosto de 2008
<b>DIAS DA SEMANA</b>	Cinco dias úteis: 4, segunda -5, terça - 6, quarta – 7, quinta – 8, sexta
<b>TOTAL DE HORAS DE AUDIÇÃO</b>	12 horas e 30 minutos
<b>SITE</b>	<a href="http://www.radio96.com">http://www.radio96.com</a>

Fonte: Elaboração própria

### 5.2.1 A Voz do Pampa

A Voz do Pampa é um misto de música e poesia. Até a voz do apresentador Jaime Ribeiro é povoada de melodias próximas das canções executadas para seus ouvintes. Moderado e contido na sua locução, transmite calma, enquanto vai discorrendo mansamente sobre temas diversos relacionados ao nativismo durante duas horas e meia. O programa é permeado de pedidos musicais, aos quais ele chama de indicações. Elas chegam de diversos modos: por telefone, atendido pela assessoria do programa, por mensagens no celular, pelo site da rádio e MSN.

À noite, Jaime Ribeiro vai tecendo uma conversa com a audiência, e repetindo de modo intencional e estratégico, algumas expressões e, às vezes, períodos inteiros de falas pré-produzidas, que no seu conjunto dão uma identidade para A Voz do Pampa, fortemente ligada às raízes, à história e ao cotidiano da região. Enquanto o locutor fala, temos a impressão de enxergar a cena que ele descreve. Uma das frases mais mencionadas no programa é:

O mate é novo, a prosa é gaúcha, a música de primeira qualidade... e a gente vai proseando por aqui. (SONORA 8 - 96FM - 05/08/08)

As vinhetas são bem elaboradas, e adequadas ao clima, à alma do programa. Por meio das vinhetas o locutor procura aproximar-se do ouvinte e anuncia o que vai ser a noite. A de abertura já dá o tom do que a audiência terá pela frente:

Boa noite, Rio Grande do Sul. Boa noite, fronteira gaúcha. Boa noite, Uruguaiana. Boa noite, Tche”. (SONORA 9 - 96FM - 04/08/08)

A última frase é repetida durante o programa cada vez que o locutor volta depois dos anúncios e da vinheta da 96 FM, seguida de A Voz do Pampa. Isso identifica a entrada dele que imediatamente se comunica com o seu público ouvinte.

Já de antemão confirmando e mandando um grande abraço para nossa audiência além fronteira, cidades que compõem este nosso Mercosul, através da Argentina, Uruguai, cidades vizinhas, interior do município, pelas redondezas do nosso interiorzão. Um abraço pros amigos que já vão se chegando pra roda do mate, trocando as pesadas pilchas por confortáveis alpargatas, barbudas, bombachas largas e mate bueno. (SONORA 10 - 96FM - 04/08/08)

Essa passagem, além de conter a referência geográfica da região para a qual está se comunicando, denota a amplitude que o rádio tem na audiência, e aqui o alcance é o território brasileiro, argentino e uruguaio pelas ondas médias. Além de Uruguaiana estar próxima da Argentina, está também do lado do Uruguai, pelos limites da Barra do Quaraí, ex-distrito de Uruguaiana, emancipado nos anos 90.

A gente também tem conhecimento e testemunho de que nos acompanham desde (com sotaque) La Cruz, Alvear, Paso de los Libres, Monte Caseros, Mercedes, Curuzuquatiá, *por aí todo, saludo a todo* (SONORA 11- 96FM - 07/08/08).

E existe em todos esses lugares, principalmente na zona rural, uma afinidade enorme com o rádio, especialmente com aquele que toca a música nativista de raiz. No final das tardes, depois das atividades no campo, é ainda comum nessas regiões, a roda de mate, onde se conta as histórias do dia, toca-se ou ouve-se música e se descansa o corpo, geralmente nos galpões. O homem que mora no campo ouve rádio também como forma de entretenimento e diversão. E A Voz do Pampa toca justamente a música que se relaciona a este universo

Jaime Ribeiro chama para a roda criando o clima. Ele sabe do que está falando e para quem. O rádio, ao mesmo tempo em que cria imagens, produz representações da cultura local, neste caso, da fronteira. Este exemplo denota o rádio de fronteira como **lugar de integração** entre os povos que vivem nesta região. E eles participam do programa. São chamados para tanto, com mais uma das frases de Jaime:

Por conta dos sempre amigos que nos dão o respaldo, a cobertura e a satisfação de estarmos por aqui registrando esta oportunidade. O mate

é novo, a prosa é gaúcha e a sua comunicação 3412-3334; o torpedo gaúcho 91050009, através da mensagem de texto, bem como na internet, já aberto o nosso canal Messenger, através do bloco [vozdopampa@radio96.com](mailto:vozdopampa@radio96.com). E eu te espero por aqui. E o nosso chasque comercial [...]. (SONORA 12- 96FM - 04/08/08)

Ele chama para a roda do mate e convida para a prosa os amigos, ou seja, todos aqueles que mandam mensagens pelo MSN ou pelo celular. A essas mensagens ele se refere durante o programa como “torpedo” e diz que este não é comum, mas gaúcho. Tudo tem uma relação próxima com as coisas da terra. Os comerciais, por exemplo, são anunciados a partir de um chasque<sup>40</sup>, termo próprio da linguagem gauchesca que assim se manifesta:

Boa noite Tche. O nosso boa noite que reverbera, ecoa nessas coxilhas, plagas dessa fronteira, mandando um grande abraço [...] de pé trancado na 96. (SONORA 13 – 96FM – 04/08/08)

As expressões utilizadas nessa passagem novamente desenham um mapa do lugar de integração e revela as raízes de que se falava antes. E o “pé trancado na 96”, expressão própria de Jaime, revela uma faceta do homem gaúcho que quando tranca o pé em alguma coisa, significa que, de fato, está irredutível em relação àquilo. Pura teimosia, mas ao mesmo tempo, certeza de que é o que quer: ouvir a 96 FM. E o relacionamento flui, os ouvintes vão respondendo em forma de indicações musicais e novamente o locutor se aproxima deles pela questão cultural:

Alô amigos e amigas de Uruguaiana de meu Deus, terra de mulher bonita que tem os lábios cor de pitanga, aonde o toro berra e afia a ponta da aspa no [...] preto da sanga.” (SONORA 14 – 96 FM - 04/08/08)

Mas não é só Uruguaiana que é aclamada e citada. Os versos chegam ao Rio Uruguai e às províncias argentinas e terras uruguaias. Os ouvintes entram em cena, sendo recepcionados com sotaque espanhol:

Gisela Mendes Ribeiro, também conectada conosco. *Muchas gracias*. (SONORA 15 – 96 FM - 04/08/08)

Vamos homenagear como sempre a nossa fronteira de audiência, a todos que moram neste litoral correntino, esses amigos da Província de Corrientes. (SONORA 16 – 96 FM 05/05/08)

E trago hoje aqui neste momento chamamecero, mandando um abraço muito grande a todos os companheiros e amigos do lado de lá: Gisela Mendes Ribeiro. (SONORA 17 – 96 FM – 05/08/08)

---

<sup>40</sup> Chasque – na linguagem do sul, refere-se ao mensageiro que leva recado de um lugar para outro. A partir disso se pode entender também como um conjunto de mensagens, o que deu origem por exemplo, ao nome de publicações como jornais voltados às temáticas geralmente nativas do RS. A palavra é muito usada na fronteira de Uruguaiana para designar um zombaria ou até mesmo brincadeira. No programa A Voz do Pampa o sentido está ligado ao conjunto de mensagens do programa

Estas três sonoras fazendo referência aos ouvintes argentinos e à região, dentro do programa em dias subsequentes, ressaltam o quanto a idéia da **fronteira como lugar de integração** aparece em A Voz do Pampa. Todos os dias o programa ressalta este aspecto e parece fazer questão de evidenciá-lo. Acreditamos que isso se relacione diretamente com a questão da **fronteira como espaço de tensão**, tão presente no cotidiano de quem vive no lugar, mas que não aparece explicitamente no programa, porque ele é apenas musical. Em outros momentos da programação, como em algumas informações veiculadas no Drops, já citado, esse aspecto se torna mais claro. A **fronteira como espaço de tensão** encontra-se implícito na idéia do **lugar de integração**, pela necessidade que parece haver de cultivar, pelas palavras e referências feitas no programa, esse sentimento vital para manter a harmonia no contexto. Outro elemento que denota nestas passagens **o lugar de integração** é a questão do idioma. O locutor alterna espanhol e português, numa forma de aproximação aos ouvintes e à cultura do país vizinho.

É muito comum a alternância de idiomas em A Voz do Pampa, às vezes é questão de uma frase apenas. Além da alternância do idioma, outra marca é falar em português com sotaque espanhol para se referir aos amigos argentinos.

Segunda-feira, quatro de agosto de 2008. Quinze graus e quatro décimos a temperatura. Esfria, *pero no mucho*. É aí que nós vamos mandar nosso *saludo* para nossa comunidade de Paso de los Libres que nos acompanha e tá registrando que a Neiva nos mandou um recado. A Neiva é prima nossa do lado de lá com *Dom Cacho e que se fueran muy bien* em Festival que houve neste final de semana [...] Parabéns (com sotaque) ao Jorge, parabéns aos amigos que também participam da audiência do lado de lá, em *Paso de los Libres, Provincia de Corrientes, República Argentina, tierra sagrada de El chamamé*, é de *reconocer*. (SONORA 18 - 96 FM - 04/08/08).

Além de alternar novamente o português e o espanhol segundo a referência que quer fazer ao lugar ou às pessoas, o locutor constrói também outra idéia: a de separação. O lado de lá, referindo-se ao outro lado do rio, reforça toda uma idéia de que mesmo próximos estão separados pelas limitações geográficas. Mesmo assim, na mesma passagem revela-se outro aspecto que diz respeito às vivências cotidianas: “uma prima minha com Dom Cacho”, ou seja, uma brasileira casada com um argentino morando em Libres. Pela proximidade física das duas cidades, essas uniões entre estrangeiros é muito comum. E a questão cultural também se manifesta no reconhecimento de que a Argentina é o berço do chamamé. Um gênero musical muito tocado em todo o Rio Grande do Sul e que é adotado como nosso, porém se sabe da influência dos argentinos. Já desde as primeiras Califórnicas, o festival de Uruguaiana, berço

de todos os festivais do Estado, fazia explodir o gênero muito bem aceito e adotado pelos gaúchos.

Esse respeito ao chamamé aparece no programa como um intercâmbio cultural. A voz do Pampa tem um espaço diário para o chamamé e o locutor anuncia essa relação com os *hermanos*:

Para los hermanos já, já entonces - entra a vinheta: “El Momento Chamamecero”. (SONORA 19 - 96 FM - 04/08/08)

Em seguida o locutor faz uma referência, em sotaque espanhol, a Alberto, de Libres, que está ouvindo e participando do programa. Em outra edição, o locutor conta que levava o Toni (amigo da Flórida) para passear em Libres e encontraram um radialista, que em seu programa também reserva espaço para divulgar as músicas nativas do Rio Grande do Sul.

Encontramos na Collon o Fernandez, o Guillermo, que é comunicador e que nos acompanha em rádio e também divulga a nossa música do lado de lá. Isso que me chama atenção: de que a gente começou um espaço aqui para divulgar a música de Corrientes e ele com sua equipe também faz lá, na rádio, de abrir espaço para a música brasileira e a música nativista, a música da Califórnia. Obrigado! (SONORA 20 - 96FM - 07/08/08)

A música e tudo o que gira em volta dela é mesmo o grande foco do programa e mostra bem essa relação de influências musicais com os argentinos e uruguaios – **a fronteira como lugar de integração**:

Boa noite, Tche. O nosso boa noite que se esparrama por essa fronteira, viajando neste nosso grande Mercosul, que é a Argentina, o Uruguai, Brasil... e comunicando para os amigos que vão chegando pra volta do mate a *despacito* e aqui sorvendo um chimarrão caprichado com a boa música do Rio Grande, através do verso e da poesia na voz dos nossos cantores. Uma música que nos ensina, que retrata a nossa tradição, a nossa alegria. (SONORA 21 – 96 FM - 05/08/08)

Pelo que se pode constatar, a questão da fronteira e da música norteiam o programa e as participações e continuam evidenciando a **fronteira como lugar de integração**:

Um abraço aos *hermanos de aya*, gente que nos *escutia, gran salude*, é sempre bom (com sotaque) entreverar e integrar nossa fronteira, já que somos *vecinos y é muy bueno gusta de hacer música*, porque de música *es el momento chamamecero*, por certo. (SONORA 22 – 96 FM - 07/08/08)

Jaime Ribeiro parece fazer a roda de mate dentro do MSN e nele a sua casa, tantas vezes cita, todas as noites, as indicações musicais e recados que chegam ao programa dessa forma, das mais diversas partes do país e do mundo, onde tem gente que mantém relação tão próxima com Uruguaiana.

Mas que tal, na fronteira do Peru tem um companheiro conosco, enganchado no MSN [...] está *tentiando* a volta [...]. (SONORA 23 – 96 FM - 06/08/08).

A certa altura, a roda de mate não é mais aquela do galpão, ela ganha uma roupagem moderna propiciada pela tecnologia, mas sempre alimentada pela **fronteira como lugar de integração**:

E vamos compartilhando com os amigos nessa maior roda de mate virtual que se proporciona para argentinos, uruguaios, cidades vizinhas, interior do município e todos os amigos da cidade [...]. (SONORA 24 – 96FM – 06/08/08)

A roda de mate não é uma roda qualquer. Ela sai dos limites de que se imagina, ou seja, dos galpões das estâncias e das casas da cidade para o mundo. E é esse aspecto que se quer ressaltar aqui como um dos mais importantes nesse rádio feito na fronteira. A cultura local, própria dessa região e com a força e compreensão que só esse lugar tem, ganha literalmente o mundo. Desvencilha-se de suas amarras para plantar raiz em outras culturas. O fato de um programa com essa linguagem estar podendo chegar a qualquer lugar do mundo é a inserção da fronteira no espaço global por meio da web, com tudo o que ela tem de mais peculiar nos aspectos culturais.

Essa mediação tecnológica pela qual passa a cultura de fronteira por meio do rádio na web compreende um fluxo de relações e conexões ligadas também a aspectos de caráter antropológico e cultural. Não é simplesmente a rádio de fronteira na web. É a cultura da fronteira disponibilizada para o mundo e as novas implicações de caráter sociológico daí resultantes. Quem ouve a rádio de Uruguaiana, na Flórida, como Toni Coelho, ouvinte da 96 FM, que mora nos Estados Unidos, certamente convive com pessoas daquele lugar, que em algum momento podem vir a conhecer, via internet, por influência dele, a programação da 96. A roda de mate virtual possibilita ainda que cidadãos do mundo, morando em países diferentes, se conheçam, troquem impressões e passem a conviver nesse espaço radiofônico virtual.

O locutor sabe o compromisso que cria a partir do seu programa e reconhece que o modo de fazer comunicação hoje, pelas possibilidades que a tecnologia oferece, não pode mais se resumir a um ponto de vista. A comunicação “*todos para todos*” substituiu a comunicação “*um para todos*” e não há mais fronteiras para comunicar., como relata Jaime:

Me contava o Toni Coelho [...] que um locutor na Flórida estava fazendo um sucesso muito grande através da conexão via satélite, alugou um espaço e faz o seu programa sozinho e consegue uma das

maiores audiências naquele país [...]. (SONORA 25 – 96 FM - 06/08/08)

Esta roda de mate vai sendo integrada por aqueles que moram tanto na zona rural quanto na urbana. O eixo comum é o programa da 96 FM. Quem tem internet seja por rádio ou não, ou quem ouve o programa via radinho de pilha, tem acesso às mesmas referências e se junta nesta esta roda virtual cantada pelo rádio:

É bem nesta hora, na hora boa que a gurizada vai se juntando, se acercando do rádio e acompanhando o nosso trabalho... de mate novo, de bombacha, de alpargata barbuda e confortável [...] na volta do galpão. Se o galpão é de interior, mateamos por certo. (SONORA 26 – 96 FM – 06/08/98)

Isso revela um contraponto. O que parece é que o programa é feito para os homens do galpão, os frutos diretos da tradição que ele prega, aqueles que conhecem como ninguém essa linguagem porque é a deles o tempo todo, durante todo o dia. Seria uma dualidade, um contraste, porque a maior parte das mensagens recebidas é citada como proveniente da internet, principalmente via MSN. Para isso, talvez a explicação seja de caráter antropológico, pois o produtor do programa também está plenamente integrado a essa cultura do mate, da bombacha e da alpargata. Vê e vive isso todo dia. A música que move a sua vida pessoal e profissionalmente é essa. Aí entra no rádio o sujeito difusor de cultura. Em todos os processos de comunicação, ele está incluso e não consegue se destituir dos elementos que formam sua subjetividade, que de algum modo, incidem sobre os processos de produção, e que neste caso estão plenamente integrados aos elementos tecnológicos.

Fazer rádio é incluir o sujeito no processo. O sujeito eu e o sujeito outro. As falas estão cada vez mais presentes e próximas do público, mesmo que isso signifique oceanos de distância física. A naturalidade para dizer e a afinidade sobre o que se fala é que move a audiência e a relação na roda de mate. O sujeito eu, que é o emissor, reconhece o sujeito outro, receptor, não como diferente dele, mas como sujeito do processo, também emissor, que constrói participativamente o programa de rádio. Em A Voz do Pampa, isso ocorre por meio de indicações e mensagens. Toda a trilha sonora, ou seja, a seleção musical do programa é feita pelos ouvintes por meio das indicações, que vão sendo rodadas e citadas no decorrer do mesmo.

Chama atenção ainda a forma de participação dos cantores e músicos no programa, que desencadeiam também, estrategicamente, a partir de mensagens gravadas, a seleção musical.

Alô amigos da fronteira, da querida Uruguaiana. Aqui é o Beto Frizo, dos Mateadores. Estamos na boa companhia do amigo Jaime Ribeiro no programa A Voz do Pampa, pela 96 FM. (SONORA 27 – 96 FM - 04/08/08).

Logo após a mensagem entra música dos Mateadores. Essas mensagens refletem na emissora em relação ao público em dois aspectos: primeiro, a aproximação com o ouvinte por meio da voz, ou seja, o artista fala com o seu público, o que sempre agrada a audiência; depois, essa participação dá status ao programa, ampliando o seu valor agregado, porque são os grandes nomes da música que os ouvintes normalmente escolhem que estão falando naquele espaço e naquele horário.

Isso repercute positivamente na credibilidade do programa, não só do ponto de vista do ouvinte, bem como do patrocinador. E sob outra ótica, ainda pode-se perceber que os músicos que gravam as mensagens têm consciência de que estão falando para um público bem diversificado, dentro de um contexto que não é somente local, mas global:

Aqui quem fala é o Enio Medeiros. Meu amigo Jaime Ribeiro, da 96 FM, do Programa A Voz do Pampa [...] é um programa para Uruguaiana, a fronteira e o mundo. Boa noite, Tchê [...] do Enio Medeiros. (SONORA 28 – 96FM - 07/08/08).

Todos esses exemplos do programa estabelecem uma relação com aspectos marcantes na questão cultural que permeia a **fronteira como lugar de integração**. Pela natureza do programa, encontra-se nele essa evidência, ignorando outros aspectos que podem nortear a idéia de fronteira nessa região do Brasil. O programa não tem como proposta trabalhar a notícia de caráter informativo e jornalístico, pois é voltado para um público bem segmentado, ou seja, aquele que gosta da música nativista. As informações estão diluídas dentro da programação como um todo.

### 5.3 Fronteira Centro Oeste: Rádio Amabay FM – Pedro Juan Caballero-Ponta Porã

**QUADRO 7:** Dados de identificação da Amabay FM

<b>Razão Social</b>	Rádio Amabay FM
<b>Ano de Fundação</b>	1979
<b>Localização</b>	Pedro Juan Caballero, Paraguai, fronteira com Ponta Porã-MS, Brasil
<b>Frequência</b>	100.5
<b>Potência</b>	2,5 Kw
<b>Site</b>	<a href="http://www.amabayfm.com">http://www.amabayfm.com</a>

**Fonte:** Elaboração própria





**FIGURA 3:** Estúdio da Rádio Amambay FM - Pedro Juan Caballero  
**Foto:** Vera Lucia Spacil Raddatz

De acordo com o site da emissora<sup>41</sup>, a história da Rádio Amambay FM inicia em 12 de outubro de 1959, quando nasce a ZP 15 Rádio A Voz de Amambay AM. Esta foi a primeira rádio do norte do Paraguai, de onde provém a Rádio 100.5 Amambay FM. Em documento fornecido pela emissora com a história da Amambay AM consta que foram seus fundadores Epifânio Rolon Arévalos, Antonio Delgado e Oscar Charbel. A rádio começou emitindo com um transmissor de apenas um quarto de quilowatt. Mas enfrentou muitas dificuldades, principalmente no início quando precisou superar a falta de compreensão da comunidade sobre a importância de ter uma emissora de rádio. Por ocasião da dissolução da sociedade, a emissora deixou de transmitir por quatro meses, retornando com sua programação sob a responsabilidade de Epifanio Rolón e seu filho Luis César Rolón.

Em janeiro de 1968 a emissora mãe é assumida por Luis Tomás César Rolón Pena, filho de Epifânio. Onze anos depois, em 1º de dezembro de 1979, ele funda dentro da emissora AM, uma estação de Frequência Modulada Estéreo, denominada ZPV15 Radio Amambay FM 100.5, dirigida por ele até 1992, inaugurada pelo então presidente da República do Paraguai Don Alfredo Stroessner. Nesse ano, o neto do fundador da radiodifusão na fronteira Paraguai-Brasil, Daniel Rolón Dantas assume a direção da Amambay FM e implementa uma infra-estrutura e organização de primeiro nível. Desse modo, profissionais capacitados, equipes e programas profissionais de emissão de comerciais, programação com estilo próprio, ética e coerência convertem a Amambay FM em um marco na evolução da radiodifusão da região norte do Paraguai. Hoje a Rádio Amambay FM 100.5

---

<sup>41</sup> Disponível em: <http://www.amambayfm.com>. Acesso em 15 jan. 2007.

segue fazendo história e mantendo bem alta a bandeira de quem um dia foi a pioneira da radiofonia amambaiense.

No ano de 1998, por meio de um acordo comercial, a Rádio Amambay se integrou à Megacadena de Comunicaciones e com o transcorrer dos anos a direção da emissora vendeu ao grupo todas as ações da emissora que conta hoje com vinte funcionários.

Segundo os profissionais contatados na Amambay FM a proposta da emissora é realizar uma comunicação profissional, que atenda aos interesses do ouvinte. Para isso, muitos investimentos foram feitos em equipamentos e profissionais e o site da emissora é formatado de tal maneira que há muitos espaços para o ouvinte interagir com a programação e com os outros ouvintes. A emissora tem até um Clube no site onde estão cadastrados ouvintes de diversos países, principalmente, Brasil, Paraguai, Estados Unidos, Espanha.

A infra-estrutura da emissora em setores como administração, parte comercial, programação musical e produção, racionalmente divididos, demonstra um senso de organização de tarefas para atender aos interesses da emissora e do ouvinte. Segundo o locutor da Amambay Márcio Santos<sup>42</sup>, a rádio atua como uma emissora de integração na região da fronteira, principalmente pelo caráter de seriedade que impõe a sua programação, conquistando tanto ouvintes paraguaios como brasileiros. Esses aspectos foram observados durante as duas visitas que fizemos à emissora, em janeiro de 2007 e julho de 2008. Como circulamos durante vários dias na cidade de Pedro Juan e de Ponta Porá, além de observar a rotina de produção e transmissão da Amambay conversamos com pessoas das duas cidades e pudemos ouvir seu testemunho a respeito da qualidade da programação da emissora, o que também constatamos na prática. Nos estabelecimentos comerciais, em rádios de automóveis e até mesmo em residências, o som da emissora de Pedro Juan é ouvido com frequência.

A Rádio Amambay FM está na internet há quatro anos. Depois da web, a rádio vive outra realidade. A emissora começou a receber contatos de ouvintes do Japão, da Inglaterra, da Bélgica, e de Portugal. Por meio da internet quem mora na fronteira pode ter idéia de como há pessoas da região fora dela, em outros países, buscando dias melhores. Pela internet, os ouvintes dizem que se sentem próximos do lugar onde moraram ou nasceram e isto cria um vínculo maior com a audiência e compromete positivamente o trabalho dos locutores e programadores, que passam a oferecer ao ouvinte muito mais aquilo que esperam da rádio do que propriamente aquilo que acreditam que seria importante para eles.

---

<sup>42</sup> Entrevista pessoal concedida por Márcio Santos em janeiro de 2007.

**QUADRO 8:** Programação Amabay FM - Pedro Juan Caballero

Programa	Dias	Horário	Observação
Bom Dia	Seg./Sex.	06h às 09h	Apresentação: Marcio Santos
Frecuencia Activa	Seg./Sex.	09h às 12h	Apresentação: Fred Machado
Só música	Seg./Sex.	12h às 13h	Automatizado
Navegamos	Seg./Sex.	13h às 14h	Apresentação: Laura Araujo
Navegamos 2ª parte	Seg./Sex.	14h às 16h	Apresentação: Roberto Arce
Controle Remoto	Seg./Sex.	16h às 19h	Apresentação: Ever Gams
Música	Seg./Sex.	19h ...	Automatizado
Bom Dia	Sábado	06h às 09h	Apresentação: Marcio Santos
Interurbano	Sábado	09h às 13h	Apresentação: Roberto Arce
A toda música	Sábado	13h às 17h	Apresentação: Ever Gams
Só música	Sábado	17h ...	Automatizado
Música e sabor	Domingo	07h às 10h	Apresentação: Luiz de La Puente
Superdomingo	Domingo	10h às 14h	Apresentação: Fred Machado
Rádio Play	Domingo	14h às 17h	Apresentação: Luiz Medina
Só música	Domingo	17h ...	Automatizado

**Fonte:** Elaboração própria a partir de informações disponíveis em <http://www.amabayfm.com>

A emissora permanece 24 horas no ar, com uma programação voltada para a música, mas pontuada sempre com informações variadas, extraídas pelos seus locutores diretamente da internet, como é o caso do programa Bom Dia, apresentado pelo locutor brasileiro Márcio Santos. O responsável pela programação musical da emissora é René Guerrero<sup>43</sup>, que também acumula a função de produtor comercial, elaborando e montando a maior parte dos comerciais da Amabay, gravados pelos locutores em dois idiomas – português ou espanhol - segundo a escolha do patrocinador. De modo geral, a rádio é eclética e toca todos os estilos musicais, na medida da preferência do público, porque há uma grande interação entre os ouvintes e a emissora e isso pesa bastante na hora de fazer a programação.

Acreditamos que um dos fatores que ajudam a manter a audiência dessa emissora paraguaia em território brasileiro, além da qualidade da programação e dos investimentos realizados para manter também uma boa qualidade de som, é o fato de contar com o locutor brasileiro falando português durante três horas diárias, de segunda a sábado, num horário

<sup>43</sup> Entrevista pessoal concedida por Rene Guerrero em janeiro de 2007.

considerado bem importante para o rádio, ou seja, no início da manhã. A interação com o público se mantém diariamente pelo contato com o público por meio dos demais locutores que são paraguaios: Roberto Arce, Freddy Machado, Ever Games, Roberto Arce, Laura Araujo, Fátima Kamoshita Daniel Rolón Dantas (atual diretor).

A Amambay FM se distingue na fronteira do Brasil com o Paraguai em todos os aspectos e não pára de inovar e pensar no seu fortalecimento como a primeira em níveis de audiência. Nem bem inaugurou seu moderno estúdio em julho de 2008, agora se prepara para instalar-se em sua nova sede, ampliando o espaço e a comodidade para realizar sua rotina de trabalho.

Em Pedro Juan Caballero, a Rádio Amambay FM 100.5 (ZPV15) irradia sua programação por meio de um transmissor de 2,5 Kw de potência, com seis elementos e uma torre de 78 metros de altura, a 670 metros sobre o nível do mar. Ela alcança cerca de 100 quilômetros de cobertura efetiva a sua volta pela antena e o mundo pela internet (<http://www.amambayfm.com>).

As rádios de Pedro Juan assim como de Ponta Porã trabalham dentro de uma perspectiva de boa vizinhança, sendo que um dos maiores desafios dos comunicadores é não ofender os vizinhos, pois sabem que as relações entre Brasil e Paraguai são de países irmãos. Uruguai e Argentina também são assim considerados, mas a afinidade que se registra nessa fronteira é muito evidente. Outro grande desafio é manter a cultura própria, a identidade, principalmente quando se vive num lugar como esse em que todos os dias, a convivência produz interações e influências. Embora se verifique na fronteira uma cultura diferente do resto do país, a cultura paraguaia tem a preocupação de não se deixar invadir pela cultura brasileira, embora não há como negar as influências de uma sobre a outra. Esse aspecto foi várias vezes ressaltado pelos locutores, considerando questões como a influência da língua e da música.

Um dos papéis importantes dos comunicadores sociais, segundo os paraguaios, seria defender o idioma, criando condições para que as crianças e os jovens aprendam a falar bem o espanhol e o guarani. O português eles já sabem, pois qualquer criança paraguaia que more ali aprende a falar rapidamente o português em função do convívio com os brasileiros e pelo envolvimento nas atividades cotidianas de fronteira, desde cedo. Em cidades gêmeas, como Pedro Juan e Ponta Porã, a área de comércio muito forte impulsiona ou acelera esse processo.

A língua é do ponto de vista da cultura uma questão importante para a manutenção da identidade e da soberania. Mas, **a fronteira como lugar de integração** encontra-se na Amambay FM, justamente por dois aspectos: além de ter um locutor falando português durante a apresentação do programa, os textos publicitários voltados para o público brasileiro, por exemplo, são gravados por locutores brasileiros para que o idioma aproxime o ouvinte da rádio e automaticamente da empresa que investiu na rádio.

Na rádio Amambay FM de Pedro Juan Caballero a música é o elemento mais importante da programação, como em todas as emissoras FM estudadas. A informação, geralmente curta e rápida, é apenas um complemento. Isso se verifica inclusive na estrutura montada e no conjunto de profissionais. Não há uma sala de redação ou programa essencialmente jornalístico. As informações estão diluídas na programação. Não há nenhum repórter de rua para realizar quaisquer coberturas jornalísticas. É o apresentador-locutor que faz tudo: opera a mesa de som, seleciona as músicas, conversa com os ouvintes no MSN, atende os ouvintes ao telefone, seleciona informações disponíveis na rede ou mesmo em algum jornal impresso, lê os bilhetinhos deixados em sua mesa com algum recado ou mesmo informações de ouvintes. Ele também pode vender publicidade, produzir os textos, gravá-los ou lê-los ao vivo.

No estúdio, acontece um rodízio natural de iguais, ou seja, locutores–apresentadores que repetem a rotina de atividades nos seus horários determinados. Fora do estúdio há uma estrutura de apoio, como gerência, telefonista-recepcionista, que também atua como locutora, e o responsável pela publicidade, que trabalha no estúdio 2 e cuida principalmente das vendas, das gravações e do armazenamento dos comerciais e músicas no sistema, alimentando e atualizando constantemente o site.

O tempo de todos é apertado, mas a estrutura exige dinamismo e flexibilidade. Os profissionais precisam estar sempre atentos ao que está acontecendo no mundo e serem capazes de filtrar aquilo que é mais importante. O ouvinte é o maior capital da emissora e, por isso, tudo aquilo que diz respeito à audiência têm grande importância. O pedido musical do ouvinte, as sugestões dadas, o bate-papo pela internet, o nome dele divulgado no ar demonstra esse valor. O ouvinte gosta disso, quer ser mencionado, sente-se valorizado porque recebe atenção. Muitas vezes é o que ele busca ao entrar em contato com um programa. O rádio apresenta-se, assim, dentro de um velho conceito, o de companheiro e amigo, que mesmo na era da internet não perde o seu sentido. Ao contrário, a tecnologia aproxima as pessoas, até

mesmo aquelas que estão muito distantes e que em outros tempos sequer teriam oportunidade de manter contato.

A Amambay FM mantém duas equipes para a produção dos textos publicitários: uma para produzir em português e outra para produzir em espanhol, embora tenha um limite para o número de comerciais em português nas emissoras paraguaias segundo a Comissão Nacional de Telecomunicações – CONATEL - órgão do governo que regula a comunicação no país. É o empresário que escolhe se o seu comercial terá texto em português ou espanhol. O próprio sistema operacional em que roda a publicidade da rádio avisa quando o número chega ao limite.

Em Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, a Rádio Amambay FM, foco deste estudo por estar na web e manter três horas de sua programação em português, é uma emissora que se distingue das outras pela formatação de sua programação, mas que apresenta muitos elementos também encontrados nas co-irmãs. A preocupação dos profissionais parece ser a mesma: a luta pela valorização do trabalho do radialista e a comunicação para o ouvinte da fronteira, que não é apenas o paraguaio, mas também o brasileiro. As rádios se aproximam pela música e pela linguagem. Enquanto na Amambay AM, também visitada por ocasião da pesquisa, os locutores procuram falar apenas o espanhol sem misturar com o português, na Amambay FM, um locutor brasileiro fala português o tempo todo e roda música brasileira. A esse respeito é importante salientar que tanto as emissoras brasileiras quanto paraguaias, pela manhã, dão um destaque grande para a música sertaneja brasileira. Na parte da tarde e da noite, entretanto isso não ocorre. Mas de modo geral, a maior riqueza das rádios justamente é a diversidade musical.

O público ouvinte é o responsável pela escolha das músicas que rodam nas emissoras, como se pode notar na Amambay FM, em que se ouve músicas em espanhol, em português, pela influência local, e também em inglês, em razão do global. Esses pedidos são geralmente mencionados na programação ao vivo e estreitam os laços entre comunicadores e ouvintes e chegam à Amambay FM geralmente pela página da rádio na internet, que tem um *chat* onde os ouvintes podem conversar com a rádio e entre si, pelo MSN, por e-mail e pelo telefone convencional, cujas ligações tanto podem ser recebidas do lado brasileiro como do lado paraguaio, com a mesma intensidade, pois o fato de as linhas telefônicas serem integradas transformam as ligações brasileiras de Ponta Porã para Pedro Juan em locais. Isso facilita bastante a comunicação e a participação dos ouvintes brasileiros.

Aliás, é muito importante o espaço de cobertura que a rádio tem pela internet com os seus ouvintes, pois acaba aproximando os que estão distantes da terra natal como é o caso de milhares de paraguaios que trabalham na Espanha e outras partes do mundo. É importante o contato que eles mantêm com suas famílias através da rádio, tanto os que estão morando na cidade como os que estão em outros países. A Amambay FM foi pioneira nesta região ao entrar para a internet, mesmo com dificuldades, pois na época não havia nem ADSL, a o processo ainda era discado. Hoje ainda existem dificuldades principalmente no que diz respeito a manter o site em condições de funcionamento. O maior problema é a falta de profissionais qualificados para o setor. O *webdesigner* para montar a página, por exemplo, foi contratado em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, vizinho estado brasileiro. Mas hoje, o que contabiliza são muitos pontos na audiência e a ampliação do seu espaço. O retorno, portanto, não é diretamente em dinheiro, mas em ouvintes, que é um dos maiores capitais das emissoras de rádio. Um dos resultados em território paraguaio é 60% da preferência entre três emissoras mencionadas.

Em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero existe um número significativo de emissoras de rádio que levam a sua comunicação para um número igualmente expressivo de ouvintes. Esse é um ponto muito positivo para a democratização da comunicação, principalmente por se tratar de países latino-americanos que têm uma história bastante marcada pela censura no seu desenvolvimento. Então, quando se conta com uma boa representatividade de meios de comunicação num determinado local ou território, significa que para a população, para a audiência, há maior pluralidade de idéias e vozes no ar, abrangendo segmentos sociais que às vezes não estão contemplados quando as estruturas dos meios, ou pelo baixo número ou linha editorial, se tornam fechados para esses segmentos e não alcançam a todos. Quanto mais meios de comunicação houver numa sociedade, mais chance de alternativas e portas para o desenvolvimento e exercício da cidadania, porque assim as pessoas têm mais oportunidade de se expressar, pois uma tendência dos meios oficiais, às vezes é divulgar apenas o institucional, e é importante que ele possa se ouvir no rádio com voz de cidadão.

Notamos nos últimos tempos um estilo e uma tendência que se implementaram, principalmente na amplitude modulada, voltados para a participação direta do cidadão e da autoridade, na programação da rádio. E neste aspecto reside também uma das grandezas do veículo rádio, que tem privilegiado o ouvinte, dando-lhe voz e fazendo-o ser ouvido. Com o processo de segmentação que as rádios começaram a viver no final dos anos 80, início dos anos 90, tanto o rádio AM quanto o FM se especializaram, fazendo somente notícia, esporte,

ou optando por determinado estilo musical. Isso está funcionando muito bem em grandes centros. Em lugares menores, no interior ou mesmo na fronteira, o rádio continua cumprindo a função de prestar serviço à população, principalmente o AM. Assim, o rádio pode ser definido como o grande articulador das comunidades em que está situado, porque, além disso, também cumpre o papel de formação da cidadania.

O comunicador de rádio, automaticamente, acabou se transformando em um formador de opinião, por isso também se torna difícil e complexo o seu trabalho. É muito importante que ele pense bem antes de dizer as coisas, porque uma simples opinião pode mudar toda uma situação, tanto para o lado positivo quanto para o negativo. Hoje, o radiojornalismo, por exemplo, tende a se firmar muito mais como interpretativo do que como informativo, ou seja, aquele capaz de integrar informação e opinião. Os cidadãos não querem mais apenas informação. Necessitam ouvir também a opinião, a interpretação dos fatos, que não deve ser de responsabilidade somente do comunicador ou radialista. Esse profissional precisa atuar como mediador do processo, articulando diferentes pontos de vista, buscados junto à própria audiência e nas áreas especializadas. A partir disso é que o público vai formar seu senso crítico e sua opinião sobre os fatos.

**QUADRO 9:** Dados de identificação do Programa Bom Dia – Rádio Amambay FM

<b>PROGRAMA</b>	BOM DIA
<b>RÁDIO</b>	Amambay FM - 100.5
<b>LOCAL</b>	Pedro Juan Caballero – Paraguay
<b>FRONTEIRA</b>	Brasil-Paraguai (Ponta Porã -Pedro Juan Caballero)
<b>APRESENTADOR</b>	Márcio Santos
<b>VEÍCULAÇÃO</b>	Segunda a sábado
<b>FOCO</b>	Música sertaneja e informação variada
<b>HORÁRIO</b>	Das 6h às 9h
<b>PERÍODO ANALISADO</b>	De 15 a 24 de julho de 2008
<b>DIAS DA SEMANA</b>	Cinco dias úteis: 15, terça -17, quinta - 18, sexta- 23, quarta e 24, quinta
<b>TOTAL DE HORAS DE AUDIÇÃO</b>	15 horas
<b>SITE</b>	<a href="http://www.amambayfm.com">http://www.amambayfm.com</a>

**Fonte:** Elaboração própria



### 5.3.1 Bom Dia

Márcio Santos<sup>44</sup> está há dez anos no ar e fazer um programa numa emissora paraguaia é normal, como se estivesse numa rádio do Brasil. Até às vezes se corrige, pois fala como se estivesse do lado brasileiro. Ele afirma que “tem que haver certa particularidade na comunicação, tem que falar pros dois lados”. Na época da última eleição paraguaia, por exemplo, procurava sempre trazer informações que pudessem atender à expectativa dos ouvintes paraguaios em relação às eleições, afinal, seu programa começa quando a maior parte do público está acordando e nesse momento todos querem justamente a informação mais atualizada, ou seja, as últimas informações e boa música. Estar sintonizado com o que o público deseja é recurso imprescindível para todo comunicador.

Acredita-se que o rádio aproxima públicos, cria interações e afinidades. Pelo Bom Dia, quando Márcio Santos realiza alguma promoção ou brincadeira no ar, nota-se que tanto brasileiros quanto paraguaios participam igualmente de forma ativa.

O programa Bom Dia tem a duração de três horas e vai ao ar de segunda a sábado, a partir das seis da manhã. Sua característica principal é o som sertanejo, incluindo as músicas regionais, as músicas do Mato Grosso do Sul (chamamé, polca e agora também o pagode sertanejo, rancheira) e as sertanejas de sucesso que tocam pelo Brasil.

A rádio possui a particularidade de estar sempre atualizando o seu acervo musical, sendo que o locutor do programa também faz o mesmo. A comunicação de Márcio Santos é voltada para toda a região da fronteira e sua voz é calma e tranqüila, mas nem por isso ele deixa de criticar ou dizer o que acredita que precisa ser dito. Por ocasião de uma das visitas à rádio na observação do seu programa, ao anunciar que uma ouvinte perdeu os documentos, salienta que o “perdeu” é entre aspas porque, na verdade, ela foi roubada. O locutor lamenta o ocorrido no ar e pede para “os bandidinhos” devolverem os documentos da ouvinte Dirce. E ainda questiona a polícia quanto ao fato de as pessoas não receberem o atendimento com a atenção que merecem na hora em que vão prestar queixa. Ele, no papel de comunicador, vai além de transmitir a informação para também emitir opinião sobre aquilo que está falando. Não é uma regra fixa comentar todas as informações, mas isso acontece algumas vezes durante as edições diárias.

---

<sup>44</sup> Entrevistas pessoais concedidas em fevereiro de 2007 e julho de 2008, durante visitas de observação e estudo à Rádio Amambay FM de *Pedro Juan Caballero*

Pode-se dizer que o Bom Dia é um programa leve, porque está voltado para a música, e as informações são curtas e rápidas, sendo que a maior parte dos quadros do programa não exige abstração nenhuma como é o caso do Dia na História, Previsão do Tempo e os Signos do Zodíaco. Tudo isso é intercalado com os pedidos musicais dos ouvintes e os recadinhos que chegam pelo telefone e pela internet. Aos sábados, os ouvintes participam ao vivo da programação.

Observando o Bom Dia durante cinco dias úteis foi possível perceber que, pelo tempo de duração do mesmo, as informações de caráter jornalístico são poucas, mesmo que o tempo disponível para elaborá-las seja escasso. O próprio locutor acredita que seu programa tem um diferencial em relação aos outros por causa do tipo de informação que veicula, ao mesmo tempo em que equilibra com muita música de preferência do ouvinte. Esta parece ser mesmo a fórmula do sucesso do Bom Dia. Para definir quais as informações que vão entrar no programa, Márcio Santos usa como primeiro critério o interesse para o ouvinte. Ele diz que procura se colocar do outro lado do rádio e pensa se a notícia interessa para o ouvinte. O segundo critério é buscar as notícias que não sejam tão chocantes, mas que também não fujam da realidade. Procura ser fiel à realidade. Pelo fato de a rádio não ter um departamento de jornalismo e repórteres disponíveis, o comunicador precisa dar conta sozinho de todo o processo de produção e transmissão da informação para o ouvinte. Por isso não vai muito longe nem sai do estúdio. Usa a internet e os jornais.

O radialista deixa evidente que tem uma afinidade muito grande com a notícia e no seu ponto de vista, durante as entrevistas, disse que sente falta de uma estrutura para poder trabalhar melhor a notícia, mas como a rádio não tem esse caráter, por ser voltada para a música, faz o que é possível com os recursos de que dispõe. Mesmo assim, nota-se nos procedimentos de seleção das informações e também no modo de divulgá-las aquele senso de vigília em relação ao que vai para o ar, principalmente no que diz respeito ao país vizinho. Matérias sobre política, economia, segurança, que dizem respeito mais diretamente à vida paraguaia, são selecionadas com cuidado. Isto quer dizer que a **fronteira como lugar de integração** passa também pela idéia do **espaço de tensão**, pois para que a primeira se suceda, a outra tem que entrar em ação. Se os radialistas não forem vigilantes em relação ao que colocarem no ar, terão que responder pelas conseqüências depois.

E não é apenas Márcio Santos que tem esse cuidado. Na Amambay AM, na Mburucuya AM, na Cerro Corá FM em Pedro Juan, na Super Rádio Fronteira AM e no seu

canal de FM, a Rádio Nova FM, de Ponta Porã, os locutores<sup>45</sup> com os quais esta pesquisadora manteve contato declararam sempre ter cuidado com o que vão dizer no ar em relação ao país vizinho, porque estão muito próximos e um fato comum, dependendo da forma como for abordado poder gerar uma ação política de repercussão internacional. Desse modo podemos perceber a **fronteira como espaço de tensão**. Não que os comunicadores estejam sempre preocupados com isso! Mas, nas suas normas de trabalho, na sua ética diária do fazer radiofônico seguem essa norma como um princípio.

Assim, a ética de fazer rádio na fronteira não é determinada essencialmente pelas Leis e códigos gerais da comunicação, mas pelos princípios extraídos da prática diária do exercício da profissão. A zona de impacto não só está próxima, como os radialistas estão dentro dela, em constante vigília profissional, e são parte co-responsável por muitas das questões que ali se sucedem. Então, o zelo não é involuntário, mas intencional. Por causa da ética e da política da boa vizinhança muitas coisas deixam de ser ditas e muitos fatos não vêm à tona publicamente. Nesse sentido, a liberdade de expressão fica comprometida pelo sentimento de proteção do profissional e do contexto em que ele está inserido.

Não cabe aqui analisar esse aspecto, apenas detectá-lo como uma característica do rádio de fronteira. E esse comportamento que se percebe de modo muito forte em Pedro Juan-Ponta Porã é comum a outras fronteiras estudadas. Mas nesta, parece estar muito evidente, porque aparece frequentemente na fala dos radialistas como se eles tivessem que ter este aspecto muito presente o tempo todo. Dizem que o ouvinte é a razão do trabalho deles e que o exercício da cidadania passa pelo rádio. O rádio deve contribuir para que a sociedade possa olhar a si mesma com olhos críticos e sensatos, analisando as questões com seriedade e compromisso. O rádio precisa estar próximo de seu público pela informação e pela música. No primeiro caso, muito mais o rádio AM e no segundo, o rádio FM, pois ainda hoje, as emissoras AM e FM têm essa conotação pelo tipo de programação, sendo respectivamente, mais informativas e mais musicais.

O apresentador do Bom Dia demonstra manter um bom relacionamento com os ouvintes. “As pessoas ligam e pedem a música em castelhano, algumas querem falar português, se esforçando para pedir determinada música”. Ele conta que a maioria elogia a programação e a página da rádio e inclusive dá sugestões para o programa. Para ele, todos os ouvintes são especiais, mas alguns são mais especiais, pela reciprocidade que têm, por todos

---

<sup>45</sup> Entrevistas concedidas em julho de 2008 por Ed Moreno, DJ Fabrício, Carlos Maria Centurion, Aníbal Cataluppi, Tito Telles, Alejo Mendieta – radialistas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

os dias estarem com o sinal verde no MSN participando de alguma maneira do programa. Márcio não fala castelhano e acha que isso não atrapalha em nada, apesar de às vezes algum ouvinte reclamar. O idioma não impede a audiência que o programa tem. Vale ressaltar que a direção da emissora faz pesquisas mês a mês para saber a audiência geral da rádio, que tem se mantido em primeiro lugar em todos os horários. Uma das explicações do gerente Edson Mangini<sup>46</sup> para esse resultado é o fato de a emissora investir constantemente em tecnologia de ponta, mantendo um som de alta fidelidade, a interação com o ouvinte, além da música de boa qualidade. Além disso o próprio *feedback* que o ouvinte e os patrocinadores dão aos programas também é um elemento importante para controlar os níveis de audiência da rádio.

Nos primeiros momentos do programa ele anuncia a possibilidade de interação com o ouvinte a partir do telefone e da internet. Quanto ao telefone, fornece os dois números que marcam a integração pela linha telefônica em fronteiras conurbadas como Pedro Juan e Ponta Porã, a exemplo do que acontece também nas cidades gêmeas Livramento e Rivera, no sul do Brasil, fronteira com o Uruguai. São anunciados os dois números que possibilitam a ligação como local embora os ouvintes possam ligar do Brasil para o Paraguai, o que de outros pontos significaria uma ligação internacional. A convergência telefônica entre os dois países na fronteira contribui para a maior participação dos ouvintes na programação interativa da rádio. O locutor marca bem os números correspondentes:

Um minuto para as sete horas; hoje é quinze de julho. Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, um forte abraço e obrigada mais uma vez por estar começando a sua manhã junto com a 100 e o nosso Bom Dia até as 9 horas com as melhores sertanejas. Que tal você participar, ligar aqui, pedir a sua preferida 3431 277 e também aqui em Pedro Juan 72210. Você pode nos adicionar aí no MSN, sistema de mensagens e será um prazer tê-los com a gente: marciosantos100.5@hotmail.com. (SONORA 29 – AMAMBAY - 15/07/08)

Novamente, logo depois, repete a mensagem convidando o ouvinte a ligar e participar, fornecendo outra vez os números de Pedro Juan e Ponta Porã e o endereço no MSN. O locutor também se refere **à fronteira como lugar de integração**:

Alô, Pedro Juan [...] Alô, alô fronteira amiga! Estamos indo embora. Valeu gente. Valeu Pedro Juan Caballero, Ponta Porã. Quinta-feira especial, tudo de bom, dia bonito, mas seco e aqui pra gente muito tererê na nossa fronteira. (SONORA 30-AMAMBAY – 15/07/08 e 17/07/08)

A fala do locutor costuma marcar o lugar de onde está falando. E o faz rotineiramente no seu programa, a exemplo dos do dia 15/07 e 17/07, quando acrescentou mais um elemento

---

<sup>46</sup> Entrevista concedida por Edson Mangini em julho de 2008.

a sua fala tradicional. A expressão “muito tererê na nossa fronteira” faz referência ao costume de ingerir a bebida tradicional feita com erva-mate na cuia pequena de porongo ou de vidro, derramando água fria ou gelada na erva, o que dá um sabor amargo e forte. O hábito cultivado pelos paraguaios e também pelos argentinos, e típico das fronteiras centro-oeste e sul, foi adotado por muito brasileiros que moram nessas fronteiras. A própria fala do locutor acentua que é “muito tererê” e na “nossa fronteira”. Portanto, uma prática sociocultural comum a ambos os países que se faz presente como identidade da **fronteira como lugar de integração**. O rádio assimila esta prática e a representa por meio da fala do locutor.

Todos os dias no seu programa ele usa os mesmos termos para chamar o ouvinte:

Você de Ponta Porã, Pedro Juan Caballero, de toda essa imensa região de fronteira [...]. (SONORA 31 – AMAMBAY -17/07/08)

Apesar de o locutor dizer que tem uma afinidade muito grande com a notícia e considera isso muito importante para o seu público, não se nota, em nenhum momento, algum trato diferente da informação ou alguma abordagem diferenciada como uma enquete por telefone, um editorial, um pequeno debate, ou ainda uma entrevista curta. Nem mesmo no dia 18 de julho, aniversário de Ponta Porã, o programa não se preocupa em fazer nenhuma matéria especial sobre o município e a comunidade. As únicas referências dadas pelo locutor aos ouvintes sobre a data foram a informação sobre o espetáculo da Orquestra Sinfônica de Campo Grande e ter mencionado várias vezes durante o programa o feriado em Ponta Porã. Já se sabe que a justificativa para esta falta, é o fato de a proposta de programação da emissora não ser jornalística. Mas, se há indícios por *feedback* do público de que uma das questões que fazem com que o ouvinte ligue-se no programa é por ele não trazer apenas a música e também a informação, então, por que não investir nisso? Afinal, a rádio preza seus ouvintes e dá valor ao que eles dizem. Verifica-se aí um descompasso que poderia ser facilmente corrigido com a inserção de um repórter no programa nessas primeiras horas da manhã, desde que a informação fosse trabalhada de forma mais jornalística. Isto representaria um ganho para a rádio e para a audiência, pois qualificaria mais ainda o programa e não destituiria a rádio de sua proposta. É importante dizer que hoje, embora haja uma conotação mais forte para a música em FM, o trabalho jornalístico não é mais exclusividade da AM. Ao contrário, está se percebendo que é um filão, e a informação no FM pode ser trabalhada de forma diferenciada, com requinte e criatividade, e assim render muitos pontos de audiência.

A relação entre o ouvinte e a emissora de rádio é muito presente no diálogo que se estabelece entre o locutor e a audiência. No programa Bom Dia, Márcio Santos estabelece

uma comunicação direta com o ouvinte e menciona espaços de **fronteira como lugar de integração** por meio do veículo rádio, como demonstra a passagem:

Olha aí você no centro, nos bairros, na área rural, ligados aqui na 100... uma imensa região de fronteira, nosso carinho especial pra você. Deixa eu mandar um abraço aos amigos de Antônio João, também sempre ouvindo a gente, região de Bela Vista, Campestre, obrigado pela sintonia.[...] Amambay também...” (SONORA 32 – AMAMBAY - 15/07/08)

Os municípios citados pelo locutor fazem parte de uma grande região próxima a Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, sendo que Amambay representa o Departamento no qual está situado Pedro Juan Caballero, a sua capital. Referindo-se a esta vasta região o locutor está considerando sua audiência participativa e interativa, embora habite territórios geográficos distintos, mas próximos não só pela idéia de fronteira, mas pelas afinidades criadas e representadas por meio de um veículo de comunicação. Os ouvintes ligam para o programa, mandam torpedos pelo celular e conversam com o locutor pelo MSN, principalmente porque eles querem ouvir seu nome citado pelo locutor, sua mensagem lida ou pedido musical atendido. Não importa a língua falada: se português, castelhano, espanhol ou portunhol. Todos se entendem e se comunicam diariamente por todos esses canais, mas o mais significativo nesse contexto é o fato de a língua portuguesa predominar numa emissora paraguaia durante três horas por dia. O programa Bom Dia, todo falado em português, é uma das demonstrações concretas da **fronteira como lugar de integração**.

Chama a atenção também o fato de a publicidade que constitui os blocos de intervalo do programa ser gravada ora em português ora em espanhol, como por exemplo, a do Arroz Estrella. Esta apresenta no slogan a referência à **fronteira como lugar de integração**, cunhada pela identidade da região, como se a mesa de toda a fronteira fosse uma só e o arroz fizesse parte desse contexto como um dos pratos ou produtos que identificam esse lugar:

Arroz Estrella, tradição na mesa fronteiriça. (SONORA 33– AMAMBAY- 15/07/08)

Nesse caso a integração se dá pela identidade, construída pela tradição e pelo tempo histórico que vai produzindo marcas e referenciais comuns à região.

Salientamos também outro aspecto na programação da rádio, que é a inserção de músicas em português e em espanhol no mesmo programa, uma na sequência da outra, mas com predominância do português no horário do Bom Dia. O que prevalece nesse horário é a música brasileira sertaneja, mas de vez em quando o som espanhol se faz ouvir, como no programa do dia 15/07/07 quando entra o locutor com a hora certa e um alô para os ouvintes

no centrão de Pedro Juan Caballero, Bairro São Geraldo, Pedro Juan... Cerca de meia hora depois faz referência novamente à região da fronteira quando anuncia a previsão do tempo e a temperatura. Essa noção do território em que está inserido não sai da memória é uma constante na sua fala:

O tempo é bom em toda a região da fronteira, com temperatura em ligeira elevação. (SONORA 34 –AMAMBAY- 15/07/08)

A vinheta que identifica o programa é gravada nas duas línguas e anunciada em momentos distintos. No programa ele costuma usar as duas de modo bem específico:

Um *Bom Dia* para Ponta Porã e um *Buen Dia* para Pedro Juan Caballero, também. (SONORA 35 – AMAMBAY-15/07/08)

A **fronteira como espaço de tensão** também é evidenciada entre as notícias sobre a região nos programas estudados:

Índice de violência por todo o Brasil. Muitos lugares com índice muito alto. Nossa fronteira, infelizmente, também não é diferente. Aconteceu ontem aqui na cidade. Dois bandidos armados invadiram a sede da Exportadora Rio Branco em Ponta Porã [...]. (SONORA 36 – AMAMBAY - 18/07/08)

Ele segue citando detalhes do ato violento durante cerca de um minuto. Depois não faz nenhum comentário. A informação trazida por Márcio também diz respeito a esta tensão na qual vivem constantemente os habitantes dessa região. No dia 23 de julho o locutor lê uma notícia sobre uma operação especial na fronteira do estado, o que também denota a fronteira como espaço de tensão:

O exército brasileiro realizou ontem uma operação em diversos pontos de fronteira de Mato Grosso do Sul para coibir crimes fronteiriços e ambientais. De acordo com o Major Costa Bastos, a Operação Atalaia mobilizou todo o efetivo das unidades subordinadas a 4ª Brigada de Cavalaria Mecanizada. Carros blindados, tanques de guerra e dois helicópteros auxiliam nos trabalhos de fiscalização das estradas de forma aleatória em toda a faixa de fronteira. A operação acontece pelo menos quatro vezes por ano. Esta é a terceira vez em 2008. A primeira mobilização aconteceu em março e a segunda em junho quando foram apreendidos produtos contrabandeados além dos 80 kg de cocaína e 60 de maconha [...]. ( SONORA 37- AMAMBAY- 23/07/08)

Constantemente o mesmo locutor renova os seus votos de atenção ao ouvinte e os localiza num território e numa região:

A você que mais uma vez nos dá o prazer de sua companhia , seja em Ponta Porã (Bom Dia), em Pedro Juan Caballero ( Buen Dia), toda essa fronteira amiga um grande abraço [...] essa imensa região de fronteira. (SONORA 38 – AMAMBAY- 23/07/08)

Essa “imensa região de fronteira” que ele anuncia se amplia quando precisa dar conta da série de e-mails e mensagens pelo MSN, que recebe principalmente de muitos brasileiros e

paraguaios que estão fora do país, a maior parte na Espanha. Nas mensagens, eles dizem que através do rádio matam a saudade da família e que um dia vão voltar. Pedem sempre para mandar um alô para a família, que normalmente responde à mensagem para a rádio de forma emocionada. A comunicação do locutor é a mesma de sempre, não mudou só pelo fato de a rádio estar disponível para ser acessada em qualquer lugar do mundo. É nesse elemento que reside a possibilidade da cultura de fronteira sair de seu espaço. Ao atingir o mundo virtual, ganha outros territórios e públicos, e relaciona-se com outras culturas. No caso do programa Bom Dia, já foram recebidas muitas mensagens do Canadá, da Inglaterra, do Japão. Assim, a fronteira vai para o mundo, não só pelo programa de Márcio Santos, mas por outros que tocam a música do lugar. E a linguagem da música, nesse aspecto, é muito interessante, porque ela pode ser compreendida por qualquer pessoa independente do idioma que fale.

O rádio da fronteira Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, a partir de um olhar mais demorado sobre o programa Bom Dia, da Amambay FM, segue os princípios das demais fronteiras estudadas, mas sua principal particularidade é a questão lingüística e a musical. O idioma castelhano (espanhol) do Paraguai e o português do Brasil são entendidos e falados nas emissoras dos dois países com ampla liberdade e entendidos e aceitos pelo público. A música também é um importante elemento do rádio dessa fronteira pela sua grande diversidade, e servindo como importante fonte de aproximação cultural entre os países irmãos na **fronteira como lugar de integração e como espaço de tensão**.

#### 5.4 Fronteira Centro-Oeste: Transamerica Hits – Corumbá-Puerto Quijarro

**QUADRO 10:** Dados de identificação da Transamérica Hits

<b>Razão Social</b>	Rádio Tamengo AS
<b>Ano de Fundação</b>	1992
<b>Localização</b>	Corumbá, Mato Grosso do Sul, fronteira com Puerto Quijarro, Bolívia
<b>Frequência</b>	92.9
<b>Potência</b>	2,5 Kw
<b>Site</b>	<a href="http://www.cidadebranca.com.br">http://www.cidadebranca.com.br</a>

**Fonte:** Elaboração própria





**FIGURA 4:** Estúdio da Transamérica Hits - Corumbá  
**Foto:** Vera Lucia Spacil Raddatz

A Rádio Transamérica Hits, de Corumbá, Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil está localizada na fronteira com Puerto Quijarro, Bolívia. O início de suas transmissões ocorreu em 1992, como Líder FM (92,9 Mhz). A rádio Tamengo, como era chamada, pertencia ao Grupo Carlos Magno Coelho Derzi, proprietário de uma rede de emissoras em outras cidades do Mato Grosso do Sul, como Ponta Porã e Dourados. Com muitas dificuldades, principalmente de caráter de infra-estrutura e mão-de-obra, a rádio decidiu-se por ser uma das afiliadas da Rede Jovem Pan, cujo estilo não contemplou o gosto do público e, então, depois de seis meses, voltou a operar com programação local. Como muitas das emissoras FM do período, a questão da adaptação da programação ao que a audiência realmente desejava demorava a se definir, mas seguia muito desenhada pelas tendências e febre do momento, ou seja, transmitir em rede pelos baixos custos em termos de investimento, principalmente em pessoal. Durante quatro anos (de 1999 a 2002) a emissora local adotou um estilo bastante popular que era identificado pelo nome de Nossa FM, dedicando-se exclusivamente à música sertaneja e à rancheira, muito próxima do que faziam as emissoras AM. Nesse período o modelo de programação da Transamérica com seus segmentos específicos vinha se consolidando em uma boa parte do território, o que atraiu a direção da emissora a optar pela transmissão novamente em rede, entrando na Rede Transamérica Hits em 2002, aonde vem se mantendo até agora.

**QUADRO 11:** Programação Transamérica Hits Corumbá

Programa	Horário	Observação
Sertanejo Transamérica	05h às 07h	Apresentação: Beto Martins
Transnotícias	07h às 08h	Apresentação: Pedro Paulo-PP
Rede SAT	08h às 09h	Locução São Paulo
Programa do Chicão	09h às 11h	Apresentação: Chicão de Barros
Rede SAT	11h às 15h	Locução São Paulo
Alô Hits	15h às 17h	Apresentação: Alício e Chicão
Rodeio Transamérica	17h às 19h	Apresentação: Alício Júnior
Rede SAT	19h ...	Locução São Paulo

**Fonte:** Elaboração própria a partir de informações disponíveis em <http://www.cidadebranca.com.br>

A Transamérica Hits de Corumbá concentra alguns horários com programas locais, em relação à da rede. Entre eles, destacamos o Transnotícias, apresentado pelo locutor Pedro Paulo (PP), seguido do Programa do Chicão, que volta na programação da tarde, período em que Alício Júnior apresenta o Alô Hits, com duas horas de duração, das três às cinco, voltado mais para o público jovem, e o Rodeio Transamérica, das cinco às sete da noite, exclusivamente focado na música sertaneja. Nos dois programas são registrados muitos pedidos do público que quer ouvir suas músicas preferidas. Entre os principais pedidos musicais, que chegam pelo telefone e pela internet, percebemos o pagode, o rock nacional e internacional e até mesmo a música da Bolívia. Quando a ligação é dos bolivianos, geralmente o som solicitado é de uma cumbia. Essa audiência é medida pelo MSN, Orkut e o telefone, apesar de a cultura e a integração não serem muito visíveis entre o boliviano e o brasileiro, é mais comum o boliviano participar das programações culturais no Brasil do que propriamente o contrário.

A inserção da Transamérica Hits Corumbá na internet é recente, desde dezembro de 2007. Embora a emissora transmita a programação de São Paulo, pode ser ouvida integralmente pela web num site de notícias<sup>47</sup> de Corumbá, por meio de um link à direita da página (*Rádio On line*). O site é coordenado por um dos locutores da Transamérica, Chicão de Barros. O fato de estar na internet leva a programação da região de Corumbá para outros lugares do Brasil, principalmente São Paulo, Belo Horizonte, Goiás e também para o exterior.

A Transamérica Hits de Corumbá está situada num local distante do centro da cidade e apresenta uma infra-estrutura básica, com um estúdio pequeno para gravação de comerciais e

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.cidadebranca.com.br>. Acesso em 18 jan. 2008.

um estúdio maior para rodar a programação ao vivo ou transmitida via rede. Os equipamentos são antigos e não se nota muitos investimentos nesse aspecto, operando também com um número reduzido de funcionários, justamente pela racionalização dos custos, que sempre foi uma dificuldade, e também porque pelo fato de operar em rede, diminui a necessidade de recursos humanos locais.

Mesmo com essas limitações notamos pelas visitas realizadas em janeiro de 2007 e julho de 2008 que há um empenho muito grande dos locutores em manter uma programação local de qualidade voltada para os interesses da comunidade. Mesmo sendo uma emissora FM, a informação está presente na maior parte desses programas, especialmente do Transnotícias em tempo quase integral. O público responde positivamente a esse esforço, participando da programação, geralmente por telefone, com sugestões e observações.

Da mesma forma, na programação musical local, os pedidos são aceitos indistintamente, demonstrando uma preocupação com a audiência, no sentido de atender as suas expectativas. E isso se justifica na medida em que há concorrência entre as emissoras da cidade, que também querem conquistar o mesmo público, utilizando-se ferramentas semelhantes.

Na fronteira Brasil-Bolívia, Corumbá-Puerto Quijarro a rádio Transamérica Hits é a única que está na internet, por meio de um link no site (<http://www.cidadebranca.com.br>), coordenado pelo radialista Chicão de Barros<sup>48</sup>. Pelo fato de a emissora ser de rede, apenas alguns programas são locais, como o Transnotícias e o do próprio Chicão. Mas não são apenas esses que podem ser ouvidos na internet e sim toda a programação 24 horas no ar, inclusive a da rede Transamérica de São Paulo.

É interessante notar que o gênero musical que impera nas emissoras de Corumbá, assim como nas demais do Mato Grosso do Sul, é o sertanejo. Ressalta-se a evidência desse gênero em relação a outros. Mesmo na programação em que a rede permite atender aos pedidos da audiência, a preferência é pela música sertaneja. Isso também ocorre em outras fronteiras como Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e até em Uruguaiiana-Libres, no Rio Grande do Sul, já se observa uma forte influência da música sertaneja, que vem sendo chamada de

---

<sup>48</sup> Quando a pesquisa de campo foi iniciada em 2007 a rádio local que estava na web era a Band News FM, onde Chicão trabalhava na época. Quando ele trocou de emissora, transferindo-se para a Transamérica Hits levou consigo o nome do programa, parte da audiência e propiciou que a programação da Transamérica Hits de Corumbá fosse acessada na internet. O fato de um locutor sair de uma emissora e levar para a outra o nome do programa e do patrocinador é um fato corriqueiro em muitas regiões.

romântica. Hoje há quase uma invasão da música sertaneja nas rádios brasileiras, independente do porte da emissora, o fenômeno mereceria um estudo à parte.

No caso dos estados do Mato Grosso e do Mato Grosso do Sul há um esforço dos governos estaduais para difundir a música regional, que tem influência da música paraguaia e caracteriza-se pela vibração das cordas da viola de cocho e pela interpretação singular dos artistas. A música matogrossense de raiz é composta por ritmos como o rasqueado, a polca, a guarânia, o choro, o valseado pantaneiro, além de músicas populares. Os músicos misturam a regionalíssima viola de cocho com instrumentos mais usuais, como o violão, o contrabaixo acústico e a percussão, o que resulta em diferentes sonoridades com uma riqueza e diversidade notáveis. Mas essas músicas pouco são ouvidas nas emissoras de rádio, que preferem destacar a sertaneja consagrada com as duplas em exibição na mídia brasileira de modo geral.

Em Corumbá, a Rádio Transamérica Hits tem horários específicos para rodar a música sertaneja. Mas, às vezes, pode até aparecer no intervalo de um programa de informação, como é o caso do Transnotícias que passamos a analisar agora sob outros aspectos, tendo em vista a temática da fronteira.

**QUADRO 12:** Dados de identificação do Programa Transnotícias – Rádio Transamérica Hits

<b>PROGRAMA</b>	TRANSNOTÍCIAS
<b>RÁDIO</b>	Transamérica Hits – 92.9
<b>LOCAL</b>	Corumbá – Mato Grosso do Sul - Brasil
<b>FRONTEIRA</b>	Brasil-Bolívia (Corumbá-Puerto Quijarro)
<b>APRESENTADOR</b>	Pedro Paulo – PP
<b>VEÍCULAÇÃO</b>	De segunda a sexta-feira
<b>FOCO</b>	Informação e jornalismo
<b>HORÁRIO</b>	Das 7h às 10h
<b>PERÍODO ANALISADO</b>	De 16 a 22 de julho de 2008
<b>DIAS DA SEMANA</b>	Cinco dias úteis: 16, quarta-feira-17, quinta - 18, sexta -21, segunda – 22, terça.
<b>TOTAL DE HORAS DE AUDIÇÃO</b>	15 horas
<b>SITE</b>	<a href="http://www.cidadebranca.com.br">http://www.cidadebranca.com.br</a>

**Fonte:** Elaboração própria

### 5.4.1 Transnotícias

Embora o Transnotícias esteja focado em informações de jornalismo e setor policial, há uma quantidade significativa de reportagens e matérias de fundo comercial, espaços vendidos para empresas, além de inserções musicais e do horóscopo. Até mesmo algumas entrevistas realizadas são de caráter comercial, plenamente integradas ao corpo do programa, junto a outras informações sobre a comunidade. Verifica-se, portanto, o *merchandising*<sup>49</sup> inserido na programação, ocupando um espaço bem importante que poderia ser destinado ao jornalismo.

O programa segue a mesma estrutura básica de uma boa parte de outros programas do gênero nesse horário no rádio brasileiro: vinheta de abertura, cumprimentos aos ouvintes, comemorações da data, intercalado por alguns comentários, manchetes dos principais jornais da cidade e do estado e de sites de notícias e as primeiras informações do dia, geralmente lidas desses jornais ou sites.

Os jornais e os sites pautam a rádio nas primeiras horas da manhã e depois durante boa parte do dia. Mas as emissoras também pautam as emissoras, principalmente por aquelas entrevistas que são feitas ao vivo e reportagens da unidade móvel. Pelo fato de o rádio ser um veículo caracterizado pela rapidez na cobertura das informações e pela sua mobilidade, espera-se que cumpra esse papel o tempo todo. Só que esta parece não ser mais a normalidade em rádios com pouca infra-estrutura, conforme se caracteriza a emissora estudada.

Não há uma equipe de jornalismo para produzir os programas do gênero. É o próprio locutor que seleciona as pautas e as informações, escolhe os entrevistados e faz as entrevistas, ao vivo, por telefone ou gravadas no dia anterior. Pode até dispor de um repórter, mas ele cobre basicamente o plantão policial na Polícia Civil e Brigada Militar, registra as ocorrências no hospital e dá conta de matérias vendidas junto a empresas. Quer dizer, a estrutura da emissora favorece esse tipo de procedimento. Isso reflete na qualidade da programação, embora garanta que o programa se mantenha no ar, pois ele tem um custo e é preciso cobri-lo

---

<sup>49</sup> O que se percebe ultimamente é que *merchandising* talvez seja um termo um tanto ameno para a aliança que está ocorrendo entre o conteúdo editorial e o comercial na programação das emissoras. O que está acontecendo no rádio, e em outros veículos também, nesse aspecto, é tão forte e freqüente, que o peso de uma matéria comercial dentro de um programa é praticamente o mesmo dado a matérias de cunho jornalístico. Nesse formato, a vinheta de entrada da reportagem de rua não significa mais que o ouvinte pode esperar uma matéria interessante sobre algum fato do cotidiano, pois pode ser apenas o repórter entrando numa loja para anunciar produtos e ofertas, ouvir o gerente sobre as vantagens de comprar ali, enfim uma cobertura para estimular o consumo naquele estabelecimento comercial. As dificuldades de sustentação dos veículos têm sido a razão pela qual se explica esse casamento entre *merchandising* e conteúdo editorial.

por questões de sustentabilidade. Porém, a realidade está mostrando que isso está causando uma espécie de comprometimento dos conteúdos jornalísticos.

Durante uma semana no mês de julho de 2008 o Transnotícias, programa local de jornalismo, da Transamérica Hits de Corumbá foi ouvido diariamente. O programa se nutre de informações de caráter político e econômico, segurança, saúde, esporte e educação, com enfoque principalmente local, regional e estadual. Na abertura, todos os dias, o apresentador Pedro Paulo (PP) diz que o programa é sobre as notícias de Corumbá e Ladário – municípios brasileiros cunurbados – e de toda a região do pantanal e do Mato Grosso do Sul. As duas cidades são praticamente uma só e Ladário tem uma forte participação nos apoios publicitários do programa.

Em outras fronteiras é muito comum ouvir a mistura do português e do espanhol nas emissoras brasileiras, como uma forma de interação com o ouvinte. Não se nota isso na locução do Transnotícias, nem mesmo na participação dos repórteres de rua, onde a comunicação é um tanto mais despojada. Atribui-se essa ausência ao fato de o programa ser de jornalismo e não abrir espaço de interação direta com o ouvinte. Existe sim, o *feedback* do ouvinte por meio do telefone. Em virtude de uma notícia veiculada, ele dá retorno imediato, reclamando, esclarecendo, mas fora do ar. Se for de relevância, o locutor comenta e registra no programa o conteúdo do telefonema. No programa do dia 17/07/08, imediatamente após o locutor anunciar que havia à disposição no balcão da emissora um carnê de pagamento que um cidadão havia perdido, o ouvinte ligou dando retorno e agradecendo. Isso também é uma das formas de interação com o ouvinte, mas passa por um filtro, porque o ouvinte não dá a sua opinião ou sugestão diretamente. Mas, na sonora, PP destaca um dos aspectos mais importantes do rádio: o valor do ouvinte, dizendo que para o locutor, o ouvinte é o patrão, ou seja, é ele quem manda, ou ainda, a razão do programa estar no ar.

A gente fica feliz, de fazer esse trabalho aí sério, e somos recompensados pela audiência dos ouvintes, a credibilidade acima de tudo que os ouvintes nos dão, de Corumbá e Ladário, por isso que eu sempre digo aqui, sempre faço questão de dizer aqui na programação, o meu patrão maior é você ouvinte. É você ouvinte. (SONORA 39 – TRANSAMÉRICA -17/07/08)

Quanto ao país vizinho, a Bolívia, o locutor PP parece ter segurança quanto ao fato de que os *hermanos* ouvem o programa, pois todos os dias, quando abre o Transnotícias evidencia a audiência boliviana no seu bom dia, dito da mesma maneira, apenas mudando algumas palavras, conforme exemplificam as sonoras do dia 16 e 21 de julho de 2008. Essas passagens evidenciam a **fronteira como lugar de integração**:

Em Corumbá, Mato Grosso do Sul, pontualmente sete horas. Bom dia Corumbá, bom dia Ladário, bom dia amigos da zona rural, bom dia também aos nossos hermanos bolivianos, a partir de agora vamos começando a edição do nosso Transnotícias. (SONORA 40 – TRANSAMÉRICA - 16/07/08)

Um forte abraço a você de Corumbá, de Ladário, da região ribeirinha, de todo o pantanal sulmatogrossense, aos nossos hermanos bolivianos um forte abraço, a todo aquele pessoal da fronteira, da província de German Bush, também conferindo e acompanhando a programação da Transamérica Hits. (SONORA 41 – TRANSAMÉRICA -21/07/08)

A fala do locutor ilustra a consciência que os habitantes da região têm em relação ao território onde estão inseridos. Ele coloca todos os lugares mencionados e automaticamente todos os seus habitantes num mesmo nível, ou seja, as cidades do Brasil e as da Bolívia que fazem parte da faixa de fronteira são quase um território só, pelo menos para a comunicação da rádio que chega aos ouvintes, igual para todos. Ele mantém esse gesto cordial como parte de sua rotina. Por ser região de fronteira, sem perceber, ele posiciona país e cidades no mesmo nível, pois quando fala na Bolívia, refere-se a ela como se fosse mais uma das cidades que se localizam ali, como Ladário e Corumbá. Ao mesmo tempo, dá a idéia de região, porque as expressões usadas pelo locutor contemplam a região pantaneira, ribeirinha (referindo-se às margens do rio Paraguai) e da província de German Bush, ou seja, toda a grande região pantaneira do lado boliviano onde estão localizadas entre outras cidades, as vizinhas Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Portanto, para quem vem de fora e ouve essas falas, elas chamam atenção, mas para quem vive no lugar isso faz parte do cotidiano e passa despercebido.

Sete horas e cinco minutos, sete e cinco. Hoje é dia de Nossa Senhora do Carmo, santos do dia. Festa aí no bairro aeroporto, Forte Coimbra, ali na comunidade de El Carmo, hein Robertinho [...] hoje também é feriado municipal em Miranda ...a padroeira de Miranda.(SONORA 42 – TRANSAMÉRICA -16/07/08).

Nesta sonora, embora o conteúdo básico tenha sido colhido da internet, foi trabalhado pela locução do PP. Por meio de comentários, aproxima o conteúdo do ouvinte, e menciona Robertinho, seu colega de trabalho. Pedro Paulo aponta as comunidades de El Carmo ou Carmem, bairro Aeroporto e a localidade de Forte Coimbra, onde são realizadas as comemorações relativas à data de Nossa Senhora do Carmo<sup>50</sup>. As festas religiosas de Corumbá envolvem os moradores do lugar e são culturalmente muito valorizadas, bem como os bailes. Dançar, cantar e fazer festa é rotina em Corumbá, local onde acontece o maior

---

<sup>50</sup> Nossa Senhora do Carmo é padroeira da localidade de Forte Coimbra por uma questão histórica e religiosa, principalmente porque a santa teria interferido com suas aparições, a favor do Forte Coimbra em batalhas que ali se sucederam.

carnaval do Mato Grosso do Sul, normalmente prestigiado por brasileiros e bolivianos. A fronteira como **lugar de integração** aqui se manifesta.

Quarenta minutos depois da primeira sonora anunciando as comemorações do dia 16 de julho, Pedro Paulo volta a falar no assunto chamando atenção para as comemorações do dia de Nossa Senhora do Carmo, agora trazendo os detalhes de como as comunidades já citadas anteriormente comemoram esta data:

Sete e quarenta e três. É o Transnotícias pela 92,9 agradecendo você meu amigo, você minha amiga que confere e acompanha a nossa programação em casa, na rua ou no trabalho, nesta manhã de quarta-feira, hoje é dia 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo, agora cedinho, aí já a alvorada festiva lá no bairro Aeroporto, acontece a procissão luminosa, saindo da igreja Nossa Senhora de Fátima até a igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde acontecerá missa e coroação de Nossa Senhora e logo em seguida a quermesse. Você está convidado para visitar a igreja de Nossa senhora do Carmo no dia de hoje lá no bairro Aeroporto. Hoje também todo mundo celebrando e louvando Nossa Senhora do Carmo na região do Forte Coimbra, cidade de Miranda [...] (SONORA 43 – TRANSAMÉRICA – 16/07/08)

Mais tarde, durante o mesmo programa, PP contextualiza historicamente as comemorações em Forte de Coimbra. Pelo fluxo e ritmo da locução, fica claro que o locutor está lendo a informação, obtida provavelmente de algum jornal ou site local, intercalando alguns vocábulos próprios da experiência na profissão. Transcrevemos algumas partes para que seja possível compreender toda a importância histórica que tem esta data religiosa. A festa é preparada com cuidado em Forte Coimbra e leva até lá grupos de manifestação cultural para fazerem apresentações ao público, como a Banda Municipal Manuel Florêncio, a Oficina de Dança da Fundação Cultura do Pantanal. Esta data é comemorada com forte espírito religioso e cercada de muitas crendices, relacionadas com a história e a conquista da região, durante batalhas contra espanhóis e paraguaios. Alguns milagres ocorridos entre 1801 e 1864 seriam creditados à Santa.

Conta a história, que Nossa Senhora do Carmo livrou a guarnição militar do forte, que na época tinha 110 homens, cinco canoas e três canhões, de um massacre no dia 17 de setembro de 1801, quando um exército espanhol de 600 homens, navios e 30 canhões tinha ordem de ocupar o lugar na disputa pelo território com Portugal. Após nove dias de batalha, os espanhóis venceram, mas bateram em retirada, ao verem a imagem da santa na entrada do forte. Desde então, a imagem passou a ser reverenciada pela população local. A segunda manifestação ocorreu durante a Guerra com o Paraguai. No dia 28 de dezembro de 1864, tropa paraguaia com 3,2 mil homens, 41 canhões, 11 navios além de farta munição cercou a região de Forte Coimbra. Os brasileiros eram apenas 149 homens e resistiram até o segundo dia, quando um soldado exibiu a imagem da santa e os inimigos



suspenderam o fogo, permitindo a fuga dos sobreviventes. (SONORA 44 - TRANSAMÉRICA – 16/07/08)

Quem visita hoje a capela da vila em Forte Coimbra pode ver a mesma imagem, trazida pelo construtor e depois comandante do forte, Ricardo Franco. É lá que ela recebe as honras militares. As jóias, fotos, dinheiro e condecorações junto a seu manto representam graças recebidas. Na festa do dia 16, a imagem é carregada por uma guarda real com vestimentas de gala da época do Império durante a procissão, que segue da capela para a vila militar e termina no rio Paraguai. O Forte Coimbra, construído em 1775, é administrado pela 3ª Companhia de Fronteira Porto Carrero e foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) 200 anos depois.

As manifestações culturais ligadas ao aspecto religioso em Corumbá são fortes. Além da festa de Nossa Senhora do Carmo e do rito de lavagem das escadarias da Igreja de Nossa Senhora de Candelária, de 1885, realiza-se ainda a Festa de Iemanjá, às margens do rio Paraguai, expressando as influências da cultura afro-descendente na cidade, o que significa cerca de 70% da população. Mas além destas festas religiosas uma das mais tradicionais é o Arraial do Banho de São João<sup>51</sup>, evidenciado nesta passagem do mesmo programa, conforme PP:

E trabalho idêntico a esse que foi feito aí com a capoeira é o que a prefeitura de Corumbá está tentando junto ao Iphan com relação ao banho de São João aqui de Corumbá. Basicamente, lógico que lá é a capoeira, aqui a manifestação cultural é a respeito do banho de São João, mas toda essa programática aí, esse mesmo sistema, a capoeira se tornou o mais novo patrimônio cultural brasileiro... registro dessa manifestação foi votado ontem, terça-feira em Salvador. Uma festa bonita lá na capital [...] (SONORA 45-TRANSAMÉRICA -16/07/08)

As práticas da cultura local são cobertas pelo rádio e pela mídia dessa região. Cabe ressaltar aqui que principalmente as festas são prestigiadas por brasileiros, turistas e também por alguns bolivianos, assim como os brasileiros também participam das festas bolivianas,

---

<sup>51</sup> O Arraial do Banho de São João é uma das maiores festas juninas do Centro-Oeste Brasileiro e, normalmente, dura quatro dias, encerrando no dia de São João, em 24 de junho. O cenário da festa é o Porto Geral, zona histórica da cidade, às margens do rio Paraguai, mas o Arraial também é realizado nas residências dos festeiros e em qualquer setor da sociedade que deseje aderir às comemorações. O objetivo da festa popular, que se tornou um atrativo turístico, é fortalecer e divulgar as tradições folclóricas do município de Corumbá. Durante o evento há manifestações de rezas e crenças, ocasião em que os turistas e a comunidade local têm acesso a uma das tradições mais antigas da festa de São João, ou seja, banhar o santo direto nas águas do rio, à meia-noite, na passagem de 23 para 24 de junho. Acredita-se que esse ritual é capaz de renovar as forças de São João e abençoar tudo o que se relaciona com as águas e com o homem. Nos dias de festa os participantes trocam as vestes diárias por vestidos, calças e camisas típicas e chapéus de palha. Além de muitos quitutes, a mesa é posta com arroz carreteiro, mandioca, pastel, chipa, bolo de milho, canjica, arroz doce, e diversos quitutes. Agora, a Prefeitura de Corumbá quer tornar a festa Patrimônio Cultural Imaterial, a exemplo do que já ocorreu com a capoeira em Salvador.

como é o caso da *Peña Cultural* realizada no mês de agosto dentro das comemorações dos 183 anos de independência da Bolívia, marcando **a fronteira como lugar de integração**. Nesse evento, que se caracteriza como um encontro entre amigos, artistas bolivianos e brasileiros reúnem-se em uma espécie de sarau para ouvir música, assistir filmes, filosofar, declamar poesias e trechos de livros.

O Museu do Pantanal, inaugurado em agosto de 2008 em Corumbá, é uma obra que dá a idéia da formação de toda a região, enfocando não só aspectos geográficos e históricos, bem como a formação do homem pantaneiro. PP destaca a matéria em seu programa do dia 17 de julho, ressaltando com orgulho o empreendimento e o significado disso para a questão da região:

E Corumbá já está com o seu museu prontinho, prontinho. Um dos mais modernos do Centro-Oeste brasileiro, um dos melhores do Brasil inclusive, o museu em Corumbá. E o museu do pantanal vai realizar visitas experimentais antes da inauguração oficial programada para o dia 12 de agosto. O Museu de História do Pantanal abre suas portas para a comunidade corumbaense através de visitas experimentais de instituições públicas sem fins lucrativos. [...] Eu já estive lá, realmente um show. O museu de Corumbá realmente é um show! Eu tive conhecendo as instalações, acompanhando uma visita técnica que teve, é um show realmente. É de se orgulhar, de dar orgulho pra todos nós aqui da região ter um museu como esse. O centro de convenções então, a primeira fase já concluída, é um outro show. Um show à parte, lá no Porto Geral. (SONORA 46 – TRANSAMÉRICA - 17/07/08)

Nota-se que esta região mencionada por PP não corresponde apenas a Corumbá, mas a toda a área pantaneira, inclusive o lado boliviano. A questão da fronteira como **lugar de integração** é evidente por meio dessas manifestações, mas no mesmo programa do dia 16 de julho, o repórter da Costa Filho entra com informações do setor policial, marcando a fronteira como um **espaço de tensão**. A matéria refere-se à outra fronteira próxima do Brasil com o Paraguai, em Guaíra, Paraná, mas que reflete o que é a fronteira neste aspecto, conforme relata o repórter, ao ser chamado pelo apresentador PP:

Repórter Da Costa Filho: Bom dia PP e ouvintes do Transnotícias nesta manhã de quarta-feira, já chegando neste momento com as primeiras informações que movimentaram as últimas 24 horas em nossa região. Por volta das nove horas na rodovia BR 295, durante vistoria em um ônibus que fazia o itinerário Sete Quedas-Guaíra no Paraná, o Departamento de Operações de Fronteira – DOF - apreendeu um total de 119 produtos importados sem documentação regular, grande parte eletrônicos, toda a mercadoria foi encontrada dentro do bagageiro do veículo. Entre os produtos apreendidos foram encontrados dez *notebooks* de diversas marcas, 24 frascos de perfume, além de *palm tops*, celular com mp7 e câmeras digitais entre outros. O proprietário dos produtos não foi localizado, toda a mercadoria

confiscada foi encaminhada para a Delegacia da Receita Federal de Mundo Novo. (SONORA 47 - TRANSAMÉRICA – 16/07/08)

No programa do dia seguinte a questão da segurança é tratada em matéria sobre ação da polícia boliviana, feita pelo mesmo repórter e em seguida comentada pelo apresentador PP salientando a ação conjunta de fronteira. A propósito, é muito comum ações que compreendem a região do pantanal do lado brasileiro e do lado boliviano, principalmente, as que envolvem a área da saúde, como foi o caso da recente campanha de vacinação contra a raiva em agosto de 2008, uma parceria da Secretaria Executiva de Saúde de Corumbá e da Rede de Saúde de German Bush. Só que no caso da matéria policial, o caráter da ação conjunta é outro e revela a fragilidade da fronteira como um **espaço de tensão**:

E a polícia boliviana recebeu quatro motocicletas para reforçar a segurança nas cidades fronteiriças de Arroio Concepcion, Puerto Quijarro e Puerto Suarez. Três dos quatro veículos foram viabilizados pelo Comitê Provincial de Seguridade e Cidadania e doados pela Câmara de Indústria e Comércio de Puerto Suarez. Para o comandante da Polícia de fronteira, Ten. Cel. Concato Flores, a província German Bush através de suas instituições civis está demonstrando um conceito exato do que significa segurança cidadã, revertida em benefício de todas as atividades de desenvolvendo social. Dias atrás, o Comando Departamental fez a entrega do segundo carro patrulheiro destinado à jurisdição de Puerto Quijarro. O presidente da Associação Comercial de Corumbá participou do ato de entrega das motocicletas como convidado especial em uma amostra de integração dos empresários das duas fronteiras. (SONORA 48 - TRANSAMÉRICA –17/7/08)

Depois da intervenção do repórter o âncora do programa assume uma posição pública quanto a esta questão da segurança na fronteira, defendendo um trabalho integrado das polícias. Elogiou ainda o aparelhamento da polícia boliviana e recordou a visita recente do governador do estado a Corumbá para entregar as novas viaturas para as polícias militar, civil e militar ambiental. É a **fronteira como lugar de integração e como espaço de tensão**, de mãos dadas:

Tudo caminhando na mesma direção. A polícia boliviana atua aqui na área de fronteira, recebeu na semana passada novas viaturas e ontem mais três motocicletas para ajudar na fiscalização e no combate, na repressão na Bolívia. Isso é muito importante e fortalece cada vez mais esse intercâmbio, até porque são muitos os brasileiros [...] e muitos bolivianos que vem e vão de lá pra cá e todos têm que estar muito bem protegidos. E pra isso nossa polícia já recebeu estrutura, está fazendo um trabalho sério na região de fronteira com fiscalização constante, blitz em toda a rodovia Ramon Gomes.[...] Da mesma forma que a nossa polícia está pronta e equipada e preparada para dar segurança para brasileiros e bolivianos aqui do lado brasileiro, a polícia boliviana tem que caminhar no mesmo sentido [...] pra oferecer segurança para o cidadão boliviano e também para cidadãos brasileiros que atravessam a fronteira. (SONORA 49 - TRANSAMÉRICA - 17/07/08)

Outras ações como as que resultam em uma maior segurança para todos e o combate aos problemas citados antes, também mobilizam a fronteira e são pauta para um programa como o Transnotícias. Citamos aqui a passagem da edição do programa de 21 de julho, quando PP refere-se ao jogo beneficente que a seleção brasileira faz no domingo seguinte. Como ele diz que o jogo é em benefício de uma entidade que recupera jovens viciados em entorpecentes, ele afirma, embora com muito cuidado, que uma das causas que contribui para o problema das drogas em Corumbá é o fato do país vizinho ser um grande produtor de entorpecentes:

Nós estamos numa fronteira, com a Bolívia; eu digo isso não é com a intenção de denegrir a imagem da Bolívia ou dos nossos *hermanos* bolivianos, mas não é segredo para ninguém, todo mundo sabe, que a Bolívia é produtora de entorpecentes, juntamente com a Colômbia, e nós aqui somos corredor; há muito tempo Corumbá já deixou de ser corredor e passou a ser consumidora também. E isso é verdade, não precisa esconder isso de ninguém... não precisa ter melindre em comentar isso. (SONORA 50 - TRANSAMÉRICA – 21/07/08)

A fronteira, a partir do que marca essa sonora de PP, é vista como **espaço de tensão**. Mostra o lado frágil dessa região, pois tudo o que ocorre do outro lado ou é resultado de alguma ação, aqui, no caso, de uma ação boliviana, que gera impactos no cotidiano não só da Bolívia, mas de toda a região da fronteira. É nessa zona que se percebe ou se sofre, de modo mais imediato e visível, as conseqüências de qualquer ação, por causa da proximidade do território. O espaço é de tensão porque a questão em voga remete à área de segurança e policial, cujos problemas são sempre dramáticos no que diz respeito às soluções, pois não dependem apenas de uma ação eficiente da polícia e sim de um conjunto de ações que envolvem também a família e a sociedade e que na essência, mexem com vidas.

A fronteira como **espaço de tensão** e, por causa disso, em constante vigília pode ser vislumbrada principalmente na última frase da sonora: “... não precisa esconder isso de ninguém... não precisa ter melindre em comentar isso...”. Isso denota uma postura dos locutores, de sempre se colocarem em posição de alerta, quanto à forma como abordam determinados assuntos, a fim de não causar constrangimentos que possam ganhar repercussão maior do que deveriam e causar transtornos de relacionamento entre as nações vizinhas. Quando PP afirma que não precisa ter melindre, está implícito que normalmente há esse cuidado em não provocar problemas por causa das notícias que são dadas. Os locutores e repórteres sabem até onde podem ou não falar. Há portanto, algumas verdades que não são ditas por uma questão de cuidado ou fatos que são relatados com muita vigilância no uso da linguagem para não ferir o brio, orgulho ou a cidadania do outro.

No que diz respeito à cidadania, notamos na locução do apresentador um vínculo com a comunidade, pois defende causas que possam contribuir para o desenvolvimento da sociedade local. Às vezes ele é até duro nas suas colocações, demonstrando não ter medo de levantar bandeiras que considera justas pelo bem comum. Abre, inclusive, espaços maiores para entrevistas que têm nesse assunto o foco da pauta, como nesta, feita com Santana sobre a Conferência dos Direitos Humanos que ocorreu em Corumbá:

A gente sempre que pode está ouvindo o seu programa e sabemos da qualidade e do alcance que ele tem na nossa região [...] e parabenizá-lo inclusive pela questão da cidadania que você promove através do seu programa todas as manhãs levando a notícia de qualidade [...] também fazendo desse espaço tão importante, que é o meio de comunicação, um espaço que as pessoas também ousem a buscar e a consolidar a sua cidadania. [...] Nós estamos aguardando hoje, na abertura, e amanhã, durante os trabalhos nossos irmãos aqui da região da Bolívia como também os nossos irmãos da nossa querida Ladário, bem como outros municípios que foram convidados também. (SONORA 51 – TRANSAMÉRICA - 17/07/08)

Um das grandes fontes de renda da região de Corumbá são os minérios, razão pela qual várias mineradoras se instalaram ali. Entretanto, há uma grande preocupação dos ambientalistas em preservar o patrimônio natural do pantanal e muitas polêmicas foram criadas em torno de questões que visam à instalação de qualquer empresa que possa vir a comprometer o meio ambiente, como foi o caso do gasoduto, considerado pelos contrários à idéia, uma bomba subterrânea. PP também ressalta questões relacionadas ao desenvolvimento de Corumbá e da região:

Corumbá, que sempre sonhou ter um pólo siderúrgico, tudo bem que a exportação do minério de ferro vem crescendo, mas é o momento também da gente pensar em transformar essa matéria prima aqui mesmo em MS ou Corumbá. Já vamos ter a Zona Franca aí, a ZPE já está sendo criada pelo poder público municipal e autorizada pelo Congresso Nacional. (SONORA 52 - TRANSAMÉRICA –18/07/08)

O programa Transnotícias embora seja ouvido em toda a região, concentra a maior parte das informações nos municípios de Corumbá e Ladário. Informações relativas ao município de Puerto Quijarro aparecem pouco e se enquadram como informações que não dizem respeito apenas à cidade vizinha, mas à Bolívia, como mostra o exemplo a seguir:

A Central Operária Boliviana, a maior organização sindical do país, convocou para esta segunda-feira uma greve geral por tempo indeterminado [...] para exigir que o projeto para reforma da Previdência seja levado ao Congresso. Dirigentes da Central Operária Boliviana afirmaram ontem que já tem tudo pronto para o protesto que promoverá bloqueios em estradas em todo o país, especialmente no Departamento Andino de Ouro, trecho vital da rede viária boliviana. (SONORA 53 - TRANSAMÉRICA – 21/07/08)

Esse tipo de informação situa-se dentro de uma perspectiva de **fronteira como espaço de tensão**, pois automaticamente isso interessa aos fronteiriços que ali residem, se considerar que muitas das rotas dos brasileiros que entram no estado boliviano sofreriam algum tipo de consequência por causa dessa greve. A rádio noticia o fato porque é de interesse da região, sabendo-se também ouvido em território brasileiro e boliviano. E o locutor comenta que este seria mais um rebuliço no vizinho país, a Bolívia. Do ponto de vista dele, estava demorando a acontecer algo nesse sentido, pois há mais ou menos quatro ou cinco meses que não era registrado nenhuma ocorrência do gênero.

A idéia de fronteira como **lugar de integração** diz respeito ao fato para o qual PP chama atenção, ressaltando que é necessário que atitudes comuns sejam tomadas para combater o tráfico de entorpecentes nesta região, chamando atenção especialmente para o problema social que isso causa aos jovens principalmente. Como mostra a sonora:

A gente vê muitos jovens de nossa região caminhando para esse mundo das drogas[...] Então agora é hora de todo mundo ajudar. (SONORA 54 - TRANSAMÉRICA -21/07/08)

A idéia é que todos assistam a um jogo de futebol com a seleção brasileira e os lucros possam reverter em benefício da entidade que recupera jovens drogados. Este é um trabalho de integração entre dois países, embora esteja sendo capitaneado pelo Brasil.

A questão do **lugar de integração** também está presente em comentários e entrevistas veiculadas pela rádio como nesta passagem de uma entrevista que destaca a estrada da Bolívia<sup>52</sup>, na fronteira com o Brasil:

E espero que Corumbá volte ser a estrela do Mato Grosso do Sul não só pela posição geográfica, já que a Estrada da Bolívia tá chegando em Corumbá, o asfalto vai ser uma realidade... o povo começou a conhecer uma carretera que hoje é uma realidade ( SONORA 55 - TRANSAMÉRICA – 21/07/08)

Mesmo na parte comercial do programa quando entrevistas são colocadas com caráter de conteúdo jornalístico dentro do programa, entre os temas abordados, verificamos essa preocupação com as informações que dizem respeito aos dois países, citando inclusive os bolivianos, conforme segue:

Agradecer a todo o povo de Corumbá, de Ladário, e toda região, o pessoal da Bolívia, todos que nos prestigiaram mais uma vez em participar conosco desse curso”. (SONORA 56 – TRANSAMÉRICA – 21/07/08)

---

<sup>52</sup> A Estrada da Bolívia está sendo construída na fronteira com o Brasil numa extensão de 140 quilômetros, unindo os municípios de Puerto Quijarro e Puerto Suarez, no estado de Santa Cruz, com Puerto Bush, local onde a Bolívia liga-se à hidrovía Paraguai-Paraná e assim conduzir suas exportações pelo Oceano Atlântico.

Mas o maior problema mesmo é em relação à **fronteira como espaço de tensão**, por causa de um grande número de ocorrências policiais. A sonora destaca um roubo que ocorrera em Corumbá praticado por cinco homens que amarraram vigias e motoristas de uma Parati e de um caminhão para roubá-los. O repórter Da Costa Filho, do Transnotícias, informa:

O caminhão foi rastreado via satélite e foi constatado que está no país Bolívia e a Parati pertencente a um dos vigias deve ter seguido para o mesmo local. (SONORA 57 – TRANSAMÉRICA – 22/07/08)

A **fronteira como espaço de tensão** também aparece em outras passagens como:

Aqui em Mato Grosso do Sul é área de segurança, nosso estado tem que estar muito bem preparado para agir e combater na hora certa, bandidos de alta periculosidade estão aqui [...]. (SONORA 58 – TRANSAMÉRICA- 22/07/08)

Observando o Transnotícias, com as informações e falas que circulam no programa, em relação ao restante do formato da Transamérica Hits, é difícil perceber qualquer comunhão em termos de proposta. O programa ancorado por PP é um desvio positivo da programação, porque pelo seu formato e estilo sugere ao ouvinte que o rádio de Corumbá vai muito além da música sertaneja, pantaneira e outras que formam o padrão Transamérica. O horário das sete às nove é nobre na Transamérica porque conquistou a confiança do ouvinte e o atualiza sobre as principais questões de interesse da região, sempre em sintonia com o que está acontecendo no mundo. O Transnotícias dá à Transamérica Hits de Corumbá uma identidade local e, o que poderia ser um simples desvio, resulta em maior credibilidade para os outros horários.

O programa é sério e trata de questões igualmente sérias, às vezes atacando profundamente as feridas da comunidade e principalmente da fronteira. Pedro Paulo não tem medo de dizer aquilo que julga justo e de acordo com os princípios éticos do fazer radiofônico. Cultiva todos os dias a notícia e os fatos como o conteúdo principal do que prepara para levar ao ar, embora possa enfrentar até algumas discordâncias. O programa conquistou o respeito da comunidade local e por isso ganhou voz no decorrer do tempo, sendo que o âncora costuma apresentar os fatos, e dependendo da ocasião, acrescê-los de comentários, mas sempre defendendo pontos de vista que sejam para o benefício da fronteira como lugar de integração.

Assim como em outras emissoras, o Transnotícias não se despe das principais características do rádio para ser o que se procura identificar como rádio de fronteira. Os traços que nele se apresentam bebem na mesma fonte do rádio de modo geral, procurando discutir o

que é mais importante para a comunidade em que está inserido, plantado numa base mais geral que tem o mundo como pano de fundo. Só que também aqui, como nas outras rádios de fronteira, o local é diferenciado, porque se constitui de elementos que brotam da cultura do outro país, que envolvem outra língua e o quotidiano de interações entre os povos de duas nações co-irmãs. Portanto não é um local qualquer ou comum. É o quotidiano da região se colocando na programação da rádio como **lugar de integração e espaço de tensão**. E essa é uma realidade que percebemos basicamente na região da fronteira.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As emissoras analisadas situadas em quatro pontos diferentes da fronteira brasileira com a Argentina e o Uruguai na região sul e com o Paraguai e a Bolívia e o Paraguai na região Centro- Oeste são partes da configuração do mapa da atuação da mídia radiofônica em território de fronteira. Por todos os aspectos levantados podemos apontar aproximações entre os pontos e no seu conjunto chegar a uma pequena amostragem de como é o rádio de fronteira.

Ao identificar e analisar os elementos que constituem a programação do rádio de fronteira procuramos compreender não só como as práticas vivenciadas nessa região são representadas pelo rádio, mas também como elas se processam dentro desse contexto e que visão da fronteira e do rádio que ali se faz podemos construir. Isso envolve as rotinas e as concepções dos repórteres e apresentadores de rádio, desde a produção, a transmissão e a recepção das mensagens, as relações com o público ouvinte, o cotidiano da região e o contexto sócio-histórico como um todo. Não podemos dizer que um aspecto é mais determinante do que outro dentro desse processo, pois todos são importantes para a construção de uma imagem sobre o rádio de fronteira.

No caso deste estudo, tratamos de quatro emissoras FM que além de estarem no dial, estão também disponibilizadas na internet, ampliando o seu público não mais restrito ao alcance da antena. Traçamos a análise da programação das rádios RCC FM, de Santana do Livramento-Rivera, 96 FM, de Uruguaiana-Paso de los Libres, Amambay FM, de Pedro Juan Caballero-Ponta Porã e Transamérica Hits, de Corumbá-Puerto Quijarro, a partir de dois elementos básicos que constituem as visões de fronteira, ou seja, a idéia da **fronteira como lugar de integração e como espaço de tensão**.

A partir disso procuramos perceber como as práticas socioculturais que acontecem na região são absorvidas pela programação das emissoras e o significado que o fenômeno

fronteira adquire no mundo contemporâneo por meio do rádio que ultrapassa limites geográficos do seu território não mais apenas pelas faixas de onda, mas por tecnologias como a internet. Ao fazer esse percurso, o rádio de fronteira chega a outros espaços, antes jamais imaginados, através de canais virtuais. Isso tem repercussões imediatas, mais propriamente nas relações culturais que se estabelecem por meio desse novo comportamento.

O rádio de fronteira até aproximadamente uma década era restrito a sua região de alcance, o que poderia envolver duas nações ou três, em caso de emissoras situadas em tríplexes fronteiras, ou até mesmo em outros continentes, quando as ondas curtas levariam o som até lá. Agora pode chegar a qualquer lugar do globo, ou seja, a cultura de fronteira sai de seu lugar de origem e alcança outros mundos. Nesse aspecto, dá sentido ao local num âmbito global. Não há como desconhecer isso. Fronteiras antes só desenhadas no mapa, agora têm voz, são vistas por outras culturas, mas geralmente sob a influência de alguém que tem relação com ela e que faz este encaminhamento. Raros são os exercícios de descoberta individual das fronteiras colocadas à disposição na rede.

O estudo feito faz pensar sobre quais questões estão sendo disponibilizadas para o mundo sobre a fronteira por ela própria, considerando-se que é o rádio localizado nesses lugares que está cumprindo essa função. Assim, aquela programação que é veiculada em Livramento-Rivera, Uruguaiana-Libres, Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Puerto Quijarro pode ser ouvida em Nova Iorque, Tóquio, Londres, Lisboa, África, Austrália ou qualquer outro lugar. Constatamos que quem ouve essas emissoras são cidadãos que têm algum tipo de ligação com as regiões de fronteira, ou porque nela nasceram ou viveram e ali deixaram parentes e amigos, ou ainda alguém que mantém algum tipo de interesse nesses lugares.

Esse mesmo aspecto é possível verificar em relação a outras emissoras de rádio que estão na web fora das regiões de fronteira. Mas esse fator não elimina a avaliação inicial, pois o que interessa é localizar como a própria fronteira está difundindo sua imagem para o mundo e que traços de suas práticas socioculturais ela está evidenciando sobre si mesma. Nas entrevistas realizadas com os radialistas observamos que eles estão conscientes disso e principalmente do que isto significa para uma região que normalmente não é muito lembrada, a não ser quando a grande mídia evidencia as notícias desta região relacionadas a questões de segurança nacional, crime organizado e narcotráfico. O rádio de fronteira na internet é uma possibilidade de mostrar outras características da cultura do lugar que não sejam apenas as negativas.

Observamos que os profissionais de rádio que atuam nas emissoras de fronteira se guiam por um princípio básico de constante vigília em relação às rotinas do fazer radiofônico, e demonstram ter isso internalizado, quando estão ao microfone. A respeito, destacam-se os cuidados que eles precisam ter quando os temas são relacionados às políticas e às temáticas de fronteira, para que a emissão de suas falas não venham a ferir o país vizinho. As relações são sempre delicadas, porque se trata de um **lugar de integração e de um espaço de tensão**.

Qualquer problema de má interpretação pode deflagrar uma crise. Como a língua é de domínio dos sujeitos, seres interpretantes e interpretados, o cuidado com a informação requer um cuidado maior. Fazer acusações por suposição, ventilar idéias que não possam ser justificadas, veicular informações que possam atingir a integridade do país vizinho, apontar culpados por uma ou outra situação, é sempre uma preocupação para quem trabalha no rádio de fronteira, numa proporção maior do que para os profissionais de emissoras de outras regiões, porque ali, o vizinho está muito próximo e responde de modo direto e imediato com ações cotidianas ao que lhe agrada ou desagada. Quer dizer, o impacto é maior na região de fronteira por causa da possibilidade do corpo a corpo e porque qualquer decisão tomada nesta área pode comprometer as relações de modo mais intenso, provocando incidentes de nível às vezes internacional por causa da repercussão.

O acompanhamento das rotinas produtivas nas rádios de fronteira nos mostrou que as emissoras, por meio de suas direções e equipes de trabalho, vão continuar apostando, por muito tempo ainda na programação local, principalmente por causa do vínculo com o ouvinte do lugar, que participa muito diretamente do dia-a-dia das rádios por meio do telefone, da internet ou até mesmo de forma presencial, pois em cidades como as dessas regiões, geralmente não muito grandes, as pessoas sabem quem é quem, conhecem os profissionais das rádios e conversam diretamente com eles sobre aquilo que ouviram ou gostariam de ouvir na emissora onde quer que os encontrem: nas ruas, nas esquinas, nos bares, enfim, por todos os lugares.

Apesar de a fronteira ser um lugar de integração para os cidadãos e por aquilo que se ouve nas emissoras, os profissionais do rádio não costumam trabalhar de forma integrada. Nos quatro pontos analisados, percebemos que não há ações conjuntas que contemplem uma integração entre os radialistas na produção das rotinas de trabalho, a não ser em situações específicas que envolvam fatos de repercussão nacional e internacional. Nesses casos, as emissoras costumam fornecer boletins ao vivo para as co-irmãs, facilitando o processo de comunicação e informação.

O que presenciamos nas fronteiras foi o fato de existir brasileiros fazendo rádio em emissoras bolivianas, paraguaias e argentinas, principalmente, porém, o contrário não acontece, até por uma questão de legislação. Mas uma integração de fato entre os profissionais, trocando boletins e pautas, produzindo informação sobre e para o país vizinho, não ocorre em nenhuma das fronteiras estudadas. O trabalho de abastecer a programação sobre o país vizinho ou a cidade fronteiriça é isolado, depende de cada emissora considerar o fato importante para ser divulgado na programação. Esta falta de contato dos profissionais resulta num maior desconhecimento da realidade. A troca de informações entre os profissionais somente se dá em situações que interessem aos dois países. Acreditamos que se houvesse um maior intercâmbio entre os profissionais do rádio na produção e veiculação das informações, a questão da identidade e afinidade entre as comunidades fronteiriças poderia ser maior, facilitando as rotinas do **lugar de integração no espaço de tensão**.

A questão das práticas socioculturais que aparecem na programação do rádio de fronteira é o testemunho de como a cultura do lugar é algo vivo e em constante movimento e como ela está presente no cotidiano dessas comunidades. A música que identifica os países e cai no gosto dos cidadãos, a língua que se mistura formando o “portunhol”<sup>53</sup> ou simplesmente a aceitação e a compreensão de um idioma estrangeiro dentro da programação local, as expressões típicas do lugar, as temáticas de referência à região como pautas das conversas, informações e debates, a vigília constante dos locutores sobre suas falas, e a integração de elementos de uma cultura local com elementos da cultura uruguaia, argentina, paraguaia e boliviana constituem o diferencial do rádio de fronteira.

Embora a música seja um fator muito importante na composição de uma cultura de fronteira que está presente nas rádios, as informações, quando se voltam para o interesse da comunidade, são uma maneira de abordar a cultura e as coisas que identificam a fronteira. O rádio FM é basicamente sustentado pela música, mas rádio não é só isso. As informações ocupam um papel fundamental na difusão da questão cultural e no caso do rádio FM de fronteira na web, as mensagens veiculadas têm a força de expressar uma identidade comum pelo seu conteúdo.

As fronteiras analisadas vivem em harmonia, sendo que em duas delas – Livramento-Rivera e Ponta Porã-Pedro Juan Caballero - esse aspecto é mais evidente porque as cidades são conurbadas, parecendo ser apenas uma. Não existem obstáculos naturais ou aduanas controlando o ir e vir dos cidadãos. O trânsito é livre e isso cria a sensação de que o espaço

---

<sup>53</sup> Mistura do português com o espanhol

não tem limites. Entretanto, mesmo assim, existem problemas comuns também às outras fronteiras, como Uruguaiana-Libres e Corumbá-Puerto Quijarro, ou seja, contrabando, violência, narcotráfico, o que pode no cotidiano ameaçar essa harmonia. Nestes pontos de fronteira o que observamos, de modo geral, é um senso de cidadania, mas não aquele sentimento exagerado, ou certo rancor por questões religiosas ou ideologias como acontece em muitas fronteiras do mundo.

Escolher o fato de maior interesse para a comunidade é o critério mais importante para definir a informação nas rádios de fronteira e a pesquisa na internet ajuda a globalizar os fatos regionais. É preciso, nesse contexto, trabalhar com a notícia generalizada, não só de enfoque para os brasileiros, mas, na medida do possível, pensar nos dois países que fazem fronteira. O importante é buscar as informações locais e de abrangência da fronteira, pois os ouvintes se situam nos dois lados da linha divisória.

O rádio de fronteira atua como elemento de difusão e memória da cultura local e vai recortando no seu cotidiano as práticas socioculturais presentes nessa região. Não importa se está somente no canal das ondas eletromagnéticas ou na rede mundial de computadores. A propósito, quanto mais os comunicadores do rádio interagem na rede com os ouvintes, independente de onde está este ouvinte, mais eles se dão conta de que a web hoje está plenamente incorporada nas rotinas normais do fazer radiofônico, tanto para a coleta de informações quanto para a interação direta com a audiência, que se torna automaticamente mais participativa. Por meio do rádio que está na internet, a cultura da fronteira ultrapassa os seus limites e pode ser trocada com outras culturas do mundo, fazer-se conhecida e reconhecida.

A internet é uma aliada dos radialistas não só como canal de transmissão, mas como fonte de informações. Depois que as emissoras se estabeleceram também na internet, passaram a manter contato com ouvintes que moram em diversos países. Antes, provavelmente não tinham idéia de quantas pessoas da fronteira estão fora dela. Mas quando elas começam a se identificar, estabelecer contato com os locutores e a dizer as razões de estarem ouvindo a emissora de tão longe, a compreensão do que significa estar na web muda completamente para os profissionais do rádio. Normalmente quem entra em contato diz que está matando a saudade da cidade e dos familiares através do rádio e isso os deixa felizes. A idéia sobre o ouvinte web é de que ele seja mais qualificado que o ouvinte tradicional, porque tem acesso a um maior número de informações que estão disponíveis na rede e porque provavelmente fique mais tempo mexendo com esse tipo de conteúdo que não chega por

outros meios ao ouvinte do dial. Isso deve ser levado em consideração pelos produtores e radialistas como um todo, pois esse ouvinte quer algo mais do que aquilo que ele já tem na internet.

Constatamos ainda que as rádios de fronteira ainda não realizam investimentos em recursos humanos ou materiais para disponibilizar uma programação diferenciada ou segmentada, tendo em vista esse novo público. A conexão com ele se mantém justamente pela afinidade do local, já que os cidadãos do mundo ouvem a rádio FM de fronteira pela internet, principalmente porque estão longe da cidade de origem ou de seus familiares. Desse modo eles encontram uma forma de se manter próximos de sua cultura de raiz ou das pessoas com as quais mantêm laços afetivos.

Nas emissoras FM estudadas, localizadas na faixa de fronteira, o que se verifica é a manifestação dos elementos provenientes da cultura local diluídos no conjunto da programação impregnada também de elementos da cultura global. O rádio reproduz essas marcas por meio de sua programação, difundindo em todo o território de seu alcance aquilo que constitui as práticas socioculturais do espaço físico em que está inserido. Quando isto se propaga também pela web, atinge outra dimensão, desapegando-se de suas raízes e respondendo imediatamente às demandas deste novo circuito.

Na fronteira sul e na centro-oeste, a linguagem própria dessas regiões, marcada sensivelmente pelo sotaque diferente e pelo “portunhol” está enraizada nos apresentadores e eles, conseqüentemente, levam isso para a programação das emissoras, bem como as informações que se ligam às vivências dos cidadãos, que são as que mais interessam ao ouvinte. Mas a grande preocupação é com a música de boa qualidade, evidenciando estilos como o sertanejo e o nativista, o pop rock, o nacional e o internacional, cruzando-se muitas vezes todos esses ritmos na mesma emissora, abrindo também espaço para a música do país vizinho.

Isso demonstra novamente o caráter que o rádio está assumindo: apesar de dar grande importância aos temas e interesses locais, está também envolvido com as questões globais, pois como meio de comunicação eletrônico nem poderia ser diferente, se quiser mesmo satisfazer as necessidades de seu público, que hoje não se alimenta apenas do rádio, pois tem muitas outras formas de acessar a informação. Assim como é na música, portanto, também é com a informação. Os mais radicais ou reacionários e resistentes às mudanças, poderiam dizer que a internet corrompeu as rotinas do rádio local. Corromper seria demais, mas certamente ela alterou o fazer radiofônico, deixando alguns completamente dependentes apenas do que

está disponível na rede, sem ir atrás dos fatos. Mas, facilitou a prática, pelo modo e rapidez como as informações de todo gênero chegam às emissoras e, também, em relação às formas de participação do ouvinte, cada vez mais dinâmicas e interativas.

O próprio fato de os radialistas trabalharem hoje dentro de uma realidade diferente em termos de condições estruturais para produzir a notícia, leva a esse tipo de comodismo, o que os deixa cada vez mais distantes daquilo que se tinha como ideal da profissão. Poucos hoje realizam o trabalho de muitos e executam várias tarefas ao mesmo tempo, pelas facilidades das tecnologias de informação. Apesar de distanciarem-se das fontes mais próximas, podem interagir muito mais diretamente com o seu público que passa a ser uma fonte ativa de informação. A posição do receptor mudou. Agora ele é também emissor, influenciando e interagindo nos processos de produção da informação, desde as mensagens que são veiculadas até a seleção musical.

A música no rádio é um elemento importante da identidade cultural dos povos de fronteira. Ela é ouvida indistintamente na zona urbana e rural e agora, com a web, em qualquer parte do mundo. A mesma programação pode estar sendo sintonizada de modo concomitante numa fazenda de gado em Livramento ou no centro de Nova Iorque. Na programação das emissoras estudadas há preponderância da música sobre a notícia, fator que pode ser interpretado como uma instância cultural que reproduz as relações vigentes naquela sociedade de forma espontânea, atendendo a uma expectativa das camadas consumidoras. Assim, o rádio estabelece um vínculo com essas camadas através de um produto cultural que as identifica. E essa identificação, no caso desse estudo, não se dá apenas do lado brasileiro, uruguaio, argentino, paraguaio ou boliviano, pois as músicas em espanhol são muito bem aceitas no Brasil, assim como as músicas brasileiras constituem uma porcentagem significativa da programação das emissoras FM dos países vizinhos. O rádio sintetiza uma diversidade de significados e falas heterogêneas, o que determina a sua própria natureza.

Pelo rádio a problemática e as práticas socioculturais da fronteira vão se desnudando. Olhar a fronteira sob esta perspectiva é um passo importante para construir sua identidade, que não se estabelece apenas pelas relações comerciais, mas por um conjunto de elementos presentes na história, na cultura e na memória da região e que estão representados, de algum modo, pela programação das emissoras FM de fronteira. Quando pensamos que isto está disponível na grande rede mundial, amplia-se a possibilidade de um conhecimento maior sobre esta região, normalmente esquecida. Essas relações aproximam os povos e diminuem as diferenças.

Muitas práticas culturais e idéias, por meio do rádio na web, atingem diversos territórios e espaços marcados por caracteres diferenciados no que diz respeito à cultura e à realidade. Como estas diferenças são visíveis e há também muitas semelhanças, o rádio funciona como elemento identificador dessas variáveis e articulador de um processo em que se dão as representações das práticas socioculturais da fronteira.

O caráter do rádio de fronteira na web apresenta características que estão se definindo na atualidade, mas notamos que o local e o global se mesclam num espectro de ondas e num endereço eletrônico. A identidade desses espaços se sustenta pelo suceder de uma série de situações e práticas quotidianas que são características das relações estabelecidas na sociedade contemporânea em que interagimos pelas novas tecnologias. Ao mesmo tempo em que este rádio precisa tratar dos fatos dentro de um contexto de nação, necessita desdobrar-se para dar conta de uma nova realidade. Como meio de comunicação, lhe cabe cumprir sua função dentro de um espaço físico e de um espaço virtual que não diz respeito apenas ao seu país, ou cidade, mas ao mundo.

Isso leva a supor uma reorganização das idéias no espaço do rádio, dentro de sua condição de recriar e renovar a informação adequando-a às diferentes situações sem perder em significado, transformando os modos de renovação da sensibilidade e do saber, propõem outros vínculos da cultura com o território, do local com o internacional, outros códigos de identificação das experiências, de decifração de seus significados e modos de compartilhá-los. O rádio FM de fronteira na *web* interage com a fronteira e os cidadãos do mundo, reflete seus comportamentos e articula relações e práticas socioculturais. Ele é, portanto, pela sua programação, um espaço para a manifestação de múltiplas identidades culturais, pois estabelece vínculos da cultura com o território, utiliza-se de outros códigos para identificar e compartilhar experiências e significados.

Impõe-se assim um novo modelo, uma nova lógica de relações entre as culturas e as identidades, onde se dá uma reconfiguração do real, a partir do local e do global, em que os cidadãos do mundo recompõem também suas noções de igualdade e diferença. Na sociedade contemporânea multicultural são inúmeras as complexidades de vínculo, pertencimento e identidades. Os meios de comunicação acompanham esse movimento e produzem novas representações que denotam aspectos dessa complexidade. O rádio de fronteira na web contribui para esse processo em tempo real e coloca na rede uma série de elementos da cultura de fronteira que passam a ser socializados num ambiente de diversidade. É a cultura local saindo de seu berço para encontrar as janelas do mundo.



As representações dessa cultura de fronteira que vão parar na internet por meio do rádio são de fato uma abordagem, um enfoque, uma representação da realidade. A incorporação e a apropriação dos elementos da cultura local, como a música, as expressões lingüísticas, os falares, as temáticas do cotidiano, por parte dos meios incidem sobre essa representação, pois a legitimação dos aspectos dados como culturais na verdade só ocorrem quando são socializados por meio de algum tipo de suporte. Quando esse suporte é a mídia, tal legitimação parece que adquire mais propriedade por meio das estratégias utilizadas. A programação das emissoras de fronteira é, no seu conjunto, a amostra que vai para a internet das práticas socioculturais da região que podem ser transmitidas pela linguagem do rádio. Se a verossimilhança dessa representação for mínima, os próprios sujeitos que vêm suas práticas representadas vão opor-se ou protestar em relação a elas. É essa possibilidade de poder interagir imediatamente, exercendo influência sobre as representações dadas pela mídia local num ambiente virtual que caracteriza o novo papel que o ouvinte tem nesta cultura contemporânea. Não se trata de apenas acompanhar ou palpitar sobre o que se publica a respeito de si ou de seu mundo, mas de ter o poder de contrapor, reivindicar e de fato contribuir para que as representações sejam as mais fiéis possíveis àquilo que ele compreende como sua realidade. O ouvinte internauta tem na sua possibilidade interativa o recurso que pode contribuir também para uma comunicação cada vez mais próxima de si mesmo e das coisas que lhe interessam.

Acreditamos que de todas as imagens que produzimos a partir das reflexões deste trabalho, a que melhor representa o fenômeno pelo qual passa o rádio de fronteira, que da cultura local chega ao espaço global, é a roda de mate virtual, mencionada no programa A voz do Pampa, da Rádio 96 FM, de Uruguaiana. Esta não é uma roda de mate qualquer. Ela sai dos limites de que se imagina, ou seja, dos galpões das estâncias e das casas da cidade para o mundo. E é esse aspecto que se quer ressaltar aqui como um dos mais importantes nesse rádio feito na fronteira. A cultura local, própria dessa região e com a força e compreensão que só esse lugar tem de si mesmo, ganha literalmente o mundo. Desvencilha-se de suas amarras para plantar raiz em outras culturas. O fato de um programa com essa linguagem estar podendo chegar a qualquer lugar do mundo representa a inserção da fronteira no espaço global por meio da web, com tudo o que ela tem de mais peculiar nos aspectos culturais, ou seja, a linguagem própria da região, que é de abrangência de mais de uma nação, as expressões típicas desses lugares, as vozes e as falas dos cidadãos sobre os seus gostos, os costumes e até mesmo as preocupações do cotidiano, a música que é comum ao lugar e que

canta as coisas da terra, enfim, o conjunto de fazeres radiofônicos que implicam um contexto de fronteira em sua complexidade.

É por esta imagem que chegamos à idéia do espaço radiofônico virtual, que se concebe por meio de uma mediação tecnológica pela qual passa a cultura de fronteira através do rádio na web e compreende um fluxo de relações e conexões. Não é simplesmente a rádio de fronteira na web. É a roda de mate virtual. É a cultura da fronteira disponibilizada para o mundo e as novas implicações daí resultantes. O que analisa não são as informações, mas as falas dos locutores e dos participantes dos programas, que ora colocam ao vivo a sua voz e ora apenas se manifestam de forma virtual estabelecendo vínculos e afinidades, abrindo, discussões e formando, quem sabe, um novo campo de intervenção social por meio das idéias.

Sabemos que as tecnologias avançam e o novo está sempre suplantando até mesmo aquilo que recém foi instalado ou começou a funcionar. Porque hoje falamos muito em tecnologia, chegando ao ponto muitas vezes de tudo querer explicar a partir desse pressuposto, é aqui o momento de dizer que em termos de futuro, além dos avanços e da implantação do rádio digital, acreditamos que o que vai realmente trazer novos perfis de público e audiência para o rádio é a sua popularização pela internet. Isso deve tomar uma dimensão que poucos imaginam. Em todos os lugares há gente acessando rádios de todos os lugares! É uma necessidade que as pessoas têm de saber como anda seu município, sua cidade ou mesmo por uma questão afetiva de só quererem matar a saudade.

O que estamos presenciando em termos de rádio na internet é a ponta do iceberg do que vem por aí. Acreditamos que muita coisa ainda vai melhorar, como a qualidade das transmissões, o desenvolvimento de programações que sejam exclusivas para internet - algo que poucas rádios já pensaram – uma dinâmica estratégia de funcionamento, como horários que seriam obrigatórios para a rádio transmitir no ar, mas podem ser usados para transmitir outros conteúdos pela internet, entre outros. Com iniciativas desta ordem o rádio vai se qualificar, conquistar sua audiência e automaticamente ampliar seu faturamento, que pode vir a ser alavancado com essa outra mídia, e não mais apenas pelo hélio, o ar.

O principal benefício do rádio na internet, em termos comerciais, é o ganho que isso dá não só para a emissora, mas para o patrocinador que sabe que a sua imagem está indo mais longe. Não é apenas mais um suporte, mas algo que vai continuar crescendo muito e muito rapidamente. Daqui a pouco podemos ter também uma veiculação comercial específica para essa mídia. Algumas emissoras, inclusive, entraram na internet num dia e no outro já contavam com centenas de ouvintes simultâneos, recebendo aquele sinal ao mesmo tempo.

Isso é impressionante e demonstra que o rádio pode já estar muito bem consolidado na internet.

A partir do momento em que tivermos uma transmissão especial para os ouvintes de internet haverá uma maior qualificação da transmissão. A simples transmissão não é eficiente, porque o ouvinte web quer algo mais e diferenciado. Talvez o próximo passo seja a percepção de que é uma mídia diferente, é uma modalidade de transmissão que tem o seu público específico e nós só precisamos descobrir e detectar o que esse público espera da transmissão da sua rádio preferida pela internet.

As formas de interação mais constantes são as comunidades, o MSN, as mensagens, mas a tecnologia hoje permite algo bidirecional, como a entrada ao vivo de um ouvinte na própria emissora que está acessando pela web. Assim ele pode ouvir e transmitir pela própria rádio, ao mesmo tempo, usando um chat de transmissão via voz, por exemplo. Também funcionam muito bem as rádios que transmitem exclusivamente pela internet, as *web* rádios. Algumas delas contam com locutores espalhados pelo Brasil inteiro, isso significa que quando termina um programa em Uruguaiana, pode começar outro Ponta Porã. Esse giro de locutores é uma estratégia totalmente inovadora, possível, que torna o rádio descentralizado e atraente.

A partir de todas as análises feitas acerca do rádio FM de fronteira que está na web e de todas as reflexões daí decorrentes, queremos reforçar o caráter diferenciado dessa programação que se constrói e se insere num espaço que é local e internacional ao mesmo tempo e, por isso, as rotinas do fazer radiofônico, embora sigam as linhas gerais, aqui se revestem de um cuidado maior, permeadas pelo critério da vigilância constante quanto ao modo de narrar a realidade. A força da localização na fronteira internacional faz do local um lugar de integração e um espaço de tensão, qualidades estas que se reproduzem diariamente nas falas dos locutores e nas mensagens e formas de interação dos ouvintes com as emissoras.

O rádio de fronteira se traduz pelas representações que dela faz quotidianamente, pela sua programação, voltada principalmente para as coisas da região com as quais tem afinidade porque tem afinidades, e que revelam a fronteira como lugar de integração e espaço de tensão. Ele está, portanto, comprometido com esse espaço, inclusive defende-o, atribuindo-lhe a devida importância em função de suas temáticas e realidade. Entretanto, não se pode negar que esse rádio não está imune às influências do espaço global. É um rádio “sem fronteiras”, aberto e sintonizado com os cidadãos do mundo. Seu campo de atuação predileto e o foco de seus repórteres é o espaço local-internacional porque é ali que visualizam concretamente os resultados do que fazem. Não consegue mais imaginar-se sem o contato com os seus ouvintes

via internet ou de buscar nela boa parte das informações diárias. Estar na rede e pela rede é uma necessidade do rádio contemporâneo. Por isso, através desse rádio circulam afetos e informações, e marcam encontro os cidadãos do mundo na infinita roda de mate virtual.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. La construcción de la noticia. Barcelona:Paidós Comunicación, 1996.
- BALSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*. Florianópolis: Insular, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- BENVENISTE, Emile. *Problèmes de Linguistique Générale*. V.I. Paris: Ed. Gallimard, 1966.
- BOURDIEU, Pierre. *Journalisme et etique*. Les Cahiers du Journalisme. n. 1. 1996a.
- \_\_\_\_\_. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996b. 8 ed.
- \_\_\_\_\_. Sobre a televisão. Oeiras: Celta, 1997.
- BOURDIN, Alain. *A questão local*. Trad. De Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BRECHT, Bertolt. Teoria do rádio (1927-1932). In: MEDITSCH, Eduardo (org.) *Teorias do rádio: textos e contextos*. vol.1. Florianópolis: Insular, 2005.
- BRECHT, Bertolt. *O rádio como aparato de comunicação: discurso sobre a função do rádio*. In: *Estudos Avançados*. vol 21, n. 60. São Paulo: ECA/USP, maio a ago. 2007.
- CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da comunicação visual*. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Culturas extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio.(org.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- FONSECA JUNIOR, Wilson Corrêa da. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.) *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- GADOTTI, Moacir. “Cidadania planetária: pontos para reflexão”. In \_\_\_\_\_. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. 4 ed.

\_\_\_\_\_. (coordenador acadêmico). *Culturas da Ibero-América: diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento*. São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. *Diferentes, Desiguales y Desconectados: mapas de la interculturalidad*. Barcelona, Espanha: Gedisa Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2005.

\_\_\_\_\_. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminuras, 2008a.

\_\_\_\_\_. *Leitores, espectadores e internautas*. São Paulo: Iluminuras, 2008b.

GRIMSON, Alejandro. *El otro lado del río: periodistas, nación y Mercosur en la frontera*. 1 ed. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires – Eudeba, 2002.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HALL, Stuart (org). *Representation. Cultural Representation and Signifying Practices*. Sage/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Guacira Lopes. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organizadora Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Ed.Loyola, 2006.

HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio Brasileiro: Uma História de Cultura, Política e Integração. In: BARBOSA FILHO, André. PIOVESAN, Ângelo. BENETON, Rosana (org.). *Sintonia do Futuro*. São Paulo: Paulinas, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.). *Mídia, imagem e cultura*. Porto Alegre: EDIPUC, 2000. Coleção Comunicação, 8.

HAYE, Ricardo. Sobre o discurso radiofônico. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Teorias do rádio: textos e contextos*. Florianópolis: Insular, 2005.

LEMO, André. Arte eletrônica e cibercultura. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipuc, 2000. 2 ed.

LÉVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da. *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. Porto Alegre: Sulina/Edipuc, 2000. 2 ed.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Denis de (org). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARTINS, Maria Helena (org). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai e Argentina*. São Paulo: Ateliê, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. *O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo*. Florianópolis: Insular, Ed.da UFSC, 2001.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

OROZCO GOMES, Guillermo. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos ordenamento. In MORAES, Denis (org.). *Sociedade Midiatizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (org.). *Fronteiras Culturais*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e histórias*. 2 ed. Lisboa: Veja, 1999.

STAVENHAGEN, Rodolfo. Cultos, incultos e ocultados: as novas identidades latino-americanas. In: CANCLINI, Néstor. (coordenador acadêmico). *Culturas da Ibero-América: diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento*. São Paulo: Moderna, 2003.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8.ed.São Paulo: Cortez, 2001.348p.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. vol II. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIVINHO, Eugênio. Glocal: para a renovação da crítica da civilização mediática. In: SILVA, Dinorá Fraga & FRAGOSO, Sueli (org.). *Comunicação na cibercultura*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, Vozes, 2002. 4 ed.

\_\_\_\_\_. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Vozes, 1995.

VASSALO LOPES, Maria Immacolata. O conceito de identidade coletiva em tempo de globalização. In: CAPARELLI, Sérgio; SODRÉ, Muniz; SQUIRRA, Sebastião(orgs.). *A comunicação revisitada*. Livro da XII Compós 2004. Porto Alegre: Sulina, 2005.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença,1999.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

## **DISSERTAÇÕES, TESES, PALESTRAS E TRABALHOS ACADÊMICOS**

BUFARAH JÚNIOR, Álvaro. *Rádio na internet: convergência de possibilidades*. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora, XXVI Congresso Anual em Ciências da Comunicação, Belo Horizonte/MG. 2 a 6 de setembro de 2003.

CANCLINI, Néstor. *Interculturalidade e Globalização*. Seminário PUC/RS. Porto Alegre: PUC RS, novembro de 2005.

CANEVACCI, Massimo. *Palestra proferida no Seminário Cidade: comunicação, formas e recepção*. Porto Alegre: PPGCOM/UFRGS, setembro de 2006.

MEDITSCH, Eduardo. *A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*. Trabalho apresentado no XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação ao GT de Rádio. Intercom: Santos, 1997.

MULLER, Karla Maria. *Mídia e fronteira*. Mídia e Fronteira: jornais locais em Uruguiana-Libres e Livramento-Rivera” – Tese de Doutorado. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos*. In: *Novos Olhares*. Revista do Grupo de Estudos sobre práticas de recepção a produtos mediáticos, nº 2. São Paulo: Eca/USP, 2º semestre de 1998.

OTA, Daniela Cristiane. *A informação jornalística em rádios de fronteira: a questão da binacionalidade em Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Corumbá-Porto Quijarro*. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA/USP, 2006.

PEREIRA, Edgard Silva. *Televisão e fronteira*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Biblioteca da UMESP, 1995.

TRIGO-DE-SOUZA, Lígia Maria. *O rádio paulistano na era da internet*. Trabalho apresentado ao NP – 06 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. Porto Alegre, 2004.

## ENTREVISTAS REALIZADAS

BARCELOS, Danúbio. *Entrevista pessoal*. Rádio RCC FM: Santana do Livramento, 22 de outubro de 2006.

CANEVACCI, Massimo. *Entrevista pessoal*. Intercomsul, Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo/RS, maio de 2007.

CATALUPPI, Aníbal. *Entrevista pessoal*. Pedro Juan Caballero, julho de 2008

CENTURION, Carlos Maria. *Entrevista pessoal*. Pedro Juan Caballero, julho de 2008.

FABRICIO, DJ. *Entrevista pessoal*. Ponta Porã, julho de 2008.

MANGINI, Edson. *Entrevista pessoal*. Rádio Amambay FM: Pedro Juan Caballero, julho de 2008.

MENDIETA, Alejo. *Entrevista pessoal*. Pedro Juan Caballero, julho de 2008.

MOURA, Fernando. *Entrevista pessoal*. Rádio RCC FM: Santana do Livramento, julho de 2007 e julho de 2008.

MORENO, Ed. *Entrevista pessoal*. Ponta Porã, julho de 2008.

TELLES, Tito. *Entrevista pessoal*. Pedro Juan Caballero, julho de 2008.

SANTANA, Paulo. *Entrevista pessoal*. Rádio FM 96: Uruguiana, julho de 2007.

SANTOS, Marcio. *Entrevista pessoal*. Rádio Amambay FM: Pedro Juan Caballero, Paraguai, 13 de fevereiro de 2007.



**JORNAIS CONSULTADOS:**

*ZERO HORA*. Porto Alegre, ano 42, p. 50-51, 3 dez. 2006.

**SITES ACESSADOS:**

AMAMBAY FM, Rádio. Disponível em: <http://www.amambayfm.com>. Acesso em: 15 jan. 2007.

FM 96, Rádio. Disponível em: <http://www.radio96.com> Acesso em: 15 jan. 2007.

LIVRAMENTO, Prefeitura de Santana do. Disponível em: <http://www.santanadolivramento.gov.br>. Acesso em: 15 jan. 2007.

RCC FM, Rádio. Disponível em <http://www.rccfm.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2007.

TRANSAMÉRICA HITS, Rádio. Disponível em <http://www.cidadebranca.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2007.

VIRILIO, Paul. *Speed and information: cyberspace alarm!* In: Disponível em <http://www.ctheory.com/a30cyberspacealarm.html>. Acesso em: 18 jan. 2007.

## **ANEXO**

## **ANEXO 1**